

HONRA OU LOUCURA.

ROMANCE

POR

ARNALDO GAMA.



PORTO,
EM CASA DE CRUZ COUTINHO — EDITOR,
Rua dos Caldeireiros, n.os 14 e 15.

1858.

HONRA OU LOUCURA.

cujo nome esqueci, e que communica com a asquerosa e torta rua Direita.

Este largo era, ha annos, habitado por artistas, arrieiros, mulheres perdidas, e algumas familias honestas, tudo extravagantemente misturado, mas nem sempre em boa paz e harmonia.

A casa, que faz esquina para a rua do Arnado, é historica para todos aquelles que frequentaram a Universidade, desde 1840 até 1849. De per si a casa nada tem de extraordinario; é de um andar, para onde se sobe por uma escada estreita e ingreme, e este andar repartido em duas metades. Para a frente tem uma sala grande, onde está a cosinha, e d'ella sobe-se para uma trapeira que serve de quarto de dormir; para traz tem apenas uma saleta. Ao réz do chão ha duas grandes logeas, cujo pavimento é a terra nua.

Não é portanto pelo lado material que esta casa se torna notavel; o que lhe dá a importancia que digo, é a recordação.

Ali vivia a celebre Rita B....., a Ninon de trapeira, que durante nove annos reuniu á lareira tudo o que havia de notavel na academia. Foi ali onde se discutiram altas e graves questoens da sciencia social, que por ventura influenciaram depois na vida dos questionadores; ali se levantaram muitas reputaçoens, e outras cahiram; ali finalmente apurou-se tudo o que a loucura devassa tem de mais extravagante e mais cynico. Era a côrte do Regente em ponto diminutissimo; sem oiro, sem diamantes e sem crystaes, mas apurada em devassidão e requintada na insolencia do desavergonhamento. D'ali sahiram muitos Richelieus e muitos Talleyrands (formato trinta e dois); outros desgastaram ali as flôres da

juventude, e sahiram com o espirito frio e saturado do desprêso, que depois, cá no mundo real, ri de escarneo para todas as coisas; e alguns outros tambem foram lá achar o despertador do desengano, que os lançou depois no ascetismo, altamente egoista, da *Imitação de Christo.*

Eis-aqui as razoens da celebridade da casa. Em 1850 estava tudo completamente mudado. A Rita morrêra, e o andar alto era então habitado por umas mulheres do mundo, e as logeas por uma familia honrada—a familia Selavisa.

Mestre Bonifacio Fagundes Selavisa, chefe respeitavel d'aquella familia, era sapateiro de officio; e como sapateiro era conhecido em Coimbra por inventor dos *ventriculos* dos sapatos, proeminencias a modo de caixinhas, nas quaes se mettiam os callos, que d'esta fórma ficavam amparados contra a dôr. Os estudantes apuparam o inventor e o invento, injustamente já se vê. A posteridade ha-de fazer melhor justiça.

Selavisa não merece descripção; porém como o leitor o ha-de achar algumas vezes n'esta minha historia, direi, por cumprimento, que era de figura grossa, barriguda e baixa; o todo estupido, mas d'esta estupidez que pretende honras de intelligencia superior,—opinião que impoem aos outros com uma gravidade que faz rir, mas que ella reputa a verdadeira physionomia do genio. Era um mandrião, um vadio que passava a vida pelas tavernas a fallar em politica, e que para congraçar o vadiísmo com as necessidades incontrariaveis da barriga, tyrannisava a mulher com a obrigação de o sustentar a elle e mais quatro feiíssimos monos que tinha por filhos. Duas eram as suas opinioens definidas;—em politica, que a constituição era um evangelho, diante do qual ti-

nham obrigação de curvar-se todas as posiçoens sociaes: — nas relaçoens de familia, que a mulher, *quasi fundus est*, como diz Salmasio, é um capital que rende juros, o que para elle equivalia á obrigação de lhe ganhar de comer. A todas estas qualidades, Bonifacio accrescentava a convicção monomaniaca de que lhe estava reservada a missão gloriosa de reconstruir as coisas politicas, e que mais tarde ou mais cêdo havia de ser procurado pelos acontecimentos para ser o Napoleão portuguez.

Eram nove horas e meia de uma noite dos fins de Novembro de 1850. Havia já mais de meia hora que a familia Selavisa estava no pleno goso das delicias da cama, solphejadas deliciosamente por compassadas harmonias nasaes, quando da rua do Carmo desembocaram dois estudantes na praça de Santa Justa. O traje que vestiam não era o academico; mas o estudante de então conhecia-se em toda a parte, e vestido de todas as maneiras.

Um d'elles era de estatura agigantada e espadaúdo. Trazia na cabeça um pequeno chapeu desabado, por sobre um lenço de sêda amarello, cujas pontas lhe cahiam pelas costas abaixo. Vestia jaqueta de pelles com grandes alamares de sêda, collête de casemira de côr, e calças pretas cingidas na cintura por uma larga faxa de sêda vermelha. Calçava sapatos brancos de caminho, e na mão trazia um grande varapau ferrado.

O outro era de estatura regular, franzino e bem talhado de corpo; as feiçoens eram de uma pállidez notavel. O seu vestuario era inteiramente differente do do companheiro. Tinha na cabeça um chapeu de feltro branco, e por cima de um amplo paletó de panno preto trazia um chaile-manta, em que se embuçava até o na-

riz. Calçava botins de verniz, e na mão trazia um chicote de punho de ferro.

O primeiro chamava-se João de Mendonça. Era um moço de vinte e dois annos de idade, e de forças bastantes para o fazerem rival temeroso de Milon de Crotona. O seu caracter era o de um perfeito cavalheiro; a alma era generosa e nobre como poucas; ao mesmo tempo, porém, era dotado de uma leviandade pouco vulgar, e de uma intelligencia muito abaixo de mediocre. D'esta singular mistura de qualidades physiologicas resultava o ser João de Mendonça um d'estes typos inexplicaveis, á primeira face, para quem o não conhecesse de perto. Para estes, era ás vezes admiravel pelos rasgos de nobreza e pelo cavalheirismo das acçoens; outras era um estupido asqueroso de cynismo revoltante e nauseabundo, e parecia desprovido da mais pequena parcella de sentimentos nobres. E comtudo nada de menos justo que tal opinião, formada a respeito d'elle. João de Mendonça era sempre cavalheiro perfeito todas as vezes que dava com pessoas que appellavam para a generosidade da sua alma, e que não abusavam da leviandade enthusiasta do seu caracter. Com os que faziam o contrario, Mendonça, arrastado pelo genio facil e amigo da *pandega*, era tudo que elles eram ou por caracter ou por vicio estudantino. Porém a qualidade essencial do seu espirito ficava lá sempre, e não poucas vezes o viram, no meio de uma *pandega* barbara e revoltante, reagir de repente e com raiva contra ella, e embaraçal-a firmemente e com toda a razão que lhe prestavam os argumentos de dois braços herculeos e inquestionavelmente incontradictaveis.

O outro estudante chamava-se Henrique de Avelar.

HONRA OU LOUCURA.

mundo precisa de saber em litteratura e em sciencia, mas excitou o caracter generoso do sobrinho, e despiu-o de todas aquellas preoccupaçoens parvoas de nobreza, que fazem de muitos homens de pergaminhos antigos verdadeiros hystrioens contentes de si e sem consciencia de que representam um papel eminentemente ridiculo.

A par de Henrique, fr. Pedro educou tambem um outro moço, tão nobre como o primeiro, e do qual tambem era tio, pois que era nada menos que filho do senhor de Albernaz, irmão da mãe de Henrique, e do frade cavalleiro. Fernão d'Albernaz, que o leitor não tardará a vêr figurar n'esta historia, era não só sobrinho de fr. Pedro Carrilho, mas até pupillo; pois que tendo perdido os paes, ainda na primeira infancia, a tutoria fôra entregue ao tio, que por este motivo deixára o convento, para ir viver no solar de Albernaz.

O primeiro empenho de fr. Pedro foi animar nos sobrinhos uma amizade verdadeiramente fraterna. E os seus desejos foram cumpridos até onde nunca pensou que seriam. Os dois primos uniram-se um ao outro por tal affeição, que parecia que a vida de cada um d'elles dependia mutuamente da do outro.

Além dos esforços de fr. Pedro, havia um outro motivo mais forte que estreitava esta amizade. Era a egualdade quasi perfeita de caracter — quasi perfeita digo, porque se ambos eram valentes, generosos e intelligentes, havia entre elles uma differença saliente que não deixava chamar áquella egualdade inteiramente uniforme. Henrique era sentimental e poeta, porém reflectido e pensador; Fernão era egualmente sentimental e poeta, porém leviano e enthusiasta.

Quando os dois prefizeram os dezesete annos, fr. Pedro levou-os a Coimbra, e matriculou-os na Universidade. A educação que o frade romanesco lhes dera, a amizade extremosa que os unia, e a independencia de caracter com que repelliam o servilismo academico, tornaram-n'os notaveis no meio da academia. Os dois primos eram dois verdadeiros prodigios, — valentes, ricos e altivos; os estudantes apontavam-n'os como dois typos superiores, que todos os outros cortejavam, de quem todos desejavam a amizade, e não poucos macaqueavam trivialmente.

Henrique e Fernão viveram a vida que se vive em Coimbra, durante os tres primeiros annos. No meio do terceiro, fr. Pedro deu parte a Henrique de que estava senhor do morgado de Avelar, pois que seu pae morrêra de repente. O illustre senhor de Avelar, que não tivera um fr. Pedro Carrilho para o educar, tinha todos os defeitos de um verdadeiro morgado, — e foi victima d'elles, o triste! Um dia, depois de ter comido por dez homens, desafiou a correr a cavallo um seu *primo*, que com elle havia jantado. O primo acceitou, os dois cavalgaram, deram de esporas, partiram a toda a brida, mas a meio quarto de legoa do solar, o cavallo do senhor de Avelar esbarrou-se, e o illustre morgado foi bater com a cabeça contra a quina de uma pedra, d'onde resultou tal fractura do craneo, que ficou redondamente morto. Os medicos disseram depois que a pancada fôra tal que a quina da pedra tocára no *nodum vitae*, — ora uma pancada no *nodum vitae* é um passaporte repentino para a outra vida.

Este incidente mudou inteiramente as intençoens dos dois amigos. Quando vieram a ferias do terceiro anno

participaram ao tio que não tornavam á Universidade, e que desejavam viajar. Ao principio, fr. Pedro reagiu contra a ideia, pretendendo protrahir a viagem para dois annos mais tarde; mas os sobrinhos fizeram-lhe uma pintura fiel do que era a Universidade, e o frade esqueceu que o era, o militar valente reappareceu, e em consequencia d'isso fr. Pedro declarou aos sobrinhos que lhes approvava o intento, e que era necessario partir quanto antes.

Os dois amigos partiram.

No fim de quatro annos tinham corrido a França, a Inglaterra, a Italia, a Belgica, e a Suissa, e tinham vivido a vida, a que o homem, que tem dinheiro e posição elevada, se acha naturalmente com jus.

Não quero dizer o como elles viveram; o que é certo, é que seis mezes antes de se cumprirem os quatro annos, os dois amigos, que tinham perdido inteiramente aquelle frescor cavalheiro da mocidade com que tinham sahido da provincia do Minho; que estavam pallidos como cadaveres, melancolicos, e até pouco communicativos um para com o outro, disseram como ao acaso, encontrando-se uma manhã, ao sahirem dos quartos n'uma das hospedarias de mais nomeada em Paris:

— Estou enfastiado; isto é ignobil. Sinto-me tão frio... tão cançado!... — disse Fernão de Albernaz.

Henrique de Avelar encolheu os hombros, e sorriu com tal sorriso que significava ainda mais do que o seu amigo dissera.

Durante os seis mezes que seguiram, os dois primos pareciam cada vez mais frios, e tão frios que cada vez mais se arredavam um do outro. A amizade era a mesma; o que havia era aquelle gêlo, ou melhor, o que ha-

via era o cansaço produzido pela vida do mundo, a experiencia, que arrefecêra n'elles a expansão d'aquelle enthusiasmo essencial da alma dos dois.

Uma manhã levantaram-se, mandaram aprompar as malas, apertaram as mãos, e separaram-se. Um foi viajar nos paizes do norte, outro nas regioens orientaes, na Asia.

Tres annos mais tarde tornaram a encontrar-se no Cairo. Apertaram as mãos com a mesma frieza, apesar da mais instinctiva amizade, e separaram-se de novo.

—Vou para o Oriente—disse Fernão de Albernaz.

—Vou para o norte—disse Henrique de Avelar.

E partiram.

Passaram mais tres annos, e Fernão de Albernaz, chegando a Lisboa e recolhendo-se ao Hotel da Europa, encontrou lá Henrique de Avelar, chegado havia pouco tempo de França.

Os dois amigos encontraram-se d'esta vez com a mais viva satisfação. Tinham passado seis annos em completo isolamento da alma, e estavam portanto mais que de sobejo amargurados por elle. A amizade instinctiva que tinham um pelo outro, deu-lhes novos espiritos; tinham agora com quem desabafar o desalento que os afogava. Quando se encontraram, lançaram-se com frenesin um nos braços do outro. Depois fallaram; mas esta conferencia que parecia dever unil-os para sempre, separou-os cada vez mais.

—Sinto um vacuo na vida que me opprime—disse Fernão de Albernaz;—preciso de uma mulher para amar.

—Tambem eu amaria, se a encontrasse—respondeu Henrique de Avelar.

E os dois amigos nunca mais se abriram um com o outro.

Havia uma differença muito saliente entre o estado espiritual dos dois, que estorvava toda e qualquer confidencia de sentimento. Fernão de Albernaz, enthusiasta, *esperava* ainda; Henrique de Avelar, pensador, *desejava* apenas. Era impossivel portanto a intimidade primitiva. A esperança, que ainda animava o desalento de Fernão, receava-se de achar no desalento frio e pensador de Henrique um sorriso de desconforto e de desconfiança lethal.

Henrique partiu para a sua casa do Minho; Fernão ficou em Lisboa. Um anno mais tarde os dois moços acharam-se sentados no mesmo banco n'uma das aulas da Universidade. Esta conformidade de pensamento augmentou, se era possivel, a amizade que sentiam um pelo outro; mas não os fez approximar. Viviam cada um em casa differente, nunca se visitavam, e se se encontravam poucas palavras davam um ao outro, e em geral separavam-se logo. Apesar d'estas apparencias, Fernão de Albernaz dizia que Henrique de Avelar era o seu unico amigo, e Henrique só pronunciava a palavra amigo quando fallava de Fernão. Na occasião de maior risco appareciam sempre ao lado um do outro. Fernão d'Albernaz foi atacado por um typho agudissimo; todos fugiram d'elle, excepto Henrique, que sem o menor cuidado pela propria existencia, assistiu-lhe desde o principio até ao fim da molestia. Quando Fernão se achou completamente bom, Henrique foi de novo viver para sua casa. Fernão nem sequer lhe disse «obrigado»; apertou-lhe apenas a mão, e Henrique sahiu. Era o sufficiente, porque Henrique tinha a consciencia de que,

em circumstancias identicas, Fernão havia de usar com elle segundo a mesma lei de amizade.

No quinto anno porém notou-se uma transformação muito saliente nos dois. Henrique parecia mais animado, mais alegre, e o seu desalento tinha mais esperança; Fernão, pelo contrario, parecia cada vez mais desanimado, mais melancolico, e mais frio. A impassibilidade do seu rosto chegára a tornar-se notavel; nunca se ria, estava sempre grave e frio como uma estatua de marmore.

Haveria alguma transformação intima nos caracteres d'estes dois homens?

Havia; e o leitor saberá a causa d'isto, se tiver a paciencia de continuar a leitura d'esta historia.

Eram, portanto, nove horas e meia da noite, quando Henrique de Avelar e João de Mendonça entraram no largo de Santa Justa.

Os dois estudantes pararam no meio da praça.

— Ora sempre me has-de explicar uma coisa, Henrique — disse João de Mendonça, parando de repente e apoiando-se athleticamente no varapau que trazia na mão — que resolução foi essa de vir hoje de noite ao bairro baixo? Tu homem serio, tu aristocrata, que não desces das regioens da bota de verniz até á de sapato de bezerro pregado!... E' singular!

— Nada porém de mais simples, amigo; quando ha doze annos frequentei a Universidade, fui um dos fadistas de maior nomeada na terra. Quero vêr se as coisas estão no mesmo estado, venho atraz de recordaçoens....

— De recordaçoens!... Ora mette-me o dedo na bôca a vêr se te ferro! Muito obrigado. Ah! tratante, aposto

que já sabes do novo canario, que a Capitolina arranjou para a gaiola?

—Canario... Capitolina... Não te entendo.

—Não me entendes! Pois não conheces a Capitolina, a filha de uma *pessoa de bem* de Condeixa, como ella diz?

—Que sei eu de Capitolina, homem?

—Não sabes! Essa agora! Pois não conheces a Capitolina, pois não sabes que arranjou hoje á tarde um novo *gage?...*

—Não, homem, não.

—Esta só pelo diabo!—exclamou Mendonça, olhando Henrique de Avelar meio convencido—E comtudo deve ser assim; ainda não ha duas horas que lhe lançaram o arpeu... a servente não o disse a mais ninguem... Mas que diabo de mania foi essa de vires hoje ao bairro baixo?

—E tu a teimares! Se queres que te explique mais scientificamente o motivo da minha visita, digo-te que venho ao bairro baixo com o fim de estudar pshychologicamente a mais desgraçada das prostituiçoens... a prostituição de Coimbra.

—Psy... psychologicamente!... Estudar!!... Essa não está má! Pois ellas são algumas Gmeiners ou algumas Waldecks?

—Para outra vez te explicarei esta ordem de estudos; agora para onde vamos?

—*En avant*—replicou João de Mendonça. E os dois encaminharam-se direitos á casa onde morou a antiga Ninon de Coimbra, e em cujas logeas morava agora mestre Bonifacio Fagundes Selavisa.

Mal chegaram, Mendonça atirou com o varapau

uma forte contoada á porta, que estava fechada por dentro.

— Esta não está má — rosnou elle, levantando a cara para a janella — queres vêr que as malditas não estão em casa... Já foram mercadejar a nova pêga... Mas lá está luz...

E assim dizendo, João de Mendonça atirou mais outra contoada á porta, e começou a gritar com o nariz no ar.

— Ó Capitolina... hé! abre que sou eu... Ó Teresinha, então que é isto? porta fechada!.. Abram, que sou eu; o patuscão da bazaluca... — Os diabos vos levem — exclamou furioso, ao vêr que as suas apostrophes, academicamente amorosas não tinham o resultado que esperava — Com trezentos diabos, não ouvem?... Ó Tereza!... Temos rufião na lura? E' o mesmo; abram que somos da *pandega*; abram...

João de Mendonça atirou duas novas contoadas á porta, e esperou um minuto. A porta não se abriu.

— Abram com mil raios! — gritou então enfurecido — E que te parece, Henrique? A modo que estamos á porta das onze mil virgens. Abrem ou não abrem?... Com um milhão de diabos! vae a porta dentro — bradou elle, atirando á velha porta de pinho um tal pontapé que a desgraçada rangeu nos quicios carunchosos.

— Faz favor de esperar, meu senhor — respondeu de dentro uma voz maviosa, que tremia de mêdo.

Ouviram-se ao de leve passos na escada, viu-se luz atravez das fisgas da porta, e esta abriu-se finalmente.

No limiar appareceu, com uma candeia na mão, uma rapariga franzina e de baixa estatura, vestida de modo que contrastava singularmente com o logar em que estava.

*

—Para cima—gritou rudemente João de Mendonça, batendo com o pau ferrado no limiar da porta. Depois entrou, e fechou a porta por dentro.

A rapariga subiu a escada, e os dois estudantes entraram atraz d'ella para dentro da decantada sala da lareira. Tiveram então melhor occasião de reparar para o vestuario que trazia. Vestia um vestido de cassa, subido até o pescoço, e talhado na ultima moda; e nos pés pequeninos trazia umas botinas de fazenda de côr.

—Então, minha fidalga, que modo de tratar é este? —disse João de Mendonça já sem cólera, que n'elle era em todas as occasioens tão repentina, como pouco duradoira — Então esta é a ultima moda, fazer esperar-á porta os freguezes, sem ao menos ter a caridade de lhes dizer uma palavra em resposta?

E assim dizendo, João de Mèndonça tomou uma das orelhas da rapariga, que se conservava de costas para elles, como ficára ao collocar a candeia na cheminé, e fingiu que lhe queria puxar por ella.

A rapariga voltou-se. Estava pallida e espavorida de mêdo. Ao voltar-se, cahiu de joelhos, e levantou as mãos, sem poder dar uma palavra; os labios tremiam-lhe um contra o outro, e as lagrimas corriam-lhe em fio e silenciosamente pelas faces abaixo.

Era um anjo. Rosto mais formoso e mais candido nunca ninguem o sonhou. O corpo era pequeno, flexivel e talhado com a mais formosa elegancia. A tez era finissima e de uma brancura extraordinaria. Os olhos grandes e castanhos, cheios de uma doçura angelica, eram franjados por longas pestanas avelludadas. A bôca era pequena e rosada; os cabellos magnificos e de côr castanho-escuros.

Aquelle rosto angelico e aquella expressão muda, mas tão viva, de terror e de afflicção, n'aquelle logar e no desamparo em que ella se achava, commoveram profundamente os dois estudantes.

Os olhos de Henrique scintillaram com a impressão, e cravaram-se n'ella prescrutadores. Anteviu n'aquella mulher um mysterio, e, ao passo que na poesia da sua alma aquella afflicção tão profunda achava um ecco que lhe córrespondia, a intelligencia indagadora e elevada d'aquelle homem, que possuia a sciencia do mundo, procurava adivinhar o que se occultava por traz do segredo que aventava.

Em João de Mendonça, a demonstração, do que sentira, foi mais clara e mais manifesta. Aquelles tecidos espêssos e validamente constituidos embaraçavam que a impressão penetrasse até á mediocridade d'aquella intelligencia; o coração porém era grande e a alma dotada dos sentimentos mais nobres e mais generosos. A impressão fôra portanto direita á alma; e João de Mendonça, tomado de subito e vigorosamente por ella, recuou espantado dois passos atraz, e fitou-a pallido como um morto.

Mas a moda de então fazia ter vergonha de tudo o que o sentimento tem de mais delicado e de mais doce; e João de Mendonça, rapaz folgasão e da *pandega*, devia envergonhar-se d'aquelle primeiro movimento instinctivo.

E envergonhou-se, e mais se envergonhou ainda quando, voltando os olhos para Henrique de Avelar, o viu com os d'elle cravados na pobre menina, immovel e tão frio, que parecia não sentir coisa alguma. A intelligencia mesquinha de Mendonça não viu ali a abstracção do homem poeta arrastado para longe do mundo

por um grande pensamento que lhe arrebatava inteiramente o espirito; pensou vêr a indifferença cynica de um grande *fadista* a sorrir-se interiormente da pieguice de uma afflicção toda lagrimas. E envergonhou-se, pobre rapaz! e para se tirar da posição desairosa em que se suppunha, recorreu a todo o arruido estonteado e selvagem em que se expande a reacção contra um sentimento nobre, em quem tem uma intelligencia tão pobremente desenvolvida que sacrifica nas aras das tolas regras da moda os instinctos do coração e o impulso sublime da poesia da alma.

João de Mendonça dominou-se portanto, e deixando cahir os braços ao longo do corpo, dobrou-se um pouco para traz, e dando á physionomia a expressão de um sentimento comico, exclamou em voz dolorosa:

— Ora vejam! Que pudor!... E chora! Como é mimosa a senhora! Coitadinha!... Mil raios! — gritou elle, batendo com o pé na casa — levanta-te d'ahi, pêga infernal! Não vimos aqui para ouvir lamurias: queremos divertir-nos.

Assim dizendo, tomou brutalmente por um braço a linda menina, e pôl-a de pé n'um momento.

Aquella brutalidade acordára Henrique horrivèlmente. Os olhos scintillaram-lhe medonhos, o amigo desappareceu diante d'elle, e a mão direita procurou convulsiva o bolso do paletó, onde havia uma pistola carregada.

Mas a brutalidade de João de Mendonça era inteiramente forçada. A alma era muito nobre e muito cheia de sentimento para ceder áquellas pretençoens de cynismo. A afflicção e o terror, que de novo se pintaram no rosto da linda menina, deram em terra novamente

com ellas, e Mendonça, profundamente commovido, arremessou-se, com os olhos arrasados de lagrimas sobre uma cadeira, procurando abafar a nova impressão em gritos desentoados.

— Ó Tereza... Tereza... pelo inferno! Onde diabo estás tu? Ai que arrebento!... Deixaste o ninho abandonado... a esta piegas... a esta choramigas... Mas com um milhão de diabos!...—gritou perdendo de todo a cabeça n'esta lucta entre o coração e as suas pretenções a *fadista*.

E assim dizendo, ergueu-se de repente, e correu desatinado para a pobre menina, bradando em voz atroadora:

—Eu te vou dar a amostra do panno de Coimbra. Espera.

Henrique de Avelar já tinha voltado a si; ao vêr os tristes effeitos que a moda fazia sobre o seu pobre amigo, teve dó d'elle.

—João de Mendonça—disse então, interpondo-se entre o desatino do amigo e a desgraçada—isso é indigno de ti.

Depois tomou-o a um lado, e disse-lhe em voz baixa:

—Aqui ha alguma coisa mysteriosa; esta mulher não póde ser o que este logar faz acreditar que é.

—Ora essa!.....—replicou maquinalmente João de Mendonça, apparentando um riso ironico, mas intimamente satisfeito da intervenção do amigo.

—E' o que te digo; espero que não a maltrates. Eu protejo-a.

—Tu!... tu!... tu feito Quixote de mulheres publicas!—replicou Mendonça, soltando uma gargalhada bóvina—Era o que te faltava.

—Não zombes, Mendonça. Aquella não póde ser uma mulher de bordel. Recorda-te da primeira impressão que fez sobre ti, repara nas suas maneiras, n'aquella afflicção... n'aquella situação tão dolorosa de espirito, e depois consulta a tua intelligencia e o teu coração, e vê se pódes encontrar n'aquellas as feiçoens de uma mulher perdida. Aqui ha alguma coisa occulta, e seja o que fôr...

—Ora adeus, Henrique; pois pensas que ella?...

—Penso o que quizeres ; mas sempre te digo que a primeira impressão que sentiste, é mais digna da grande alma de João de Mendonça, do que o teu ultimo procedimento. Aquella deixou vêr um cavalheiro e um homem de coração; esta não significa mais que uma parvoa pretenção de *fadista*, digna de uma alma baixa e de lama, mas indigna de ti.

—Mas, Henrique...

—Torno a dizer-te, seja o que quizeres. O que te peço é que respeites a dôr d'aquella desgraçada, que está desamparada no meio de nós dois homens, e que não tem outra protecção mais que o nosso cavalheirismo. Reporta-te portanto, ou antes sê o que verdadeiramente és. Quero vêr se lhe inspiro confiança, e se posso alcançar a chave d'este enigma, que, a fallar a verdade, surprendeu-me.

Assim dizendo, Henrique voltou as costas ao amigo, e dirigiu-se á linda menina.

—Não tenha medo de nós—disse-lhe elle com voz meiga, e ao mesmo tempo firme d'essa firmeza que indica a sinceridade—Socegue... olhe, sente-se aqui—continuou, approximando-lhe uma cadeira—acredite-me, nada tem que recear de nós. Dou-lhe a minha pa-

lavra de honra, que não a havemos de offender, e que a defenderemos se fôr preciso... E' extravagante o que está succedendo... mas creia-me, estou convencido que o virmos aqui foi providencial... De certo que a menina não está aqui por vontade... não nasceu para a encontrarmos aqui...

E Henrique interrompeu-se, e fitou os olhos prescrutadôres no rosto da pobre rapariga. Esta levantou os olhos, innundados de lagrimas, fitou-o um momento com a expressão mais celestial de gratidão, depois cobriu o rosto com as mãos, e começou a soluçar.

—Vejo que não me enganei—disse Henrique profundamente commovido—aqui ha um mysterio, e horrivel talvez... Socegue, não hei-de abandonal-a; se acredita em mim, vou leval-a a uma casa de toda a confiança... serei para si um irmão; e se fôr preciso fazer a seu favor alguma coisa, hei-de fazêl-o.

A voz de Henrique tremia de dôr e de commoção. Ao ouvir-lhe estas palavras, a pobre menina arrojou-se-lhe aos pés, abafada em lagrimas e suspiros.

João de Mendonça, a quem as lagrimas corriam insensivelmente pelas faces abaixo, sentiu então um abalo tão forte, que recorreu ao seu expediente costumado para reconquistar a perdida serenidade.

—Pois sim, sim, poem-te a entreter a senhora. Esta não está má; e eu que me vinha divertir!... Olhem que *pandega!*... Ah! *pessoa de bem*, maldita! se te caço, escavaco-te, desavergonhada!... Deixa...

Ao chegar a estas palavras, João de Mendonça deu um salto sobre a cadeira, engoliu em sêcco, e ficou embobado, com os olhos cheios de lagrimas fitos em Henrique e na sua interlocutora. E' que n'este momento a

linda menina respondêra com uma palavra a uma pergunta de Henrique, e a voz em que a pronunciou era tal, que Mendonça, que apesar do disfarce seguia de palavra em palavra a conversa, não podéra senhorear a commoção que sentira.

— Como se chama? — disse Henrique de Avelar depois de a obrigar a sentar-se novamente.

— Maria — respondeu ella.

E tão mavioso foi o som de voz com que pronunciou este nome, o mais doce e o mais delicado da nossa lingua, que os dois estudantes calaram um momento, como fascinados pelo zunido de uma nota melodiosissima, sahida de uma harpa dedilhada por dedos angelicos.

— Maria!... — repetiu maquinalmente Henrique — Maria!... Era o nome de minha mãe...

E depois de um momento de silencio, continuou:

— E d'onde é?

— De Lisboa — replicou ella.

Apenas Maria havia acabado de pronunciar esta palavra, quando se sentiu embocar da Sophia na rua do Carmo, caminhando em direcção á praça, uma destoada infernal de gritos e de vozes, que cantavam ao som de uma viola.

Maria empallideceu.

João de Mendonça, como o cavallo de um regimento, se alvoroça, sentindo ao longe o som conhecido do clarim, assim deu um salto sobre a cadeira, attendeu um momento, depois ergueu-se, correu á janella que abriu de par em par, e pôz-se a escutar.

A algazarra approximava-se cada vez mais. Entrou finalmente na praça, entoando em côro cantigas do *fado*, d'entre as quaes sahiam de quando em quando pedaços

estropiados d'uma opera italiana, ou uma praga obcena, arremessada em voz estentoriana.

Os olhos de João de Mendonça faiscaram de enthusiasmo.

— Olá, rapaziada incauta e iconoclasta — gritou elle, estendendo todo o corpo para fóra da janella — haja gaudio, viva! Onde vae a *pandega?*

— Ó Mendonça, abre a porta; queremos vêr o focinho á senhora.

E depois d'estas palavras, reproduzidas ao mesmo tempo de mil modos e no meio de um alarido aterrador, alguns dos da sucia começaram a *bater* o *fado* no meio do terreiro.

O primeiro instincto de João de Mendonça foi obedecer á intimação que a *pandega* lhe tinha feito; mas ao correr á porta, deu com os olhos em Henrique, e parou como a consultal-o.

— Salve-me... pelo amor de sua mãe — balbuciou Maria, transida de mêdo, e approximando-se de Henrique, a tremer.

— Nada tema — replicou este em voz firme.

— Ó Mendonça, abre a porta — gritavam de baixo os estudantes — Então, com mil diabos! andas ou não andas?

— Abaixo o monopolista!

— Fóra o aristocrata!

— Abaixo o agiota!

N'um relance, Henrique empurrou Maria para dentro do quarto fronteiro á cosinha; fechou a porta, e metteu a chave na algibeira.

João de Mendonça, inteiramente electrisado pelo barulho infernal e pelo som da *banza* que soava de fóra

da porta, lançou-se n'este momento para o tôpo da escada. Henrique susteve-o por um braço.

— João de Mendonça — disse elle — és meu amigo?

— Essa pergunta, Henrique...

— Então ajuda-me a salvar Maria.

João de Mendonça recuou dois passos a traz.

— Porém, Henrique, que diabo de mania!.. Esperem, com mil raios! já vou... Queres agora defender....

— E exijo que me dês a tua palavra de honra que has-de ajudar-me a defendêl-a até á ultima. És capaz de fazer este sacrificio por mim?

João de Mendonça engoliu em sêcco.

— Sou capaz de fazer tudo por ti... Vá, com mil raios! seja assim... Palavra de honra...

Depois voltou-se, e desceu maquinalmente alguns degraus da escada.

— Se não queres que entrem.... — disse elle, parando de repente e apontando para o varapau.

— Não, não, seria peior; deixa-os subir.

João de Mendonça desceu, e abriu a porta.

Era já tempo; o pobre pinho secular ameaçava vir feito em rachas ao chão, quando se ouviu desandar a fechadura. A turba arremessou-se de roldão pela escada acima, trazendo na frente o tocador da bandurra, que em voz aflautada e estridente cantava ao som d'ella o seguinte:

Menina, por seu respeito
Aqui vimos padecer,
Muito custa o bem amar,
Muito custa o bem querer.

Se o padre santo soubera
O gosto que o *fado* tem,
Viera de Roma aqui,
Bater o *fado* tambem.

Henrique de Avelar tinha-se collocado junto da porta do quarto, onde occultava Maria, e que, como já disse, era no tôpo da escada. D'esta fórma Henrique afigurava estar esperando a *pandega*, mas a sua verdadeira intenção, como o leitor póde pensar, era defender o quarto.

—Uhi! uhi!—gritou a turba, subindo pela escada acima — Appareça o *gage*, sáia fóra a cara da noviça. Á falla, á falla.

E a turba esbarrou então de encontro a Henrique de Avelar.

—Com mil diabos!—gritou este—isto é luxo de mais para nós. Olhem que estamos sós em casa. A rapariga fugiu mal entramos, e a Capitolina e a Tereza não estão cá... Como nos achamos sós, constituimos-nos em pleno goso da nossa conquista... Deixem o vivorio; é cêra a ruins defunctos...

A turba calou-se um momento em verdadeiro desapontamento.

—Fugiu!—balbuciaram elles—pois a maldita safou-se!... Má morte a mate!... Mas é impossivel; vocês esconderam-n'a.

—Esquadrinhe-se o quarto das pulgas.

—Arrombe-se a porta do gabinete.

—Vá tudo abaixo—gritou o da bandurra, espinoteando desaforado no meio da casa.

Henrique estremeceu; sabia bem de quanto são capazes estudantes, quando movidos pelo enthusiasmo da patuscada.

—Mas isso é uma tolice—disse elle então—Acabo de dizer-lhes que não está cá. Não arrombem a porta... é uma barbaridade destruir o que é d'estas desgraçadas.

O sentimentalismo era esteril n'esta occasião; Hen-

rique conheceu-o, e recorreu portanto a outro expediente de que sabia poder tirar melhor resultado.

—Repito—disse elle—a rapariga não está cá. Dou-lhes a minha palavra de honra.

Esta asserção cavalheiresca produziu por um momento o effeito desejado. A turba recolheu para dentro da cosinha. Mas o desapontamento de uma patuscada mallograda começou a fazer referver a desesperação dentro d'aquelles craneos.

—Qual diabo! fugir!... Ora adeus.

—Ha-de estar no gabinete—gritou o da bandurra.

—Arrombe-se a porta—gritaram todos á uma, esquecendo no enthusiasmo a palavra de honra de Henrique.

—Á porta! á porta!...

E assim dizendo, atiraram-se de roldão contra ella.

N'um relance, Henrique tirou as pistolas da algibeira, engatilhou-as, e, encostando-se á porta, disse-lhes com firmeza e severidade:

—Não dou a ninguem o direito de duvidar da minha palavra. O primeiro que se approxima, mato-o.

—Não ouviram que deu a sua palavra de honra?—bradou ao mesmo tempo João de Mendonça, com os olhos scintillantes e ameaçadores—Marotos! Insultar um homem de bem! Já tudo fóra—accrescentou furioso, e apontando para a escada.

A turba recuou para dentro da cosinha. Um rumorejar surdo e ameaçador começava a sahir do meio d'ella, quando um dos estudantes, destacando do grupo, approximou-se serenamente de Henrique, e disse-lhe com frieza:

—Não era necessario tanto, Avelar; o repetirmos

que se arrombasse a porta, foi gracejo. Bem sabemos que nunca juraste pela tua honra debalde.

As faces de Henrique tornaram-se da côr de purpura; aquellas palavras fizeram n'ellas o effeito de uma bofetada. Perjurára a primeira vez, e sentia a consciencia a remorder-lhe lá dentro. Serenou porém de repente; o coração dizia-lhe bem alto que aquelle perjurio era uma grande virtude diante de Deus.

—Obrigado, Estevão de Lemos—replicou elle—Hão-de confessar que o gracejo é de mau gosto. Perdôem se os offendi.

—Ora essa!—disse com ar mofador o tocador da *banza*, fazendo uma profunda cortezia.

Era um rapazete de quinze a dezeseis annos de edade—baixo, magrissimo, e de uma figura tão enfezada e macillenta que o assemelhava ao cadaver de um saguim morto de phtisica. Tinha porém dois olhos tão encovados, tão vivos e tão traquinas, que não era preciso muito tempo para se conhecer que n'aquella figura desbotada e quasi rachitica havia um espirito travesso e inquieto.

Em contrario d'elle, o moço que fallára primeiro era alto e de fórmas bem talhadas e elegantes. O rosto era moreno, o bigode espêsso e escùro, e o cabello da mesma côr e naturalmente annellado... As suas maneiras nobres e desembaraçadas indicavam o trato da alta sociedade. Os olhos pretos scintillavam-lhe porém de tal fórma, que deixavam perceber á primeira vista, que aquelle homem era demovido por um caracter tenebroso e ferino, que uma educação apurada disfarçava com difficuldade.

Depois da scena que descrevi, houve um momento

de desalento no meio dos estudantes. De repente, um d'elles, de cabellos e barbas ruivas, e que trazia vestida uma borjaca de velludilho vermelho desbotado, exclamou, atirando dois grandes saltos no ar:

—Então que diabo é isto? Pois, porque a maldita fugiu, havemos de desanimar! Ó *Faisca*, afina a *banza;* ao fado!...

—Peço a palavra—bradou então em voz de tiple o diabrete da viola, que fôra a quem o outro se dirigira pelo epitheto de *Faisca*, por que era conhecido—á ordem, peço a palavra.

— Escutem! Ordem! ordem! — gritaram todos á uma.

O rapazelho saltou para cima de uma cadeira, ligeiro como o pensamento; escarrou, tossiu, passou a mão pela testa, mudou a viola para a mão esquerda, e estendendo depois a direita horisontalmente, pôz-se a gesticular. Aquelle rosto enfezado e quasi rachitico, mettido dentro de uma quinzena de casemira com os cotovêllos rôtos, as calças arregaçadas pelos joelhos, os sapatos escalavrados, e o gôrro, em fórma de elmo de Mercurio, subido ao cucuruto da cabeça, davam-lhe um aspecto verdadeiramente comico.

Começou portanto a gesticular diabolicamente, fez tregeitos espantosos, dando de quando em quando grandes palmadas na testa, bateu de rijo com o pé na cadeira, mas por fim não dizia palavra.

—Fóra o papelão!

—Abaixo o saguím!

—Abaixo o Demosthenes de papel pardo!

—Deitem-n'o abaixo do pulpito!

Gritaram os estudantes todos á uma. Mas o rapaz

não era de atrapalhar-se; espantou-lhes os olhos comicamente enfurecidos, deu uma rija patada no assento da cadeira, e bradou n'aquella voz aflautada que tinha:

—Silencio! Deixem meditar.

De repente tomou um aspecto grave, carregou o sobre-olho, e exclamou em tom de sermão de aldêa:

—Pandegos, o passaro fugiu...

—Forte novidade!

—Abaixo o pedaço d'asno!

—Fóra o paparreta!

—Deixem fallar o mono!

Mas, apesar do alarido infernal que tentou abafal-o, o rapazelho continuou a esganiçar:

—Mas nada de embatucar. Á pandega, ao fado; deite-se-lhes o soalho abaixo, despedacem-se os tacoens, haja gaudio!

—Uhi! uhi! abaixo o orador.

—Abaixo o massador!

—Fóra o pulha!

—Eu vou afinar a banza—continuou elle—depois bater até mais não poder. Olé, quem canta?

—Eu.

—Eu.

—Eu.

—Todos — disse o da viola afinando — todos, vá de pandega; rompa o côro.

Senhor Joaquim
D'Oliveira Mattos &c. &c.

E este amphiguri obceno foi entoado em côro ao som da bandurra, por entre um alarido infernal. No meio porém da vozeria, o rapazelho calou de repente a mu-

sica, atirou um salto para o meio da casa, e gritou, levantando a viola:

—Aqui, ao fado; vá, bata-se de rijo, vá o mundo abaixo.

E bateram de rijo; o soalho oscillava debaixo de quarenta ou cincoenta tacoens, cada qual mais apostado a dar em terra com toda aquella machina carunchosa. De repente ouviu-se a voz estentoriana de João de Mendonça.

—E o sapateiro?—gritou elle.

—O sapateiro... o sapateiro!...—replicou o da bandurra—E que importa! Que é um sapateiro a par do fado? Vá, de rijo, rapazes; eu cá faço tres officios; toco, canto, e danso.

—Valeu. Abaixo o sapateiro!—gritou João de Mendonça, batendo a bom bater no soalho com aquelles dois pés musculosos, armados de tacoens, cravejados a pinos de ferro, de cinco reis cada um.

Seguiu-se um arruido infernal; voltas e vira-voltas, repiques de tacoens, saltos, emfim, mil diabruras faziam tremer a casa. Por cima de tudo ouvia-se a voz esganiçada do rapazelho, que berrava a bom berrar:—

Torradinhas com manteiga,
Torradas não quero mais,
Eu sei fallar inglez,
I say, goddam your eyes.

Henrique de Avelar estava impassivel no meio de todos aquelles folguedos. Era-lhe impossivel partilhal-os; o enthusiasmo da mocidade já tinha morrido ha muito tempo n'elle, e n'aquelle momento tinha o espirito occupado por consideraçoens muito graves, para se deixar

embriagar pelo enthusiasmo dos outros. Encostado ao umbral da porta, com os olhos fitos na multidão, e sorrindo quando qualquer d'elles o apostrophava, Henrique estava com o espirito muito longe do logar onde tinha o corpo. Pensava no que teria sido de Maria, se por ventura aquelles doidos tivessem chegado primeiro do que elle; punha em contraste a situação e o terror d'ella, escondida no quarto fronteiro, com a alegria diabolica e a audacia petulante com que elles volteavam n'aquella dansa infernal, e por fim sentia todo o terror que aquelles gritos desentoados haviam de pôr na pobre menina, e a sensação que havia de causar n'ella as pragas obcenas e as cantigas ainda mais immundas, com que elles reforçavam o barulho.

Henrique estava pois ao umbral da porta; collocára-se ali, porque conhecia a fundo o que é um estudante, e sabia que se qualquer d'elles se tornasse a lembrar de arrombar a porta do quarto, e atirasse com a ideia n'um brado desentoado, podia pôr de novo fogo á mina, e a sua protegida correr novamente todo o perigo de ha pouco. Encostado portanto ao umbral da porta da cosinha, estava elle sonhando acordado, quando um sentimento aterrador o acordou d'aquelle sonho. As oscillaçoens do soalho iam crescendo progressivamente, e já eram taes que o umbral começava a agitar-se tambem.

Henrique deu um salto, ao reconhecer o perigo em que todos estavam.

—Com os diabos!—gritou elle o mais alto que pôde levantar a voz—olhem que o soalho vae abaixo. Malditos! querem ir cear hoje com satanaz?

Mas apenas tinha acabado de dizer estas palavras, quando soaram tres rijas pancadas dadas pela parte de

baixo. Estava claro; o somno bemaventurado da familia Selavisa tinha cedido por fim áquelle alarido infernal, e mestre Bonifacio protestava energicamente em favor do socego, a que tinha legitimo direito de portas a dentro.

Tudo se calou.

— Ó senhores — disse da parte de baixo mestre Bonifacio — fazem favor de me deixar dormir? Isto são modos? Com que direito invadem os senhores a justa esphera da minha actividade? Isto é contra a constituição. Vão saltar para o meio do inferno.

— Eu bem o dizia — disse a meia voz João de Mendonça — é o sapateiro.

Então é que a cousa assemelhou um verdadeiro cataclysmo. A esta apostrophe violenta de mestre Selavisa, o tocador da bandurra atirou taes dois saltos, que só elles eram capazes de despertar todos os mortos desde Adão até nós. Todos o imitaram, não só com os tacoens, mas com os varapaus que traziam, com as cadeiras, com as mesas, emfim com tudo que achavam á mão.

— Abaixo o sapateiro!

— Fóra, mono!

— Fóra, bruxo!

— O mundo é largo!

— Vá o soalho abaixo!

— Matem este diabo!

— Morra! morra!

E com estas exclamaçoens violentas, soltadas no meio de um barulho infernal, abafaram a voz de Selavisa, que continuava a declamar da parte de baixo.

— Á sua saude, mestre Bonifacio — disse então o da bandurra, tirando debaixo da quinzena um frasco empalhado que levou rapidamente á bôca. N'um momento

todos se arremessaram a elle, e depois de uma lucta encarniçada o frasco foi esvaziado entre estrepitoso alarido.

Mas o barulho, em que abafaram a voz do sapateiro, não lhes tinha deixado perceber um acontecimento que podia trazer sérias consequencias para elles. Mestre Bonifacio, vendo desattendido o direito que a constituição lhe garantia, abríra a porta, e, acompanhado de toda a familia, sahíra para o meio da rua, e declamava energicamente contra aquella infracção violenta da lei.

Rodeado da mulher e dos filhos, e com o mais pequeno pela mão, mestre Bonifacio, em ceroilas e barrete, estava com a cara voltada para a janella do primeiro andar, a vociferar furioso.

— Canalha! — gritava elle em voz rija — vão fazer barulho para o meio do inferno! Ladroens de seus paes! Judas! Trocas-tintas! deixem em socego a gente honrada. Vão estudar, que para isso é que vieram para Coimbra. Fóra, ladroens! Não sei para que são as calcetas...

O tocador da viola percebeu algumas d'estas apostrophes insultantes.

— Chiton! — disse elle, levando a mão ao nariz — oiçamos.

Tudo se calou.

— Cautella, Bonifacio — disse Joanna, desconfiada do silencio repentino, em que o alarido havia cahido.

— Deixa estar, não tenhas mêdo — disse mestre Bonifacio.

E continuou a apostrophar:

— Patifes! Desalmados! Desacatarem a constituição! Vejam que futuros cidadãos! Vejam a quem no futuro ha-de ser entregue o governo da patria! Mariolas! Per-

turbar o socego do artista! Levar a confusão ao seio das familias honradas! Para estes é que não ha forcas! Para estes não ha carrascos! Deixem estar, desavergo...

Mestre Selavisa ficou com a palavra em meio; um acontecimento imprevisto paralysou-lhe a lingua um momento, e abafou-lhe as inspiraçoens d'aquella rhetorica violenta.

O tocador da banza tinha-se dirigido, nas pontas dos pés, a um dos cantos da casa; tomou um alguidar cheio de agua suja, depois, chegando-se insidiosamente á janella, despejou todo o liquido em cima de Bonifacio, gritando n'um guincho desentoado: — « Agua vae. »

— Aq..., a...qui d'el-rei! — gritou suffocado mestre Selavisa.

— Aqui d'el-rei! aqui d'el-rei! — repetiu em côro toda a familia.

— A ronda andava na Sophia — disse então o da bandurra — safe-se quem podér.

Assim dizendo, tomou a viola, e, rapidò como o pensamento, desappareceu pela porta fóra.

Os outros seguiram atraz d'elle..

E' escusado dizer que a turba, ao arrebentar para fóra da porta, arrojou furiosa por terra mestre Bonifacio e toda a familia.

— Aqui d'el-rei! — gritaram elles em côro.

E receiosos de peior tratamento, recolheram de corrida para dentro de casa.

— Ó constituição! — exclamou n'um brado de dôr Selavisa, ao fechar a porta, coacto e obrigado pelas circumstancias.

II.

Henrique de Avelar não fugiu, nem deixou fugir João de Mendonça. Quando este, arrastado pelo enthusiasmo da turba-multa, ia a lançar-se pela escada a correr, Henrique tomou-o pelo braço, e fêl-o parar.

— Mendonça — disse-lhe elle — preciso que me acompanhes até á praça de Sansão.

Mendonça mandou um suspiro atraz da troça, e respondeu:

— Estou ás tuas ordens.

— Depois liberto-te, e pódes procural-os. Foram de certo para a rua Nova — disse Henrique em resposta ao suspiro do seu amigo.

Correu então á porta do quarto, e abriu-a.

— Maria — disse elle — depressa..... siga-nos em quanto é tempo.

Assim dizendo, tomou de cima da cama um grande chaile de casemira, que logo conheceu não pertencer a nenhuma das donas da casa, lançou-o por cima da cabeça da pobre menina, e tomando-a pela mão, dirigiu-se com ella á escada.

Maria seguia-o maquinalmente. A cabeça da pobre criança estava tão atordoada de terror e de pasmo, que a desgraçada nem mesmo dava tino do que estava acontecendo.

—Nada tema; coragem!—disse Henrique—dei-lhe a minha palavra de honra; deve ter confiança em mim, como se fosse seu pae.

Os dois estudantes sahiram com Maria de dentro d'aquella casa, onde nunca devêra ter entrado. Ao chegarem porém á bôca da rua de S. Boaventura, a ronda desembocava a passo largo na praça.

—Alto—disse o archeiro que a acompanhava—está tudo prêso á ordem do senhor reitor.

E' de saber, meus caros leitores, que as rondas d'aquella época eram feitas por seis soldados, acompanhadas de um ou dois archeiros, para prenderem os estudantes em caso de necessidade. O reitor, fiel á dignidade da corporação, não consentia que os estudantes fossem prêsos senão pela policia academica.

O archeiro é um animal inclassificavel na zoologia da humanidade. Valente e covarde, soberbo e humilde, soldado e paisano, é um ente de umas poucas de feiçoens caracteristicas, todas reunidas, todas confundidas, de modo que ninguem é capaz de saber o que elle é. Até no fardamento não é egual a coisa alguma; é semelhante sómente a si mesmo.

Nos dias de gala o archeiro traja chapeu de bicos, casaca azul-claro, espadim pendente de um tiracollo de lã branca, calção azul, meia branca de algodão, e sapato bordalengo com fivela de pechisbeque.

Nos dias vulgares usa chapeu redondo com tope azul e branco, casacão de saragoça de gola azul, calça da

mesma fazenda, e o espadim suspenso da cinta por um cinturão de bezerro preto, apertado por um fivelão de latão amarello.

Ora classifiquem lá o archeiro por estes signaes exteriores!

Observemol-o agora pelo lado moral.

O archeiro é valente quando anda acompanhado por soldados; então vae tudo abaixo com elle, é capaz até de prender Christo, se o encontrar de batina. Só ou acompanhado pelos collegas, o archeiro é o excesso da covardia; toda aquella maquina vem a terra a um carôlo ou a um panazio, com que o estudante lhe enterra o chapeu até ao nariz.

E' soberbo e mal-creado, quando o estudante que prende, se humilha e se cala; mas se lhe falla altaneiro, e o ameaça com a protecção do reitor, ou lhe mette na mão alguns vintens, o archeiro é o archytypo da humildade e no ultimo caso um perfeito cortezão, moldado pelo celebre Manual da civilidade.

De officio o archeiro não é só archeiro; é sapateiro, alfaiate, botequineiro, e sobretudo alfarrabista, isto é, encarrega-se de vender livros velhos, o que faz durante a ronda do dia. D'aqui resulta não poucas vezes que o archeiro, ao passar rondando, entra nas casas dos estudantes a offerecer os seus livros; que sae apupado e escorraçado por elles; e que não poucas vezes o archeiro atravessa, de orelha cahida, por meio dos apupos e dos assobios com que os estudantes insultam o pobre do alfarrabista.

Nas suas relaçoens intimas com a academia o archeiro é bifronte.

Em logar solitario, nunca prende o estudante por

maior que seja o crime que lhe veja fazer, e ainda que os archeiros sejam vinte, e o estudante esteja só. A razão d'isto é porque o archeiro ama o estudante, de quem espera as cartas de formatura, e de quem recolhe alguns vintens quando a fome o obriga a recorrer a elles. Em logar publico, porém, o seu procedimento é outro; prende-o por dá cá aquella palha, mette-o na cadeia, dizendo-lhe ao ouvido — *sinto muito, mas não ha remedio; a culpa é sua.*

Com o reitor é espião; denuncia-lhe as travessuras dos academicos, e lamenta a relaxação da policia academica. Com o estudante ralha do reitor, denuncia-lhe as medidas policiaes mais secretas, queixa-se de que o reitor é um selvagem, que o carrega de trabalho, que o faz andar de noite ao vento e á chuva a rondar o bairro baixo, e que o obriga a comprometter-se com os estudantes.

Tal é o archeiro.

Pois a policia academica é assim? — dirá o leitor boqui-aberto de pasmo.

Pois que querem? Se o archeiro tem duzentos e quarenta reis diarios, sete filhos, pelo menos, e mulher e sogra a sustentar...

— Alto; está tudo prêso á ordem do senhor reitor — disse portanto o archeiro que conduzia a ronda, brandindo bellicosamente o espadim.

Este archeiro era homem muito baixo e muito magro, de magreza verdadeiramente notavel; além de archeiro era proprietario de dois cavallos lazarentos e enfezados que alugava aos estudantes de theologia para irem a ferias. A sua mania predominante era discutir assumptos politicos. Os estudantes chamavam-lhe *Politico sêcco*,

nome por que dava graciosamente e sem reagir, no que era bem differente de seu tio o *Pedreiro livre*, celebre *la-mecha* da rua do Quebra-costas.

A' voz de prêso, João de Mendonça encostou-se ao varapau com um sorriso de escarneo nos labios, annellando o bigode, e medindo os soldados e o archeiro com olhos ameaçadores.

Henrique de Avelar receiou tempestade.

— Está socegado — disse-lhe elle em voz baixa — não quero loucuras agora.

Depois dirigiu-se ao archeiro, e disse-lhe com a maior naturalidade possivel:

— Vm.ce por que nos prende, sôr Politico?

— Porque os prendo? Essa não está má! E estes gritos de aqui d'el-rei?

— Viemos ao som d'elles da mesma maneira que vm.ce Ao chegarmos á rua do Carmo vimos sahir da casa dà esquina uma grande turba-multa, que fugiu para o lado do Arnado. Dirigimos-nos então para aqui...

— Ora pois não! Outra vida, meu amigo; não cômo araras.

— E' isto que lhe digo — replicou com firmeza Henrique de Avelar. Depois, approximando-se d'elle, metteu-lhe ás escondidas dois cruzados novos na mão, e murmurou em voz baixa: — Não seja tolo; é isto que lhe digo.

— Ai! é v. s.a!... — exclamou então o Politico sêcco, fazendo uma grande barretada — E eu que o não conhecia!... Pois não! v. s.a merece-me todo o credito. Podem continuar o seu caminho; vamos, camaradas. Muito boa noite, meus senhores.

— Boa noite, sôr Politico — disse João de Mendonça, soltando uma grande gargalhada.

Os dois estudantes entraram por fim na Sophia. Maria tremia encostada ao braço de Henrique; João de Mendonça ria como um louco.

—Não foi má lembrança—dizia elle—Olha como o Politico se fez de cêra? Mas deixa que não as perde; mal nos separarmos, vou procurar a troça, e veremos se lhe faço ou não vomitar para ali o dinheiro, a elle e aos milicios.

Estavam defronte da porta de Santa Cruz—d'esse edificio grandioso que é a primeira pagina da historia da nação portugueza, e que está tão arruinado e tão para cahir como ella.

—Agora adeus, João de Mendonça. Obrigado, não te quero estorvar por mais tempo—disse Henrique, apertando affectuosamente a mão do amigo.

—Então não queres que te acompanhe mais? Olha que não me incommodas. Depois são dois saltos; para isso é que me servem estas pernas.

—E' escusado dar-te mais incommodo. Adeus, boa noite.

—Boa noite... Mas olha cá; ouve aqui uma palavra. Para onde diabo levas tu a pequena?—disse elle em voz baixa.

—Não sei ainda; para minha casa, ou para casa de Annita.

—De Annita!...—balbuciou João de Mendonça, abrindo grandes olhos—De Annita!...—repetiu elle com os olhos fitos no amigo, que lhe voltára as costas, depois das ultimas palavras, e que já ia a distancia.

Depois benzeu-se, como se vira o diabo, e murmurou a meia voz:

—O homem está louco. Lá se avenha.

Assim dizendo, atravessou de dois saltos a praça, e desappareceu pela rua da Moeda fóra.

Se o leitor tiver paciencia de chegar até o capitulo seguinte, lá saberá a razão do pasmo de João de Mendonça, e tambem o motivo por que Henrique de Avelar, impressionado vivamente por aquella reflexão do amigo, subiu com Maria pela rua das Esteirinhas acima, sem lhe dar palavra, até perto do arco do Collegio novo. Tal era a impressão que aquella exclamação fizera n'elle, e taes as consideraçoens que lhe despertára no espirito.

Ao chegar á porta que abre passagem, por entre a antiga cêrca dos Cruzios, para a administração e para o Correio, o respirar cançado e penoso de Maria fêl-o voltar a si.

Henrique parou.

— Sente-se aqui — disse elle, apontando para uma pedra que estava junto do umbral da porta — Está muito cançada, paremos um pouco; a noite está muito linda, e agora nada nos apressa.

Maria sentou-se na pedra, e Henrique no chão junto d'ella.

Estava uma noita formosissima, e apesar de Novembro ir quasi no fim, a temperatura era tepida — estava finalmente uma noite d'essas que a Providencia faz apparecer por aquelle tempo em Coimbra — n'aquella Coimbra, cujos merecimentos não justificam esta bondade caprichosa da atmosphera, a não explical-a por uma compensação de tudo que ha de feio e de immundo por que passam os desgraçados que o acaso sentenciou a viver dentro d'ella.

Henrique, depois de contemplar por um pouco o rosto formoso e pallido de Maria, voltou os olhos para a lua,

que dava de chapa sobre as faces da linda menina, e assim ficou alguns minutos mergulhado em profunda meditação.

Um suspiro sahiu então dos labios de Maria; Henrique voltou de novo o rosto para ella. Maria tinha tambem os olhos cravados n'aquella lua tão formosa e tão docemente melancolica, e d'elles desciam as lagrimas em fio, e como se corressem sem ella as sentir,—tal era o enlevo de angelica melancolia com que os tinha fitos no ceu.

Henrique sentiu os olhos humidos de lagrimas.

—Maria—disse elle em voz suave e como a mêdo de perturbar aquelle extasis delicioso, em que a dôr da pobre menina tinha cahido — não está formosa esta noite? Não é verdade que a dôr mais profunda sente uma doce consolação, embrandece, e punge sem desespêro no meio d'esta luz e d'esta aragem?

Maria voltou de repente os olhos para elle, e depois escondeu o rosto entre as mãos, suffocada em lagrimas e soluços.

Henrique sentiu-se abafado pela commoção.

—Deve ser muito grande a sua desgraça, Maria — disse elle depois de ter dominado a commoção que lhe embargára por alguns momentos a voz — e tambem deve ter cahido de muito alto para a sentir assim!...

Depois interrompeu-se um momento, e, coordenando as ideias que confusamente lhe tumultuavam no cerebro, ergueu-se sobre os joelhos, tomou-lhe uma das mãos, e disse com voz meiga e afagando-a:

—Não sente confiança em mim, Maria? O coração não lhe diz nada que a mova a olhar-me como um irmão, um irmão muito querido, capaz de sacrificar-se

por si? Diga-me, não sente na alma alguma voz intima que a avise que nada mais quero, nada mais lhe peço que a consolação de a salvar, de a proteger, de lhe restituir a felicidade? Se me julga capaz de ser seu amigo; se o coração a entrega instinctivamente á protecção do homem, que se sente imperiosamente lançado por elle e pelo destino para o meio da sua desdita, então falle, conte-me a sua infelicidade, revele-me a sua desgraça. As penas pezam menos, quando se confiam a outrem; sei-o por experiencia, Maria...

Maria descubriu então o rosto formoso, e pôz os olhos em Henrique, cheios da mais profunda e mais angelica gratidão.

—Que a faz soffrer assim, diga?—balbuciou elle, vendo que a linda menina não se atrevia a fallar.

Maria deixou pender a cabeça para o peito, e depois de alguns momentos, em que luctou com os soluços e as lagrimas que a abafavam, balbuciou em voz quasi inintelligivel:

—Amo... vou ser mãe... e fui abandonada...

—Abandonada... e quasi mãe...

—Sim... calumniada pelas suspeitas do homem que adoro, do pae do filho que trago nas entranhas... abandonada cruelmente por elle.... fugi de casa de meus paes... á vergonha... com a cabeça perdida... a procural-o sem direcção... e depois...

—Deshonrada!.... e depois.... deshonrada! Meu Deus! já fui tarde... Maria!... Maria!... Diga-me...

Maria levantou o rosto formoso com a dignidade angelica de uma virgem, ao protestar em nome da sua innocencia contra uma suspeita criminosa.

—Não—disse ella, erguendo a mão pequenina para

o ceu — estou pura... graças a si, ao meu anjo da guarda, que Deus enviou a tempo de salvar-me.

Henrique pregou-lhe os labios na mão durante um momento, arrastado por um sentimento de respeito e de veneração por aquella martyr tão nobre e tão santamente resignada. Depois ergueu-se, fitou-a por alguns segundos com um olhar abstracto, e disse-lhe por fim em voz, em que soava o pensamento decidido que de repente se apoderára d'elle:

— Maria, a sua historia encerra de certo um grande e terrivel mysterio. Quero sabêl-a. Diga-me, como se chama a sua familia?

— Já não tenho pae — respondeu ella — morreu na India, e não cheguei a conhecêl-o. Quem representa hoje a minha familia é meu tio Antonio da Fonseca Saraiva, conselheiro do supremo tribunal de justiças.

— Então vivia em casa d'elle?

— Vivia, ou antes elle é que vive em casa de minha mãe. Depois da morte de meu irmão mais velho, meu tio, homem solteiro, veio viver comnosco, porque meu irmão segundo é official de marinha, e por isso raras vezes póde fazer-nos companhia.

— E seu mano... chama-se?...

— Guilherme d'Aguiar; é segundo tenente...

— Guilherme d'Aguiar!..— exclamou Henrique com os mais evidentes signaes de pasmo — então v. ex.ª é filha do general Aguiar, que morreu ha seis annos, ao serviço da Companhia das Indias?...

— Meu pae chamava-se assim — replicou Maria, impressionada pela commoção que o nome de seu irmão fizera em Henrique.

Este fitou-a um momento com um olhar fascinado,

deu alguns passos por junto d'ella, depois disse-lhe com as feiçoens carregadas, e em voz que bem denotava que n'aquelle momento de distracção tinha acontecido alguma coisa dentro d'elle, de que tinha resultado uma ideia, sobre a qual havia resolvido com toda a tenacidade energica de que era dotado:

— Como se chama o homem que a seduziu?

O tom da voz de Henrique fez estremecer Maria.

— O homem que amo?... — replicou ella em voz tremula — porém, senhor, que significa a rudeza com que me faz esta pergunta? Não sei se devo... receio... Eu amo-o.

Henrique deu mais alguns passos abstracto por junto de Maria, depois sentou-se junto d'ella, e disse-lhe com serenidade e procurando ameigar a voz:

— Confe-me tudo; peço-lhe que não me occulte coisa alguma, minha senhora. Não quero esconder-lhe as minhas resoluçoens; mas peço-lhe que, em troca da franqueza com que lhe vou fallar, seja egualmente franca comigo. Desde o momento em que soube o nome de seu pae, a natureza da protecção que lhe offereci, mudou: até aqui era unicamente a sympathia que attrahe todo o homem, que tem alma, para o lado de quem se acha opprimido pela desgraça; agora é o dever, é a obrigação.

E depois de se interromper por um momento, continuou:

— Maria, eu tambem estive na India, e conheci seu pae. Conheci-o muito bem, fui seu intimo amigo, e da bôca d'elle soube o motivo por que havia abandonado a patria. Seu pae pertenceu ao exercito realista; depois de Evora-monte, o general Aguiar, grande alma, verdadeiro

espartano, dotado de toda aquella sublime firmeza de caracter que possuem os homens, em cujo espirito a honra não é principio convencional, mas verdade, mas instincto, entendeu que, para ser fiel ao pensamento que tinha defendido e ao principe que o representava, não devia continuar a pizar o terreno, d'onde a sorte das armas expulsára o seu rei. Sahiu portanto de Portugal para Inglaterra, d'onde partiu para o serviço da Companhia das Indias, que por essa occasião offerecia aos emigrados collocação no seu exercito. Quando cheguei á India, seu pae estava velho, Maria... de saudades, porque o veterano, que se tinha batido nas guerras contra Napoleão e no cêrco do Porto, não podia conter as lagrimas, quando se lembrava da patria, da esposa e dos filhos. O acaso fez-nos travar amizade, e como eu respeitava n'elle aquella honradez sublime que o desterrára de todas as affeiçoens em nome do dever, tive a fortuna de o ligar a mim por tal maneira, que dentro em pouco queria-me tanto ou mais do que se eu fôra seu filho. Por este tempo, a cholera invadiu Bombaim, onde seu pae estava de guarnição, e onde eu tambem residia. A invasão foi terrivel; a epidemia matava milhares de pessoas por dia. Seu pae aconselhou-me que abandonasse a cidade; eu resisti, zombando d'aquelle mêdo, e continuei a residir n'ella, prestando todos aquelles serviços que me era possivel prestar. A epidemia estava a declinar, ia mesmo a desapparecer, quando n'um d'aquelles ultimos insultos, com que costuma atacar os lugares que flagellou, e d'onde as revoluçoens da atmosphera a fazem sahir, parece que contra vontade, fui atacado tão violentamente que todos recearam que não escapasse.

—Eu tinha sido recolhido a uma das ambulancias

que de repente se haviam creado na cidade. Seu pae visitava-me diariamente, apesar de todos os rogos com que lhe pedia que não provocasse a epidemia com uma solicitude inutil, como prova da amizade que me tinha. N'um dia a epidemia pronunciou-se com tal severidade, que a maioria dos doentes morreu, e a cidade perdeu para cima de mil pessoas. Eu recahi por tal fórma e tão medonhamente, que fui retirado a um quarto separado de todos os demais. O mêdo fez com que todos me abandonassem, excepto um só homem. Esse homem foi seu pae, Maria. Aos cuidados, á energia, e á coragem d'elle é que devo a vida. Eu sarei; mas elle foi desgraçadamente victima da dedicação que aquella nobre e sublime amizade havia tido por mim. Seu pae foi medonhamente atacado da epidemia; quando o sube, levantei-me, e corri, meio cadaver ainda, para o logar onde o haviam deitado. Já tinha morrido!...

— Escuso dizer-lhe — continuou Henrique, depois de limpar uma lagrima, que furtivamente lhe descêra pelas faces abaixo — escuso de cançar-me a manifestar-lhe tudo o que senti com a morte d'elle. Senti o que não podéra de certo definir em palavras; basta dizer-lhe que perdi n'elle um amigo, um irmão, um pae, e que ao vêr aquelle cadaver, que ha poucas horas antes era um homem cheio de vida e de saude, e nos braços do qual, poucos dias haviam ainda, que eu tinha luctado com todos os horrores e com todas as torturas da morte, cahi fulminado pelo terrivel pensamento de que a amizade, que nos ligára, tinha sido o seu assassino.

Henrique deixou cahir a cabeça para o peito, e assim esteve um momento mergulhado na mais dolorosa recordação. Depois tirou do seio um medalhão, que tra-

zia pendente por uma cadeia de oiro, e deu-o a Maria.

—Eis-aqui o retrato de seu pae—disse-lhe elle—é a primeira vez que nos separamos depois que o possuo, e esta separação será eterna. Dou-lh'o, Maria; depois que encontrei desgraçada a filha d'aquelle homem generoso, a filha que deixára ainda nas entranhas da esposa que amava, a filha de quem fallava com as lagrimas a correrem-lhe em fio pelas faces abaixo, porque tinha o presentimento que nunca havia de vêl-a, o reter egoistamente esse retrato, seria uma grande infamia e um grande crime. No mundo dos mortos, o general Aguiar ha-de approvar o meu procedimento.

—E este era meu pae?—disse a linda menina, cravando os olhos cheios de lagrimas no medalhão que Henrique lhe entregára.

—Era esse; a semelhança era perfeita. Seu pae tinha essas feiçoens nobres e audazes, tinha esse olhar de aguia com que dominava os que se approximavam d'elle, e que no meio das batalhas fulgiam com um brilho tal que punha animo aos mais covardes. Guarde-o, Maria, guarde-o como um talisman precioso: durante seis annos foi para mim a musa inspiradora da virtude e do cavalheirismo. Que elle a console na desgraça em que o mundo a fez cahir, e que lhe dê animo para a supportar com valor.

Maria, com os olhos fitos no retrato do pae, cahiu de joelhos, com as faces innundadas de lagrimas.

—Ó meu pae... perdôa-me!—disse ella então em voz abafada e tremula.

Henrique tomou-a pelos braços, e levantou-a.

—Levante-se, Maria—disse elle com voz magestatica, e animada de uma inspiração superior—nada receie d'elle. Seu pae perdoar-lhe-hia como eu lhe per-

dôo, porque conhecia o mundo como eu o conheço. Erga-se, Maria; seu pae era uma grande alma, que sabia chorar a desgraça das almas innocentes e candidas que o mundo illaqueia na sua torpeza; mas tambem era um homem que não deixava sorrir de escarneo o mundo diante da victima, cuja desgraça havia causado. Perdoava-lhe, mas fazia tambem o que estou determinado a fazer. Maria, em nome de seu pae, diga-me o nome do seu seductor.

Ao dizer estas palavras, a voz de Henrique tinha uma entonação tão terrivel de magestade, que Maria cahiu de joelhos fascinada, e proferiu maquinalmente o nome de:

— Fernão de Albernaz.

Henrique soltou um grito terrivel, recuou dois passos, e fitou-a com um olhar espavorido.

— Maria.... Maria — disse elle depois de um momento — isso não póde ser... de certo ouvi mal. Diga... diga, como se chama o seu seductor?

E Henrique approximou-se mais da pobre menina, tomou-a por um braço, e cravou os olhos n'ella com um olhar allucinado.

Maria estava completamente entorpecida de terror. Henrique com os labios entreabertos, os olhos allucinados e a respiração convulsa e abafada, esperava a nova resposta que o libertasse d'aquelle pesadêlo terrivel. Os labios de Maria moveram-se, mas d'elles sahiu outra vez e maquinalmente o mesmo nome:

— Fernão d'Albernaz — disse ella.

Henrique soltou um novo grito, cobriu o rosto com as mãos, e exclamou com a mais dolorosa expressão de angustia:

Fernão!... Fernão!... Oh! desgraçado de mim!

Depois approximou-se de repente d'ella, ergueu-a, e disse-lhe em voz ainda tremula, mas onde se notava o esforço violento que fazia para dominar-se.

— Maria, eu conheço esse homem. E' um cavalheiro... uma alma nobre, incapaz de uma infamia... Fernão ha-de reparar a injustiça que fez. Impossivel! Abandonal-a... elle... elle... Fernão de Albernaz!...

— Calumniaram-me aos olhos d'elle... que elle ama-me... ah! como me ama...

— Sim... sim... deve haver alguma coisa de extraordinario para que Fernão obrasse assim... Elle!... elle!... Fernão de Albernaz!... Agora não — disse elle para Maria, ao vêr que pretendia fallar — logo... logo me dirá a sua historia. Quero sabêl-a toda... com todos os incidentes, com tudo o que aconteceu... Impossivel!... Fernão de Albernaz!...

Assim dizendo, Henrique fez levantar Maria, e pôz-se a caminho com ella em direcção ao Collegio novo.

Pouco além do arco, Henrique parou.

— Maria — disse elle — a minha tenção era leval-a hoje para minha casa, e ámanhã procurar-lhe um logar n'um convento, até que de todo providenciasse sobre este negocio. Agora é, porém, impossivel; conheço bem Fernão d'Albernaz; é necessario que o seu espirito, facil de preoccupar-se, não tenha novos motivos de suspeita...

Depois calou um momento, e logo accrescentou:

— Possuo o amor de uma mulher que aos olhos do mundo vale pouco, mas que aos meus vale tudo, vale a felicidade. E' a casa d'ella onde vae ficar esta noite, Maria: vamos.

Meia hora depois, Henrique e Maria entraram em casa de Annita.

III.

Annita tinha dezesete annos.

Era de estatura pequenina; mas tinha todo o corpo tão bem proporcionado com aquella pequenez, que era uma verdadeira perfeição. Afóra os olhos, que eram negros, brilhantes e grandes, e os cabellos que eram tambem côr de azeviche, e tão compridos, que lhe tocavam quasi no chão; tudo o mais, bôca, mãos, pés, n'uma palavra, tudo estava em proporção com aquella pequenez de estatura, e em tudo graciosamente talhada.

Annita tinha um temperamento ardentissimo, que a fazia andar n'um contínuo buliço, que a não deixava socegar muito tempo no mesmo logar, e que se revelava nos olhos, nas palavras, e nos meneios. A vista parecia que tinha fogo; as palavras, quando fallava, sahiam-lhe em turbilhão pelos labios fóra, e os gestos eram sempre sacudidos e inquietos e como que agitados por um principio turbulento, que se tinha alojado dentro d'aquelle corpo tão franzino, tão pequeno e tão airoso. E não penseis, leitores, que esta turbulencia de espirito, de que Annita era dotada, a tornava desagradavel e enfadonha, a quem tratava com ella; ao contrario, aquillo dava-lhe uma graça especial que a fazia mais formosa,

e não se podia olhar sem gosto e sem sorrir de satisfação aquelle pequeno corpo tão gracioso, sempre inquieto e sempre agitado por uma vitalidade mais que sufficiente para um corpo muitas vezes mais desenvolvido que o d'ella.

As paixoens em Annita eram violentas, e cheias de fogo; e ao mesmo tempo profundas e duradoiras, qualidade que raras vezes possuem os caracteres como os d'ella. Mas é que Annita tinha uma alma cheia de poesia e dotada de uma sensibilidade extraordinaria, que vibrava sempre egual em todos os sentimentos. Assim se o rosado das faces, se os olhos fulgurantes, se as palavras sêccas e estoiradas, se mesmo pequenos rugidos de féra revelavam n'ella o odio ou a raiva; tambem as lagrimas espontaneas, os soluços e uma anciedade dolorosa faziam sobresahir toda a compaixão pela desgraça e todo o desejo e toda a energia, com que procurava valer-lhe e fazêl-a acabar.

No amor, Annita era tudo.

Havia um anno que Henrique de Avelar, entrando em casa de uma desgraçada que estava a morrer, e a quem ia levar os soccorros da sua bolsa e da sua grande alma, encontrára de joelhos junto do leito da pobre mulher aquella rapariga formosa, debatendo-se quasi que louca com a impossibilidade de salval-a, e de poder, por falta de meios, poupal-a á sorte desgraçada de um hospital. Aquella mulher era mãe de Annita, que fôra casada com um pobre bedel do páteo, que morrêra havia já annos, antes mesmo que a filha soubesse balbuciar-lhe o nome.

A frieza sceptica, em que o espirito de Henrique havia cahido, cedeu diante d'aquella dôr tão profunda e

tão verdadeira. Henrique prestou todos os soccorros pecuniarios que eram precisos, e além d'elles fez tudo o que pessoalmente podia fazer. A mãe de Annita morreu, e ella esteve a morrer tambem de dôr; graças porém aos cuidados de Henrique, a pobre menina escapou da grave molestia que por este motivo a atacára.

O amor de Annita por Henrique principiou aqui. Primeiro foi a gratidão, depois pouco a pouco appareceu uma ancia e uma dedicação que aos dezeseis annos poucas mulheres conhecem o que é. Annita tinha sempre Henrique no pensamento, de dia e de noite; scismava n'elle de dia, sonhava com elle de noite, sentia o coração e as arterias pulsarem-lhe com mais força quando elle lhe apparecia, e sentia raiva de féra e ancia que a abafava, e lhe fazia derramar lagrimas que escaldavam, se por ventura o via sorrir para outra mulher. Pobre Annita! era o amor. Um mez depois de passar por tudo isto, Annita correu um dia para os braços de Henrique, e disse-lhe entre beijos e lagrimas de fogo tudo o que sentia por elle; Henrique tomou-a com frenesin entre os braços, beijou-a, acariciou-a com lagrimas de felicidade a correrem-lhe pelas faces abaixo. E' que Henrique sentiu que aquelle amor era real, e seria eterno; e conheceu que tinha por fim encontrado a felicidade.

Annita era portanto a amante de Henrique, mas d'estas amantes que os homens fazem por fim companheiras da vida para sempre, e que defendem até á ultima gôtta de sangue, se por ventura lh'as pretendem roubar. Mas da pintura que fiz d'aquelle caracter, bem se póde colher tudo o que Henrique havia de passar com ella, e tudo o que lhe havia de aturar. Annita era ciumenta como uma féra, desconfiava de um gesto, ralhava, bra-

dava, chorava de raiva, e chegava a ponto de sé arremessar muitas vezes a elle. Bem longe de se aborrecer d'esta excentricidade de sentimento, Henrique achava prazer n'ella, e não poucas vezes provocava com ditos, e irritava com mentiras o ciume violento da sua pequena amante. Ella depois de muito irritada, arrojava-se a elle como uma fera; Henrique colhia-a entre os joelhos, tomava-lhe entre as suas as duas pequenas mãosinhas, e, desviando o rosto para longe do d'ella, gosava ás gargalhadas do incendio d'aquellas faces, d'aquelle olhar enfuriado, d'aquelles rugidos surdos de raiva com que brigava por soltar-se das mãos d'elle, e satisfazer a sanha que tinha. Depois Henrique dizia uma palavra mais doce, logo uma meiguice, furtava-lhe então um beijo, chegava-lhe o rosto ao d'ella, ameigando-a, e depois soltava-a, e Annita cahia-lhe então nos braços, inteiramente transformada, meiga e carinhosa, e toda outra pela sublime poesia d'aquelle amor tão profundo que sentia por elle.

Tal era Annita; agora já o leitor poderá explicar a causa do pasmo de João de Mendonça, quando Henrique lhe disse que ia levar Maria para casa d'ella. Levar uma mulher formosa para casa de Annita! Quem poderia aventar até onde chegariam os effeitos da raiva que o ciume havia de irritar n'ella?

A casa de Annita estava mobilada com luxo. Henrique dera á mulher, que o amava, todas as commodidades que os seus grandes haveres lhe facilitavam, e Coimbra podia comportar. Assim quando o creado, ao signal particular de Henrique, abriu a porta, e por ordem d'elle levou a luz, com que alumiava, para a sala das visitas, Maria achou-se n'uma sala custosamente adereçada, e

preparada com o melhor gosto e elegancia. Este ar de sociedade desaffrontou o pulmão de Maria, que se sentia por fim na atmosphera onde havia nascido, e distante d'aquella onde a malvadez a arremessára um instante, e onde a afflicção se lhe centuplicava pela vista e pelo nauseabundo e asqueroso do logar.

Henrique deixou Maria só, e dirigiu-se ao quarto de Annita. Esta, sentindo abrir a sala das visitas, tinha depôsto a costura em que trabalhava, e ia a dirigir-se a saber o que era, quando a porta do quarto se abriu, e Henrique entrou para dentro d'elle.

—És tu, Henrique—disse ella, pendurando-se no pescoço do amante, cobrindo-o de beijos, e esquecendo no goso de o vêr toda a violencia da curiosidade que a fizera levantar.

—Eu mesmo, querida, e não venho só—respondeu Henrique, beijando-a.

—Não vens só? Trazes algum amigo; queres que mande fazer chá?

—Peço-te mais alguma coisa do que isso, Annita; manda fazer um caldo de gallinha. A pessoa que me acompanha é muito fraca, e carece de cuidados, que só a tua alma tão extremosa e tão cheia de amor é capaz de dar. E' uma mulher, Annita.

Annita franziu as sobrancelhas.

—Uma mulher!—disse ella, arredando-se do amante, e fitando-o com olhar desconfiado.

—Uma mulher, sim; uma mulher nova e formosa, um anjo de formosura, uma criança...

—Vou vêl-a—interrompeu Annita, dirigindo-se decididamente para a porta, com os olhos brilhantes como duas centelhas.

— Espera um momento, querida. Antes de tudo preciso fallar comtigo, e desprevenir-te de toda e qualquer apprehensão que o teu amor já tenha creado. Aqui não ha razão para ciumes, Annita, nem tambem é occasião de brincarmos; o tempo pede cuidados e sollicitudes carinhosas, e a desgraçada, que me acompanha, precisa de lagrimas e de meiguices que a consolem, e não de lances e de carinhos de namorado. Ouve-me, Annita, e estou bem certo que o teu coração ha-de inspirar-te depois tudo o que quero que faças; que ideio, mas que não sou capaz de exprimir.

Henrique narrou então a Annita tudo o que lhe tinha acontecido com Maria. Disse-lhe de quem era filha, as obrigaçoens que tinha para com a familia d'ella, e por fim pintou-lhe tudo o que a pobre menina soffrêra na casa da rua do Carmo, e quanto lhe tinha custado salval-a do espirito revolto dos estudantes.

Annita escutára-o ao principio desconfiada; depois as lagrimas começaram a correr-lhe pelas faces abaixo, e por fim, quando Henrique terminou, lançou-se-lhe nos braços abafada em soluços.

— Deus te abençôe pelo bem que fazes, Henrique — disse ella por fim — sempre o mesmo, sempre como com minha mãe...

Henrique apertou contra o coração, e cobriu de beijos e caricias a sua pequena amante.

— Vamos buscar a pobre menina, Henrique — continuou ella — Mas diz-me, ella fica a viver comigo, até que de todo se componham estas coisas...

— Não, ámanhã hei-de fazêl-a entrar ou em Santa Anna ou nas Teresinhas.

— E porque m'a não deixas ficar? Olha, em nenhuma parte a hão-de tratar como eu.

— E' verdade... porém, Annita, bem vês...

As faces de Annita córaram-se subitamente, e ella baixou os olhos arrasados de lagrimas.

— E' assim... não me lembrava... não póde ficar aqui. Não sou mulher digna de a ter comigo — balbuciou Annita a meia voz.

A entonação d'aquella voz tinha um não sei que de dôr e ao mesmo tempo de orgulho e de nobreza recalcada na alma, que Henrique sentiu-a bater nas faces com tamanha dôr e com um sentimento de orgulho offendido, egual ao da sua amante. Arrastado por aquella impressão, Henrique tomou de repente Annita nos braços, beijou-a na fronte e nos labios, e depois disse-lhe com os olhos cheios de lagrimas, mas brilhantes do enthusiasmo que a resolução animára n'elle:

— Mas has-de sêl-o um dia... em breve.

Ao ouvir estas palavras, a cabeça de Annita bateu desanimada no peito de Henrique; mas quando elle ia a leval-a ao sophá, Annita escorregou-lhe d'entre os braços, cahiu-lhe de joelhos aos pés, de mãos postas, os olhos humidos de lagrimas e o rosto rescendente da mais divina poesia — d'aquella poesia que a felicidade suprema do coração faz subir ás faces da mulher.

— Ergue-te, anjo... ergue-te; mais te devo eu — balbuciou Henrique, apertando a amante contra o seio.

E assim estiveram um momento.

— Vamos buscar Maria — disse Annita por fim, compellindo docemente Henrique para a porta.

Os dois desceram.

Quando Annita entrou na sala, achou Maria melan-

colicamente embrenhada em todas as recordaçoens que aquelle luxo fizera despertar n'ella. Com o rosto formoso e pallido voltado para o ceu, e os olhos e as faces arrasadas de lagrimas, a pobre menina recordava-se do tempo da sua innocencia, do amor e dos afagos de sua mãe, da estima dos que viviam com ella, e n'aquella dôr serena e profunda chorava no coração tudo o que perdêra, sem ao menos ter um momento o instincto de amaldiçoar quem lh'o fizera perder. Aquella dôr era a dôr de uma santa, a dôr de uma alma toda amor e incapaz de um só sentimento de odio; Maria havia de ir assim até á morte, sem mesmo sentir o orgulho de perdoar, porque Maria só sabia amar, e não sentia o crime de quem a offendêra, na santa resignação do amor celestial e angelico que tinha de essencia.

Annita dirigiu-se a ella, tomou-a entre os braços, e apertou-a ao coração, abafada em lagrimas, e sem poder dar uma palavra. Henrique ficára de pé junto da porta, abalado das mais violentas commoçoens.

Ao sentir-se cerrada contra o coração d'aquella criança tão formosa, e ao conhecer por instincto toda a verdade d'aquellas lagrimas que lhe cahiam sobre o rosto, Maria ficou mais desafogada do pêso da sua desgraça, e sentiu toda a felicidade que com ella podia sentir. As lagrimas sympathisam com as lagrimas, e a dôr fere menos sêccamente, quando se sente comprehendida pelas lagrimas, pelas caricias e pelas consolaçoens alheias.

— Maria — disse Annita por fim — aqui não estamos bem; este logar não é proprio para receber a quem se estima tanto do coração. Subamos para o meu quarto.

Maria cedeu maquinalmente, e com Annita e Henrique subiu para o logar onde a conduziram.

Então Annita fez sentar Maria n'uma volteriana, que approximou do fogão provisorio que tinha no quarto, ajoelhou-se junto d'ella, e tomando-lhe os pés no seio, pôz-se a aquecer-lh'os com os olhos cheios de lagrimas fitos n'aquelle rosto formoso.

—Maria—disse ella por fim—na nossa edade, quando se soffre de amor, é preciso ter resignação. A infelicidade nem sempre dura, e depois quem está para ser mãe...

—E' o que torna ainda maior a minha desgraça...

—O ser mãe!...

—Sim; o que faz a felicidade de toda a mulher que ama, é a desgraça para mim.

—Porém, querida menina, não sente em si, no coração, uma voz que lhe diz que se tivesse seu filho nos braços, teria mais forças para affrontar a desgraça?

—Não; estremeço só com a ideia de que tem de nascer, de que tem de vir ao mundo.

—Maria, não posso comprehender...

Maria fitou n'ella os olhos cheios de lagrimas.

—Por ventura sou casada?—balbuciou a meia voz, e como para não ser ouvida senão por Annita.

Esta deixou descahir o rosto para o seio.

Henrique comprehendeu a sua amante, e quiz tiral-a d'aquelle embaraço, em que Maria a tinha lançado, sem querer.

—Maria—disse elle—quando o amor e as intenções do homem que a mulher ama, justificam a existencia do fructo que ella traz nas entranhas, a mulher não tem de que córar. E' demorar por mais ou menos tempo a homenagem prestada ás necessidades da organisação social. Olhe para Annita; ama-me, e o amor

deu-lhe a coragem de encarar de face levantada toda a maledicencia do mundo. As suas palavras fizeram-na córar, não de ter cedido, mas de vêr-se accusada por um coração como o seu, na accusação que faz a si mesma...

Maria percebeu o mal que tinha feito sem querer; fitou então os olhos em Annita, juntou as mãos, e balbuciou suffocada em lagrimas:

—Oh! perdão!...

Annita tomou-lhe de repente as mãos entre as suas, beijou-lh'as uma e mil vezes, e depois disse-lhe em voz suave:

—Tem razão, Maria, é assim; é necessario muita coragem e muito amor para vencermos o pudor, e entregarmos a nossa innocencia ao homem que amamos.

—Mas essa coragem—disse Henrique—acha-a a mulher no coração, se ama, e se confia no homem que ama. Tudo o mais é desconfiar d'elle, tudo o mais é o egoismo a par do amor, é o amor a par do calculo, e o amor calculado não merece o nome de amor. Annita, quando cedeste ao meu amor, não acreditaste bastantemente na minha honra para sentires que havia de chegar um dia, em que eu reparasse o teu sacrificio, santificando-o aos olhos do mundo?

Annita lançou sobre Henrique um olhar cheio de amor e de gratidão. Depois voltando-se para Maria, accrescentou:

—Henrique tem razão, Maria; quando a mulher ama, e confia na honra do homem que ama, não chora o ter cedido, e não córa, se por ventura lhe apparece nas entranhas o fructo do seu amor, antes que o mundo sanccione com os seus usos o sentimento do seu coração.

— Porém o meu amor ficará sempre crime, e meu filho será repellido pelo pae.

— Mas isso é infame! — exclamou Annita, cujos olhos se illuminaram como dois carvoens accêsos

— Não diga tal, Maria — exclamou tambem Henrique — Fernão de Albernaz não merece que o tratem assim; Fernão é cavalheiro e homem de honra.

— E' Fernão? — disse Annita, olhando Henrique com todo aquelle fogo de que a sua organisação era capaz.

— E' — respondeu Henrique; e depois de um momento de silencio, continuou voltando-se para Maria:

— Maria, o nome de Fernão fez reviver dentro de mim todas aquellas angustias que soffri, quando lh'o ouvi pronunciar a primeira vez. No lugar onde estavamos então, não podia escutar a sua historia. Desejo sabêl-a; porém, direi com franqueza, tinha alli mêdo d'ella. Aqui, porém, Maria, o logar é outro; aqui posso ouvi-la, porque tenho quem me anime no mèio da angustia, se por ventura o procedimento de Fernão de Albernaz podér ser reputado infame.

E depois de um momento de silencio, continuou:

— As circumstancias, querida menina, exigem que desde ámanhã as grades de um convento se interponham entre nós. Ámanhã, portanto, já não poderemos recolher no seio as lagrimas da sua dôr; apenas poderemos testemunhal-as, e ouvir â distancia a narração da sua desdita. Diga-me, acha-se n'este momento com forças para nos referir o como principiaram as suas relaçoens com Fernão, e qual o acontecimento que tão desgraçadamente as interrompeu?

Maria deixou-se cahir a soluçar nos braços de Annita.

— Contarei tudo — disse ella por fim — tenho obrigação de lhe narrar a triste historia dos meus amores, e mesmo careço até de o fazer, para desabafar, e atar o passado com o presente, riscando para sempre da memoria essas quatro horas de agonia que passei no lugar, d'onde a Providencia me acaba de tirar por intermedio seu, senhor Avelar.

E poucos minutos depois, Maria começou d'esta maneira a sua narração.

IV.

«Foi nos méados de Setembro do anno passado que vi Fernão de Albernaz pela primeira vez. A minha familia estava então em Cintra na casa de campo, que meu tio possue ali.

« Era dia dos annos de minha mãe; tudo em casa estava em reboliço, porque meu tio, extremosamente amigo da irmã, nunca deixava passar aquelle dia, sem o festejar grandiosamente desde pela manhã até horas mortas da noite.

« Desde o dia anterior, a nossa casa achava-se occupada por um sem numero de pessoas, pertencentes ás familias principaes de Lisboa. O almoço tinha sido lauto, o jantar grandioso, e á noitinha as damas recolheram-se ao toalétte a prepararem-se para o baile que se approximava, e a que a alta consideração de que meu tio gosa, havia de attrahir tudo o que havia de grande em Lisboa, esperando-se até n'aquella noite a assistencia de uma pessoa real.

« Eu não sei porque estive triste todo aquelle dia; sentia uma angustia mortal no coração, uma coisa que me abafava, que me dava vontade de chorar. Estive

triste, mas tão triste, que não pude dominar inteiramente aquella melancolia, de fórma que todos a notaram, e meu tio, indignado de que houvesse alguem triste em casa em tal dia, sobretudo eu, reprehendeu-me asperamente, ameaçando-me de me fazer recolher de novo ao convento, d'onde tinha sahido para sempre no dia da nossa partida para Cintra.

«Minha mãe foi a unica pessoa que se não mostrou agoniada com a minha tristeza. Ao principio empregou astuciosamente todos os meios para penetrar o motivo d'aquella afflicção; mas desenganada de que ella partia de dentro, e que era verdade o que eu lhe dizia quando negava ter razão para estar triste, acariciou-me, disse-me que chorasse, e depois fingiu não dar attenção á minha melancolia, apesar de continuamente me andar espreitando com anciedade. Lembra-me bem o que ella disse a meu tio, para o apasiguar na cólera que contra mim tinha. Minha mãe attribuia a minha tristeza aos caprichos dos meus nervos de mulher com dezeseis annos de edade. Fernão disse-me depois que é assim que o instincto adverte á mulher que é chegada á edade de amar. Tristes mulheres, que soffremos até no primeiro alvorecer do amor! Hoje, porém, acredito que aquella tristeza era o presentimento de que, desde aquelle dia, começava a correr um futuro desgraçado para mim.

«Desde o meio da tarde aquella afflicção começou a abrandar. Era ao pôr do sol, e eu estava sentada a uma janella do andar baixo da casa, onde se sentia o frescor da brisa refrigerante do mar, que ia acalmando cada vez mais aquelle meu estado afflictivo, quando dois esbeltos cavalheiros entraram a galope para dentro do pateo da entrada, sobre o qual lançava a janella onde eu estava.

« Um d'elles era meu irmão Guilherme, o outro chamava-se Fernão de Albernaz, como o soube poucos momentos depois de chegarem.

« Conhecem bem Fernão de Albernaz, por isso escuso descrever-lhes a sua figura; deixem-me só recordar-lhes, que, a cavallo, a compostura e a belleza de Fernão centuplica em valor, e sobresahe por tal fórma, que meu irmão, que apesar de pertencer á marinha, cavalga com a maior perfeição, e é reputado um dos mais elegantes cavalheiros de Lisboa, parecia, a par d'elle, desairoso e acanhado.

« A chegada de meu irmão era uma verdadeira surpreza. O navio, em que navegava, havia chegado inopinadamente n'aquella tarde, e Guilherme alcançára do commandante licença para vir assistir aos ultimos festejos dos annos de nossa mãe. Amo extremosamente meu irmão, que apesar de muito mais velho do que eu, afez-me com as caricias extremosas que sempre me fez, a amal-o com toda a alma, a amal-o como se ama uma pessoa necessaria á nossa existencia. Havia dois annos e meio que o não via; ao reconhecêl-o, soltei um grito, e lancei-me toda pela janella fóra com os braços estendidos para elle. Guilherme metteu o cavallo a galope para o logar onde eu estava, tomou-me as mãos que banhou de lagrimas de alegria, e beijou uma e mil vezes com o frenesin d'aquelle amor com que me presava, e depois de satisfazer aquelle impeto da sua amizade por mim, voltou-se para o seu companheiro, que se tinha approximado, e se conservava a pequena distancia, e disse-lhe com os olhos cheios de lagrimas de alegria:

« — Fernão de Albernaz, apresento-te minha irmã.

« Depois continuou, voltando-se para mim:

«— O logar não é muito proprio para fazer uma apresentação, querida Maria; mas como és a pessoa que mais amo no mundo, desculpa a inconveniencia ao vivo desejo que tenho de que sejas tu a primeira pessoa de casa, a quem apresente o cavalheiro Fernão de Albernaz, o meu melhor amigo.

« Fitei então pela primeira vez o companheiro de meu irmão. Aquella pallidez marmorea e fria que lhe conhecem, estava então animada por um sorriso que significava mais dò que simples civilidade, e os olhos brilhavam-lhe com aquelle brilho refulgente e sobrenatural, que só lhe vi depois nos momentos, em que estava a sós comigo, nos tempos ditosos em que era amada por elle.

«Não sei explicar ó que senti então dentro de mim. Pareceu-me que uma nova vida me corria pelas veias, senti-me animada por uma aspiração sobrenatural para um mundo que não distinguia, e a minha melancolia cedeu de repente a uma alegria tão louca, tão exaltada, que, apesar de Guilherme me recommendar muitas vezes que procurasse rodeios para communicar a minha mãe a noticia da sua chegada, annunciei-lh'a tão estouvadamente e tão fóra de mim, que minha mãe apanhada de surpreza por aquelle abalo, cahiu redondamente desmaiada no chão.

« Meu tio, sabedor pelas criadas da chegada de Guilherme, tinha corrido ao encontro do sobrinho que presava sobre todas as coisas. A chegada de meu irmão em tal dia fazia-o o homem mais feliz d'este mundo. Lembra-me bem; a coincidencia venturosa que teve então lugar, fez-lhe perder de tal fórma a cabeça, que lhe desmanchou de todo a gravidade austera que lhe recom-

punha estudadamente o gesto, de maneira que parte dos convidados correram espavoridos ao pateo, attrahidos pelos gritos de felicidade, que o bom do velho soltava, agarrado como um louco ao pescoço do sobrinho..

«Quando minha mãe, acordada nos braços do filho, esteve em estado de receber os cumprimentos dos seus convidados, eu, que tinha perdido a ideia de todas as coisas para unicamente seguir Fernão com os olhos, vi meu tio approximar-se com elle pela mão, e dizer a minha mãe:

«—Minha irmã, tenho a honra de te apresentar o excellentissimo senhor Fernão de Albernaz, representante de uma das familias mais nobres da Peninsula.

«A esta apresentação gongoricamente heraldica, e que embaraçou visivelmente Fernão, meu irmão accrescentou com tanta ihtimativa a noticia de que aquelle homem era o seu melhor amigo, que minha mãe, para quem tudo o que respeitava ao filho era n'aquelle dia sagrado, estendeu-lhe a mão com os olhos cheios de lagrimas, e levou a d'elle aos labios com a mais viva effusão do coração.

«Seguiu-se o baile. A minha alegria tinha-se tornado tão estouvada e tão louca, e contrastava tão visivelmente com a tristeza de todo o dia, que se tornou notavel a toda a gente. Felizmente porém que todos a attribuiam á impressão da inopinada chegada de meu irmão. Ninguem era mais feliz do que eu n'aquelle momento; Fernão de Albernaz tinha dansado apenas uma vez comigo, nada me tinha dito d'amor, tinha-me até fallado no tom impassivel e glacial com que fallava a todos, e comtudo a minha alegria era instinctiva, era mais poderosa que os esforços que fazia para dominar os effei-

tos estouvados d'ella. Sentia-me feliz só com a presença d'aquelle homem, só com o ter ali, porque era ainda tão indefinivel o sentimento que tinha por elle, que não me lembrava até então, não digo de perguntar ao meu coração se o amava, mas até de attribuir á presença d'elle aquella alegria enthusiastica que me animava. Tinha então dezeseis annos mal cumpridos, e ainda nenhum homem me tinha explicado a palavra *amor*, que apenas conhecia dos livros que as freiras me tinham emprestado.

« O baile findou, eram tres horas da madrugada. Durante elle não recebi de Fernão prova alguma de que me notava no meio das outras mulheres; apenas n'uma occasião, em que os meus olhos o foram encontrar encostado no desvão de uma janella, com os braços encruzados e o rosto glacial e impassivel voltado para a multidão, pareceu-me que os seus me fitavam com um olhar distrahido, mas ao mesmo tempo prescrutador.

« Apesar das vivas instancias que fez a minha familia, para que ficasse aquella noite em nossa casa, Fernão insistiu em partir para Lisboa, arrimado tenazmente á escusa de que o fresco da madrugada lhe era preciso para refrigerar a cabeça escandecida pelo tumultuar do baile.

« — Bem sabes, Guilherme — disse elle a meu irmão, — que desde que fui para o Oriente, não tornei a assistir mais a tal genero de festas, e conheces o mal que me causam tantas luzes accêsas, tantos perfumes, o borborinho confuso de muita gente, e sobretudo o revolver encontrado e contínuo de muitas pessoas a passar-me diante dos olhos, em estreito espaço e por tantas horas a fio. Deixa que parta.

« Fernão de Albernaz partiu, promettendo vir jan-

tar comnosco no dia seguinte. Conheci então que era á presença d'elle que devia toda aquella alegria agitada que me animava. Mal o perdi de vista, cahi n'uma abstracção indefinivel em que nada via, nada ouvia, e nada pensava, e que meia hora depois se transformou n'um aperto de coração que me abafava o alento, e me fazia mais triste e mais melancolica do que estivera antes. Receiosa que esta mudança repentina, posta a par com a que em mim se manifestou com a chegada d'elle, não désse em resultado deducçoens que argumentassem contra a innocente dignidade dos meus virgens dezeseis annos, retirei-me ao meu quarto, antes mesmo que os convidados acabassem de despejar a casa.

« Mal me vi a sós comigo, lancei-me sobre a cama a chorar com tanta afflicção como se minha mãe tivera morrido. A fallar a verdade, aquellas lagrimas e aquella angustia era toda espontanea; a minha razão não as comprehendia. Via-me chorar, e sentia-me abafada por um pêso insoffrivel de afflicção, da mesma fórma que se estivesse vendo e sentindo em outra pessoa. A minha cabeça, a minha razão pasmava, e perguntava o motivo de tudo aquillo. Porque razão chorava eu? porque estava afflicta? Não o sabia. Lembrando-me que fôra a chegada de Fernão de Albernaz que me expellira a primeira melancolia, e que depois a sua ausencia me tornára a lançar em outra ainda mais viva, cheguei a interrogar-me a respeito da impressão que elle fizera sobre mim. A minha razão foi quem respondeu, e a minha razão nada me disse que explicasse aquella agonia singular. Aquellas lagrimas eram lagrimas do coração, e eu tinha interrogado a cabeça que nada me podia responder. Ainda então não sabia que o amor entra no co-

ração muito tempo antes que a razão o reconheça, e se interésse finalmente por elle.

« Dizem, Annita, que a mulher, quando chega á edade de amar, sente os primeiros rebates d'aquella necessidade fatal em anceios indefiníveis, em lagrimas sem causa, e em imaginaçoens que tresvairam em procura de uma baliza com que não sabem acertar. Depois, quando sente pela primeira vez o amor, nos primeiros sonhos que tem, sonhando acordada com aquelle que lh'o inspirou, nos primeiros dias da sua paixão, a imaginação da mulher cria um futuro todo engrinaldado de flôres, e perfumado pelos mais suaves perfumes. Os seus primeiros castellos no ar são o paraizo, são o eden, tanta é a felicidade e tão risonhas e venturosas as imaginaçoens com que decora o futuro que tem de viver a par do homem que adora. Como vê, Annita, eu não fui assim; as lagrimas foram os precursores d'este amor; era o presentimento de que havia de ser desgraçada.

« Fernão voltou no dia seguinte como tinha promettido. A sua chegada não restaurou porém a minha perdida alegria. Cahi então no meio termo entre ella e a angustia do dia passado. Desde então entrei n'uma seriedade melancolica, n'uma meia abstracção triste, contra a qual me combatia debalde. Era em vão que pretendia doidejar como até então costumava, debalde tentava recomeçar os mil caprichos phantasiosos e quasi infantis com que me espairecia nos dias atraz; todos os meus esforços foram baldados, tudo era frio, desageitado e sem graça. Tudo era forçado, tudo denunciava o empenho que tinha em parecer o que verdadeiramente não era.

« A sós com a minha familia e desaffrontado da ce-

remonia que o dominava no dia anterior, Fernão pareceu-me ainda mais bello, e ainda mais homem. Pintava com graça e como em daguerreotypo os lugares e as maravilhas que tinha visitado nas suas viagens; narrava estas com singeleza e sem engrandecimentos, e quando tocava em algum ponto onde corrêra perigo de vida, e d'onde o salvar-se quasi fôra milagre de coragem, fazia-o sem ostentação, mas dava ás palavras uma expressiva tão varonil e tão bem tracejada, que eu sentia-me animada por um enthusiasmo sobrenatural, e ao mesmo tempo tremia de mêdo e de terror, como se o estivera a vêr luctar entre os braços da morte.

« Fernão de Albernaz ficou comnosco tres dias, ao cabo dos quaes despediu-se de nós, e partiu. Ouvi então dizer que fôra frequentar a Universidade, onde já tinha cursado em tempos atraz. Nos fins de Novembro, já tinhamos voltado para Lisboa; Guilherme partiu tambem; deixou-n'os, e foi embarcar para Macau, para onde o navio, em que servia, era mandado. Durante este tempo conheci que amava Fernão com todas as veras da minha alma. Oh Annita! que lagrimas me não custou a consciencia d'aquelle amor! Durante o tempo que estivera comnosco, Fernão não me dera o mais ligeiro signal que me esperançasse uma paixão que um dia correspondesse á minha. Tinha-me tratado com a civilidade com que se trata uma senhora, de mistura com uma certa expressão de amizade que era dívida, e dívida sagrada no meio de uma familia a que pertencia o seu amigo, e que no espaço de tres dias se afizera ao trato d'elle, de fórma que a sua partida custou lagrimas sinceras.

« Ai, Annita, que Deus não infelicite outra mulher

com penas eguaes ás que soffri durante aquelle tempo! Eu amava-o com todo o coração, e não tinha esperança de ser amada por elle!—mesmo tornal-o-ia a vêr? Annita, Annita, aquella agonia só póde ser equiparada com a que soffro agora.

« No primeiro de Janeiro d'este anno, eu e minha mãe iamos a sahir, acompanhadas por meu tio, quando, ao descer da escada para o vasto pateo da casa, encarei de subito com Fernão que entrava n'aquelle momento o portão. Aquelle encontro tão inesperado e em tempo em que mais desesperada andava de o tornar a vêr, tolheu-me de todo os sentidos. Fiquei pasmada, a luz fugiu-me dos olhos, e não sei que forças me sustiveram de pé que não cahi; a minha pallidez devia porém ser tão mortal e tão ameaçadora, que ainda vi os olhos de Fernão luzirem com aquella viveza sobrenatural que ás vezes os anima, e as faces amarellecerem da côr de um cadaver. Quando voltei a mim, senti minha mãe e meu tio a cumprimentarem-no com a mais viva alegria. Meu tio sobretudo dava a mais cordial expansão ao seu contentamento, ao vêr o homem a quem tanto se affeiçoára, quando o tivera por hospede em Cintra, e que conheceu n'uma occasião de tão grata lembrança para elle.

« Fernão de Albernaz respondia então á pergunta que lhe tinham feito.

«— Cheguei hontem de Alcobaça — disse elle — Ando aproveitando as ferias do natal e o bello tempo de que vieram acompanhadas, a visitar alguns dos nossos monumentos historicos, que ainda não tinha visto. Acabo de vêr a Batalha, Aljubarrota e Alcobaça; depois de ámanhã parto para o Algarve, onde penso gastar os dias que me restam com mais oito ou dez que determino furtar

ás aulas, a visitar os lugares d'onda o grande infante D. Henrique despedia os intrepidos navegadores, que prepararam a descoberta da India.

« Fernão não viera a Lisboa por minha causa, nem mesmo tencionava demorar-se ali! Valiam mais para elle meia duzia de pedras derrocadas, que todo aquelle fino amor que eu sentia! Fernão não me amava.

« Meu tio queria á fina força prescindir do passeio, e obrigar Fernão a subir, mas elle recusou tenazmente, promettendo visitar-nos no dia seguinte. Meu tio cedeu, mas com a condição de elle vir jantar comnosco, o que tambem prometteu. Elle metteu-se na sege em que viera, nós entramos no nosso caleche, e partimos em direcçoens oppostas.

« Que lagrimas não chorei n'esse dia, Annita! Fôra terrivel o desengano que tivera. Até então ainda no meio da minha agonia luzia-me de quando em quando uma tibia luz de esperança que me consolava sequer um momento. Podia domar ás vezes o meu desespêro a ponto de poder acreditar que Fernão havia de ser meu. Que embaraços haviam para isso? Mas agora!... Agora ficava-me cerrada de todo a porta da esperança; o meu amor não tinha futuro; Fernão não me amava, fôra dos seus labios que ouvira a minha terrivel sentença.

« No dia seguinte, Fernão viera como promettêra. Meu tio assenhoreou-se de quasi todo o tempo que elle esteve comnosco, deixando-lhe muito poucos minutos para fallar exclusivamente com minha mãe. O bom do velho não se fartava de ouvir fallar do sobrinho que amava, e provocava, e escutava attentamente narraçoens onde sabia que o nome de Guilherme havia de andar forçosamente envolto. Meu irmão fôra companheiro de

Fernão de Albernaz em uma viagem á China e ao Japão, e comsigo o trouxera a Portugal, a bórdo do navio em que navegava. Minha mãe escutava gostosa estas narrativas; eu desejava-os a ambos longe de mim e d'elle, e ao mesmo tempo, imaginando-me a sós com elle, estremecia, os membros corridos de pavor.

« Fernão de Albernaz partiu como dissera. A sua vinda a Lisboa fizera-me um mal terrivel; apagára-me de todo a luz da esperança, matára-m'a no coração. O meu desespêro chegou onde podia chegar; a agitação febril em que d'antes me trazia o angustiar do espirito, trocou-se em agonia fria e glacial, um como espinho contínuo dentro do peito. Soffria como poucas vezes se soffre; mas não sentia senão dentro da alma, que tinham-me abandonado as forças, a vitalidade que traz o soffrimento ás faces, aos olhos e ás acçoens. Era verdadeiramente um cadaver galvanisado por uma grande dôr do coração. Não chorava, não ria, não sentia dôr, nem prazer. Oh! Deus permitta que não torne a haver outra tão desgraçada como eu!

« Este estado de agonia lenta devia produzir o que produziu. Nos principios de Maio, os medicos declararam-me em começo de phtisica, e mandaram-me sahir a toda a pressa para o campo. Minha mãe e meu tio, apavorados, levaram-me immediatamente para Cintra. A minha vida continuou a ser o que tinha sido, e a molestia avançava, a despeito de todas as invençoens e artificios de medicamentos, com que a medicina procurava suspender o desenlace terrivel, com que ella me ameaçava a final.

« Estavamos quasi nos meados de Junho, e um d'esses dias que amanhecêra lindissimo, tinha continuado

tão da mesma fórma, que minha mãe conseguira vencer a minha resistencia a tudo que era chegar á janella, e trouxera-me, quasi ao sol posto, a uma das do meu quarto, que dava sobre o pateo da entrada da casa, a gosar do frescôr aromatisado que nos chegava do mar. N'isto sinto entrar á rédea solta um cavallo no pateo, oiço o tropel parar de repente, e dizer estas palavras na voz de Fernão de Albernaz:

« — A senhora D. Maria como está? Disseram-me que estava muito doente?

« Aquella voz fez-me erguer maquinalmente. Curvei-me sobre a janella, e olhei para baixo. Meu tio tinha a mão direita apertada na de Fernão, e com a esquerda apontava para a minha janella, fallando em voz baixa. A cabeça de Fernão ergueu-se de repente, e os seus olhos fitaram-se chammejantes nos meus. Não sei o que senti; ao ouvir aquella voz que a primeira palavra que eccoára, fôra o meu nome; ao sentir bater-me nos olhos as vivas chammas que sahiam dos olhos de Fernão ao cravarem-se nos meus, senti correr-me nas veias uma vida nova... senti que sarava... senti que era amada, e cahi desfallecida nos braços de minha mãe. ».

Ao dizer estas palavras, Maria deixou cahir a cabeça no seio de Annita. A pobre menina sentiu precisar de refazer as forças, em lagrimas e soluços, para poder continuar a narração dos seus amores.

— Coragem, Maria — disse Henrique em voz tremula — coragem. Os dias de felicidade não passaram para sempre. Fernão amou-a? Fernão ama-a ainda; eu conheço-o bem.

Maria ergueu o rosto banhado de lagrimas, juntou as mãos como a agradecer-lhe aquellas palavras, e a re-

cordação da sua felicidade passada prestou-lhe momentaneamente aos olhos um brilho rapido de esperança.

Depois continuou d'esta maneira:

« Quando voltei a mim, achei-me nos braços de minha mãe, e ao lado meu tio cheio de afflicção, e Fernão, de pé e immovel, mas pállido qual morto, e os olhos chammejantes fitos em mim. Aquelle olhar fez criar nova vida no meu corpo, fascinou-me, e eu ergui-me com os olhos humidos de lagrimas cravados no homem que amava.

« Então o rosto de Fernão tomou uma outra expressão. Aquella impassibilidade glacial, que o cobria contínuo, desconfrangeu-se um pouco, assomou-lhe nos labios um sorriso gracioso, e depois de me consolar e de me dar as maiores esperanças de melhoras na molestia que soffria, accrescentou:

« — O que sinto, minhas senhoras, é vêr-me obrigado a incommodal-as em occasião tão pouco azada para soffrer incommodos. Não tenho porém remedio; o senhor Antonio da Fonseca obrigou-me a prometter-lhe com palavra de honra que passaria aqui as ferias inteiras. Assim desde já previno a vv. ex.as que tem de me soffrer quatro mezes. Quatro mezes! é uma eternidade; em compensação porém e para não faltar á palavra com que me obriguei, offereço desde já mais um enfermeiro para acompanhar a senhora D. Maria.

« Ninguem comprehendeu como eu o sentido d'aquellas palavras. Ia ter Fernão junto de mim quatro mezes, e por vontade d'elle, e porque de certo me amava... pois a voz d'elle m'o dizia, porque aquelle cumprimento n'aquella occasião nada mais era do que mais uma consolação que me dava para me alentar a resis-

tencia contra a terrivel molestia que me minava. As lagrimas arrebentaram-me em fio pelos olhos fóra, e eu cravei-os n'elle, e com elles lhe agradeci tão do fundo d'alma e tanto do coração aquella noticia, que supponho que a minha gratidão transluziu n'elles tão viva e tão expressiva, que os d'elle corresponderam-me, humidos tambem. Foi a primeira vez que lhe vi as lagrimas. Fiquei tão perturbada, que, sem saber o que fazia, pedi a minha mãe para me retirar, passei por elle sem lhe dizer nada, e recolhi-me ao meu quarto de dormir. Ahi, quando a sós comigo, desabafei em lagrimas e suspiros toda a felicidade que sentia, e em outros de gratidão a agradeci uma e mil vezes a Deus e á imagem de Fernão.

« O mysterio rasgou-se então aos olhos de minha mãe e de meu tio. Eu amava Fernão de Albernaz — mas era por ventura amada por elle, por elle homem que tinha vivido em tão grandes e variadas sociedades, e que era de mais a mais senhor de riquezas immensas e representante da casa mais fidalga de Portugal, o que lhe dava direito a pretender ás mais elevadas allianças? O procedimento d'elle, o cuidado que mostrára por mim, o aspecto do rosto durante o meu desmaio, tudo n'uma palavra fizeram acreditar os dois que Fernão não me olhava com indifferença. Como paes alegraram-se do futuro brilhante que aventavam á filha, como cavalheiros confiaram da honra de Fernão de Albernaz e da dignidade que me suppunham na alma... »

Ao dizer estas palavras, Maria soltou um grito doloroso, cobriu o rosto com as mãos, e escondeu a cabeça no regaço de Annita.

Aquelle grito era a mais pungente expansão do re-

morso que feria uma alma nobilissima, ao sentir que desdissera da nobreza da confiança com que se acreditára n'ella; era o grito do pejo de uma alma adornada das mais generosas aspiraçoens, ao sentir que o seu proceder a desauthorisára diante dos olhos do mundo, e a fizera descer até á fieira das almas villãs; era em fim a expressão da dôr e do remorso que infernava a alma de uma filha, que tinha pago com as torturas de uma angustia despedaçadora o affecto carinhoso e a generosa confiança da mãe, por quem era estremecida.

Henrique percebeu toda a dolorosa significação d'aquelle grito, e conheceu desde logo que para aquillo não haviam consolaçoens. Assim, fez signal a Annita que socegasse, e deixou Maria desafogar em lagrimas e suspiros toda a agonia d'aquelle pensamento terrivel.

Maria levantou por fim o rosto; depois, como quem pensa que os outros não deram a intelligencia devida a um acto, cujo segredo pretende reservar-se, limpou as lagrimas sem fazer caso de as explicar, e atou d'esta maneira o fio da sua historia:

« Fernão de Albernaz começou a sua vida de familia entre nós, tratado de fórma que todos que o presenciassem, o cuidariam filho predilecto e mimoso da casa. Além da maior franqueza e até desleixo com que o tratavam, não se escondendo d'elle nem mesmo para fallar os mais intimos negocios da familia, meu tio e minha mãe pareciam apostados a caprichar em exceder-se um ao outro em carinhos e consideraçoens para com elle. Fernão pagava como cavalheiro este procedimento, pagava-o como o póde pagar um homem de condição afidalgada e generosa. Por tal fórma se soube misturar na familia, prestando-se com tanta naturalidade a todos

os serviços e a todos os acasos, que são o diario viver d'ella, que fez inteiramente esquecer que lhe não pertencia. Em poucos dias toda a familia afez-se a elle de fórma que parecia que o tinham visto nascer, que a sua presença era necessaria como se elle tivesse vivido ali desde que nascêra, e que em fim, se por ventura se acertava a fallar na partida d'elle, sentiam-na d'antemão com tanta dôr, como se meu irmão Guilherme estivesse para partir, e cada um se refocilava da saudade na esperança de que necessariamente havia de tornar.

« A unica pessoa que não pensava assim, era eu. Eu separava distinctamente Fernão de toda a minha familia; porque não via n'elle um irmão, mas um amante, mas um esposo; porque o não estimava, amava-o. A minha cura foi rapida, os medicos tiveram-na por milagre da natureza; mas o que foi verdadeiramente, foi um milagre do amor. A presença de Fernão, os seus cuidados para comigo, a franqueza de maneiras com que soube em breve tempo vencer-me o acanhamento, tudo isso tinha sido bastante para reconstruir o meu organismo, e dar-lhe as forças precisas para reconquistar em menos de um mez o perdido vigor.

« Mas não me dê por inteiramente feliz, Annita; não cuide que por que recuperei a saudade, rehavi tambem outra vez aquella doce paz de espirito, que frue a mulher que tem a certeza de que é amada pelo homem que ama. Tinha já passado quasi mez e meio, e Fernão ainda me não tinha dado a menor garantia do risonho futuro que a minha esperança antevia. Eu só tinha esperanças, e essas tinham unicamente por base a felicidade de o vêr todos os dias, as attençoens carinhosas que tinha por mim, e a recordação do seu proceder, a primeira vez que

me vira depois que por elle me estava finando de amor. Se tudo isto era bastante para me fazer renascer a esperança, não o era porém para me aquietar o desasocego de espirito em que andava, e para suspender a causa das muitas lagrimas que chorava, todas as vezes que a lembrança da sua indifferença em amor se atrevia ao doce fundamento das minhas alegres e risonhas esperanças. Fernão ainda me não tinha dito uma só palavra d'amor. Todos os dias me acompanhava ao passeio, ora só, ora com minha mãe; mas só ou acompanhado, era sempre a mesma coisa, sempre todos os cuidados, todas as attençoens, todos os carinhos de um irmão; mas nem uma só vez uma palavra de amante. E eu não queria Fernão para irmão, queria-o para amante, queria-o para esposo.

« O meu desasocego ia augmentando lentamente, e o rosto principiava outra vez a dar signaes de que o meu pobre corpo não poderia aturar muito tempo aquella nova agonia, quando um acontecimento, que nunca pensei, me fez a mulher mais feliz d'este mundo.

« Fernão sahiu á caça um dia. Todas as vezes que isto acontecia, ia eu consumir as longas horas da sua ausencia sentada n'um mirante, que tinha vista para os lugares, por onde elle voltava. Eu levava um livro para lêr, mas não lia, chorava. Logo ás primeira linhas a lembrança da indifferença do homem por quem morria de amor, fazia-me correr as lagrimas, e as lagrimas tiravam-me a vista. N'esse dia fui como costumava para o mirante, e nunca como n'elle me pesou a afflicção anto sobre o peito. Quiz embalde distrahir-me, o anceio foi mais forte do que eu; por fim arrebentei n'uma torrente de lagrimas. Encostei a face á mão direita, cujo braço

apoiava sobre o anteparo da varanda, e, apesar das lagrimas, alonguei a vista por aquelles sitios fóra, a vêr se mitigava aquella dôr. Tudo foi debalde; a agonia crescia, as lagrimas toldavam-me a vista, os suspiros abafavam-me, e no auge da afflicção soltei um grito, e chamei duas ou tres vezes pelo nome de Fernão.

« De repente senti rugir as folhas sêccas das arvores por detraz de uma parede de roseiras, que faceava um dos lados da rua, onde havia o mirante; vejo as roseiras separarem-se aos lados, e Fernão sahir d'entre ellas com o rosto inflammado, e os olhos reluzentes de um brilho sobrenatural.

« Dirigiu-se a mim, tomou-me as mãos com força, contemplou-me um momento, depois exclamou em voz abafada:

« — Maria, tu amas-me?... tu amas-me?

« Tive mêdo d'aquelle homem; cahi de joelhos, ergui as mãos, e mal pude tirar da garganta estas palavras sómente:

« — Oh! amo... amo...

« — Anjo!.. anjo!.. — balbuciou elle, erguendo-me pelo meio do corpo, e tomando-me entre os braços. Apertou-me então com frenesin contra o seio, deu-me um beijo ardente na fronte, depois deu um salto para o lugar por onde viera, e desappareceu entre as roseiras. Eu senti-o fugir, correndo como um louco.

« Aquellas palavras, aquelle beijo, aquelle olhar fizeram-me a mulher mais feliz d'este mundo. Estive louca um momento, e na minha loucura lancei-me a correr para casa, entrei no meu quarto da mesma fórma, e ahi me atirei de joelhos diante de uma imagem da Virgem, e, fronte em terra, lhe agradeci fervorosa-

mente aquelle primeiro alvorecer da felicidade no meu desgraçado amor.

« Esperava achar Fernão em casa, mas não o achei, nem voltou senão á noite como costumava. O modo de me tratar não fez differença do que até ali tinha sido; mas nos seus olhos havia alguma coisa de divinamente inspirado que me fazia descer ao seio a felicidade em torrentes. Quando foram horas de nos recolhermos, Fernão beijou-me a mão, como costumava; mas aquelle beijo era tão ardente, e os labios tão incendiados que me queimaram a pelle. Oh! que noite de felicidade passei!

« No dia seguinte sahi, depois de almoço, com elle a passeio. Apesar de irmos sós, Fernão continuou a tratar-me com a doce familiaridade de irmão, com que sempre me tratava, mas notei que dirigia o passeio para o lado do mirante. Mal chegados a elle, fez-me sentar no lugar onde me encontrára no dia atraz; elle sentou-se aos meus pés, e cravou os olhos no meu rosto. Então a sua physionomia começou a animar-se da expressão do amor mais poetico; tomou-me as mãos entre as suas, e depois continuou com os olhos fitos em mim, com um sorriso d'amor celestial nos labios. De repente as feiçoens tomaram-lhe uma expressão negra, largou-me as mãos, e pôz-se a passear agitado, e murmurando comsigo palavras que eu não percebia. Alguns minutos depois parou diante de mim, olhou-me com um olhar distrahido, logo fitou-me firme, mas com o aspecto glacial e impassivel que lhe conhecêra, e disse-me d'esta maneira:

« — O dia de hontem, querida Maria, foi um dos mais felizes da minha vida, e de certo aquelle em que melhor avaliei a felicidade. Se tu soubesses o que póde

ser a vida de um homem, poderias apreciar ao justo a ventura d'aquelle que sente imperiosa a vida do coração, e que depois de uns poucos de annos do desalento tormentoso, que a experiencia produz, sobe do inferno, onde se volve continuo na convicção de ser impossivel a felicidade de que precisa, para um ceu de verdadeiro amor, onde gosa realisados todos os sonhos que tinha. Imagina a luz feita de repente nos olhos de um cego; imagina o afogado que, ao debater-se na ultima agonia, sente mão salvadora a arrancal-o para fóra do perigo, e pódes ter um vislumbre da ventura que sinto — um vislumbre, porque n'estes ha apenas o soffrimento do corpo, em mim havia a desgraça da alma, mil vezes mais tormentosa, e tão superior áquella quanto o espirito está superior á materia.

« — Ha um anno que me amas, não é assim, Maria? Eu amo-te tambem desde a primeira vez que te vi. E comtudo, anjo, apesar d'esse amor ardente e desvairado com que te quero, apesar de reconhecer que te matava a minha indifferença, apesar de na tua vida estar desde esse dia encerrada a existencia da minha — porque se esse amor te matasse, Maria, o meu desespêro tocaria as ultimas raias, e o suicidio era o meu unico abrigo — apesar de tudo isto, não ousava provocar a confissão do teu amor, apavorava-me a ideia de salvar por esse meio a tua e a minha existencia. Oh! abençoado o momento, anjo do ceu — continuou Fernão, cahindo aos meus pés com o rosto animado por uma expressão celestial de felicidade — abençoado o momento em que a tortura da tua agonia te arrancou aquelle grito doloroso, que tão bem patenteou aos meus olhos o amor com que me amas. Pobre innocente! tenho-te feito soffrer sem culpa; a

maldita sciencia do mundo fez-me confundir o teu amor, puro como o dos anjos, com o fogacho mentiroso e tôrpe com que a sociedade actual insulta o mais nobre e o mais delicado dos sentimentos com que Deus adornou a alma do homem. Tu és na verdade um anjo; as outras são apènas mulheres.

« E assim dizendo, Fernão ergueu-se com o rosto outra vez carregado e severo, e pôz-se de novo a passear distrahido. Sentou-se finalmente junto de mim, tomou-me as mãos entre as suas, e continuou então a fallar pouco mais ou menos da maneira seguinte:

« — Maria, amo-te como se póde amar n'este mundo, amo-te como se ama a felicidade, como se ama a vida ao sahir para fóra de um grande perigo. Ha dez annos bastava só este amor, para ligar a minha vida eternamente á tua; hoje não. Assim como então uma só palavra sahida da tua bôca me convenceria de que era amado por ti, e hoje não foi bastante para isso o espectaculo de uma agonia que por mais de um anno ameaçou a tua vida, apesar de eu ter ha mais de um anno a minha pendente d'ella; da mesma fórma tambem este amor que sinto por ti, não é sufficiente para arriscar a tua e a minha existencia n'uma ligação que durará o que ellas durarem. Preciso de alguma coisa mais, anjo; escuta-me portanto.

« — Eu já não sei amar como amava ha dez annos, Maria. O amor que posso offerecer hoje é de certo mais profundo, mais sentido, porque tem o fogo acrysolado no desalento com que a experiencia me torturou, e no desespêro do impossivel que trouxe por tantos annos diante da alma; mas já não tenho o enthusiasmo que cega, para quem não ha senão amor, que não vê senão

aquella que ama. Esse temperou-m'o a razão, e a experiencia matou-m'o de todo. N'aquelle tempo a mulher, que me amasse, bastava ter só amor; hoje careço de mais, de muito mais.

« — Maria, eu gastei essa qualidade pura e enthusiastica do amor nos lances aventurosos de uma sociedade ruidosa, onde a vi correspondida pelo cynismo da torpeza ou do calculo. As primeiras desgraças chorei-as como innocente que era; as ultimas acceitei-as com a convicção de que o mundo era assim, e que o amor puro, o amor santo, no meio do mundo, é uma puerilidade ridicula, de que todos se desfazem na passagem da infancia para a puberdade. Desgraçadamente, porém, apesar dos esforços que fiz, não pude avultar a minha alma com a alma da sociedade. A infelicidade principiou então para mim, a verdadeira infelicidade. Era uma convicção enraizada, profunda; comtudo como no meu espirito havia alguma coisa de essencialmente superior, que precisava de ser satisfeita, alentei-me na esperança de que o mundo não era todo o mesmo, e fui procurar o verdadeiro amor, longe da sociedade onde vivêra até então. Viajei todo o mundo civilisado, estudei os seus costumes, e em toda a parte achei o mesmo mundo, as mesmas leis que regem no nosso os sentimentos de que vive a alma. Maria, aquella foi uma terrivel tormenta; livrei-me d'ella com a vida, mas deixei lá a esperança juntamente com aquella nobre pureza de espirito que não desconfia, que eleva os outros até á altura onde ella respira. De todo o meu passado, restou-me apenas uma convicção inalteravel. Possuo desde a infancia um amigo, e esse amigo foi, e ainda é o mesmo que era na infancia. A experiencia de tantos annos enraizou-me no

espirito esta convicção; acredito n'elle como acredito na existencia de Deus.

«—Anjo, amo-te... amo-te muito; mas nem mesmo este amor tão ardente e tão imperioso que sinto por ti é capaz de reaccender em mim aquelle fogo sagrado que se apagou para sempre. Tu és para mim uma mulher superior ás outras mulheres, um anjo na terra. Se assim te não considerasse, se por uma inspiração, quasi celeste, esta convicção não tivesse descido ao meu espirito, preferia deixar-te morrer, preferia matar-me, a correr nos teus braços os azares de um amor, cujo futuro a experiencia me faria desconfiar toldado de negro. A' minha alma desceu, porém, a convicção da innocencia da tua. Amo-te, anjo, amo-te ainda mais do que te amaria se tiveras sido o meu primeiro amor: mas perdôa ao meu triste passado este receio, e ao meu amor tão profundo e sentido a franqueza e a sinceridade com que t'o confesso. Mesmo agora que te tenho apertada contra o coração; n'este mesmo momento em que a tua innocencia está clara e patente á minha razão, mesmo agora, estendo a tremer os olhos pelo futuro, e, apesar do meu coração, desconfio d'elle.

«— Maria, bem vês que hoje é necessario que a mulher que me ame, tenha mais alguma coisa do que amor, para eu e ella sermos felizes. Precisa possuir essa dignidade soberana que poem a mulher sobranceira á maledicencia do mundo, e que dá ao homem, que lhe confia o seu nome, a certeza e a convicção de nunca o vêr deshonrado. O passado, Maria, deixou aberto diante dos meus olhos um livro tremendo; ahi a sciencia do mundo traduz crime a mais pequena leviandade.

«Fernão parou de novo, fitou em mim os olhos

cheios de uma anciedade dolorosa, e depois continuou, apertando as minhas mãos entre as suas:

« — Maria, achas-te com forças para amar este homem? Sentes em ti a coragem de sacrificar a leviandade da tua idade ás exigencias disparatadas da minha velhice precoce? Se não te sentes assim, anjo, não te illudas, nem me illudas a mim. Separemos-nos para sempre; vale mais deixar-nos morrer, do que entregar a nossa existencia ao futuro tempestuoso e medonho que a illusão nos tem apparelhado. Decide da nossa sorte, Maria; cumpro como cavalheiro, abrindo francamente aos teus olhos todos os segredos do meu espirito. Resta agora que tu correspondas a esta franqueza com aquelle puro desengano que a tua innocencia me faz esperar. Responde, Maria, mas responde sinceramente. Não te illudas com o amor que te tenho; quanto maior é o seu frenesin, tanto maior é o resguardo que exige de ti. Lembra-te que Fernão de Albernaz tem o espirito arruinado pela sciencia do mundo; recorda-te que a experiencia matou n'elle a confiança, e que para seres esposa d'elle, é preciso que o teu rosto se faça austero como o de um cenobita, e o teu porte ainda mais severo do que o das mulheres, em quem a idade extinguiu inteiramente e para sempre o desejo de agradar.

« Ao dizer estas palavras, a voz de Fernão tinha um não sei que de sublimemente terrivel. Não me senti porém sossobrada diante d'aquelle quadro tão triste, em que se me desenhava o futuro. Bem pelo contrario, ao passo que ia fallando, senti o meu espirito subir em valor e em firmeza. Quando acabou, a resposta sahiu-me espontanea e decidida dos labios.

« — Fernão de Albernaz — disse eu, animada por

um impulso sobrenatural que me egualava com elle — ainda que o meu espirito fosse capaz de abaixar-se, o amor que sinto por ti, elevar-me-ia a toda a grandeza da alma, que exiges de mim. Sinto-me com forças mais que sobejas para fartar de confianças o teu espirito alquebrado pelos lances tormentosos do mundo onde viveste. Sinto-me capaz de ser tua mulher.

« O rosto de Fernão illuminou-se com uma expressão de felicidade tal, que parecia que a alma lhe subira toda a sorrir-lhe nas faces. Por um momento teve fitos em mim os olhos que scintillavam com uma luz celestial; depois enlaçou-me de repente nos braços, apertou-me contra o peito, e beijou-me com um frenesin quasi loucura.

V.

Acabando de dizer estas palavras, Maria cahiu, a chorar, nos braços de Annita.

—Maria, por Deus, tenha valor—disse então Henrique de Avelar, que seguira inquieto e attento toda a narração—Termine a sua historia, diga-me como é que esse amor tão ardente se transformou n'um abandono tão criminoso. Ahi ha alguma coisa de extraordinario; eu bem o dizia. Fernão está ahi todo, reconheço-o; mas o resto... o resto só podia ser provocado por um grande crime. Anime-se, Maria, acabe de contar-nos tudo. Agora é que eu tremo pelo futuro; conheço Fernão de Albernaz melhor do que me conheço a mim proprio, e um amor assim... Por Deus, acabe a sua historia.

Maria levantou por fim o rosto sereno, mas cada vez mais quebrado pela afflicção.

—Quando sahi dos braços de Fernão estava mulher—balbuciou ella com os olhos no chão.

—Elle!... elle!... Sempre assim.... Pobre coração!...—exclamou a meia voz Henrique.

—Não sei o que se passou; no delirio da felicidade perdi a cabeça de fórma que a consciencia de todas as coisas adormeceu dentro de mim. Quando despertei

d'aquella loucura, olhei Fernão espavorida. Elle cingia-me docemente contra o coração, tinha os olhos humidos de lagrimas, e um sorriso triste encrespava-lhe ligeiramente os labios.

« — Pobre humanidade! — murmurou elle por fim em voz baixa — quanto és despresivel! Até nos lances mais delicados e mais celestes do espirito, até no sentimento mais fino e mais espiritual que te anima, ha-de a materia ter necessariamente parte!

Depois beijou-me ternamente, e acariciou-me com mil afagos.

« — Porque choras, anjo? — disse elle — Consola a tua dôr, pobre innocente! e perdôa ao homem do mundo o extravio louco de uma paixão, contra a qual a experiencia devia ter-lhe dado mais força. Maria, as tuas lagrimas accusam-me de um crime; e comtudo a humanidade é assim, anjo, e eu sou homem. O meu crime é essencial em mim como em todos os outros; pertence á essencia do principio de que fomos formados. Sécca porém o pranto, minha esposa adorada; aqui nada mais ha do que a materia, apressando um facto que a razão queria protrahir por mais tempo. Eu carecia ainda de um tempo de provação; agora é impossivel havêl-o. Faça-se a vontade á materia.

« O sarcasmo, com que Fernão de Albernaz proferia estas palavras, seccou-me nos olhos as lagrimas, e na alma a consciencia do que se tinha passado. Elle então sentou-me sobre os joelhos, e disse-me tudo a respeito dos seus haveres, accrescentando que só no seguinte mez de Setembro é que podia declarar á minha familia que me tinha escolhido para esposa, em consequencia de precisar ter os seus negocios de todo arranjados para en-

trar dignamente na nova vida que ia principiar. Depois continuou assim:

«— D'aqui até então pouco tempo já falta, Maria; em breve portanto alcançarei á face do mundo o direito de te chamar minha mulher. O que porém acaba de ter lugar, adiantou aos meus olhos os direitos de marido. Se te não amasse como te amo, se não confiasse em ti com tão plena confiança, empenhar-me-ia para te fazer considerar este facto como um grande crime commettido por nós. Seria uma comedia precisa para uma mulher vulgar: para ti não. A honra e a dignidade são instinctos em ti; não precisam do amparo da grandeza sobrenatural do sacramento, para t'os fazer respeitar. Desgraçados de nós ambos se me enganasse! Aos meus olhos, Maria, és desde este momento minha esposa, porque o laço religioso não é para mim senão uma formalidade, inventada para atar as almas vulgares ao dever. Eu só creio no casamento do coração; ahi está o amor, essa é que é a verdadeira ara onde esta união se santifica. Nada porém exijo de ti, anjo meu; se o queres, respeitarei as santas preoccupaçoens que a educação tenha enraizado no teu espirito, e não me recordarei d'esta hora senão para te olhar como minha esposa.

« Que podia eu responder a estas palavras? Lancei-me a chorar nos braços d'elle, e respondi que o que elle pensasse ser melhor, o dava eu tambem por bem feito. Desde essa hora fui verdadeiramente mulher d'elle.

« Ó Annita, durante dois mezes esqueci tudo na minha felicidade. Fernão só me via a mim sobre a terra; estremecia-me a existencia, afagava-me, e o meu mais pequeno capricho era uma ordem imperiosa para elle. Não sei se a felicidade chegou alguma vez a tal ponto no

mundo; passar além d'elle, é que nunca lhe será possivel. Sobre tudo houve um dia em que pensei enlouquecer de ventura. Foi aquelle em que lhe dei parte que tinha nas entranhas o fructo do nosso amor. Fernão apanhou-me com frenesin entre os braços, os seus beijos não davam espaço uns aos outros, e dos labios do adorado pae de meu filho só sahiam estas palavras que me arroubavam a alma — esposa... esposa... esposa...

« Um dia porém dos meados de Outubro, Fernão appareceu-me com a fronte carregada, e duro em palavras, apesar dos esforços que fazia para não parecer tal. Sahimos a passeio, e elle dirigiu-o para o caramanchão do mirante, onde me disse a primeira vez que me amava. Pelo caminho, Fernão disse-me que já tinha todos os seus negocios arranjados, e que em breve teria lugar o nosso casamento. Pouco depois de me dizer estas palavras, chegamos ao caramanchão. Fernão sentou-me no lugar onde me encontrára d'aquella vez tão ditosa, sentou-se elle no mesmo lugar que então occupára, depois ficou silencioso e pensativo. Por fim levantou o rosto, e disse-me com aspecto carregado estas palavras:

« — Maria, ha dois mezes que me disseste que te achavas digna de ser minha esposa. Não te repito agora o que te disse então; é tarde para isso, rogo-te só que não esqueças o que me disseste.

« Estremeci ao ouvir estas palavras. No meu espirito entrou o receio de ter praticado alguma coisa que tivesse desagradado ao meu esposo. Roguei-lhe que m'o dissesse, pedi-lh'o pelo nosso amor e pela sorte de nosso filho. Fernão respondeu que nada havia que lhe provocasse desconfianças, mas que estando tão proximo o nosso casamento, entendia que era dever seu fazer-me recor-

dar do que dissera. Depois levantou-se, e convidou-me a ir dar um passeio; durante elle foi sempre severo e duro, apesar de pretender fingir outra coisa.

« Passaram oito dias, e o rosto de Fernão cada vez se carregava mais severo, e os gestos eram mais duros e mais despegados. Eu não sabia explicar esta mudança repentina, e como d'elle não podia tirar a causal d'ella, resolvi recorrer a alguma pessoa estranha.

« Nas visinhanças da quinta de meu tio havia outra de uma familia nobre de Lisboa, que, assim como nós, costumava vir espairecer em Cintra o tempo calmoso do estio. D'esta familia eram filhos dois moços tão dissimilhantes na figura, como em caracter. Luiz de Lemos, o mais velho, era o que se chama verdadeiramente um estouvado; poucas coisas encarava seriamente, ria-se de tudo, e não soffria intervallo entre um divertimento e outro. A vida passava-a nos saloens principaes de Lisboa, nas touradas e nos cafés. Estevão de Lemos, o mais novo...

— Estevão de Lemos! — interrompeu então Henrique — Pois conhece Estevão de Lemos?

— Foi até a pessoa, a quem me dirigi para me aconselhar na inquietação em que o procedimento de Fernão me trazia.

— E não conheceu a voz d'elle, ha pouco, quando aquella turba de estudantes invadiu a casa, onde a fui encontrar?

— Estevão de Lemos! Oh! meu Deus! Pois elle estava lá? — exclamou Maria — E' verdade; ... entre aquellas vozes pareçeu-me distinguir uma que reconhecia; mas estava tão perturbada... E Estevão estava ali?

— Estava; foi quem se dirigiu a mim, quando estorvei que arrombassem a porta do quarto, onde a tinha escondida.

Maria cobriu dolorosamente a face com as mãos.

— Se me tivesse visto, eu morreria de vergonha — balbuciou ella por fim.

E depois de um momento de silencio, continuou assim a narração da sua desgraça:

— Conhece bem Estevão de Lemos, senhor Avelar?

— Não tenho tido muita convivencia com elle; penso porém que é um verdadeiro cavalheiro, apesar de que instinctivamente sinto uma tal ou qual repellencia que me afasta d'elle.

— Engana-se a esse respeito — replicou Maria — comtudo é isso o que acontece a toda a gente que o não trata de perto. Estevão é na verdade um perfeito cavalheiro; mas aquella austeridade e rudeza de modos que tem, aquelle desapêgo severo com que corresponde a toda a conversação, fazem-no repellente a todos que se approximam d'elle. Foi o que aconteceu a Fernão; logo desde que o conheceu, mostrou que não sympathisava com elle; retirava-se d'elle, e passava sem o attender. Depois que nos tratamos intimamente, Fernão de Albernaz confessou-me a repellencia que Estevão lhe inspirava, e só depois de muitas instancias minhas é que consegui que Fernão o tratasse mais civilmente. Elle porém nunca lhe correspondeu.

« Conheço Estevão de Lemos desde criança — continuou Maria — encontravamos-nos todos os veroens em Cintra, para depois nos separarmos no outono, até o verão seguinte, porque Estevão perdia-se na vida ruidosa de Lisboa, entretanto que eu, em quanto criança, ia vi-

ver a vida claustral que minha mãe levava desde a partida do marido, e, depois de mais crescida, me recolhia ao convento. Havia portanto uma tal ou qual intimidade entre nós, aquella a que se prestava um caracter como o d'elle. Depois que Fernão entrou em casa de meu tio, o modo por que os dois se olhavam, arredou Estevão cada vez mais de nós; comtudo, todas as vezes que me encontrava, protestava-me sempre a mesma amizade, tendo sempre a delicadeza de esconder o motivo porque se afastava de nós. Foi portanto a elle que me dirigi; a sizudez e a franqueza de seu caracter davam-me valor que não teria de certo se tivesse de confiar o meu segredo a outra pessoa.

« Na minha afflicção escrevi-lhe que viesse a casa de meu tio, porque precisava de fallar com elle. Estevão veio, e passou a tarde e parte da noite em nossa casa. Durante o serão é que tive occasião de me approximar d'elle com mais segurança; contei-lhe tudo o que podia, e devia contar, e depois pedi-lhe que me descobrisse, como homem tão costumado ao mundo, qual era o motivo do procedimento do homem que eu tanto amava.

« — Ciumes — respondeu elle seccamente.

« Depois sorriu-se com um sorriso tão mau ou tão escarnecedor que não ousei dizer-lhe mais palavra.

« N'essa mesma noite, seriam duas horas, senti abrir-se o portão do pateo, e sahir d'elle um cavallo, que, um minuto depois, ouvi galopar á rédea solta pelo caminho de Lisboa. No dia seguinte de manhã a minha criada do quarto entregou-me uma carta sem sobrescripto, quando me veio abrir a janella.

« — De quem é esta carta? — disse eu a tremer de mêdo.

*

« — O senhor Fernão partiu esta noite para Lisboa, e deu-m'a para a entregar á menina.

« Abri-a espavorida... A carta eil-a ahi. »

Assim dizendo, tirou do seio um papel que entregou a Henrique de Avelar.

Os olhos d'este brilhavam como dois carvoens accêsos, e o corpo tremia-lhe n'um violento accesso de nervos. Tomou a carta, correu a uma luz, e leu. A carta dizia assim:

« — Maria. Eu não te crimino; o culpado não és tu, sou eu — sou eu que não devia deixar-me arrastar loucamente por este sentimento divino, este intimo algoz que a natureza caprichou em enraizar-me no seio, para ir de encontro á terrivel verdade que a experiencia me tinha ensinado. O verdadeiro amor é impossivel; nada ha que seja capaz de embaraçar a natureza humana nos impulsos do instincto que a arrasta a procurar caprichosa a novidade em todas as coisas. Amor, honra, dever, — tudo esquece, salta por cima de tudo. A dignidade immutavel, a firmeza de sentimento que garante ao homem honrado o futuro, é impossivel na mulher. E a mulher póde dizer o mesmo do homem.

« — Outro qualquer cuidaria ter direito a exigir d'aquella, que traz no ventre o fructo do seu amor, a força e o valor de contrastar este instincto. Eu não. A experiencia ensina-me que o principio, que arrasta a mulher a esquecer a honra do seu nome para satisfazer o capricho da mutabilidade, é tão imperioso, obra tão necessariamente, como as leis que presidem á rotação dos planetas nas orbitas.

« — Eu sei tudo, Maria. Ha oito dias que um homem vae debaixo da janella do teu quarto dar-te o que

eu já te não posso dar; a novidade no amor. Ha dois que elle entra para dentro de casa. Confesso-te com toda a franqueza que a minha primeira intenção foi matal-o; a segunda conhecêl-o. Depois, melhor avisado, não o fiz. Para que? O facto não deixaria por isso de existir, e o resultado seria um conflicto de que resultaria mais uma loucura para accrescentar aos tantos milhares d'ellas, com que o homem ousa loucamente querer oppôr-se áquillo que está necessariamente fatalisado.

« — Fica, pois, Maria; sê feliz nos teus novos amores, se por ventura o filho que trazes nas entranhas, te deixar ser feliz n'outros braços que não sejam os de seu pae. E serei eu pae d'elle? Embora a duvida; eu o farei procurar em tempo conveniente, e juro-te que farei d'elle a minha unica affeição n'este mundo, que será o contínuo recordador da mulher por quem senti o mais santo e verdadeiro amor.

« — Adeus, Maria. Ao deixar-te para sempre, quero dar-te ainda uma consolação para o futuro. Quando a edade dos desenganos, a época dos remorsos, tocar no teu coração, nada receies de mim. Separo-me de ti sem odio, nem rancor, e ensinarei teu filho a rezar por sua mãe. Direi-lhe unicamente que morreu quando elle nasceu. O contrario seria punir-te de um crime que não tens; tu obedeces a uma força imperiosa, obras por um impulso necessario.

« — Em quanto a mim vou viver, sei eu lá como. E' desgraçada uma existencia assim; não é, Maria? Antes de resolver-me a fazer o que faço, lembrou-me suicidar-me. Mas se teu filho é verdadeiramente meu filho? Esta duvida será sempre o algoz da felicidade que ainda podia gosar nos braços d'elle. Oh! Maria, pelo

amor de tua mãe, por esse tempo ditoso em que me tiveste verdadeiro amor, ai! livra-me d'elle um dia. »

Ao acabar de lêr esta carta, a voz de Henrique tremia de modo, que as palavras sahiam-lhe quasi inintelligiveis dos labios. Correu então a Maria, e exclamou allucinado:

—Maria, quem era aquelle homem?

—Não sei—respondeu ella, abafada em lagrimas.

—Mas Fernão falla aqui d'elle... Estevão de Lemos?...—balbuciou elle, fitando a pobre menina com um olhar prescrutador.

—Estou innocente—replicou ella, levantando magestosamente a cabeça.

Henrique lançou sobre ella um olhar rapido e scintillante, depois fitou de novo os olhos na carta.

—Mas Fernão viu... mas Fernão não mente—exclamou então, sem se lembrar de que aquellas palavras eram uma duvida affrontosa, que dilaceraria a alma da pobre innocente.

Maria fitou n'elle os olhos espavorida, depois soltou um grito terrivel de afflicção, e escondeu o rosto no seio de Annita.

Henrique deixou cahir os braços com desalento, e a afflicção assomou-lhe de repente nos olhos. N'aquelle grito tão pungente e tão doloroso a nobre alma do moço encontrára a prova mais convincente da innocencia da desgraçada menina.

Annita arredou então Maria de si, e ergueu-se. Tinha as faces incendiadas e os olhos scintillantes como os de uma féra. Deu dois passos para Henrique, e depois em voz vibrante e tão sacudida que parecia que as palavras saltavam-lhe dos labios em lufadas, exclamou:

—Henrique, essa carta é uma infamia; essa duvida é um calculo ignobil. Fernão de Albernaz é um villão; quiz abandonar Maria, e coloriu a infamia do seu procedimento, insultando-a como um miseravel...

—Não—interrompeu serenamente Henrique—Fernão é um homem do mundo. Aqui ha alguma coisa occulta, que o illudiu. Mas Fernão viu... e Fernão é um homem educado pela experiencia do mundo. Ainda fez pouco—accrescentou elle animando-se;—n'um caracter mais violento... Annita!—exclamou de repente com uma expressão terrivel de semblante—se desconfiasse de ti assim... matava-te.

Os olhos de Annita encheram-se de um brilho ainda mais ferino, e as faces incendiaram-se-lhe mais.

—Henrique de Avelar—gritou ella em voz sêcca e abafada—se ousasses fazer-me o que Fernão fez áquella desgraçada... assassinava-te. Pódes abandonar-me, pódes lançar-me de tua casa para fóra; mas insultar-me... não.

Henrique ficou um momento a olhar aquellas duas pobres crianças, aquelles dois entes tão franzinos, uma bella de afflicção e de dôr, e a outra formosa de energia e de coragem. Approximou-se então de Annita, deu-lhe um beijo na fronte, e levou-a ao sophá, para o lado de Maria.

—Socega Annita—disse elle então—é necessario que não nos deixemos transviar do que requer o presente, para perdermos a cabeça na loucura de sonhos impossiveis. Maria—continuou elle, ajoelhando aos pés da linda innocente—perdoe-me, se as minhas palavras a offenderam. Nunca duvidei da sua innocencia, mas tambem não posso duvidar da honra de Fernão de Al-

bernaz. Fazêl-o, seria até insultal-a a si. Socegue, Maria; dê trégoas á afflicção que a consome. Este não é caso desesperado, é apenas caso difficil, porque é difficil, oh! muito difficil desapegar da convicção de um homem honrado e experiente do mundo, uma suspeita como esta, quando ella lhe entra a primeira vez na cabeça. Não desanime porém; conheço Fernão, e sei como se convencem os homens, gastos como elle entre as torpezas da sociedade. Será ainda feliz; o homem que lhe chamou esposa uma vez, o pae de seu filho, ha-de tornar a correr aos seus braços com tanto amor e com tanta convicção da sua innocencia, como n'aquelle tempo feliz em que nada suspeitava de si.

Depois, voltando-se para Annita, disse sorrindo:

— E tu, Annita, não me agradeces o empenhar-me assim tanto do coração pela felicidade da tua amiga?

Annita apertou-o contra o seio, e cobriu-lhe as faces de beijos.

— Adeus, — disse elle então — gozem esta noite a felicidade de se abraçarem, que ámanhã... Maria ha-de entrar no convento de Santa Terezá.

Assim dizendo, Henrique sahiu.

No dia seguinte correu de manhã cêdo a casa de um seu parente, pessoa respeitada e de influencia em Coimbra, e rogou-lhe que lhe alcançasse do vigario capitular uma ordem para fazer entrar Maria no convento das Teresinhas.

Ás sete para as oito horas d'essa mesma manhã, Maria despedia-se de Annita á porta do convento, mal podendo desprender-se dos braços d'aquella, em quem tinha achado consolaçoens de uma verdadeira irmã carinhosa.

VI.

Quando Annita chegou a casa, depois de ter deixado Maria no convento das Teresinhas, a energia da pobre criança abandonou-a de todo. Não era então a pequena fera, terrivel de cólera e de actividade, que a faziam atrever-se aos maiores perigos, e ser audaciosa diante de todos os embaraços que ousassem contrariar-lhe a vontade; era uma mulher em toda a angelica poesia d'esta arrebatadora expressão, inspirada pelo mais doce e mais delicado sentimento, succumbida ao pêso da dôr que lhe feria tão rijo na alma, e desafogando n'um mar de lagrimas sentidas a compaixão angelical de que a desgraça de Maria lhe inundára o coração.

— Vamos, Annita — disse Henrique, tomando-a nos braços e cobrindo-a de beijos e de afagos — o negocio não está perdido de todo. Não ha para que desesperar; tudo o que Maria contou, mostra incontestavelmente que não é preciso recorrer ao cavalheirismo e á honra de Fernão de Albernaz para que cumpra com ella o que deve. Ha na verdade uma grande difficuldade a vencer; mas conheço de mais Fernão, para desesperar de alcançal-o.

— Pobre Maria! — balbuciou Annita — se soubesses

tudo o que o procedimento de Fernão a tem feito soffrer!...

—E' verdade; ella contou-te de certo o modo por que veio ter a Coimbra...

—Disse-me tudo. Se soubesses a gratidão fervorosa que sente por ti!... Tu és a sua unica esperança; de ti é que está ainda pendente esse pouco valor que lhe resta. Ainda crê que tu tornarás a trazer Fernão para ella...

—E não se engana; é preciso que seja muito violenta a suspeita que cega Fernão de Albernaz, para que não creia na innocencia de Maria, quando lhe fôr garantida por mim. Pobre moço! Se soubesses o que vale aquelle coração, havias de chorar por elle tantas lagrimas, como tens chorado por Maria. Acredita-me, anjo; Fernão soffre tanto como ella, e se lhe pedisses a existencia a troco de uma hora de convicção de que ella está innocente, dava-a de certo....

—Mas que provas tão fortes são essas, para abandonar assim tão cruelmente a mulher que fez mãe de seu filho, e que levou á deshonra com o santo nome de esposa?...

—Cuidas por ventura, Annita, que haja ahi um só homem honrado, que, vendo um homem conversar a sós de noite com a mulher que vae ser d'elle, vendo-o entrar como a furto em casa d'ella, possa ser bastante soffrido e bastante boa alma para vêr innocencia em tudo isto?

— E tu acreditas que Maria é criminosa?

— Não; afigura-se-me até um grande crime o pensal-o. Ha coisas que se revelam logo á primeira face, e a innocencia de Maria é uma d'ellas. Se tudo aquillo que vi se podésse fingir, deixaria até de acreditar em

mim mesmo. Mas Fernão não está no mesmo caso; Fernão não póde olhar os acontecimentos com o mesmo sangue frio: homem de honra, vê n'uma nuvem de fumo um gigante; homem do mundo, a experiencia avulta-lhe as apparencias pelas terriveis idealidades que formou; homem que ama, tem ciumes até de uma criança. Pobre d'elle, que com o coração que lhe conheço, e o espirito no estado em que o mundo lh'o deixou, deve ter soffrido uma agonia que nem a de Maria lhe póde levar vantagem! Mas diz-me — continuou elle, desviando rapidamente a conversa — como é que ella abandonou a familia, com que fim, e como veio parar ao lugar immundo onde por felicidade fui hontem?

— Aconteceu-lhe o que aconteçeria a toda a mulher em eguaes circumstancias. Ao lêr a carta de Fernão, cahiu desmaiada; quando voltou a si, achou-se só, porque até a criada que lh'a tinha entregado não estava no quarto....

— Como! pois a criada não chamou ninguem! a criada deixou Maria entregue ao deliquio, e não deu parte á familia do que havia acontecido!

— Receiosa talvez por ter entregue a carta....

— Não o acredito, Annita; ahi ha alguma coisa occulta que nem tu, nem Maria aventaes. Mas passemos adiante.

— Vendo-se só, Maria pensou na situação em que se achava. Gravida, abandonada pelo pae de seu filho, e exposta á vergonha e ás recriminaçoens da sua familia, taes eram as circumstancias que sobre ella pesavam. Demais, Fernão, o homem que adorava, o homem sem o qual não podia viver, ameaçava-a de nunca mais apparecer diante d'ella. Espavorida, com a cabeça de todo perdida, sahiu de casa, fugindo sem saber para onde ia,

mas com a ideia em Coimbra, onde se recordava que o seu amante vivêra o anno anterior. N'este vaguear sem destino encontrou um recoveiro que ia para Lisboa, e que a troco de um dos anneis que levava no dedo, a conduziu até lá. Ahi Maria achou-se abandonada de todo. Receiosa de ser descoberta ou reconhecida por alguma pessoa relacionada com a sua familia, deixou-se ficar por dois dias na hospedaria, onde o recoveiro a deixára. A quasi loucura que a agitava dava-lhe valor, que só uma mulher é capaz de comprehender, porque só uma mulher póde avaliar ao certo a tortura d'aquella desgraça. Deu-se por criada de servir, natural de Coimbra, e pediu á dona da hospedaria que lhe fosse vender as poucas joias que levava, e arranjasse uma mulher que a acompanhasse até á terra natal. A hospedeira deu ordem a tudo o que ella pedia, e Maria partiu para Coimbra, cheia de mêdo, apesar da velha que a acompanhava, mas animada pela esperança de encontrar Fernão novamente. Foi uma loucura, não foi, Henrique? Leio nos teus olhos que classificas assim o procedimento d'aquella desgraçada; comtudo és tu por ventura capaz de demarcar os limites até onde um amor violento póde arrastar a mulher?

— Só d'essa fórma é que a posso desculpar, Annita —replicou Henrique — Não seria muito mais sizudo descobrir tudo a sua mãe, e deixar á prudencia d'ella e do tio o desembaraçar o futuro?

— E se Guilherme apparecesse de repente, e assassinasse Fernão? Guilherme está a chegar.

— Deus o arrede de nós mais algum tempo; a intervenção d'elle complicaria cada vez mais este negocio tão melindroso.

— Maria chegou por fim a Coimbra — continuou Annita — e a velha que a acompanhava, e que a hospedeira lhe dera por natural de Coimbra, fêl-a parar n'uma das locandas d'além da ponte. Deitou-se a dormir, e obrigou tambem Maria a deitar-se. O ralar da angustia que a agitava, e o cansaço do caminho fizeram-na dormir. Quando acordou, a mulher não estava junto d'ella; esperou-a até á noite, mas a mulher não voltou. Maria estava abandonada, e... roubada, porque tinha confiado á velha o resto do dinheiro que a venda das joias produzira. Sem saber o que fizesse, chamou o dono da locanda, e perguntou-lhe se conhecia um estudante chamado Fernão de Albernaz. O hospedeiro respondeu com mau modo que não, e, ou por que estava conloiado com o intento da velha, ou por que não via Maria com bagagem que lhe garantisse os gastos que fizesse, disse-lhe que lhe pagasse, e que sahisse, pretextando que não dava dormida em casa. N'esta situação, Maria não sabia o que fizesse, estava estupida de mêdo. O hospedeiro, sabendo o que acontecêra, encheu-a de insultos e de improperios, e empurrou-a para fóra da porta. Era noite escura, e a pobre menina não sabia o caminho; estava louca de terror. Vendo a ponte a pouca distancia, dirigiu-se a ella, e deitou a correr por ali adiante. Quasi no fim encontrou uma mulher de idade, que se dirigia para a cidade; chegou-se a ella, e pediu-lhe pelo amor de Deus que a levasse a Fernão de Albernaz. A mulher mostrou compadecer-se d'ella, levou-a para sua casa, mas, apenas a teve de portas a dentro, começou a tratal-a com dureza e com modos muito diversos d'aquelles com que a acolhêra na ponte. Ao reconhecer-se enganada, Maria pediu, rogou, gritou que a deixassem sahir.

A mulher recusou-se, fechou-a á chave, e assim a teve até hontem pela tarde. A pobresinha não enlouqueceu, porque a alentava de quando em quando a lembrança de que estava em Coimbra, e que em breve encontraria Fernão. Ao cahir da tarde, a porta do quarto, onde estava fechada, abriu-se, e a velha entrou para dentro. — Eis o gage que te trouxe — disse ella. A mulher sorriu-se, afagou Maria, e prometteu-lhe entre beijos que ia leval-a a Fernão de Albernaz. Maria seguiu aquella mulher, que, segundo me disse, chama-se Capitolina...

— Oh! pobre menina!... — exclamou Henrique.

— Quem é a tal mulher, Henrique?

— E' a dona da casa onde achei Maria — replicou elle.

— Oh! pobre anjo! Agora comprehendo tudo. Essa mulher infame levou-a a sua casa; á noite disse-lhe que ia chamar Fernão de Albernaz, sahiu, e foi n'este tempo que tu chegaste e João de Mendonça.

N'este momento começou a sentir-se o toque de um sino, de voz aflautada e vibrante, assim a modo de grande campainha de escada.

— Lá começa a *cabra* a tocar — disse Annita, sorrindo.

Henrique levantou-se, beijou Annita na fronte, e sahiu em direcção a sua casa, que ficava defronte.

A *cabra* é nada menos que o sino da Universidade, que convoca os estudantes ás aulas. O odio academico denominou-a assim. Não ha terra onde se inventem melhores alcunhas que em Coimbra; *cabra* ou *vacca*, como lhe chamavam os estudantes de 1820 a 1834, o epitheto é sempre verdadeiro. No meu tempo o reitor chamava-se a si proprio *pae commum;* não sei se a moda

passou, mas o que não passou, o que ainda se usa, é dar á Universidade a mesma denominação docemente impostora, com que Antonio Coelho Gasco a nomeou ha mais de trezentos annos. *A Universidade, minha mãe dulcissima* — disse Gasco n'aquelle tempo; hoje diz-se d'outra fórma, porque hoje não se falla portuguez com tanta correcção — hoje vae um bacharel ao parlamento, e, fallando de Coimbra, diz logo, — a Universidade de que me houro de ser filho; se sobe a camarista, como dá em geral com collegas mais vistos em cifras que em letras, requinta a amphibologia da phrase, e arruma-lhes logo com um — a Universidade, a cujos peitos me criei, — a Universidade, cujo leite bebi. A não ser recordaçoens da *cabra*, não sei d'onde venha a desculpa a este modo de dizer eminentemente atrevido em fraseologia.

O estudante é mais franco. Como embirra com as aulas, porque lhe são obrigatorias, e compellem-no a erguer-se da cama a horas em que está ás vezes ainda no primeiro somno, porque o estudante deita-se tarde — o estudante, digo, chama-lhe *cabra*, e solta contra ella imprecaçoens bem pouco conformes com o doce nome de mãe, que lhe dá depois de bacharel, e quando deputado ou camarista. Mas repare-se bem, o estudante apostrophando por esta maneira o sino que desperta n'elle as *colicas* scientificas, — especie de molestia que o ataca diariamente, e cuja localidade está na cabeça e a causa no jogo, na pandega, e no Faz-tres, — ainda assim é fiel ao instincto que demove aquella corporação incorrigivel a epithetar qualquer objecto ou qualquer individuo. De feito o tinnido d'aquelle sino assemelha o balido de uma grande cabra, especie de Minotauro,

convocando mil e tantos *filhos* ao manjar da sciencia. O ridiculo obedece fielmente n'aquella expressão ao odio concentrado que o estudante vota de coração á voz temerosa, pela qual o pae commum os manda chamar ao estudo.

E agora, meus caros leitores, peço-vos pelo amor de Deus que me perdoeis, se vos arredo por um pouco da historia de Maria, para vos fazer ir sentar à par do pobre estudante dentro de um dos saloèns frigidissimos que servem de aulas no magestoso edificio da Universidade. Este livro tem mais um outro fim além de recordar a historia da pobre Maria; desejava dar-vos um specimen do que é a vida do estudante de Coimbra, e sobretudo do que é a Universidade que vive n'aquella cidade ha seis seculos, quasi que ininterrompidos.

Henrique sahiu de casa de Annita, e entrou na sua, que era defronte. Minutos depois sahiu d'ella, de capa e batina, gorro aconchegado sobre as orelhas e tres livros debaixo do braço. Da Coiraça de Lisboa onde morava, subiu pela Trindade, e entrou pelas escadas de Minerva no vasto largo da Universidade. D'ahi a pouco estava nos Geraes, e logo á porta da aula, para onde já entravam os estudantes, cortejando o lente, que, segundo o costume, os estava recebendo á porta.

Antes de entrar para dentro, preciso se torna descrever o lente, que preleccionava n'aquella aula. Não é porque haja de ter uma parte muito interessante n'esta historia, mas sim para dar ao leitor uma amostra de como a Universidade está bem servida de lentes. E aqui necessaria se faz uma observação, e vem a ser — eu disse que o lente não tem uma parte muito activa n'esta historia, e disse verdade; porque este livro não encerra

os ***Mysterios de Coimbra;*** perpetúa um facto particular. Se fosse Mysterios de Coimbra então o lente entraria n'elle á parte; quando alguem se lembrar de escrevêl-os, o lente ha-de andar sempre a bailar sobre o primeiro plano.

Vamos portanto ao meu lente.

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Per me equidem sint omnia protinus alba.
Nil moror: Euge. Omnes, omnes bene miræ eritis res.
Hoc juvat: hic, inquis, veto, quisquam faxit oletum.
Pinge duos angues. Pueri, sacer est locus; extra
Mejite. Discedo. Secuit Lucilius urbem;
Te, Lupe, te, Muti; et genuinum fregit in illis.
Omne vafer vitium ridenti Flaccus amico
Tangit: et admissus circum præcordia, ludit,
Callidus excusso populum suspendere naso.
Men' mutire nefas, nec clam, nec cum scrobe? Nusquàm.
Hic tamen infodiam: Vidi, vidi ipse, libelle.
Auriculas asini quis non habet? Hoc ego opertum,
Hoc ridere meum, tam nil, nulla tibi vendo
Iliade.

Persius — *Satyra I.* v. 110.

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Acabou a aula. O lente levantou-se, e veio encostarse á porta d'ella, onde esteve cortejando até que os estudantes sahiram.

— Fernão de Albernaz — disse Henrique de Avelar, tocando no braço do amigo — preciso fallar comtigo.

Fernão voltou-se, e fitou os olhos em Henrique, por

desacostumado de se vêr assim interpellado por elle. Como disse, os dois primos, quando se encontravam, cumprimentavam-se apenas com amizade, mas nunca se demoravam a conversar um com o outro.

— Ás tuas ordens, Henrique — replicou elle — vamos para onde quizeres.

— E' negocio para vagar; preciso de fallar-te em casa. A que horas te posso encontrar?

— Estou sempre em casa, e a minha porta sempre aberta para ti.

— N'esse caso lá vou depois das aulas.

— Se queres, vamos já.

— Não, depois.

E separaram-se.

Quando Henrique entrou na aula seguinte, Fernão não estava ainda lá. Nem veio; abalado por aquelle desejo inopinado do amigo, recolheu-se a casa, torturado por mil imaginaçoens que o seu estado presente lhe suggeriam.

VII.

Estudante *aristocrata* chama-se em Coimbra áquelle que vive fóra dos usos communs da academia, e faz selecção das pessoas com quem se relaciona. E' nome de embirra, e rarissimas vezes applicado, que se não queira com elle chamar para sobre a pessoa, a quem se dá, o odio e o desprêso geral. O aristocrata não vive senão com outros de posição elevada, e não se mistura, nem estende a mão áquelle que não lhe importa que a batina lhe cáia a trapos, e que se confunde em todos os mil milhoens de travessuras que a imaginativa academia é capaz de inventar. Já se vê que tal sobranceria ha-de ser necessariamente mal recebida, e que o estudante aristocrata é tão desprezado, e tão mal visto pelos que o não são, como elle affecta de aspecto de lhes não dar importancia.

Muitas vezes, porém, este epitheto odioso recae sobre um sorumbatico, que por caracter não busca parceiro, e vive sempre só. Outras tambem appellida qualquer que vive mais commodamente que os outros, e n'estes casos é dado sem rancor, e perde todo o odioso originario.

Estudante aristocrata é portanto tambem aquelle que

tem bons moveis, ou pelo menos moveis de pinho envernizados, e que tem a casa n'um tal ou qual arranjo não vulgar. Não sei se os meus leitores sabem que os moveis academicos reduzem-se a um bahú que se leva de casa e a uma cama de bancos de pinho pintados de azul, cadeiras e mesas do mesmo pau e côr, que o correspondente comprou antes de se chegar a Coimbra. Já se vê que esta simplicidade patriarcal contrasta singularmente com qualquer coisa de verniz, ainda que seja tambem de pinho, e que faz d'aquelle que se poem n'estas grandezas assim a modo de ricaço, qualidade que em gyria estudantina appellida-se aristocrata.

Fernão de Albernaz era considerado aristocrata. Andava sempre só, e a casa, onde vivia, era mobilida com luxo oriental. Os trastes eram de excellente mahogono, as cortinas de sêda, tinha tapetes, pratas e crystaes, e mandára construir dois fogoens na casa que habitava.

Este luxo, e sobretudo o caracter frio e sêcco com que tratava todo o mundo, tinham-lhe acarretado tódo o rancor votado aos aristocratas. Era consequencia necessaria de tudo isto; e comtudo mal sabiam os que o olhavam d'esta maneira, que aquelle modo de tratar, bem longe de ser natureza, era fructo da vida angustiosa e da melancolia torturante que lhe comprimia o coração.

Vamos a casa d'elle esperar Henrique de Avelar.

Fernão está sentado n'uma poltrona de marroquim estofada, junto do fogão para onde tem os pés estendidos. Está vestido com um chambre de velludo azul, apertado na cinta por um cordão de sêda da mesma côr. Tem a cabeça cahida para traz sobre as costas da volteriana, os braços descahidos, e um charuto apagado entre os dedos.

E' alto e elegantemente reforçado de membros; os olhos grandes e escuros, e as outras feiçoens formosamente talhadas. Os cabellos e o bigode, espêsso e bem povoado, são tambem de castanho-escuro. Os pés e as mãos aristocraticas. E' pallido, e o rosto magro e macerado. E' uma bella figura de homem, e, quando de pé, um typo completo de belleza varonil, bem cinzelada e correcta.

Com a cabeça pois recostada ao encosto da poltrona, os pés estendidos para o fogão, e os braços desleixadamente cahidos, Fernão parecia dormitar. Tinha na verdade os olhos meio cerrados, mas quem o fitasse com mais curiosidade havia de vêr que aos cantos d'elles haviam duas lagrimas ainda mal enxutas, e que tinham corrido pelas faces, sem que a abstracção de espirito em que estava, lhe permittisse sentil-as.

Já n'outro capitulo pintei o caracter d'esta personagem importante d'esta historia. Para lá remetto agora os leitores. Aqui, resumindo direi, que Fernão de Albernaz era uma pobre cabeça e coração de poeta, com todas as loucuras e sonhos dos poetas, desesperado pela experiencia, e sempre em lucta com as aspiraçoens de felicidade que o dominavam imperiosas, e as recordaçoens do passado que lhe faziam cuidar a felicidade impossivel.

Pobre moço! Quando se chega aos trinta annos, e se sente como aos dezeseis e aos vinte — porque homens como elle sentem da mesma fórma em todas as edades — a vida é verdadeiramente desgraça, se ainda se não assentou a felicidade em base segura. La Bruyère tem razão; é só então que se pensa no futuro, e se o homem o vê atravez das recordaçoens do passado, só e sem con-

sôlo que o faça olhar com indifferença para traz e com esperança para diante, desanima-se, e cáe-se n'esse desalento angustioso, que não tem diversão em cousa alguma.

Os meus leitores já sabem parte da vida do pobre Fernão, conhecem-lhe o caracter, e portanto bem podem adivinhar o estado da alma do pobre moço n'esta occasião, em que se acha internado em profundas cogitaçoens sobre o passado.

A porta da sala abriu-se então, e Henrique de Avelar, com os livros debaixo do braço, assomou no limiar d'ella. Fernão ergueu-se de sobresalto, olhou, e vendo o seu antigo companheiro, dirigiu-se a elle vagarosamente, e com a familiaridade que tinham um com o outro.

— Ah! és tu, Henrique? — disse elle.

— Sou eu; sáio agora mesmo da aula.

— Senta-te aqui, ao fogão — disse Fernão, apontando para a volteriana, que estava collocada defronte da sua.

Henrique poisou os livros e o gôrro, e sentou-se. Apesar de toda a familiaridade que affectava, notava-se-lhe nos modos um certo constrangimento, que indicava que não estava completamente senhor de si.

Sentou-se; e os dois moços ficaram a olhar um momento um para o outro. Fernão rompeu por fim o silencio.

— Disseste que me querias fallar...

Henrique aprumou-se na cadeira, deixou pender o corpo um pouco para diante, depois fitou em Fernão os olhos animados de um brilho prescrutador.

— Fernão d'Albernaz — disse elle por fim — *crês* que sou teu amigo?

— *Creio-o* como creio na minha existencia — replicou Fernão, fitando-o admirado — e creio tambem, Hen-

rique, que nunca suspeitaste que duvidasse um momento de ti.

Henrique tornou a fital-o um momento com um olhar brilhante e egualmente prescrutador, e continuou depois:

— Fomos creados juntos; um homem cavalheiro, uma grande alma, inoculou em nós esta amizade, que *creio*, como creio em Deus, ha de durar em quanto vivermos. O mundo separou-nos depois, não as almas, mas os corpos: tu, apesar de cansado, correste após illusoens brilhantes e fascinadoras; eu, que não era tão poeta, deixei-me cahir no caminho, e desanimei da empreza.

— Porém, Henrique...

— Escuta-me attentamente, Fernão; preciso de recordar o passado, porque é á luz d'elle que tenho de exigir-te uma grande prova d'essa amizade.

E depois de um momento de silencio, continuou:

— Tu foste ávante, eu fiquei. Segui-te ainda algum tempo com os olhos, até que te perdi por fim no tumultuar das multidoens, onde eu já não tinha que fazer, e onde tu entravas ainda com a esperança de encontrares. Fiquei extenuado no caminho, e ahi me deixei estar socegado, porque acreditava inuteis mais esforços que fizesse. A felicidade roçou-se acaso finalmente por mim...

— Tu... tu feliz, Henrique!

— Porém no meio d'ella nunca deixei de pensar em ti. E' impossivel a ventura completa no mundo, e tu eras para mim a parte que me faltava d'ella. Tu não eras feliz.

— Henrique.... meu bom Henrique! — exclamou Fernão, arrojando-se nos braços do moço.

Henrique de Avelar apertou contra o peito o amigo;

— E comtudo — continuou elle com voz commovida — alentava-me a esperança de que um dia terias a mesma sorte que tive; que acharias como eu a felicidade. Ha já bem mezes que tenho tido vontade de correr para ti, e abrir-me comtigo, como me abria nos tempos felizes da nossa primeira mocidade; mas o teu rosto triste e macerado arredou-me sempre. A minha felicidade faria-te mal.

— E acreditas que seja tão vil...

— Não; tu folgarias com a minha ventura, mas a comparação dobraria a tua agonia. A contemplação da felicidade alheia obriga a comparar, e as comparaçoens são sempre dolorosas para quem soffre. Chegou porém o momento de me chegar a ti, Fernão d'Albernaz; agora é a tua felicidade que o demanda, e portanto já não tenho direito de te fugir, porque ainda trazes a infelicidade estampada nas faces.

— Eu não te comprehendo, Henrique!...

— Fernão d'Albernaz, respondeste-me ha pouco que acreditavas na minha amizade como acreditavas na tua existencia. Resta-me ainda segurar-me de um outro sentimento. Responde-me com toda a sinceridade, porque vae n'ella a tua felicidade futura. Sentes por mim a mesma amizade que sentias na infancia? és capaz de acreditar nas minhas asserçoens, como se visses com os proprios olhos o objecto d'ellas?

Fernão fitou Henrique d'Avelar um momento, depois respondeu serenamente:

— Henrique, não percebo o que pretendes com essas perguntas tão singulares. Seja porém o que fôr, mentiria a mim mesmo, se por ventura recusasse responder-te. Sabe pois que sinto por ti egual amizade, amor egual, áquelle de que me tens dado provas incontestaveis.

Henrique ficou por um momento calado, depois disse em voz firme e sonora:

— Acabo de estar com Maria.

Fernão d'Albernaz ergueu-se de um pulo.

— Maria!... Maria!... — balbuciou elle espantado.

— Maria — continuou impassivelmente Henrique — Maria miseravel e desgraçada, Maria morrendo de fome...

— Maria!.. Maria!.. — exclamou Fernão maquinalmente n'um grande brado cheio de agonia.

— Maria — continuou Henrique — a morrer de afflicção, com a razão quasi perdida, o traje quasi esfarrapado, á mercê de prostitutas; Maria n'um bordel...

— Ella!... ella! — balbuciou com os olhos espantados Fernão d'Albernaz.

Não ha nada que seja capaz de explicar toda a angustia e toda a tortura que a face do moço revelava n'aquelle momento.

— Ella, sim, n'um bordel — continuou Henrique de Avelar — Abandonada e calumniada pelos ciumes de Fernão d'Albernaz, perdeu a cabeça, fugiu em busca do pae de seu filho, depois cahiu nas mãos d'aquellas mulheres perdidas, a casa das quaes Deus me levou ainda a tempo de a tirar de lá tão pura e innocente como havia entrado.

— Oh! obrigado, Henrique — disse Fernão, arrojando-se-lhe nos braços, e como se lhe tivessem tirado o mundo de cima do peito.

Depois sentou-se meio estonteado e acurvando debaixo da pressão de uma vertigem que lhe ennevoava o cerebro. Esteve um pouco com a cabeça apertada entre as mãos, passou então uma d'ellas pela fronte, e cravou fixamente os olhos no amigo.

— Henrique — disse elle por fim — sabes o que essa mulher significa para mim?

— Sei — respondeu Henrique de Avelar — é a mulher que adoras mais do que a vida, é a mulher a quem déste todo o amor que a experiencia te trouxe tantos annos represado no peito, é finalmente a mãe de teu filho.

Ao ouvir estas palavras, Fernão d'Albernaz cobriu o rosto com as mãos, e aquelle homem valente e corajoso, cuja face severa e impassivel parecia retractar uma alma incapaz de commover-se, começou a soluçar como uma creança, impotente para abafar aquelle despeitoramento de uma agonia terrivel.

— E' a morte do corpo, assim como foi já a morte da alma — balbuciou elle por fim.

Henrique de Avelar conheceu então que o estado angustioso da alma do amigo subia até onde não imaginára que subisse. Aquella dôr tocára o ponto de que o suicidio é remate. Havia ali um grande amor, um amor imperioso, um amor que absorve a vida, como acontece a todos aquelles que depois de desesperarem uma vez da felicidade, a crêem encontrar casualmente por fim; e a par d'esse amor uma potencia egualmente superior, egualmente invencivel, que o tornava impossivel, e, que avantajada em forças pelas que a dignidade da honra lhe dava, luctava com elle terrivelmente, dilacerando a alma que d'aquella lucta era campo.

Henrique aproximou a cadeira para junto de Fernão. Se a agonia d'este era grande, a de Henrique não era menor. Aquelle homem reunia para elle todas as affeiçoens e todas as recordaçoens felizes da infancia; a alma d'elle identificava-se então de tal fórma com a de Fernão, que sentia como elle, e soffria agora da mesma sorte, se

não da mesma dôr, ao menos de uma dôr egualmente terrivel — aquella que soffre o homem generoso ao vêr dilacerado pela desgraça o peito d'aquelle que présa egual a si mesmo.

— Fernão d'Albernaz — disse elle, tomando a mão do amigo — sei que uma suspeita desairosa para a honra, entrada uma vez na convicção de um homem honrado, não se destroe senão pelas provas que o proprio convencimento admitte; e essas é difficil adivinhar quaes sejam. Não tenho portanto a pretenção louca de querer que acredites na innocencia de Maria unicamente porque acredito n'ella; mas disseste-me ha pouco que sentes ainda por mim a amizade dos nossos primeiros annos, e essa dá-me o direito de exigir de ti que te alentes contra a dôr que te consome, que dês ao tempo occasião de destruir a causa d'ella, porque te digo = Fernão d'Albernaz, juro-te pela honra, que creio na innocencia de Maria, como creio na tua amizade.

Henrique pozera-se de pé ao dizer estas palavras, e dissera-as com uma intonação tão solemne, que Fernão cravou os olhos n'elle, fulminado por uma profunda impressão.

— Henrique — disse elle por fim — sabes o que succedeu?

— Sei tudo.

— E que provas tens para affrontar á terrivel realidade d'aquelles factos?

— O rosto e as lagrimas de Maria; aquelle rosto revela um anjo e não uma mulher do mundo; e as lagrimas de um criminoso não correm com tanta doçura nem tanta resignação como as d'ella.

Fernão d'Albernaz sorriu-se tristemente.

— Tu não sabes a historia d'este amor desgraçado— disse elle, apertando nas suas as mãos de Henrique.

— Sei — replicou este — sei que amas a mãe de teu filho com todo o amor de que a tua alma é capaz, sei que ella vivia só por ti, e sei tambem que um ciume que te illude, uma apparencia mal fundada está a ponto de te matar — a ti e a ella.

Fernão d'Albernaz ergueu-se; deu alguns passos abstracto na casa, depois sentou-se de novo junto do amigo.

— Henrique — disse elle — escuta-me attentamente; vou contar-te tudo o que se passou, e julga depois pelo que sôffro, se dava ou não a vida inteira por uma hora só, em que gosasse a felicidade, com toda essa terrivel realidade reduzida a sonho. Acertaste, amigo; amo Maria como se póde amar cá na terra; pela vêr tão pura aos meus olhos como nos primeiros tempos, dava a vida n'este mundo e a salvação no outro. Ha mez e meio que sôffro o que se não póde dizer com palavras; ha mez e meio que este amor da alma, este amor que é a vida para mim, está torturado pela lembrança de uma realidade que o tornou impossivel—porque eu vi, Henrique, eu vi a minha desgraça.

— E que viste, Fernão?

— Que vi? Escuta-me; vi a deshonra entre mim e a mulher que adoro; vi que o anjo era uma mulher como as outras; vi finalmente que a felicidade era impossivel para mim, e que só na paz da campa é que a póde achar o homem que não sabe transigir com as torpezas consagradas d'este mundo. Escuta-me pois.

Fernão d'Albernaz contou então ao amigo o como aquelle amor começou, contou-lhe tudo o que as desconfianças da experiencia o tinham feito soffrer, e como

chegára por fim a acreditar na pureza da alma de Maria.

— Um dia — continuou elle — ao levantar-me de manhã, o criado entrou com o correio, e entre outras cartas, trouxe-me uma, em que me revelavam a traição asquerosa de que o meu amor era victima. Estremeci com esta revelação, mas apesar do espirito me ficar resentido, não pude acreditar n'ella. O amor que tinha áquella mulher era muito fundo para ceder diante de uma carta anonyma. Acreditei-a intriga ou vingança de algum despeitado, mas reservei-me o direito de espionar o proceder da mulher que amava. De facto, durante oito dias nenhum motivo me deu ella para que o meu espirito reforçasse as asserçoens d'aquella carta. Já eu principiava a scismar por que meios descobriria o author d'ella, para vingar a affronta tão vilmente feita áquella mulher, quando recebi outra carta, essa com indicaçoens mais circumstanciadas. N'essa, além de se reforçarem as asserçoens da primeira, accrescentava-se, escarnecendo a minha boa fé, que para desenganar-me fosse entre as onze e meia e a meia noite presenciar a innocencia e a fidelidade d'ella debaixo das janellas do seu proprio quarto.

« Fui. Pouco depois das onze horas e meia da noite, um homem saltou para dentro do páteo, sobre o qual ficava a janella, observou cauteloso em todas as direcçoens, depois dirigiu-se para debaixo d'ella. Eu vi tudo; estava escondido entre os ramos de um dos choupos que haviam ali. O homem atirou uma pedra pequena á janella, esta abriu-se de repente, assomou uma cabeça, soaram em voz abafada estas palavras — « Amanhã » — e a janella tornou a fechar-se. O homem resmungou uma praga, embuçou-se n'um chale-manta, em que tra-

zia o rosto occulto, e tornou a sahir por onde entrára. Aquella voz não me pareceu a de Maria, comtudo aquella janella era do quarto d'ella, e ninguem senão ella podia apparecer ali.

« No dia seguinte, á mesma hora, o mesmo homem tornou a apparecer. Deu o mesmo signal, a janella abriu-se, mas não appareceu ninguem. Vi descer porém um fio, o homem prendeu n'elle uma carta, e esta foi alada para dentro do quarto. Minutos depois assomou uma cabeça, que não pude distinguir no escuro, e logo depois ouvi estas palavras:

« — Amanhã, á uma hora.»

« — Não faltarei; adeus, anjo » — respondeu o homem, e sahiu.

« Aquella voz não me era desconhecida, comtudo nunca pude recordar-me de quem era.

« No dia seguinte recebi uma nova carta; essa continha só estas palavras:

« — Fernão d'Albernaz, hoje á uma hora da noite, serás o homem mais feliz d'este mundo, serás um verdadeiro bemaventurado. »

« A minha primeira ideia foi correr com esta carta a Maria, e vêr a impressão que lhe faria no espirito. Contive-me, porém; já n'ella acreditava bem pouco, para cuidar que a sciencia do mundo a não industriasse contra as impressoens repentinas, como a tinha industriado para fingir o amor que fingia.

« A' uma hora da noite do dia seguinte, o homem chegou, tocou apenas na porta da entrada, esta abriu-se, e elle entrou para dentro. Quando vi abrir a porta, levei á cara a clavina que tinha comigo, mas elle desappareceu antes de eu poder desfechar. Eu tinha a morte no co-

ração; o futuro appareceu diante de mim tal qual é. Todas as suspeitas estavam verificadas, e não era só o amor, era o orgulho que refervia dentro de mim. Eu só via sangue, carecia de matar. Resolvi-me portanto a esperar que o homem sahisse.

« Esperei uma, duas horas, e o homem não sahiu. A razão começou então a sobrepujar a cólera. Pensei. Que nova loucura é esta? — disse eu. Por ventura tal mulher vale a pena de tornar-me assassino? Depois de que me vingo? O culpado sou eu — sou eu que acreditei no coração de uma mulher, apesar de tantos annos de experiencia, e de tantos desenganos que tive.

« Tomei portanto outra resolução. Escrevi-lhe e disse-lhe tudo o que tinha pensado. Em quanto ao filho que dizia meu, como a dúvida me tinha suspenso ácerca da origem d'elle, offereci-me a recebêl-o, e pedi-lhe que me desenganasse. Queria ter certeza a este respeito, porque não queria que entre mim e aquella creança ficasse uma dúvida terrivel, que amargurasse as consolaçoens que sonhava no amor de meu filho.

« Depois parti. Não sei bem, Henrique, o que fiz nos primeiros dias. Aquelle tremendo desengano produziu em mim os effeitos da embriaguez. Tudo o que fiz então, fil-o maquinalmente, estupidamente. Obrei sem saber, e tanto, que ao acordar d'aquelle embrutecimento de espirito, achei-me em Coimbra, tendo apenas uma recordação muito confusa de ter chegado aqui.

« Mas então foi que todas as consequencias da terrivel realidade appareceram diante de mim. O meu coração batia loucamente por ella, a minha razão repellia-a com nojo e com desprêso, e o futuro ahi estava só — só com este amor que me consome, e este odio que o ful-

mina; só com esta agonia tremenda em que me traz a lucta entre o amor e a honra. Amo com delirio aquella mulher, e entre mim e ella ha uma torpeza deshonrosa, cuja recordação tenho gravada com fogo aqui... aqui na cabeça. Oh! Henrique, o que tenho soffrido!... Muitas vezes o meu amor faz-m'a vêr radiante de todas as formosas illusoens, com que a decorei nos primeiros tempos d'elle. Que felicidade não goso então, esquecido da realidade, embellezado nas mil venturas d'aquelle delicioso céu que sonhei! Depois a realidade apparece diante de mim; a realidade tal qual é com o seu futuro negro, sem amor, sem ventura, e com esta agonia a dilacerar-me sempre. O amor que lhe tenho vem então pôr-se a par com a deshonra com que ella se polluio... Oh! Henrique — exclamou então o pobre moço em voz abafada e com os olhos brilhantes de delirio — tenho o inferno dentro do peito, salva-me de mim. N'esses momentos, se estivesse junto d'ella, dilacerava-a... Oh! só a morte é que me póde dar paz. »

Assim dizendo, Fernão d'Albernaz soltou um grito tremendo, e escondeu o rosto entre as mãos.

Henrique estava pallido como um cadaver; por um momento subiu com o amigo na raiva d'aquella agonia, e Maria denegriu-se aos olhos d'elle. Mas o rosto angelico da pobre menina afigurou-se-lhe com toda aquella innocencia angelical — e n'elle as lagrimas corriam com resignação divina. Não podia portanto duvidar do amigo, mas não duvidava tambem de Maria; a razão fez-lhe pois prever de permeio algum facto estranho a elles. Serenou, e tratou de serenar Fernão.

— Amigo — disse elle — os factos que narraste deviam produzir sobre ti os effeitos que produziram. A

honra é muito sensivel, e o instincto d'ella não vê senão n'um ceu muito claro. Mas eu é que posso, e devo pensar n'esta conjunctura. Em tudo o que contaste, vejo um facto que deve irritar-te o ciume, mas não condemnar Maria.

— Mas eu vi, Henrique — exclamou Fernão d'Albernaz irritado.

— Viste um homem a fallar para a janella do quarto de Maria, e ouviste uma voz respondendo. És por ventura capaz de asseverar que aquella era a voz d'ella?

— Mas aquellas cartas?...

— Aquellas cartas nada mais significam do que uma intriga urdida por alguem. O tempo ha-de descubrir a verdade.

Fernão fitou um momento Henrique com um olhar, que pintava a indecisão em que lhe vacillava o espirito.

— Oh! Henrique — exclamou por fim, pondo a mão sobre o peito — tira-me este inferno d'aqui.

Henrique apertou-o contra o coração, e assim o conservou algum tempo. Depois disse-lhe em voz firme e socegada:

— Porque não vens ouvir Maria?

Fernão d'Albernaz soltou-se-lhe de repente dos braços, saltou para distancia, e exclamou espavorido:

— Nunca... nunca... matava-a.

— Condemnar sem ouvir, Fernão!...

— Não... não... não posso — bradou elle desorientado e fugindo espavorido para a porta.

Henrique susteve-o pelo braço.

— Fernão d'Albernaz — disse elle gravemente — suppuz que aquella desgraçada acharia em ti mais compaixão, e que eras homem forte bastante para te eleva-

res superior ás paixoens. Acreditava que eras senhor da tua vontade, a ponto de apresentares o rosto sereno, mesmo no momento em que a raiva te fervesse no peito.

— Não... não — replicou Fernão, desprendendo-se da mão de Henrique — ninguem com este amor que me queima, e esta suspeita que me tortura e me cega, era capaz de o fazer. Não ha mascara para um soffrer como este. Henrique, a minha alma soffre mais do que soffrêra o corpo se estivesse poisado estreme sobre carvoens accêsos. Matava-a... matava-a... a chorar de amor...

Henrique conheceu que nada podia conseguir d'elle no estado em que estava. Transigiu pois com as circumstancias, e pôz toda a esperança no tempo.

— Fernão — disse elle depois de alguns minutos — que hei-de dizer a Maria?

— Não lhe digas nada, não lhe digas que fallaste comigo — replicou elle allucinado — Diz-lhe que morri; diz-lhe que de Fernão d'Albernaz já nada existe...

— Desgraçado! Queres matar a mulher que amas?

— Matal-a! ella já morreu para mim. E não estou eu morto tambem? Pensas que se vive muito tempo assim?

— E se ella está innocente, Fernão?

— Innocente... innocente... — balbuciou elle, arrojando-se aos braços de Henrique, em cujo seio escondeu a face incendiada — Oh! Henrique — exclamou então n'um grito terrivel de dôr — livra-me d'este inferno... livra-me da vida.

Um momento depois levantou-se, com a face sêcca e os olhos luzentes do brilho do delirio.

— Eu vi — disse elle, sereno e em voz sêcca e vibrante.

Os dois primos ficaram então alguns minutos em silencio e a olhar um para o outro. Henrique rompeu por fim:

— Fernão d'Albernaz — disse elle solemnemente — pouco me resta a exigir de ti, mas isso exijo-t'o em nome das dôces recordaçoens dos nossos primeiros annos. Tu deves crêr que a tua honra vale tanto para mim como a minha; assim exijo de ti que não dês um só passo que possa damnificar mais a situação de Maria, a mulher por cuja innocencia estou prompto a empenhar a minha honra.

— Henrique!... Henrique!... — exclamou Fernão d'Albernaz afflicto.

— Não exijo que acredites n'ella, amigo — replicou elle — já te disse que sei muito bem, e sinto dentro de mim, que a suspeita, entrada uma vez no espirito do homem honrado, não sáe de lá senão por um milagre da propria convicção. Mas eu espero esse milagre, Fernão, e é por isso que te exijo esta garantia para a vida de Maria... e para a tua propria.

Fernão sorriu-se tristemente.

— Prometto-te tudo — disse elle — Deus queira que a vida me chegue até lá.

Henrique que já estava de pé para sahir, voltou-se de repente para elle.

— Fernão d'Albernaz — disse então, fitando-o com um olhar brilhante e expressivo — lembra-te que na tua familia nunca houve um covarde. Adeus, até breve — accrescentou, apertando-lhe a mão.

Depois dirigiu-se á porta.

Ao vêl-o sahir, Fernão correu a elle, e sosteve-o por

um braço. Depois fitou-o um momento, e balbuciou em voz sumida:

— Henrique, onde está ella?

— Está no convento das Teresinhas, onde entrou esta manhã.

Fernão esteve um minuto com os olhos fitos no amigo, e sem poder fallar.

— Se fôr preciso toda a minha fortuna...— disse elle por fim — mas que ella nada soffra... nada soffra...

Os olhos de Henrique de Avelar encheram-se de lagrimas.

— Maria precisa só do teu amor, e esse... ha-de tornar a têl-o — respondeu elle commovido, e apertando-lhe com força a mão.

Assim dizendo, sahiu, e fechou a porta sobre si.

Fernão ficou um momento voltado para a porta, immovel como se fôra de marmore. Depois deixou-se cahir sobre a volteriana, a soluçar com a fraqueza de uma mulher.

VIII.

Henrique de Avelar sahiu de diante do amigo, sem saber como havia de dominar a tenacidade terrivel com que a suspeita se aferra á alma do homem honrado; mas firme e resolvido a combatêl-a com todas as forças d'aquella energia que não afraca diante de impossiveis, e que sobe tão alta em alentos que não poucas vezes consegue elevar-se sobre toda a grandeza de uma situação desesperada.

Encaminhou-se portanto a casa, revolvendo tenazmente na imaginação o desejo, e ao mesmo tempo sem poder dominar a confusão que usa envolvêl-a ao primeiro impeto das grandes difficuldades; mas firme e teimoso no empenho, em que a vontade lhe entrára com toda a valentia da vitalidade nervosa, que poem de pé a materia até mesmo n'aquelle instante em que está mais propensa a succumbir e a prostrar-se.

Quando entrou em casa, as feiçoens retractavam não a desesperança, mas a vontade inabalavel e decidida. A lucta, que o espirito lhe travára com aquella difficuldade, revelava-se por tal fórma no enrugado da fronte e no brilho dos olhos que se fitavam como ao acaso, e sem

vêrem o que fitavam, que o creado que lhe sahiu ao encontro, parou indeciso se lhe devia ou não dirigir a palavra. Por fim animou-se, e fallou.

— Lá em cima está um sujeito á espera de v. ex.ª — disse elle.

— Que dizes? — replicou Henrique, pondo abstracto os olhos n'elle.

— E' um sujeito — continuou o creado — que diz que precisa fallar-lhe hoje mesmo. Apesar de eu lhe dizer que v. ex.ª não tinha hora certa de vir para casa, teimou em esperar até que viesse, fossem quaes fossem as horas.

A casa de Henrique era em luxo egual á de Fernão: tinha todas as commodidades que costumam ter as habitaçoens de uma familia que vive na melhor sociedade.

Ao ouvir o creado, Henrique dirigiu-se maquinalmente á sala das visitas, abriu a porta, e entrou para dentro. O homem, que por elle esperava, e que estava todo occulto por traz do encosto da poltrona em que estava sentado, de costas para a porta e face para o fogão, levantou-se, ao sentir abrir a porta.

Era um moço de vinte a vinte e seis annos de edade; alto e elegante de fórmas; fronte elevada e face pallida e um pouco crestada. Os cabellos e o bigode, pretos como azeviche, faziam sobresahir a pallidez do rosto, e sobre ella desenhavam-se ainda mais expressivos dois grandes olhos negros, franjados de pestanas da mesma côr e reluzentes de audacia e de altivez. Trajava farda de official de marinha.

Ao dar com os olhos no moço, Henrique parou de repente, e as feiçoens revelaram a anciedade mais viva e mais profunda.

— Guilherme de Aguiar! — balbuciou, fitando n'elle os olhos brilhantes de toda a impressão que lhe abalára o espirito.

Aquelle moço era o irmão de Maria.

Guilherme de Aguiar dirigiu-se serenamente para elle, e sem que o rosto variasse um só ponto da severidade glacial e socegada que o cobria.

— Sou eu mesmo, Henrique — disse elle, estendendo-lhe a mão — vejo com mágoa que a minha presença é pela primeira vez desagradavel ao amigo querido do general Aguiar.

— Oh! Guilherme... — disse Henrique, fitando-o severamente.

Mas a impressão que as ultimas palavras do moço tinham produzido n'elle, apesar de forte, não o era sobejo para dominar a que lhe fizera no espirito a sua presença inesperada. Foi-o bastante para lhe arrancar instinctivo aquelle protesto contra uma suspeita desairosa; mas não para lhe abafar no animo o receio das consequencias fataes que a presença do irmão de Maria, junto do homem que a abandonára, podia acarretar sobre o negocio, em que tanto de coração se empenhára.

Dirigiu-se pois a uma volteriana, fronteira á de Guilherme, e sentou-se. Este sentou-se tambem, seguindo sempre os movimentos maquinaes do amigo com um olhar prescrutador e quasi suspeitoso.

Os dois moços ficaram um momento em silencio.

— Creio lêr nos teus olhos, Henrique — disse por fim Guilherme — que sabes o motivo da minha vinda aqui.

— Não te enganas — balbuciou Henrique.

— Então sabes que Maria...

— Sei tudo.

Os labios de Guilherme de Aguiar encresparam-se com um ligeiro sorriso sarcastico.

— E estás talvez pensando comtigo — disse elle, depois de um momento em que fitou d'esta fórma o amigo — que sou um covarde e um villão, por vir a tua casa antes de matar Fernão d'Albernaz.

Os olhos de Henrique animaram-se sobrenaturalmente.

— Não — respondeu elle — estou pelo contrario pensando que és um homem cavalheiro e nobre, que sabe reprimir os resentimentos do orgulho offendido, para não damnar com elles a felicidade da irmã que estremeces.

Guilherme sorriu-se, e abanou ironicamente a cabeça.

— A ultima vez que vi meu pae — disse elle por fim — no ultimo abraço que me deu, recommendou-me com todas as forças da sua alma a esposa e a filha, e depois que se algum dia me achasse em lance importante de honra, não me decidisse sem tomar primeiro conselho com a amizade provada de Henrique d'Avelar, o homem mais honrado que conhecia. Aqui estou pois; Fernão d'Albernaz é teu primo — que me aconselhas que faça?

— Fernão d'Albernaz é para mim um homem diante da honra — replicou severamente Henrique. — Guilherme — continuou solemnemente — não ha ainda doze horas, que me separei com mágoa de um retrato que durante oito annos contínuos trouxe junto do coração. Esse retrato era o de teu pae...

— E achaste alguma vez n'aquellas feiçoens, Henrique, um só traço, que indicasse que era elle homem para deixar doze horas impune uma affronta como esta?

— Não, amigo — replicou Henrique de Avelar — mas além do sentimento generoso que recordas, havia n'aquelle rosto tambem a revelação de um outro egualmente nobre. Era aquelle que sabe abafar as paixoens dentro da alma, quando o resaltar d'ellas póde fazer mais profunda a chaga da honra, e que sabe contemporisar prudentemente com o insulto quando não é o proposito quem o inspira, mas sim a illusão ou a loucura.

— Então aconselhas-me prudencia? — disse ironicamente Guilherme — E é essa a nobreza d'alma que meu pae admirava?

Os olhos de Henrique brilharam de repente luzentes da cólera de uma fera.

— Era — balbuciou curvando-se para o moço — Guilherme de Aguiar, ninguem até hoje ousou duvidar da minha honradez: teu pae sabia avaliar melhor os homens que tu...

Dominando-se então de repente, continuou serenamente:

— Enganas-te, amigo, no modo por que consideras o abandono de tua irmã. Fernão d'Albernaz ama-a hoje mais do que nunca...

— Ama-a!...

— E dava a salvação por conseguir dominar-se a ponto de poder unir-se com ella.

— E quem o estorva de reparar a affronta que fez a uma familia que o recebeu como filho, e a quem pagou com a villania de seduzir uma innocente?...

— Silencio, Guilherme — interrompeu Henrique de repente. — Comprehendes por ventura o que é o ciume no espirito de um homem honrado? Acreditas acaso que no seculo XIX haja ainda um homem que prefira matar-

se a contemporisar com a suspeita que infama, aos olhos d'elle, a mulher, por quem morre de amor? Pódes por ventura seguir o alcance dos resultados da experiencia no espirito de um homem como Fernão d'Albernaz?

— Não te comprehendo, Henrique...

— Fernão d'Albernaz adora tua irmã, Guilherme, com força egual áquella com que o instincto defende a vida; porém entre elle e ella ha uma suspeita terrivel, que lucta com aquelle amor violento, e que, fazendo-o fugir de Maria, o tem a estas horas a dois passos do suicidio.

— E que fundamento tem elle para duvidar de minha irmã? — replicou Guilherme com altivez.

— Uma illusão... de certo, diz-m'o o instincto; mas forte bastante para fazer suspeitar um homem de honra.

— Então Fernão contou-te essa historia?

— Contou, mas antes d'elle tinha-m'a contado Maria.

— Maria! — exclamou Guilherme, levantando-se e dando dois passos para Henrique — então Maria está em Coimbra... sabes onde ella está...

— E tu não o sabias!

— Não; suppunha-a perdida para sempre... morta talvez de desespêro, porque conheço-lhe a alma nobre de sobejo para não abaixar-se a seguir um homem como amante. Mas, por Deus, Henrique leva-me á minha pobre Maria...

— E' cêdo ainda, Guilherme; tua irmã está em logar seguro, e tu não deves tornar a vêl-a, antes de poder chamar Fernão d'Albernaz pelo nome de irmão...

— Henrique — exclamou o moço arrebatadamente — Maria contou-te tambem como a amo?

— Contou, e por isso mesmo...

— E sabes por ventura — interrompeu-o novamente Guilherme, com os olhos illuminados por uma luz terrivel — até onde póde chegar o desespêro de um homem, que pretendem separar violentamente de uma pobre menina, que o pae lhe recommendou á hora da morte, e que elle ama sobre todas as coisas do mundo?

Henrique encarou com firmeza o olhar enfurecido do irmão de Maria.

— Sei — respondeu elle serenamente — sei até onde deve chegar a prudencia do homem que não quer damnificar com o seu procedimento o futuro de uma pessoa que estima. Isto foi o que aprendi de teu pae, filho do general Aguiar.

Guilherme passou allucinado a mão pela fronte.

— Mas que receias de mim? — exclamou elle afflicto.

— Receio que a dôr te faça perder a cabeça, e que destruas com a allucinação os meios que nos restam para fazer a felicidade de Maria.

Guilherme de Aguiar deixou cahir os braços com desalento, e fitou Henrique abstracto n'uma dôr sem egual.

— Leva-me a Maria — exclamou elle por fim, arrojando-se nos braços do amigo — prometto-te que hei-de ter valor... Henrique, eu tenho a alma de meu pae.

— Tens — replicou este, apertando-o commovido contra o peito — reconheço-o tambem, Guilherme; mas na tua alma ha muito amor para Maria e muito fogo da mocidade, para poderes encarar este quadro com o sangue frio, que os annos e os trabalhos tinham inspirado a teu pae.

Guilherme pôz-se a passear distrahido na sala; de

quando em quando os olhos illuminavam-se-lhe colericos, outras vezes vendavam-se-lhe vertiginosos, e o pobre moço passava a mão pela fronte como a desviar de cima da razão o véu que pretendia abafar-lh'a.

— Socega, amigo — disse Henrique por fim — é necessario prudencia para levar este negocio a bom cabo. Sabes como respeito e amo a memoria de teu pae, e sabes tambem como préso Fernão d'Albernaz desde a infancia. Confia portanto em mim; este negocio interessa-me muito mais que se fosse meu proprio, tenho-o tanto a peito como se tivesse de salvar a minha propria existencia. Eis-aqui o motivo porque te não entrego tua irmã; não, não consinto que ninguem torne impossivel a realisação de uma empreza, da qual não devo nem posso arredar-me. Guilherme, é preciso primeiro que tudo varrer o ciume da cabeça de Fernão d'Albernaz, do homem que conhece a sociedade a fundo, e para quem por isso mesmo qualquer apparencia se avulta realidade. A causa mais somenos que lhe irrite o orgulho, impossibilitará a felicidade de Maria para sempre. Deixa-me só com este negocio; parte, vae para Lisboa, confia na minha honra e na amizade que tive a teu pae, e tua irmã apparecerá dentro em breve no seio da sua familia, esposa querida do homem que por ella se está finando de amor.

Guilherme ouviu estas palavras n'uma meia abstracção de espirito, que se lhe revelava na quietitude do corpo e no fitar firme dos olhos. Esteve assim um momento sem dar resposta, depois voltou-se para Henrique, e disse em voz meia abafada pelo receio de offender o amigo:

— Mas crês por ventura, Henrique, que obras com

justiça, escondendo uma pobre menina á protecção de um irmão que a ama? Tens por ventura direito a negares-te a entregal-a á sua familia, tu homem inteiramente estranho a ella?

— Tenho — respondeu soberanamente Henrique de Avelar — eu sou o homem por quem o general Aguiar chamava no delirio da morte, a recommendar-lhe a familia e especialmente a filha que estremecia, e que nunca tinha apertado contra o coração.

Guilherme deu algumas voltas distrahido na sala.

— Vem comigo — disse elle, parando finalmente junto de Henrique — já que os rogos da amizade nada podem comtigo, quero vêr se serás egualmente duro quando a compaixão te implorar.

Henrique fitou Guilherme sem comprehender aquellas palavras; como porém o viu encaminhar-se á escada, seguiu maquinalmente a traz d'elle.

Guilherme d'Aguiar encaminhou-se para a hospedaria do Lopes. Os dois amigos entraram... Guilherme dirigiu-se para um dos quartos interiores, empurrou a porta, e disse a Henrique, apontando para dentro.

— Vê agora se ainda me negas Maria.

Henrique mal tinha tido tempo de olhar, quando, ao nome de Maria, soou de dentro do quarto um grito cheio de afflicção, e uma senhora de meia edade, o rosto macerado e os olhos illuminados pelo brilho da allucinação, correu a elle, e aferrando-o com a fereza da loucura, exclamou em voz estridente:

— Maria!.. Onde está Maria? Oh! dê-me minha filha.

— Onde está Maria? — disse ao mesmo tempo um homem idoso, com as feiçoens cadavericas, aferrando Henrique d'Avelar por o outro braço.

— Henrique — disse então Guilherme — esta é a familia de Maria; esta é sua mãe, e aquelle o homem que desde a infancia lhe tem servido de pae... é meu tio.

Henrique profundamente commovido, deu sem fallar alguns passos para o meio da casa, arrastado pela mãe de Maria. Dominou-se, e fazendo-a parar, disse-lhe por fim:

— Socegue, minha senhora, eu sei onde está sua filha. Guilherme d'Aguiar — continuou severamente, voltando-se para o moço — não resisto mais, mas sobre ti cahirá a responsabilidade do que resultar d'aqui.

— Guilherme, quem é este homem? — exclamou a mãe de Maria, recuando aterrada pela severidade das feiçoens de Henrique.

— Sou o homem — respondeu este — a quem seu marido, na India, chamava filho, e a quem á hora da morte recommendou a felicidade da sua familia.

— Este é Henrique de Avelar — respondeu ao mesmo tempo Guilherme.

D. Francisca, a mãe de Maria, atirou-se de repente de joelhos diante de Henrique.

— Henrique de Avelar!... — exclamou ella — Oh! senhor — continuou pondo as mãos com desespêro e angustia — meu marido escrevia-me que a unica consolação do seu desterro era a amizade que o ligava a v. ex.ª; dizia-me tambem que Henrique d'Avelar era o homem mais nobre e mais generoso que conhecia... Pela alma d'aquelle homem que tanto o amava, dê-me minha filha.

Ao vêr a afflicção de D. Francisca, as lagrimas assomaram aos olhos de Henrique. Do outro lado tinha o pobre velho a soluçar como uma creança, ajoelhado tambem junto d'elle, que o fizera maquinalmente, porque a afflicção havia-lhe estonteado a cabeça.

Henrique levantou a mãe de Maria e o velho, levou-os a um sofá, e fêl-os sentar.

— Se o unico motivo da sua afflicção é o não vêr sua filha, minha senhora, dentro de uma hora v. ex.ª ha-de têl-a aqui. Antes porém é preciso revelar-lhe tudo...

— Oh! eu quero vêr minha filha... — exclamou D. Francisca, sem attender ás palavras de Henrique.

Mas Antonio da Fonseca, o tio de Maria, conseguira por fim dominar-se. Levantou-se, tomou uma das mãos da irmã, e disse-lhe brandamente:

— Socega, Francisca; lembra-te que o homem com quem estás fallando, é o mesmo de quem teu marido te escrevia, que em qualquer afflicção o escutasses, e attendesses, como se fosse elle mesmo. Perdôe-nos esta allucinação — continuou fallando para Henrique — porém Maria era a nossa perola...

E o pobre velho não pôde continuar, que a voz tomou-se-lhe na garganta, e não pôde dizer mais nada.

Henrique deixou-os serenar.

— Minha senhora — disse elle por fim — é necessario que v. ex.ª saiba toda a verdade. Sua filha está para ser mãe.

Guilherme d'Aguiar soltou um rugido de fera, e deu maquinalmente dois passos para Henrique com os olhos illuminados por um brilho satanico. D. Francisca ergueu de repente a cabeça, e fitou Henrique com um olhar estupido e pasmado, ao passo que Antonio da Fonseca cobriu o rosto com as mãos, e começou a soluçar.

Henrique conheceu bem que era preciso dominar primeiro que tudo aquella terrivel impressão.

— Maria não está deshonrada — disse elle em voz forte e severa — Maria é esposa de Fernão d'Albernaz.

A estas palavras todos o fitaram espantados.

— Maria é esposa de Fernão d'Albernaz — continuou elle solemnemente — se o não é á face dos homens, é-o perante o coração e a honra. Este é o unico altar onde sacrifica um homem como elle. Separando-se d'ella, fêl-o como quem se separa de uma esposa infiel. Fernão considera-se casado.

E depois de um minuto de silencio, continuou:

— Senhora D. Francisca, temos tudo a esperar do futuro, se a prudencia inspirar o nosso procedimento. Fernão ama Maria com loucura, porém suppoem-se deshonrado por ella, crê-a infiel, e se não lhe acudimos, Fernão mata-se em poucos dias, e sua filha fica deshonrada para sempre diante do mundo.

— O que é preciso fazer? — balbuciou D. Francisca.

— Deixe-me v. ex.ª dirigir este negocio; ninguem melhor do que eu conhece a alma d'aquelle homem. Se um só dito, um só acto lhe irritar o orgulho afidalgado do espirito, tudo fica perdido para sempre. Fernão suicida-se, mas não casará com Maria.

— Oh! senhor, por Deus, salve-nos...

— O general Aguiar recommendou-me sua filha; se eu não conhecesse convincentemente o que digo, matava Fernão... depois seria o que fosse de mim, porque não sobreviveria de certo á unica affeição que me resta da infancia. Senhora D. Francisca, v. ex.ª deve confiar-se em mim.

— Senhor Avelar, o que havemos de fazer?

— Guilherme, tu partirás immediatamente para Lisboa...

— Eu... abandonar Maria!...

— Meu filho partir... abandonar-me...

— V. ex.ª não fica abandonada, senhora D. Francisca; além de seu mano, estou eu aqui que velarei pela sua felicidade com solicitude egual á d'elle. Tu has-de partir para Lisboa, Guilherme, has-de partir e já. Já te disse os motivos... Escusas de jurar-me que te has-de vencer; julgo-te por mim mêsmo — eu não seria superior á cólera, se visse diante de mim uma irmã deshonrada... Que respondes a isto, amigo?

— Partirei — balbuciou o moço — Minha pobre irmã!... sem te abraçar...

— Sem a abraçar, não, Guilherme — disse Henrique commovido — eu vou buscar Maria. Partirás depois de a abraçares; atraz de ti irá uma carta com revelaçoens que te provarão, que a felicidade de Maria está pendente do que por ella pódes fazer em Lisboa. Dentro de uma hora estou aqui com Maria — accrescentou elle.

Depois sahiu.

Henrique correu a casa do vigario geral, contou-lhe o que se passava, e sahiu de junto d'elle com uma ordem para que a abbadessa do convento lhe entregasse novamente Maria.

Esta entrou admirada na sege, onde Henrique a estava esperando. Ao saber que a sua familia estava em Coimbra, Maria cahiu desmaiada.

— Coragem, Maria — disse-lhe Henrique, quando ella voltou a si — é preciso dar valor a sua mãe, e resignação a Guilherme; de outra sorte está tudo perdido. Se soubesse como Fernão a ama... Fallei hoje com elle.

Maria não pôde responder, abafada em lagrimas e soluços. Ao chegar á hospedaria, Henrique fez-lhe de novo comprehender a necessidade de se apresentar cora-

josamente. Quando sahiram da sege, Maria conseguira reprimir o pranto.

D'ahi a pouco entravam, onde ella era tão anciosamente aguardada.

— Eis-aqui Maria — disse Henrique, abrindo a porta e entrando com a pobre menina para dentro.

D. Francisca correu á filha, soltando um grito terrivel; mal a apertou ao peito, cahiu desmaiada. Antonio da Fonseca ficára como fulminado de um raio.

Guilherme apertou então a irmã contra o seio, beijou-a com frenesim, depois levou-a para junto da mãe, que Henrique sentára no sofá.

— Guilherme d'Aguiar — disse Henrique fitando o moço, cujas feiçoens começavam a denegrir-se de cólera — é preciso partir immediatamente.

Guilherme não deu palavra; beijou a irmã na fronte, e sahiu.

D'ahi a pouco galopava a toda a brida pela estrada de Lisboa, com as faces incendiadas e os olhos brilhantes de lagrimas e de raiva.

IX.

Henrique sahiu de junto da familia de Maria com a cabeça occupada pela ideia dos primeiros passos que se resolvêra a dar, a fim de vêr se chegava a desenredar o negocio, em que tanto de coração estava empenhado.

Dirigiu-se pois a casa, e escreveu logo após Guilherme a carta que lhe tinha promettido, e na qual lhe devia dar a conhecer o plano que formára, para conseguir tornar a atar o amor de Fernão e de Maria. N'essa carta recommendava-lhe que a todo o poder descubrisse, ao certo, da creada que servirà Maria em Cintra, quem era o homem que n'aquella época mettia a furto em casa, e ao mesmo tempo communicava-lhe as suspeitas que tinha de Estevão de Lemos, e as razoens ainda pouco firmes em que as baseava.

Esta suspeita tinha por motivos — o que Maria lhe dissera d'elle, o caracter traiçoeiro e cuberto de Estevão, e sobretudo a pouca amizade, antes odio mal disfarçado, com que sempre encarava Fernão.

A carta partiu, e Henrique determinou começar n'essa mesma noite a experimentar Estevão sobre o ponto. Assim mal anoiteceu tomou a capa e o gôrro, e dirigiu-se

*

a casa d'elle, com o intento de o conversar tão astuciosamente e de fórma, que Estevão não suspeitasse coisa alguma, e se não precavesse contra qualquer signal que a impressão, do que ouvisse, lhe arrancasse com o primeiro abalo, signal que serviria para determinar definitivamente Henrique ácerca das suspeitas que tinha.

Estevão de Lemos morava na Feira, ao lado direito da Sé nova. Ao desembocar da rua de S. João, Henrique viu diante da porta d'elle uma grande multidão de povo apinhado, que de quando em quando apupava um homem, que declamava enfurecido, voltado para as janellas da casa.

O homem era nem mais nem menos, mestre Bonifacio Fagundes Selavisa, que dizia...

Mas antes de contar o que ouvi, preciso se torna que aclare o motivo d'aquella declamação, d'aquelle accesso de furor em homem tão pacato e prudente, como mestre Bonifacio.

O caso era o seguinte.

Mestre Selavisa tinha uma filha bonita e loireira, por nome Eugenia, e que elle, pelo despotismo viril com que reputava as mulheres *entes nullos*, tinha chrismado pelo patronimico expressivo de Bonifacinha. Esta rapariga, vivia em casa de uma tia que a estimava; e ahi viveria sempre, se um estudante, namorador e cupidista, não pretendesse desinquietal-a, e desinquietar o bairro, visto que por causa d'ella já tinha dado algumas pauladas nos visinhos curiosos, e não sei que bofetadas na entremettida e linguaruda da tia. Mestre Selavisa, informado d'este acontecimento, tratou de pôr a filha ao abrigo dos olhos paternos, e amparal-a com a vigilancia dos penates. Eugenia foi recolhida pois no subterraneo da

praça de Santa Justa, e guardada á vista pelos monstrosinhos seus irmãos, com ordem expressa do pae de correrem á pedra o moinante do namorista, se por ventura fosse tão ousado que se atrevesse a desacatar, sequer com os olhos, a casa de um varão tão respeitavel como mestre Bonifacio Fagundes Selavisa.

Mas as mulheres são anjos quando namoram, como diz Shakespeare, — *women are angels, wooing,* — e Bonifacinha, que sabia de certo esta verdade, não queria por fórma alguma desaproveitar a occasião de ser anjo, abandonando o Cupido do estudante pela Vesta enfurnada na lura subterranea de mestre Selavisa. No estudante dava-se então em pleno sentido aquelle verso da Medea de Seneca:

Amor timere neminem verus potest,

e por conseguinte continuava a namorar a rapariga nas proprias barbas do pae. Debalde mestre Bonifacio tentava guardar Bonifacinha a sete chaves; o estudante sempre achava meios de lhe fallar. Ora, o honrado Selavisa ia encontral-o trepado pela parede da casa, a fallar-lhe pela gateira; ora fallava-lhe por um rombo que abrira no soalho superior da cosinha da Rita, ora finalmente era ao sahir da egreja, na mesmissima presença do pae. E a tudo isto accrescia a audacia insolente com que o moinante intimava, em nome do varapau, o honradissimo Bonifacio, para conservar-se a distancia se estava pendurado na gateira, ou para se desviar convenientemente quando vinha sahindo com ella da missa. O medo fazia resignar Bonifacio, que obedecia, invocando por entre dentes o auxilio da constituição.

Mas Bonifacio redobrava em vigilancia e em perseguição; chegou a ser intoleravel. Então Bonifacinha resolveu-se a fazer uma fallada, e uma tarde fugiu para casa do amante.

Bonifacio ao chegar de politicar na taverna, achou de portas a dentro a nova fatal, e a mulher desgrenhada, a accusal-o de causador do furto. A immunidade das barbas esteve para não valer ao desgraçado. Bonifacia esqueceu todas as theorias da supremacia viril, e mal o pobre entrou em casa, fez-lhe logo um arremesso que esteve a pontos de lhe levar metade da cara nas mãos.

Mestre Selavisa desmentado, sem chapéo e sem capote, correu a casa do regedor a implorar a intervenção da authoridade, em nome da constituição. O regedor era amigo de Bonifacio, mas ao mesmo tempo homem prudente que não gostava de arriscar as costellas em arruidos estudantinos. Para congraçar as duas qualidades, deu-lhe dois cabos, para representarem a lei na diligencia de arrancar-lhe a filha de casa do receptador de raparigas amonadas. Bonifacio pôz-se com elles a caminho, assim como estava sem chapéo e sem capote; ao chegar ao Aljube requisitaram força armada, e acompanhados por seis soldados, eil-os que chegam a casa de Estevão de Lemos, que era um dos companheiros do Pyramo maganão da Thisbe Selavisa.

Cabos e soldados enfurnaram-se ousadamente dentro da casa; Selavisa ficou por cautella á porta da rua. Mas qual foi o seu espanto quando viu debandar a phalange bellicosa pelas escadas abaixo, os soldados a marche-marche, e os cabos debaixo de uma saraivada de pontapés e de sôccos!

Fôra o caso.

Mal chegaram acima, um dos companheiros que era alferes, vestiu a farda, cingiu a banda, empunhou a espada, e appareceu diante dos soldados.

— Meia volta á direita — disse elle em voz de commando.

Os soldados não replicaram; fizeram a manobra commandada, e desceram a marche-marche para a rua. Foi então a vez dos cabos; com esses foi menor a cortezia. Tangeram-lhe a retirada nas costas, e ainda se deram por felizes em lh'a rufarem sómente a cachação e a murro sêcco.

— Lá se avenha, mestre Selavisa — disseram elles, partindo á desfilada.

Os soldados não deram palavra, metteram pela rua das Colchas abaixo, e recolheram ao Aljube.

Mestre Selavisa ficou de bôca aberta, estupido e como assombrado de raio. Nunca pensou vêr em seus dias tal desacato á soberania da lei, nem receber golpe tão fundo na viva crença que tinha nas garantias da constituição.

Mas o estupor passou, e após veio a reacção — eloquente, terrivel, estrepitosa, como devia de ser aquella em que, á funda dôr de pae que vê morrer a filha a morte da deshonra, accrescia a justa indignação de liberal de boa fé que vê desauthorisar nas bochechas o palladio dos seus direitos sociaes.

Ao sahir d'aquelle medonho estupôr, mestre Bonifacio rodeou os olhou cheios de lagrimas e de sangue pelos circumstantes que o apupavam, fez uma careta espantadora, depois arredando os braços atraz e fechando os punhos, fez um arremesso para a porta, com a voz prêsa pela indignação na garganta.

Por fim parou, e soltou um guincho medonho como o de uma fera enjaulada, ao sentir-se impotente para romper as barras de ferro.

— Infames! infames! — bradou elle por fim — Ladroens de seus paes! assassinos da honra dos homens de bem!... Ai que eu arrebento! Ó constituição!

Depois passou as mãos pelas faces, por onde corriam as lagrimas em fio, e disse com voz plangente:

— Dêem-me a minha filha. Bonifacinha, minha filha, minha querida, foge d'esse covil de ladroens, corre aos braços de um pae afflicto. Não ouves, Bonifacinha, Bonifacinha...

Aqui uma gargalhada estrepitosa e dissonante de vozes de diversos tons, cortou a palavra do honrado homem. Bonifacio sentiu entre ellas o tom escarnecedor da voz da filha. Levou então a mão aos cabellos, arrancou na desesperação duas mólhadas, que lhe não fizeram falta á cabeça, tão espêssa e basta era a mata que a cobria, e exclamou n'um grande brado:

— E ella ri-se! Bonifacinha ri-se, faz côro com os assassinos da sua e da honra de seus paes! Ai que eu morro! Aqui d'el-rei... aqui d'el-rei que me matam! Mas qual rei nem qual diabo — accrescentou depois de um minuto de silencio doloroso — não ha rei, nem roque; para estes ladroens não ha religião, não ha lei, não ha rei, não ha constituição. E deitaram as forcas abaixo!... Bonifacinha... Bonifacinha... foge, deixa esses ladroens que te enganam.

Nova gargalhada, e novo accesso de furor em mestre Selavisa.

— Eis-aqui para que um pae cria uma filha! — exclamou elle em voz abafada, e fazendo novo arremesso

para a porta — para estes ladroens lh'a deshonrarem, e cobrirem de lama os trabalhos, os cuidados e as barbas do pobre do pae. Infames! assassinos! E ainda a lei vos não fulmina! Ainda não tendes um cadeado a esses pés como ladroens de honra e de fazendas. E' para isso que vossos paes vos mandam a Coimbra! E' para isso que vindes aprender as leis da nação... para as escarnecer, para as zombar, e calcar debaixo dos pés. Ah! moinantes! ah! vis! deitem já cá fóra a minha filha...

N'isto abriu-se uma das janellas, e a ella assomou um estudante.

— Mestre Bonifacio, vm.ce é injusto para comnosco; para com os meus companheiros, porque é só por mim que Eugenia entrou n'esta casa; para comigo porque a não obriguei, antes foi ella que veio de muito boa vontade. Sejam muito boas testemunhas — continuou voltando-se para os circumstantes — de que não obriguei, nem forcei a filha d'esse homem a seguir-me, antes lhe tenho requerido uma e muitas vezes que torne para a companhia de seu pae, a que ella responde resolvidamente que não. Mestre Bonifacio, para lhe fazer certo o que digo vou obrigar sua filha a descer, e se ella quizer que vá comsigo...

Assim dizendo, recolheu, deixando Bonifacio de bôca aberta, e olhos postos na janella. Minutos porém depois, Eugenia assomou no limiar da porta da rua.

— Que quer vm.ce, meu pae? — disse ella em voz insolente de anojada que estava — Não seja tolo; vá-se embora, e não se importe comigo. Pensa que estou para lhe aturar as borracheiras, e deixar-me matar com as suas doidices, como a coitada da minha mãe? Vá-se d'ahi, sô vadio; todas lhe deviam fugir e fazer como eu,

vaganão, preguiçoso, que passa a vida nas tavernas, para vir á noite comer o que a pobre da mulher ganha com lagrimas e suor de seu rosto. Olhem o diabo para que lhe deu! Até me mudou o nome! Eu não me chamo Bonifacinha; faço-lhe figas, chamo-me Eugenia....

A este insulto, Selavisa soltou um urro, e arremetteu furioso para a filha.

— Ah! desavergonhada!... Oh! constituição.

E parou... recuou...

Entre as duas apostrophes tinha mediado o acontecimento que fizera recuar e parar Selavisa.

Ah! desavergonhada — foi ao arremetter para a empolgar e abolar a cachação; — oh! constituição, e logo parar e fugir, foi ao dar de rosto com um homem de bacamarte á cara, em logar de Bonifacinha que se safara pela escada acima.

Foi poucos minutos antes d'este acontecimento que Henrique de Mello desembocou da rua de S. João na Feira. Vendo o arruido, correu a elle, e presenciou este ultimo passo. Rompeu então por entre a multidão, e arrebatando do meio d'ella Selavisa, quasi doido de mêdo e de raiva, disse-lhe com voz imperiosa e firme:

— Vá-se embora. Não seja tolo...

— Mas, senhor Henrique — disse Selavisa que o reconhecêra, e que por elle tinha a mais alta veneração — mas deshonram-me, assassinam-me... Que hei-de fazer?

— Deixe-me o cuidado de vêr se posso remediar o negocio. Vá-se embora.

Selavisa ameaçou com os punhos cerrados a casa, e partiu pela rua dos Penedos acima. O tumulto dispersou, e um quarto de hora depois, Henrique entrou na casa, onde morava Estevão de Lemos.

E' escusado dizer que Henrique quiz persuadir a entrega da rapariga, e que nada conseguiu. Tambem não se cançou muito; a desfaçatez e desavergonhamento com que Eugenia se negava a voltar para casa do pae, e enroscava o corpo no do amante, e o beijava sem pejo dos circumstantes, nem das palavras e reprehensoens de Henrique, desenganaram-n'o a respeito d'ella.

Mas Henrique notou que Estevão não estava ali.

— Onde está o Lemos? — perguntou elle admirado.

— No quarto, como sempre — respondeu um dos companheiros — Creio que dorme; o maldito nem mesmo deu pela vinda dos soldados.

— Vou-me lá; com vocês já vejo que não negoceio nada.

Henrique deixou os estudantes e a nova estudanta, que, direi de passagem, alguns mezes depois era uma mulher perdida, uma desgraçada, como são todas aquellas mulheres em Coimbra, e dirigiu-se ao quarto de Estevão de Lemos.

Encontrou-o não a dormir, mas a passear fumando no meio da casa.

Depois dos primeiros cumprimentos, Henrique sentou-se, e rompeu a conversa sobre o assumpto, que acabava de ter logar.

— Tu aqui, e lá fóra tamanha chacota, Estevão!...

— Zango d'estas coisas — replicou elle franzindo as sobrancelhas — arrenego d'estes estouvados que fazem mal com os seus divertimentos. Fraca brincadeira em verdade! As consequencias são medonhas, e esses doidos que não vêem mais que a hora presente, não pensam n'ellas. E comtudo se fossem acçoens de outrem, accusal-as-íam de infames e matar-se-íam com elle...

— Tens razão no que dizes, Estevão; quando nos divertimos á custa da felicidade de qualquer, o divertimento é o maior dos crimes. Em que pensa essa gente que não vê, que d'isto o que resulta é mais uma desgraçada, uma prostituta?...

— E prostituta de Coimbra — interrompeu Estevão — onde a prostituição é o auge da desgraça. Quando me lembro d'isto, e vejo lá fóra essa desgraçada allucinada e elles tambem, faz-me horror. Mas que lhe vão lá dizer isto? Que lhe pintem, a ella, a degradação sobre que já vae precipitada, a fome, a nudez, o asqueroso das espeluncas onde tem de habitar sujeita aos caprichos brutaes das fantasias mais depravadas, e por cima d'isto as pancadas, os maus tratos e o desprêso que tem de soffrer, e ouvil-a-hão rir ás gargalhadas, porque tem a estas horas a cabeça cheia de mil formosos castellos no ar. E, a elles, que lhes digam que serão causa de tudo isto, que a cada picadella da desgraça que no futuro ella soffrer, o nome d'elles será amaldiçoado e apregoado com rancor... Digam-lhes lá isso, chamariam-me anacoreta, fossil, e, quando Deus quer, aristocrata.... O mundo é assim.

— Pensas bem, Estevão — replicou Henrique de Mello — e a respeito d'isso faz-me lembrar Fernão de Albernaz...

— Fernão d'Albernaz! — disse Estevão, sorrindo com ironia — Aposto que é alguma maroteira d'esta laia! E' teu primo, perdôa, mas não penso muito bem d'aquelle homem.

— Não é de Fernão que fallo, mas dos amores d'elle — replicou Henrique, fitando surrateiramente os olhos em Estevão.

Este estremeceu e fez-se pallido.

— Dos amores d'elle! Mas que amores?...

— De uns amores que teve em Cintra.

Estevão parou como se a ira de Deus o collasse de repente ao pavimento da sala, fez-se mais pallido, e depois de alguns segundos, disse em voz commovida:

— Mas que tem os amores que elle teve em Cintra, com o que estavamos dizendo das prostitutas de Coimbra?

— Nada. E' cá uma coisa.

— Mas diz...

— Desculpa, mas não digo. E' um facto que presenciei, e que me horrorisou, mas que devo ter em silencio pela honra de pessoas que estimo, e respeito.

Estevão continuou a passear mais agitado, e tirando do charuto enormes nuvens de fumo. Por fim parou, e exclamou, voltando-se para Henrique:

— Mas que diabo de historia é essa? Eu conheci em Cintra o namoro de Fernão de Albernaz.

— Conheceste?

— Conheci. Chamava-se D. Maria de Aguiar.

— Exactamente. Então mudo de tenção, porque talvez possas elucidar-me sobre um facto que muito precisava saber.

— Dize.

— Lembras-te de ires n'aquella patuscada ante-hontem á noite a casa da Capitolina?

— Lembro.

— Adivinhas quem era o *novo gage* que tu e os teus companheiros procuravam?

— Quem? — exclamou Estevão com as feiçoens contrahidas de anciedade.

— Era D. Maria de Aguiar.

Estevão de Lemos soltou um grito terrivel, estendeu os braços para a frente, e exclamou em voz abafada mas terrivel:

— Maria! Maria n'um bordel!...

— Ella mesma — continuou Henrique, fazendo que não dava pelo violento abalo que Estevão soffrêra — vendo-se abandonada por Fernão, perdeu a cabeça, fugiu atraz d'elle para Coimbra, e por fim deu nas mãos d'aquellas mulheres.

— Villão! infame! — balbuciou Estevão n'um rugido.

— Não digas isso, Estevão; Fernão ama ainda loucamente Maria. Se a abandonou foi por um motivo, no qual como homem de honra tem fé e deve ter fé, mas que quanto a mim não tem razão. Suspeito ao menos isso.

— Maria fallou-te em mim? — disse Estevão *que* não attendêra ás palavras de Henrique.

— Não; já vês que se me tivesse fallado de ti, não teria feito mysterio...

— Onde está ella?

— Em casa da familia, que chegou hontem á noite.

— D. Francisca está em Coimbra?

— Está; vaes visital-a?

— Não; depois do que acaba de acontecer, não devo apresentar-me diante d'elles. Teriam pejo de mim.

— Pelo contrario, Estevão; nas circumstancias em que aquella pobre gente se acha, todos os amigos a devem rodear. E muito mais tu que talvez saibas alguma coisa, que talvez ouvisses dizer algum boato, do qual possamos tirar meios para desenredar este triste negocio. Como te dizia, o motivo porque Fernão abandonou Maria, foi o receber certas cartas anonymas que a diffamavam, e ao mesmo tempo vêr-lhe entrar em casa um ho-

mem que lhe era indicado por amante occulto da mulher que adorava. Sabes por ventura alguma coisa a este respeito? A fallar-te a verdade, depois de vêr Maria, creio que houve aqui infamia e villania grande para os separar. Ouviste dizer alguma coisa de que se possa deduzir a realidade d'esta minha suspeita? — accrescentou Henrique com uma leve inflexão de ironia, imprudente n'aquella occasião, mas que sahira sem elle mesmo dar por ella.

Ao ouvir as primeiras palavras de Henrique, Estevão puzera-se a passear de novo no quarto, mas as ultimas em que soára aquella mal disfarçada ironia, fizeram-n'o parar defronte d'elle. D'esta vez foi elle quem fitou prescrutadoramente os olhos em Henrique.

As feiçoens de Henrique já nada revelavam.

— Nada te posso dizer — respondeu portanto Estevão, mostrando a maior sinceridade — ouvi só fallar no namoro, presenciei-o mesmo, mas d'ahi para além nada sei, e nada ouvi. Tudo isso é novidade para mim. A fallar sinceramente, creio como tu na innocencia de D. Maria; porém mulheres são mulheres, e eu não ponho as mãos no fogo...

— Pois suspeitas?...

— Não, homem, não suspeito; digo sómente que apesar de ter toda a confiança no caracter elevado de D. Maria, comtudo ella é mulher, e tu bem sabes o que são mulheres.

— Pois, Estevão, declaro-te que apesar de conhecer D. Maria, só ha tres dias, pela minha parte não tenho a menor duvida a respeito da innocencia d'ella.

— Tambem não estranho isso — replicou Estevão — e mesmo o que eu disse fôi apenas para significar que

não tenho motivos para acreditar; mas se se viesse a conhecer por verdadeira a suspeita de Fernão, ella é mulher, e bem sabes...

— E' impossivel isso, Estevão. Tenho todos os motivos para acreditar que houve aqui grande infamia n'este negocio, e não ha-de passar muito tempo que eu descubra quem a praticou.

O rosto de Estevão atraiçoou-o n'esta occasião. Titubeou, fez-se pallido, os olhos brilharam-lhe, e disse em voz onde mal podia reprimir o abalo que sentira:

— Pois ha suspeitas de alguem?

— Por ora não; ha todas de que se forjou aquella infame calumnia, e em breve esperamos descubrir quem é o author d'ella.

— Está bem, está. Ora adeus, suspeitas...

— Mas suspeitas bem fundadas; suspeitas que não podem falhar; quasi certeza.

— Sim, sim, fia-te n'isso... Aposto que não descobres nada?

— Apostas! Então tens certeza a esse respeito?

Estevão parou, e fitou os olhos carregados em Henrique, que o examinava, já sem duvida absolutamente alguma do que tinha pensado a respeito d'elle.

— Que queres tu dizer com isso?

— Nada; como dizes que apostas... Ninguem aposta sem certeza, e tu não tens nenhuma n'este negócio.

— Modo de fallar. E' que não creio em milagres, e por milagre tenho o poder provar-se a honra de uma mulher. Crê porém que me interesso e muito pela de Maria, e se podér contribuir alguma coisa para o restabelecimento d'ella, pódes contar comigo.

— Talvez possas... Como estavas em Cintra...

— Estava, mas nada vi, e nada ouvi.

Henrique ficou um momento em silencio, depois disse de repente:

— Conheceste a creada que servia Maria em Cintra?

— Conheci... precisamente não — balbuciou Estevão enleado pelo inesperado da pergunta — quero dizer, vi-a duas ou tres vezes em casa de D. Francisca.

— E que pensas a respeito d'ella?

— Essa agora! Pois que queres que pense de uma creada que vi duas ou tres vezes...

— Tens razão. Comtudo muito desejava saber que qualidade de mulher é aquella. Tenho cá certa ideia...

— Forte visionario! Estás bem aviado se vaes por creadas.

— Quem sabe, Estevão?

Henrique calou-se, e Estevão continuou a passear no meio da casa, distrahido. Por fim aquelle levantou-se, e despediu-se:

— Adeus, Estevão. Já sei que se podéres por ventura dar alguns esclarecimentos que concorram para a felicidade de Maria, posso contar comtigo.

— Em tudo e por tudo, amigo.

— Obrigado. Deus leve isto a bom fim, porque não sabes quanto desejo a felicidade de Fernão e de Maria. Está-me porém parecendo, que a festa não passa sem arruido. Adeus.

Estevão sorriu-se, e apertou a mão que Henrique lhe estendia com o rosto tão aberto e franco, que lhe matou todas as suspeitas que por um momento lhe abalaram o espirito.

Em quanto a Henrique, esse ia de todo persuadido que Estevão era o author de todo aquelle enredo. O rosto, atraiçoára-o mais de uma vez, e atraiçoára-o nas occasioens, em que, se fôra innocente, o teria mais seguro e mais sereno.

X.

Se depois da scena que descrevi no capitulo passado, o animo de Henrique podésse titubear ácerca da opinião que devia formar de Estevão, no desgraçado negocio que tinha tão encapellada a felicidade de Fernão e de Maria, a carta que, oito dias depois, recebeu de Guilherme de Aguiar, de todo lhe destruiria a duvida, e o faria arrimar de uma vez á suspeita que o accusava.

A carta dizia assim:

« Meu caro Henrique—Não tenho podido escrever-te, porque mal me chega o tempo para as indagaçoens em que tão de coração ando mettido, e para me vencer pela razão contra os impetos da cólera que me afoga, ao lembrar-me a desgraça da minha pobre Maria.

« Não pódes imaginar o que tenho soffrido.. Não fallarei porém de mim; tenho muito que dizer-te do que tenho feito, para perder o tempo a desabafar o que sinto.

« Logo que cheguei, tratei de saber onde parava a creada de Maria; apesar porém de todos os meus esforços e de todas as pessoas que lancei em busca d'ella, não me foi possivel saber onde vivia, e por consequencia

esclarecer por fórma alguma as tuas tão rasoaveis suspeitas.

« Hontem porém um facto imprevisto e casual começou a abrir a luz n'este negocio, e metteu-me na mão o fio por onde espero sahir sem errar do labyrinto, em que nos achamos engolfados.

« Foi o caso.

« Hontem vindo de Lisboa para Cintra, parei a pouca distancia de minha casa, na de uma pobre mulher que muitas vezes recebia esmola de minha mãe e de meu tio. Como não desaproveito occasião de vêr se posso achar o rumo por onde se acolheu a creada, perguntei á mulher se por ventura sabia alguma coisa a respeito d'ella.

— « Nada sei — respondeu-me ella — desde que sahiu de casa de sua mãe, nunca mais soube noticias d'ella. Tenho porém desconfianças, que quem póde dizer d'ella alguma coisa é o filho mais novo do senhor Lemos, o que está em Coimbra.

— « Estevão de Lemos? — repliquei eu — pois que tem Estevão com a creada que servia minha irmã?

— « Que tem? — respondeu ella — O diabo o diga. Quanto a mim tem tudo; era seu namorado. Por mais de uma vez o vi fallar com ella, e em sitios onde ninguem suspeitava que lhe fosse fallar.

— « Então Estevão fallava muitas vezes com ella em segredo?

— « Fallava, e por signal que onde lhe fallava mais vezes era em casa do Pinto, padeiro; e, segundo dizem as más linguas, não lhe custava pouco dinheiro o favor, que o homem é galhardo para esfolar ainda que seja Jesus Christo.

« Já tinha portanto mais uma pessoa, meu caro Henri-

que, de quem podésse indagar novas da mulher que procurava. Não quiz porém deixar a mendiga sem a explorar de todo.

— « E vm.ce nunca pôde ouvir alguma palavra d'onde colhesse o que elles diziam? — perguntei-lhe eu.

— « Só uma vez, e foi na Penha. Vi de longe o senhor Estevão dar-lhe uma carta, mas não pude ouvir o que dizia; quando me aproximei, ouvi-lhe dizer a ella:

— « Fique descançado; esta noite ás onze horas. Não me esqueço, ha-de recebêl-a.

— « Então elle deu-lhe um beijo, e tirou da algibeira um soberano, que lhe deu, dizendo que era para ella comprar um lenço. Depois separaram-se.

— « E vm.ce nunca mais os ouviu fallar?

— « Nunca; vi-os muitas vezes entrar para casa do Pinto, mas lá não podia ir espreital-os. Pois olhe que tinha boa vontade, que aquella era uma boa alma, Deus me perdôe.

« Despedi-me da pobre, e apesar de ser noite cerrada, como o coração me não deixava parar, fui logo a casa do padeiro.

« Negou ao principio, reagiu até contra as minhas ameaças, mas por fim cedeu á promessa de meia duzia de libras que lhe prometti, se me descobrisse toda a verdade, e revelasse o que d'aquellas reunioens tão frequentes tinha colligido.

« Disse-me então que Estevão tinha-lhe alugado um quarto para fallar a sós com a creada; que muitas vezes lhes ouvira fallar em minha irmã e em Fernão de Albernaz, e que por fim projectaram a entrada d'elle em minha casa, onde iria ficar com ella de noite. Desde aquelle dia Estevão deixou o quarto que lhe tinha alugado.

« Tudo está portanto aclarado para nós; mas para Fernão? Lembrando-me do que me disseste, e a necessidade que ha de termos provas, para assim dizer, palpaveis da infamia que o illudiu, prometti ao homem recompensal-o bem, se por ventura me descubrisse a creada. A ambição venceu tudo, e o homem emprega todos os meios que tem para ganhar a recompensa promettida.

« Dentro em pouco espero, portanto, poder apresentar a Fernão provas incontestaveis da injustiça com que suspeita de minha irmã. E que aconselhará então Henrique de Avelar ao filho do general Aguiar? Ainda será necessario a prudencia? Ainda devo soffrer a affronta sem me mover?

« Creio que pensará então de outra fórma, senão acreditarei que meu pae tambem se enganava ás vezes nos juizos que fazia dos homens.

« Até breve pois, amigo. »

Esta carta tirou portanto todas as duvidas a Henrique. Já não tinha suspeitas sómente, tinha certeza de que Estevão de Lemos era o homem que Fernão vira entrar de noite em casa de D. Francisca. O primeiro impeto foi de ir communicar-lhe a noticia; depois, melhor avisado, deixou de o fazer, porque para provar a verdade d'ella tinha só a carta do homem que era nada menos que o irmão de Maria. Aos olhos de Fernão, cégos pelo crime e pela honra, tal carta era apenas invenção de um interessado. Esperou portanto melhor occasião, e entretanto imaginou todos os meios possiveis para arrancar uma confissão a Estevão, ou haver á mão alguma prova que a supprisse.

Meia hora depois de receber esta carta, Antonio da Fonseca entrou-lhe em casa.

— Vou fallar com Fernão d'Albernaz — disse elle.

Henrique temeu alguma imprudencia do velho, que tanto estremecia a desgraçada Maria.

— Desculpe-me v. ex.ª — respondeu-lhe elle pois — creio porém, que a sua visita nos póde ser mais nociva que proveitosa. Se confia na minha amizade, tome o meu conselho, não vá.

— Porque? Tenho por ventura a recear alguma coisa de Fernão?

— D'elle nada, mas de v. ex.ª tudo. V. ex.ª ama muito Maria, e uma palavra, um gesto menos bem pensado póde ser o fogo chegado á polvora, no estado em que se acha o espirito d'aquelle pobre moço.

— Pois suspeita alguma imprudencia d'estes cabellos brancos, senhor Avelar? Eu estremeço Maria, mas amo tambem Fernão. Demais conheço-o demasiadamente para me persuadir que se possa conseguir d'elle coisa alguma, que a propria razão lhe não dicte. Eu não vou ameaçar, nem exprobrar ingratidoens, amigo; vou chorar, vou implorar a compaixão d'aquelle homem, a favor d'aquella pobre creança, que morre, que se fina a olhos vistos, se elle lhe não acode depressa.

Henrique não fez mais opposição. Por demais seria tambem fazêl-a, que o pobre do velho estava opprimido pela dôr do soffrimento da sobrinha, e convencido que as suas lagrimas e rogos haviam de obrigar Fernão a ir escutal-a. Henrique chegou mesmo a ter alguma esperança d'isso; assim, depois de recommendar de novo toda a prudencia a Antonio da Fonseca, deixou-o partir.

Antonio da Fonseca chegou a casa de Fernão de Albernaz, e pediu para fallar-lhe, sem ousar dizer quem era. Esperou alguns minutos na sala das visitas, no fim

dos quaes a porta abriu-se, e Fernão appareceu no limiar d'ella.

Ao dar com os olhos no tio de Maria, Fernão parou, e fez-se lívido como um defuncto. Antonio da Fonseca tremia de receio antes de vêr apparecer Fernão; ao vêr porém tão cadaverico e tão macilento o moço que tão elegante e formoso tinha conhecido, havia ainda poucos mezes, o velho sentiu-se mover por uma dôr profundissima, e os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas. Se Maria morria victima do abandono e da dureza de Fernão, Antonio da Fonseca tinha ante si a prova irrefragavel de que Fernão finava-se lentamente, assassinado pela suspeita que d'ella havia concebido.

Depois de alguns minutos, Fernão de Albernaz dirigiu-se ao tio de Maria, e com o gesto convidou-o a occupar o sofá, junto do qual se sentou n'uma cadeira. Estiveram alguns minutos com os olhos fitos um no outro, sem poderem pronunciar palavra; por fim Fernão rompeu o silencio, e disse em voz surda e quasi abafada:

— V. ex.ª tem a bondade de dizer-me o que pretende de mim?

Antonio da Fonseca estremeceu; a voz de Fernão abalára-o de fórma que o pobre do velho ficou attónito, sem saber o que fazer, e com a voz cerrada na garganta pelos soluços da dôr. Sem poder fallar, perdido e sem saber o que fazia, arrojou-se aos pés de Fernão a soluçar e a chorar.

Fernão de Albernaz ergueu-se mais lívido do que um cadaver, o rosto contrahido em rofêgos, os olhos quasi espantados e os labios a tremerem violentamente. Quiz fallar, mas a lingua negou-se-lhe a exprimir qualquer termo; lançou os braços ao velho, e quiz erguêl-o, mas

não pôde, não teve forças para isso. Por fim balbuciou quasi em som inintelligivel:

— Senhor Fonseca... pelo amor de Deus... levante-se.

Então as lagrimas arrebentaram-lhe pelos olhos fóra, os soluços desataram-se-lhe do peito, e a voz desprendeu-se-lhe da garganta. Levou o velho de repente nos braços, apertou-o contra o seio com frenesin, e exclamou dolorosamente:

— Meu pobre amigo!... meu pobre amigo!...

E os dois ficaram silenciosos, sem se poderem desprender um dos braços do outro.

Fernão d'Albernaz arredou por fim o velho de si.

— E Maria?... e Maria? — balbuciou elle, cheio de dôr e de toda a anciedade do amor comprimido.

— Está innocente — replicou o velho em voz ainda abafada.

Fernão de Albernaz deixou-se então cahir sobre a cadeira, cobriu o rosto com as mãos, e desatou a soluçar como uma mulher. Antonio da Fonseca contemplou-o assim um momento com as faces cobertas de lagrimas; depois deixou cahir-se outra vez aos pés d'elle, e disse-lhe em voz em que resoava toda a dôr e toda a agonia da alma:

— Fernão, ninguem condemna sem ouvir. Deus mesmo não dá a gloria ou fulmina as penas eternas, antes de avaliar os merecimentos da alma que julga no seu tribunal justiceiro e terrivel. Fernão d'Albernaz, venha ouvir Maria; não a condemne sem a ouvir. A desgraçada está innocente.

— Eu vi... eu vi... — balbuciou Fernão, mal podendo ainda desapresar a voz do pêso da dôr que lh'a tinha abafada.

— Viu!... Mas o que viu, Fernão? — replicou o pobre velho — Por ventura a mulher que amava, era a unica responsavel do que dentro das portas de minha casa podiam fazer pessoas alheias a ella? Por ventura a minha pobre Maria era a unica mulher que havia n'aquella casa?

Fernão conseguira por fim dominar de todo aquelle accesso de dôr que o desmentára um momento. Fez erguer Antonio da Fonseca, e sentar-se no sofá junto d'elle, depois disse-lhe com voz firme e rosto sereno:

— Senhor Antonio da Fonseca, é preciso que ambos nos dominemos a ponto de podermos fallar, como cumpre, de um assumpto para tratar do qual nunca nos deviamos ter reunido. Esqueça-se por alguns minutos que é tio de Maria, que eu farei por esquecer-me de tudo o que este malfadado amor me tem feito soffrer.

E depois de um momento de silencio, continuou:

— Devo-lhe primeiro que tudo a satisfação de ter pago a sua amizade e a hospitalidade com que me recebeu em sua casa, com a infelicidade de sua sobrinha...

— Eu não venho fazer recriminaçoens, Fernão — disse Antonio da Fonseca, afflicto.

— Bem o sei — replicou Fernão d'Albernaz — conheço-o de sobejo para poder deixar de o sentir de convicção. A sua alma é muito nobre para abater-se a lançar-me em rosto os seus beneficios, ainda mesmo que viesse exprobrar-me a infelicidade de Maria. Mas eu é que lhe devo esta satisfação, senhor Fonseca, e visto que nos encontramos, e fallamos sobre este malfadado negocio, a minha honra exige de mim que lh'a dê. Juro-lhe por Deus, senhor, juro-lhe pela alma de minha mãe e pela gloria do meu nome, que a minha intenção não era

esta, quando olhei pela primeira vez para a filha d'aquella que me recebeu como se eu fôra seu filho. A primeira vez que ousei pôr os olhos na filha da casa, onde fôra recebido com tão generosa hospitalidade, olhei-a logo como minha futura esposa. O meu nome e a minha fortuna davam-me azas para subir até esta pretenção; e perante o mundo não tinha nodoa alguma, que me diminuisse a grandeza d'aquellas razoens, e me tornasse indigno d'ella. Repito, senhor Antonio da Fonseca, a primeira vez que fallei de amor a Maria, fil-o depois de decidido a casar-me com ella. Oxalá — accrescentou elle — que eu tivesse apressado esse casamento; ao menos hoje a minha honra estava salva por este lado, e succedesse o que succedesse, seria a estas horas marido deshonrado... e talvez assassino, mas não seductor ignobil e infame.

— Fernão... Fernão — balbuciou Antonio da Fonseca, querendo de novo lançar-se aos pés do moço, aterrado pelo sôm terrivel e abafado da voz em que elle pronunciou estas ultimas palavras — Maria está innocente!... está innocente!...

Fernão d'Albernaz susteve o velho com os braços, e depois continuou serenamente, mas sem responder ao que elle lhe dissera:

— Possúo desgraçadamente a sciencia do mundo, senhor Fonseca, e ainda mais infelizmente um espirito orgulhoso de mais para transigir com a maneira infame e desairosa por que n'elle se aceitam as coisas. Durante o tempo que vivi no meio da sociedade, que caminhei pelo mais intimo d'ella, e lhe palpei os segredos das torpezas e das infamias, vi muita esposa deshonesta, e infiel, e muito marido paciente e resignado, que, ou fingia não

vêr, ou se contentava com que os outros pensassem que não via. Vi outras ainda mais vis e ainda mais torpes, corridas nas ruas e nas praças pelos brados queixosos e enfurecidos dos proprios maridos, e depois acceites de novo pelos braços d'elles, que julgavam satisfeita a honra por aquelle arruido, e a deshonra afogada ou pelas lagrimas do arrependimento, ou pela negação tenaz e inabalavel do cynismo desfaçado e sereno, que se lhes afigurava innocencia offendida e orgulhosa. Vi muitas mulheres solteiras fingirem o amor a troco de conquistarem o rico que as podia enfeitar de velludos e de diamantes; muitas venderem a honra para segurarem um noivo; e outras, ainda mais torpes, a troco de uma joia que o capricho lhes avultava superior a todas as consideraçoens d'este mundo. Vi d'estas torpezas, palpei estas e outras chagas eguaes em asco e infamia, e depois vi tambem essas mulheres serem conduzidas ao altar com a innocencia resplandecente no rosto, e a serenidade nos olhos, e talvez que no coração. As mulheres vi-as assim; e vi os homens tambem acceital-as, e apparecerem depois ao lado d'ellas, de fronte levantada e altiva, e como se n'ellas a infamia não tivesse estampado uma nodoa indelevel. O seculo actual é assim: as suas virtudes essenciaes são oiro e cynismo bastante para disfarçar a infamia, e affrontar com olhares inscientes o sorriso escarnecedor d'aquelles mesmos que — admiravel contradicção! — lhe apertam a mão com gloria, e vivem e praticam como elle.

— Eu não posso ser como estes homens, senhor Fonseca — continuou Fernão d'Albernaz, — não posso acabar comigo transigir com as virtudes da época. Bem sei que estou deslocado, estou como o corvo no meio dos

pavoens, serei infeliz por isso. Mas não posso abaixar-me até aqui, não posso; a minha alma é muito orgulhosa para se soccorrer a apparencias contra o pejo e contra a vergonha da infamia. Se eu praticasse um facto que désse aos outros direito de cuspir-me na face o meio sorriso do escarneo, que reconhece e transige com a deshonra, matava-me...

Fernão d'Albernaz parou de repente, depois ergueu-se, e disse a Antonio da Fonseca:

— Senhor Fonseca, rogo-lhe que me acompanhe ao meu quarto.

O tio de Maria seguiu após Fernão maquinalmente. Este, chegando ao quarto onde dormia, fechou a porta, e dirigindo-se a uma escrivaninha que abriu, tirou de dentro umas cartas, e entregou-lh'as.

— Leia essas cartas — disse então em voz levemente tremula — e veja o que póde pensar de Maria o homem que presenciou os factos, que ahi se lhe revelaram.

Antonio da Fonseca lançou os olhos ás cartas. Á primeira que leu, deixou cahir os braços, e fitou Fernão de Albernaz com os olhos cheios de lagrimas e de dôr.

— Pobre Maria! — balbuciou elle por fim — Fernão, venha ouvil-a; estou convencido que ha-de lêr no rosto d'ella o desmentido d'esta accusação infame.

Fernão não respondeu palavra, nem pôde respondêl-a, porque, apesar da serenidade do rosto e do gesto, o coração estorcia-se-lhe agoniado por uma dôr indescrivivel.

Antonio da Fonseca continuou:

— Pobre innocente! Fernão d'Albernaz, perdôe-me, mas é preciso que a desconfiança da virtude lhe tenha entrado muito funda no peito, para que tão infame men-

tira se não desfizesse perante a sua razão á luz do grande amor que os unia. A minha Maria merecia mais justiça...

— Eu vi... isso mesmo, senhor Fonseca — balbuciou Fernão — ouvi Maria fallar da janella do seu quarto para esse homem, e assomar á ella tambem quando elle lhe entrou em casa.

— Mente — disse serenamente Antonio da Fonseca — Maria é incapaz de ser infame; Maria tem espiritos muito angelicos para saber disfarçar a prostituição.

A vòz do velho ao repetir estas palavras não entoavam insulto, diziam convicção. Aquelle *mente*, que n'outra bôca teria feito de Fernão de Albernaz assassino, então commoveu-o unicamente com um impeto de duvida instinctiva ácerca da persuasão em que estava. N'aquella palavra havia a significação tão irrefragavel e convincente da verdade, que Fernão vacillou um momento, e foi um momento verdadeiramente feliz, porque durante elle Maria antolhou-se-lhe pura como nos primeiros dias do seu tão casto amor.

— Oh! diga-me... diga-me isso mais vezes — exclamou Fernão de Albernaz supplicante, ao vêr que se lhe desfizera como fumo aquella felicidade momentanea que o alentára um instante.

No impeto da dôr, Fernão lançára-se aos pés do velho, e apertára-lhe com frenesin as mãos nas suas, como a supplicar-lhe que lhe restaurasse aquella convicção que tão feliz o fizera um momento, e que tão rapida se alongára, fugindo sem elle lhe poder valer, deixando-o de novo face a face com a tremenda agonia passada. N'aquelle lance em que Fernão luctava impotente com a dôr que com elle se havia aferrado, o desgraçado era o simile verdadeiro do homem, a quem no delirio da sêde

cahiu uma gôta de agua na bôca, e que depois sente redobrada a tortura pelo conhecimento da felicidade que aquelle refrigerio instantaneo lhe déra.

Antonio da Fonseca sentiu então bater-lhe na alma toda a terrivel realidade d'aquella situação. Fernão amava loucamente Maria; aquelle amor era para elle a vida, por elle fazia todos os esforços e empenhava todas as forças; mas aquella suspeita estava com elle aferrada de fórma, que parecia impossivel haver para ella outro remedio que a morte. O amor e o orgulho da honra senhoreavam aquelle homem com forças eguaes; mas a suspeita tinha dado a este poder para se sobrelevar áquelle. E Fernão era muito honrado para trocar a honra pela vida.

Antonio da Fonseca conheceu bem esta verdade, e previu todas as terriveis consequencias d'ella. Era a sentença da eterna desgraça para os dois entes que estremecia. Fernão nunca mais se convenceria da innocencia de Maria, porque Fernão não era homem de apparencias, e não se aproximaria d'ella entanto que sentisse no espirito o mais leve assomo de duvida. Havia alli pois uma sentença irrevogavel de desgraça e de morte passada pelo destino entre os dois.

O velho desatou a chorar, abraçado com Fernão. Por um momento entrou-lhe no espirito o desalento completo; mas depois, por esse supremo esforço que quasi sempre, como diz o mais abalisado physiologista da Europa moderna (1), dá forças ao homem para vencer até o que á primeira face parece impossivel, ergueu-se, e

(1) Il y a des maux effroyables et d'horribles malheurs où l'on n'ose penser, et dont la seule vue fait frémir : s'il arrive que l'on y tombe, l'on se trouve des ressources que l'on ne se

disse-lhe alentado pela lembrança do ultimo recurso que tinha:

— Fernão, venha comigo; venha escutar Maria.

Fernão d'Albernaz ergueu-se maquinalmente, e deu alguns passos após Antonio da Fonseca. De repente parou.

— Onde vamos nós? — disse elle tristemente, e deixando-se cahir sobre uma cadeira — Loucura! Não quero ser o assassino d'ella.

— Assassino d'ella! — replicou Antonio da Fonseca — Engana-se, Fernão; se não quer ser o assassino d'ella, então venha. Maria morre de certo, se isto continúa assim; a sua presença póde salval-a, e as palavras d'ella hão-de desvendal-o.

Fernão pareceu meditar um momento. Depois sorriu-se tristemente, e replicou:

— Não, não vou. Maria morreria de vergonha diante de mim.

— Maria não tem de que envergonhar-se...

— Ou eu matava-a — continuou elle em voz abafada e os olhos scintillantes do delirio dos loucos — se por ventura lhe visse no rosto a desfaçatez do cynismo.

Antonio da Fonseca estremeceu: nas palavras de Fernão resoava a verdade medonha e terrivel, como devia de ser a voz de Deus, quando nos tempos biblicos prognosticava a desgraça pela lingua dos prophetas.

Ao mêdo succedeu a dôr, e o tio de Maria contemplou assim o pobre moço por alguns instantes. Depois sentou-se de novo ao lado d'elle.

— Fernão — disse-lhe elle — em nome da sua feli-

---

connaissait point, l'on se roidit contre son infortune, et l'on fait mieux qu'on ne l'esperait. — La Bruyère — *Caracteres*. Cap. 11.

cidade e da vida de Maria, appello agora para si, homem de valor e capaz de dominar-se. Ceder d'essa fórma á paixão é covardia indigna de si; sacrificar tão loucamente a felicidade a uma fraqueza reprehensivel, é cavar por suas proprias mãos sepultura deshonrosa, e preparar para sobre ella o desprêso de todos os homens que sabem ser homens. Fernão, não lhe peço que se convença da innocencia de Maria, unicamente porque lh'a assevero em nome de tudo o que n'ella conheceu no passado; rogo-lhe, peço-lhe de joelhos, em nome de sua mãe e pela sua felicidade, que vença a paixão a ponto de poder escutar com serenidade aquella que crimina por meras suspeitas. Se persiste em não ceder ás minhas supplicas; se continúa a deixar-se vencer por essa imbecilidade criminosa de animo, tudo está perdido para sempre. O unico recurso que tem para desaferrar de si essa suspeita injusta, é recorrer ás razoens d'aquella que crimina com a razão, e desculpa com o coração. Vença-se portanto, seja homem, e venha escutal-a. De outra fórma — continuou elle solemnemente e pondo-se de pé — torno-o responsavel perante Deus, perante os homens e perante a honra, pela vida de Maria, a filha d'aquelles que o acolheram no seu seio como filho muito querido.

Fernão de Albernaz escutava o velho com a cabeça cahida sobre o peito, e as faces córadas pela febre do delirio. Por alguns minutos não respondeu áquellas ultimas palavras; por fim disse em voz firme, mas vibrante:

— Não vou.

Antonio da Fonseca cobriu as faces com as mãos. Fernão ergueu-se então, voltou-lhe as costas, e sahiu

da sala. Antonio da Fonseca ouviu-o alguns instantes depois entrar no quarto e fechar a porta por dentro.

O pobre velho estremeceu. O estado de desespêro abafado, a que chegára Fernão, fêl-o temer um suicidio. Correu portanto após elle, e exclamou em voz angustiada á porta do quarto:

— Fernão... Fernão! por Deus!...

— Nada tema por mim, senhor — respondeu Fernão d'Albernaz — seja porém esta a ultima vez que nos vejamos.

Antonio da Fonseca deixou cahir a cabeça contra a porta, e esteve assim muito tempo primeiro que podésse vencer a dôr. Depois sahiu, inteiramente desesperado de poder conseguir re-atar a felicidade de Fernão e de Maria.

Leitores, que conheceis a innocencia de Maria e que d'ella não podeis deixar de estar convencidos, não façaes Fernão d'Albernaz anathema da vossa censura, porque levava a duvida tanto além do que vos parece que devia levar. Lembrae-vos que vós estaes lendo um romance, e que o pobre rapaz estava figurando n'uma d'essas temerosas tragedias, que o mundo engenha a cada passo, e que, se quasi sempre se transformam em comedias, é porque o seculo XIX é pouco basto em homens como Fernão d'Albernaz. Lastimae o pobre moço, que se a sciencia da sociedade actual o não deixava entrar no numero d'aquelles fortes, de quem Seneca dizia que não podiam ser infelizes no mundo (1) — não no mundo da sua época, mas no da sua imaginação, — podia comtudo

---

(1) Quemcumquem fortem videris, miserum neges.
SENECA. — *Hercules furens.* — Act. II.

arrolar-se entre aquelles, de quem o mesmo philosopho dizia que tem licença para ser infelizes, porque nasceram predestinados para a infelicidade [1]. Fernão não se offerecia voluntario á desgraça; se cavava com as proprias mãos o abysmo, é por que sobre elle pesava a experiencia, e o destino que o empurrava, e levava-o arrojando até lá.

---

[1] Quem fata cogunt, ille cum venia est miser;
At si quis ultro se malis offert volens,
Seque ipse torquet, perdere est dignus bona,
Queis nescit uti.

SENECA. — *Hypolitus.* — Act. II.

XI.

Alguns dias depois da scena que o leitor acaba de lêr, na qual Antonio da Fonseca se desenganou inteiramente ácerca do que valia para levar a cabo a empreza de desvendar Fernão em respeito á honra de Maria, Henrique de Avelar entrava, ao cahir da tarde, em casa de um estudante, muito conhecido então no meio da Academia, com o intento de pôr em prática um projecto que áquelle respeito tinha concebido.

O desengano de Antonio da Fonseca reduzira-o inteiramente á inactividade, e a confiar o andamento da empreza á amizade provada de Henrique e á tenacidade invencivel com que commettia as maiores difficuldades. Durante alguns dias Henrique aguardára impaciente encontrar nas cartas, que Guilherme escrevia umas após outras, razão bastante efficaz e incontradictoria para commetter de novo o animo de Fernão d'Albernaz. Mas as cartas não annunciavam mais que probabilidades esperançosas de poder encontrar-se a creada, da confissão da qual dependia saber-se precisamente todo o enredo, e descubrir-se prova, perante a qual Fernão não podésse duvidar.

Henrique, homem de espirito inquieto e incapaz de cruzar os braços um só momento em frente de uma difficuldade que emprehendesse sujeitar, ainda mesmo que a passibilidade fosse necessaria para dar ao tempo azo de fazer o que sem elle se não podia fazer, remexêra durante esses dias a imaginação em mil projectos, que fôra, mau grado seu, adiando, a vêr se de Lisboa se lhe annunciava a realisação d'aquelle em que punha a principal esperança. A delonga, porém, que as cartas de Guilherme continuavam a ameaçar, impacientaram-n'o de todo por fim, e um dia rompeu no intento de fazer caminhar os meios que tinha em Coimbra, a par d'aquelles que o seu amigo podia pôr em prática em Lisboa.

Depois de tudo o que se tinha passado, para elle não podia haver duvida de que Estevão de Lemos tinha sido o enredador e o author principal de todo aquelle tristissimo drama. Era portanto sobre elle que todos os seus projectos se voltavam; e Henrique pensava, e não sem razão, que se por ventura conseguisse de Estevão uma confissão completa, faria tanto como Guilherme se conseguisse encontrar a creada de Maria, indubitavelmente o meio principal de que Estevão se tinha servido, e se por ella alcançasse o descobrimento de tudo, e mesmo o fio de Ariadne para encontrar as provas palpaveis no meio d'aquelle labyrintho tão cégo e tão refolhado.

Fazer com que Estevão confessasse scientemente a verdade, era coisa inteiramente impossivel. Não era elle homem que se amedrontrasse com feros ou persuadisse com factos de força bruta; e por outro lado, desconfiado como andava, não havia tambem ahi astucia capaz de o illaquear e seduzir.

Henrique concebeu portanto outro projecto, e para

o pôr em prática dirigiu-se a casa do estudante de que fallei.

Era elle homem que em giria academica se chamava com justa razão verdadeiro *pandego*; homem amigo de tudo o que era folgar, e que se prestava e a casa onde vivia, a toda e qualquer extravagancia, fosse ella da qualidade que fosse. Alli jogava-se mesa franca, — franca á socapa do rigor da lei e da impertinente vigilancia do reitor — alli a folia corria por todos os graus em pleno desregramento; aquella, finalmente, era casa cuja porta nunca se fechava, e que, estivesse ou não o dono dentro d'ella, estava sempre aberta e franca para todos e para tudo, mais franca e mais livre do que a feira ou qualquer rua.

Quando Henrique entrou dentro da sala do jantar, que é em Coimbra o *sanctum sanctorum* da *pandega*, a scena que viu, era tão variada em lances, como doida por uma parte e por outra devassa. A moral publica não comporta a completa descripção d'ella; em todo o caso porém imagine-se uma sala mais pequena que grande, mesmo em relação ás salas pequenas, e dentro d'ella doze estudantes fumando, duas prostitutas, immundas como em geral são todas em Coimbra, cinco cadeiras de pau de pinho pintado de azul, e uma mesa coberta por uma capa de estudante, sobre a qual estava um candieiro de tres bicos e alguns baralhos de cartas.

Um estudante estava sentado sobre a mesa tocando viola e cantando o fado da Figueira; junto da janella estavam outros tres, bifurcados nos assentos das cadeiras e os braços encruzados sobre os encostos, discutindo estrepitosamente uma these de direito publico; por traz do que tocava, dois jogavam a ronda ferozmente e quasi

que em pontos de vir á facada; cinco volviam as duas desgraçadas em toda a especie de devassidão, e um estava no desvão da janella, encostado á parede, embrulhado na capa, fumando e a olhar fleugmaticamente os companheiros — isto no meio de uma atmosphera de doze cigarros, que não cessavam de lançar fumo, o qual apenas tinha as fendas da janella e da porta por onde se evaporar.

Ao abrir a porta, Henrique recebeu de pancada na cara a columna espêssa de fumo, que rompeu por ella fóra, impellido pela agitação atmospherica, que o attrahia para o ar mais livre. Apesar de estudante e de em outros tempos ter assistido a muitas scenas d'aquellas, Henrique recuou afogado pelo fumo. Entrou por fim, mas tal era o reboliço que ia lá dentro, que apenas o tocador da viola deu por elle, e saudou-o levantando a voz mais estrepitosa, e batendo as pernas com tòda a força.

Henrique atravessou quasi sem distinguir coisa alguma até á janella, e d'ahi, depois de tomar fôlego, rodeou os olhos em busca de quem procurava. Achou-o por fim entre os cincos que andavam em reboliço com as mulheres, e reconheceu logo que era um dos mais accêsos na festa. O leitor não terá difficuldade de o acreditar, sabendo que a pessoa procurada era nem mais nem menos que João de Mendonça, aquelle Hercules alentado e não menos doido, que acompanhava Henrique n'aquella noite em que encontrou Maria no Bairro Baixo.

Henrique de Avelar foi-se approximando pouco a pouco do lugar do arruido. N'um dos lances da revolta em que andavam, Mendonça empurrado ou desequilibrado, roçou-se por onde Henrique estava. Este lançou-lhe a mão ao braço.

— Preciso fallar-te á parte, Mendonça — disse-lhe elle.

— Pois sim, espera — replicou Mendonça, reconhecendo-o n'um relancear de olhos, que mais tempo os não pôde fitar n'elle, tão empregados os trazia na refrega.

E n'um momento tornou a apparecer no meio d'ella. Mas no revolver açodado em que andavam uns com os outros, em breve tornou a prolongar-se com Henrique. Este lançou-lhe então a mão, e tirou-o com força para si.

— Com os diabos! careço de fallar-te — disse elle impaciente.

— Pois sim... mas... — replicou Mendonça, fitando os olhos esgaseados na turba.

Henrique aferrou d'elle, e repetiu:

— Não ouves? preciso fallar-te.

— Pois sim; e então? — replicou Mendonça em tom aborrecido.

— Então! Quero que me oiças.

— Dize.

— Preciso de fallar-te em segredo.

— Então onde?

— Aqui, no quarto do Faria. Vamos para lá.

— Pois vamos — replicou Mendonça com tom desconsolado; e seguiu após Henrique.

Henrique dirigiu-se ao quarto de um dos donos da casa, empurrou a porta, depois fechou-se á chave com Mendonça pela parte de dentro.

Mendonça, ainda sobresaltado da refrega, parou no meio da casa a olhar para elle.

— Estás em estado de ouvir o que te quero dizer, ou estás com a cabeça em casa do diabo?

— E que queres tu?

— Quero que me faças um obsequio de verdadeiro amigo; estás em estado de m'o poder fazer ou não?

— Lá isso é outro cantar — replicou Mendonça, compondo a loba — Dize lá o que queres.

Henrique contou-lhe então tudo aquillo que entendeu poder confiar-lhe da historia de Maria. Não era só a necessidade que o obrigava a isso, era tambem plano para o fazer socegar de todo durante a narração, e sobre tudo desviar-lhe o espirito do desasocego da patuscada, fazendo obrar á vontade aquelle espirito tão doido, como cavalheiroso.

Ao ouvir dizer que Maria era calumniada pelo enredo infame de um homem, que elle João de Mendonça conhecia, o nobre rapaz arregalou os olhos com espanto, batendo ao mesmo tempo com as mãos nas côxas grossas e musculares.

— Essa agora só por um milhão de diabos! — disse elle espantado — Mas quem é o bregeiro?

— E' como te digo. Olha se adivinhas.

Mendonça scismou um pedaço, passou a mão pela testa, depois balbuciou:

— A fallar-te a verdade... não sei...

— E' Estevão de Lemos.

— Estevão de Lemos! Eu racho aquelle maroto! — bradou Mendonça, pondo-se de pé com os olhos cheios de cólera, e estendendo o punho cerrado para a frente.

Henrique sorriu-se, e encolheu os hombros.

— Ahi vens tu com as tuas valentias. Não será possivel teres um dia um bocado de juizo?

— Um desavergonhado assim! E demais ao Fernão! Essa só pelo diabo! Mas tambem sempre te digo que o

Fernão é bem tolo. Pois eu deixava-me cá persuadir... esmagava-o.

— E elle a dar-lhe. Já te disse que não venho aqui para que tu o esmagues, e em quanto a Fernão a coisa corre por outro modo que tu não entendes.

— Então que queres de mim?

— Eu te digo. E' preciso fazer confessar Estevão tudo o que fez...

— Vou já lá; agarro-o pelo gasnete...

— Homem, com os diabos cala-te, e deixa-te de estar com bravezas. Eu não quero isso, quero que a coisa se faça pela mansa, e que se roube astuciosamente o segredo ao homem.

— Sim; e então?

— Então, como tu és muito amigo d'elle...

— Abrenuncio! Salva tal lugar. Não sou amigo de bregeiros...

— Ou pelo menos como andas com elle em patuscadas, é preciso que faças o seguinte: A primeira occasião em que forem *chinfrinar* n'alguma pandega, logo que o vires embriagado, começa-lhe a fallar em Maria, com meias palavras; chama-lhe homem feliz, diz-lhe que sabes...

— Que elle enredou vilmente Maria. Entendo, entendo.

— Não, homem; és capaz de deitar tudo a perder. Diz-lhe que ouviste dizer, que Maria estava apaixonada por elle, e que se correspondia com elle por meio da creada; em fim diz-lhe que a creada de D. Maria descobriu que elle ia ficar ao quarto d'ella de noite, e que lhe pedira que dissesse que ia ficar com D. Maria. Percebes?

— Perfeitamente. Uma no cravo outra na ferra-

dura. Deixa estar; elle não tarda por ahi; depois da batota vamos para o *Faz-tres*, e lá, fica certo, atiro-me a elle como Santiago aos moiros. Mas se não confessa, palavra d'honra! esmago-o a sôco.

— E tu a dares-lhe! Homem, já não quero que faças nada. E's incapaz de fazer um serviço a um amigo.

— Porém, Henrique...

— Já te disse que quero levar as coisas pacificamente, de outra sorte perde-se tudo. Entendes?

— Entendo. Mas se elle não disser nada?

— Saude. Ha outros meios.

— Ah! Está acabado. Se não disser, não disse; continúa a patuscada...

— Precisamente. Mas toma bem sentido em tudo o que elle disser, e ámanhã has-de dizer-m'o.

— Como um dez. Fica certo; só se não podér enterrar aquelle maroto.

Henrique despediu-se então d'elle e sahiu. No meio do corredor encontrou um homem, um singular personagem, que se dirigia para a sala de jantar, e que o comprimentou com toda a civilidade e em voz aflautada e de affectação pevidosa.

Este personagem era o padre Garrido.

O padre Garrido, leitor meu, foi um dos homens que atroou Coimbra com a nomeada que teve. Na época em que apparece n'esta historia tem sessenta annos de edade. O rosto é comprido, magro e ossudo, os cabellos brancos, e as mãos e os pés longos e afilados. Tinha sido de estatura bastante alta e reforçada; tinha sido, digo eu, porque actualmente era quasi anão, em consequencia da mais singular deformidade, com que Deus póde visitar as creaturas. O bom do padre tinha soffrido tal enfermi-

dade na espinha dorsal, que o curvou pelo meio do corpo, de fórma que o peito e metade da barriga faziam com a outra metade e com as pernas um verdadeiro angulo recto. Quem visse pela primeira vez aquella machina ambulante, ao primeiro impeto crêl-o-ia homem curvado a procurar qualquer coisa no chão; mas ao vêl-o depois mais de perto, com a cabeça retorcida, e em impotentes esforços para a voltar para o céu, ficaria tomado de horror, e louvaria Deus no pasmo d'aquella maravilha. Depois de se vêr o padre Garrido, ficava um homem competentemente habilitado para entender com perfeição aquella transformação de Nabuchodonosor, de que falla Daniel no cap. IV. Aquelle *ejicient te ab hominibus, et cum bestiis feriisque erit habitatio tua, et fœnum ut bos comedes, et rore cœli infunderis*, nada mais significa que molestia egual á que soffreu o padre Garrido, pela qual o rei dos chaldeus foi condemnado a trazer como as feras o rosto para o chão. O padre Garrido era pois a explicação prática da allegoria do propheta. Nabuchodonosor foi o padre Garrido do seu tempo, e o padre Garrido o Nabuchodonosor do nosso. A unica differença que houve entre o destino dos dois foi toda contra o bom do padre. O conquistador dos judeus pôde dizer, sete annos depois da invasão da molestia, *figura mea reversa est ad me*, tornei a voltar á minha antiga figura; o padre Garrido não. Esse ficou torto até á morte, foi figura geometrica o resto dos dias que viveu.

Henrique de Avelar, depois de aviar o negocio a que ia áquella casa, retirou-se; João de Mendonça seguiu após o padre Garrido para a sala do jantar.

A scena mudára.

A sala estava completamente repleta de gente, a mais

não caber n'ella; as mulheres tinham sido postas fóra, com poucos vintens, porém fartas de murros e de empurroens. Fôra o caso. A maior reunião de gente trouxera em consequencia mais concorrentes á gentileza d'ellas. Os primeiros possuidores resistiram; o caso começou a baralhar-se. Soou primeiro o epitheto *monopolistas*, depois como as pretençoens teimaram pertinazes, a disputa correu a escala até ao ponto do sôco. A obra fervia; algumas mãos já tomavam a direcção dos bolsos com intençoens sanguinarias. Então os prudentes ergueram-se, proclamaram a paz, e para a alcançar puzeram a causa da discordia a ponta-pés fóra da porta. No calor da refrega, a viola, quebrada de cascudo na cabeça de um travesso, tinha voado depois com um ponta-pé pelos ares fóra.

O padre Garrido entrou.

— Vivam vossas senhorias — disse elle em tom de flautim e affectando a voz em pevide disfarçada — aqui estou ao serviço dos illustrissimos senhores. Então vamos á remelgueira?

Comprimentos, antes apupos de toda a ordem, receberam triumphalmente o digno sacerdote, que n'um momento sentiu-se, sem saber como, em frente da mesa e com os baralhos diante de si. O padre fez boa cara, e disfarçou com um sorriso amarello a dôr das contusoens que recebêra, ao girar na meia orbita que terminou na mesa do jogô.

Começou a *batota;* jurou-se, praguejou-se, gritou-se, fez-se tudo n'uma palavra. Um d'aqui apontava uma *bazaluca*, outro declarava ter perdido vinte *vaccas* feitas comsigo mesmo, aquelle pedia uma *belizaria*, est'outro pavoneava-se de acertar com o jogo, aquell'outro amea-

çava a pouca limpeza com que o padre talhava. Era em fim um berreiro infernal, no meio do qual o padre, sorrindo e fallando pevidoso, ia *escovando os patinhos*, e fazendo crescer o monte, sem embargo de uma ou outra *pêga*, que á surrelfa lh'a ia diminuindo de alguns pintos.

N'isto a porta abriu-se de repente.

— Está tudo prêso á ordem do senhor reitor — soou então do limiar d'ella.

Frigidus horror membra quatit. Lembro-me ainda do que se sentia n'aquellas occasioens. A primeira impressão foi o pasmo, a segunda o intento de fugir, a terceira a indifferença e a chacota.

A' porta da sala estava o escrivão da administração, acompanhado do archeiro; e á da rua quinze soldados de bayonneta calada para a escada.

Os mais ligeiros evadiram-se, como relampagos, pelas janellas das trazeiras, e pela trapeira, deixando alguns — *spolia opima* — as capas e os gorros. Os que ficaram deram os nomes, promettendo recolher-se no dia seguinte ao Aljube, prisão n'aquelle tempo dos estudantes, prisão egualmente de assassinos e ladroens! Tal era a policia academica!

Uns foram, outros não foram; os menos pundonorosos ou mais espertos, deram os nomes trocados, e consideraram-se por isso desobrigados de se recolherem á cadeia.

Os mais travessos e mais extravagantes tinham sido os que haviam tomado o expediente de fugir. Entre elles foi João de Mendonça. Ao fugir tinha porém tido a lembrança de mostrar o caminho a Estevão de Lemos que o seguiu sem se fazer rogar.

A turba dispersa reuniu-se poucos minutos depois no alto da Trindade.

— Ao *Faz-tres* — gritou então Estevão de Lemos, enthusiasmado — Que não tolha a perseguição do infame reitor o nosso projecto de pandega. Ao *Faz-tres*.

E eil-os lá vão para o *Faz-tres*.

O *Faz-tres* era uma d'essas *restaurants*-tascas, em que Coimbra abundava n'aquella época. Comia-se, e bebia-se alli academicamente menos mal e não muito cáro. O *Faz-tres*, epitheto por que era appellidado o dono da casa, era o Jupiter da gastronomia e do verdadeiro *chinfrim*. Alli a grelha murmurejava com o rugido do bife succulento, e com a acirrante empada de ovos e presunto; reinava alli a isca de bacalhau da peça, o paio alemtejano, o mexilhão de Aveiro, e a sardinha de escabeche, tudo acirrado pelo colorau e pela malagueta, e regado por abundantes enchentes do *carrascão* da Bairrada. O vinho do Porto era a unica *bebida de guerra* pessimamente representada, com sincero e profundo desgosto dos assiduos frequentadores da locanda.

Uma hora depois o *Faz-tres* declarou-se fallido ácerca de mantimentos. O armazenamento não podéra resistir a vinte estomagos robustos, irritados ademais pela perseguição do reitor.

As cabeças já estavam em pleno enthusiasmo bacchico; os olhos scintillavam, e saudes as mais extravagantes e chanças as mais impossiveis de lembrar em outra parte, saltavam para fóra dos labios, inspiradas pelo bife do *Faz-tres* e pelo travesso carrascão.

João de Mendonça, que com pena, mas em sacrificio a Henrique, tinha entrado menos profundamente do que usava nas provisoens provocadoras da tasca, e por conseguinte tinha a cabeça menos céga dos fumos do alcool bastardo da Bairrada, julgou então azo proprio para com-

metter a empreza, de que se encarregára. Com uma palavra só fez voltar a conversação para o namoro. A jactancia dos conquistadores abriu todas as velas ao vento do enthusiasmo. Cada um exhibiu tres ou quatro cartas recebidas da terra n'aquelle mesmissimo correio, e sobre ellas, sobre a phrase, e a orthographia, e o que mais é, *proh pudor!* sobre o sentimento, que talvez tivesse custado lagrimas a olhos formosos, correu disparatado o arruido.

O estudante d'aquelles tempos, minhas bellas leitoras, era a creatura mais perigosa em namoro. Então, na vinda a ferias, ajustavam-se para o anno seguinte corrilhos e conventiculos, onde cada um se obrigava a apresentar tres ou quatro cartas de tres ou quatro differentes namoros, para pasto de discussoens unicamente instituidas *ad hoc*. E' facil decifrar os resultados d'isto. Vinha um homem a ferias, e apenas o alfaiate lhe mandava o vestuario novo e talhado pelo rigor da ultima moda, eil-o immediatamente na rua e nos saloens; de venta no ar, ao faro da caça que lhe era necessaria. Nenhum queria perder tempo; e sôffrego de conquistar, mal punha o pé fóra da porta da casa, principiava logo o tiroteio a torto e a direito, e sem distincção de qualidades. Triste d'aquella que empenhava batalha decisiva, mais triste ainda da que se rendia prisioneira. Aquelle amor que apparentava tanta sinceridade e tanto fogo, era traiçoeiro e refolhado; aquellas lagrimas e aquelles suspiros, que solemnisavam as despedidas nos principios de outubro, eram o visco perigosissimo, porque se armava á correspondéncia pretendida.

E um homem partia, sêcco, já se sabe, das glandulas lacrimaes, porque em fim jurar e suspirar como desespe-

rado em tres ou quatro partes, era coisa a que até Niobe não seria capaz de resistir. Partia-se por fim, e a fallar a verdade sahia ás vezes um homem do Porto, com o coração empinado em amor, e o peito a arrebentar de saudades. Mas não sei o que era aquillo. Mal o estudante chegava ao alto da Bandeira, e entre os apupos dos ferreiros, saudava o Porto com o ultimo olhar de amargura, o peito desafogava, o espirito inchava de alegria, e o amor batia as azas, e desandava para a retaguarda, a aninhar-se por hi a qualquer canto, á espera que o moinante voltasse no anno seguinte, renovado em desejos, e portanto com á bussola estonteada em procura de novos amores.

Deixo de dizer o destino que tinham as pobres cartas entre as mãos d'aquelles marinelos. Póde imaginar-se. Vamos agora ouvir a conversação encetada por João de Mendonça, e vêr o que elle conseguiu de Estevão de Lemos, ácerca do que pretendia d'elle.

Todos portanto apresentaram cartas, e todas foram commentadas. Um achava na sua a cópia fiel de outra que vinha no *Secretario dos amantes;* outro achava periodos dos romances de Dumas. Este notava a phrase hibrida e desageitada, em pura orthographia minhota-africana; aquelle contava os *ah! ah!*, e por fim concluia que eram mais em numero que todas as letras da carta reunidas. Aqui apodavam-se as lagrimas que se diziam choradas; ali lastimavam-se as saudades soffridas; acolá declamava-se, em tom de sermão de quaresma na aldeia, um amor que a *ella* pintára, se em má letra e má orthographia, com fogo e com sinceridade.

Foi um arruido infernal. O unico que não apresentou cartas foi Estevão de Lemos.

— E tu, Estevão? — disseram os companheiros.

— Eu não tenho cartas.

— Infeliz! És indigno de vestir calças.

— Os gatos são mais felizes que tu.

— Mette-te no Bussaco.

— Ês um verdadeiro cavalleiro da Triste figura.

— Nem uma conquista!

Estevão sorria ironicamente debaixo d'esta trovoada de apupos.

— Fortes patetas! — exclamou por fim — Pensam por ventura que sou para essas toleimas? Eu não sou homem de palavras, sou homem de factos...

— Irra com o leãosinho!

— Viva o Herodes das mulheres!

— Eis ali Lovelace em segunda edição!

— Quem quer vêr Mr. de Faublas resuscitado!

Estevão de Lemos accendeu um charuto, abanando a cabeça, e sorrindo.

— Vá, desafoguem — disse elle por fim — Toquei-lhes na chaga, doeram-se logo. Serei o que quizerem, mas o que não sou é tolo que gaste papel e tinta para responder a babuseiras insulsas com insipidas tolices sem proveito. Quero realidades, repito. Desafio que haja ahi mulher capaz de gabar-se de lhe eu ter escripto o que ella podia ouvir de viva voz. Odeio o namoro a distancia; e amo os sós-a-sós. Ali póde um homem mostrar que é homem; nos outros mostra apenas que é pateta ou paspalhão. Demais não se admirem; para mim as mulheres não são mais que mulheres na rigorosa acepção do termo. Já vêem portanto que hei-de mais rotear nas tricanas que nas damas; despende-se mais tempo, e custa mais a fazer mulheres as senhoras, e por isso não

me metto em cavallarias altas. N'estes cercos odeio a difficuldade; para mim praça atacada deve ser praça rendida, de outra sorte retiro, batido pelo tedio da maçada. Não tenho cartas, porque não tenho namoros.

— Uhi que alarve!

— Fóra com o selvagem!

— Até Adão namorou Eva!

— E' porque não tinha tricanas para comprar — respondeu Estevão fleugmaticamente.

— Qual historia! E' porque o namoro é natural no homem.

— O homem nasceu para namorar.

— O namoro é da Biblia. Adão namorou Eva, Jacob Rachel, David Bethsabé...

— Nego; comprou Betsabé, e para segurar a propriedade, deu cabo do marido, legitimo proprietario.

— Abaixo com o propalador de ideias ante-propagadoras.

— Peço a palavra — gritou Estevão de Lemos.

— Fóra com o monopolista das rodas dos expostos!

— Ah! agora sim — disse Estevão, sorrindo.

— Attenção! — gritou João de Mendonça em voz de trovão, e batendo tal murro na mesa, que pratos e garrafas dançaram em desequilibrio.

Tudo se calou, e voltou para elle.

— Senhores — disse então João de Mendonça — não o acreditem, tudo o que diz é modestia. Estevão é feliz com as damas.

— Fóra o alarve — gritou Estevão de Lemos.

— Tenho as provas do que digo — replicou Mendonça.

— Fóra o paparreta! — tornou a gritar Estevão.

*

— Olha que te fallo em Cintra.

— Pois falla. Ha por lá bem boas tricanas, e eu costumo viver lá parte das ferias grandes.

— Não se trata de tricanas.

— Então de quem fallas tu?

— Olha que eu digo.

— Pois diz; que te leve o diabo.

— Sei mais coisas do que pensas.

— Que diabo sabes tu? Falla para ahi.

— E' uma certa creadinha...

— Vejam que alarve! Falla de senhoras, e sahe-se com creadas...

— Que estás tu a alanzoar? — exclamou João de Mendonça picado — é uma creada alcayota da ama. Disse tudo... contou tudo...

— Disse tudo... contou tudo — replicou Estevão, fitando Mendonça — Ora sêbo!

— Ah! tu teimas! Pois então lá vae. Senhores, ha uma menina em Cintra, chamada D. Maria de Aguiar...

— D. Maria de Aguiar!... Quem diabo?... — exclamou Estevão, endireitando-se na cadeira, e fazendo-se pallido.

— Olhem como elle empallideceu! — gritou a turba, batendo assuada na mesa.

— Mendonça, acaba de contar.

— Dize o que sabes.

— Venha a historia.

— Queremos a historia.

Estevão fitou João de Mendonça com os olhos brilhantes como os olhos de uma fera. Mendonça sorriu-se, e fingiu que não percebia.

— E' como lhes digo — gritou elle, conservando

sempre um olhar de nesga sobre Estevão — A tal dama é uma linda menina de dezesete annos, bonita, bonita a mais não ser. Pois cá o moinante, que se quer vender por amador de tricanas, tanto lhe andou com a cabeça á roda, que por fim, por meio da creada de quem fallo, conseguiu entrar-lhe mais de vinte noites seguidas em casa. E diz que não é feliz! que não tem cartas! E' mentira! Abaixo o hypocrita! abaixo o impostor!

— Estevão, deixa vêr as cartas!

— Conta a historia.

— Que tal era a creada?

— Que te escreve a ama?

— Queremos saber.

— Haja reciprocidade.

Estevão de Lemos deixára dominar-se ao principio por uma cólera difficilmente abafada. Mas João de Mendonça não era bastantemente esperto, para occultar a tenção que o levava áquella descuberta. Os olhares que de contínuo lançava sobre Estevão não eram sufficientemente frios e vendados para occultarem o que pretendia. Estevão conheceu portanto que havia nas palavras de João de Mendonça tenção occulta, e posto o que estava succedendo a par com a conversa que tivera com Henrique de Avelar, aventou logo que se lhe pretendia armar cilada.

Serenou de repente, e disse sorrindo:

— Quem te metteu essa em cabeça, Mendonça? — Palavra de honra, é a *bota* mais bem arranjada que tenho visto. Olha que te *comeram*, meu pobre pateta. Primeiro que tudo sabe que essa D. Maria é namoro de Fernão de Albernaz, e creio que muito proximamente casará com elle; agora sabe mais que nunca fallei com

ella, e nunca lhe vi creada, porque aquella casa é uma verdadeira clausura.

— Pois negarás que pretendeste namorar D. Maria de Aguiar?...

— Que pretendi, ou que namorei?

— Que namoraste — emendou João de Mendonça — Negarás que te metteste com a creada, e que por fim lhe entravas em casa ás onze horas e outras vezes á meia noite?

Estevão soltou uma gargalhada de escarneo.

— Que paparreta! — exclamou, apontando João de Mendonça.

— Fóra o paspalhão — gritou a turba, escarnecendo Mendonça.

— Olhem que chronista!

— Abaixo o almanak çafado!

— Uhi! que pedaço d'asno!

Mendonça estava fulo de cólera; esqueceram-lhe as recommendaçoens de Henrique, e olhou Estevão e a turba com ares ameaçadores.

Estevão ria á gargalhada, olhando-o com insolencia provocadora.

— Abaixa a juba, leãosinho — disse elle, mangando — não te esquentes por tão pouca coisa. Agora escuta, que te vou fallar toda a verdade. Olha, essa D. Maria, de que fallas, e que de certo não conheces, é sobrinha de um conselheiro do supremo tribunal de justiças. E' uma creança... muito doida, muito loireira, segundo dizem. Fernão d'Albernaz, como era lá todo de casa, apaixonou-se por ella, e pediu-a para casamento. Não sei se por lá andou pirata na costa, mas o que te digo é que

nunca tentei desembarcar n'ella. Verdade, verdade, que se contavam em Cintra certos boatos animadores...

— Tu mentes! — gritou João de Mendonça, pondo-se de pé.

Estevão de Lemos soltou nova gargalhada cada vez mais rescendente de escarneo.

— A modo que tens muito interesse em que eu subscreva ás tolices que te metteram em cabeça a meu respeito, Mendonça! — disse em tom de zombaria, e com os olhos cheios de uma ironia provocadora, fitos no amigo de Henrique de Avelar.

Estevão levára a zombaria ávante de mais, para que Mendonça se não abalasse a ponto de se recordar das recommendaçoens de Henrique. Fez por aquietar-se, e conseguiu-o por fim.

— Torno a dizer-te, que nos queres empulhar — disse elle então — E' certo e mais que certo o que eu disse, e se por ventura ha alguma verdade no que dizes, é unicamente reflexo de teres sido mal succedido na empreza. Foste portanto infeliz na tentativa. Pobre rapaz! Lastimo-te, muito mais que, palavra de honra! a creada calumnia-te.

Estevão conheceu que a prêsa lhe tinha escapado das mãos. Não respondeu a Mendonça, mas continuou a fital-o com olhares escarnecedores e abanando ironicamente a cabeça. Mendonça fez que não reparava.

Meia hora depois a turba dispersou. Alguns que moravam na rua do Correio, antes de entrar em casa, desceram ao meio do Quebra-costas, e puzeram-se a bater estrepitosamente a uma porta.

— Ó pedreiro livre! ó pedreiro livre! — gritavam elles.

A' bulha infernal que da parte de fóra faziam, correspondeu immediatamente da parte de dentro uma ladainha inintelligivel, mas que pelo tom parecia de pragas.

— Ó pedreiro livre! Ó alma de Judas.

— Ó pedreiro livre, larga a moça.

— Ó pedreiro livre! velharrão do diabo! Irra! ponha-se a pé.

— Ó pedreiro livre, viva a santa religião!

— Ó pedreiro livre, abaixo os frades! abaixo o carrasco!

Era uma verdadeira assuada aquella. A bulha poderia açordar Coimbra inteira, se Coimbra fosse terra menos feita a ninharias d'esta ordem.

A porta abriu-se então de repente. Mas ao revolver da chave já os perturbadores haviam retirado, uns para o lado do bêcco do Correio, outros para a esquina de Sob-ripas.

No limiar appareceu um velho encorrilhado, magrissimo, de baixa estatura, e de cara arremangada e de pouca paciencia. Vinha em ceroilas e barrete branco; na mão esquerda tinha um candieiro accêso, na direita uma fôrma de sapateiro bastante ensebada.

— Ladroens!... ladroens!... — balbuciava elle, sem poder dizer mais palavra, abafado como estava de cólera.

E como n'esta occasião, á esquina de Sob-ripas assomasse uma cabeça, e soasse um *pedreiro livre*, o velho desandou para lá com a fôrma com toda a força que tinha. Então o arruido tornou-se infernal do lado do bêcco do Correio e do lado de Sob-ripas. O velho arrastou para a porta um cêsto cheio de fechaduras ferrugentas, chaves em egual uso, fôrmas de sapateiro, e outros projectis

d'esta laia, e começou uma activissima metralhada contra os dois lados inimigos, acompanhando-a, em voz abafada, de uma trovoada de pragas e de insultos.

O fogo começou por fim a fraquejar, por falta de muniçoens projectiveis, até que de todo se reduziu a uma vozeria de pragas. O inimigo sahiu então detraz das esquinas com que se anteparava, remetteu á casa do *pedreiro*, invadiu-o, derribou-o, açoutou-o, e depois retirou de carreira, fechando a porta atraz de si.

D'ahi a pouco o Quebra-costas estava solitario e silencioso. Os estudantes tinham desapparecido, e o *pedreiro livre* depois de entoar um kyries estrepitoso de inuteis aqui-d'el-reis, fôra cahindo pouco e pouco n'um pianissimo somnolento, que por fim se esvaiu de todo por traz das grossas taboas de carvalho da porta, que fechára a sete chaves por dentro.

Ao mesmo tempo que o *pedreiro livre* repellia da maneira referida o assalto d'aquelles vaganoens, acontecia na rua do Borralho outra scena muito egual e muito parecida com esta. A differença estava em que ahi não se chamava pelo *pedreiro livre*, mas pelo *la-mecha*, e ainda outro nome que a decencia, não sei com que jus, prohibe dizer; e que em logar dos estudantes serem repellidos a ferro velho, e depois açoutarem um pobre velho em sua casa, eram combatidos a puro calhão, e o aggredido, sahindo á rua mal aconselhado da cólera, era compellido a murro sêcco para dentro da porta da betesga, onde vivia.

Agora, para completar a succinta e abreviada noticia que dei de uma costumeira muito usada por aquelles tempos em Coimbra, resta dizer que aquelles dois homens — o primeiro bufarinheiro, e o segundo barbeiro

— eram dois assomados embirrentos, d'aquelles que em Coimbra se denominam com epitheto que vale o mesmo que *la-mecha*, que renegavam das alcunhas que lhes tinham posto, desmentavam-se até á loucura com ellas, e com o barulho e palavrorio com que o repelliam, provocavam diariamente os assaltos dos estudantes, que por moços e quasi ociosos matavam o tempo com estas e outras semelhantes travessuras.

XII.

Eis-aqui o quarto de Maria.

Tres mezes teem decorrido entre a scena que vou descrever e a do capitulo antecedente.

Durante elle Guilherme empregára debalde todos os meios de que podia dispôr em Lisboa para saber onde existia a mulher de quem pretendia a revelação de todo o enredo que lhe infelicitára a irmã; e em Coimbra, Henrique impacientára-se mais de mil vezes, tentára outras tantas Estevão, e procurára todos os meios que a imaginação lhe suggeria, para conquistar a plena confiança do amigo. Tudo porém fôra baldado. Estevão cada vez mais desconfiado, cada vez mais álerta por todos os assaltos com que lhe commettiam o refolhamento traiçoeiro do espirito, cerrava-se cada vez mais com o segredo, a ponto de por esta parte desesperar inteiramente Henrique. Fernão, esse parecia cada vez mais arrimado á suspeita, e os contínuos e ás vezes até imprudentes commettimentos de Henrique tinham-n'o mesmo chegado a desconfiar que o amigo sacrificava à affeição que lhe tinha, ás obrigaçoens que o ligavam á memoria do general Aguiar.

Tres mezes portanto tinham decorrido, de tremenda agonia e de lances agoniados de espirito para todos os

personagens d'este drama, que o destino tão tristemente enredára. Para Fernão e para Maria, sobretudo, é que elles correram assim. Fernão soffrêra como nunca imaginou soffrer. Os contínuos assaltos de Henrique tinham-lhe sempre viva aquella dôr tão torturante, em que a lucta entre o amor e a suspeita lhe havia enredado o peito. Se o deixassem a sós comsigo talvez que aquella dôr amortecesse, ou, se o chegasse a matar, que o fizesse lentamente, com a morte de phthisico, mas não com a agonia do asphyxiado. Porém assim era têl-o de contínuo sobre um potro de tormentos inimaginaveis. De cada vez que as palavras de Henrique conseguiam amansar-lhe a duvida, de cada vez que um raio de esperança lhe alumiava o espirito, a reacção que vinha depois, accrescentava a dôr, e tirava da chaga sangue mais vivo e mais precioso. Era um sobresalto contínuo de agonias, redobradas de todas as vezes, e quasi que diariamente; era um tormento que o trazia n'uma excitação continuada, e d'aquelles que chegam por fim o homem ao desespêro da loucura furiosa.

E Maria — o pobre anjo soffria tambem, não com a agonia tremenda do amante, mas com o contínuo picar do presentimento, que lhe destruia no coração as risonhas esperanças, com que todos a lisongeavam, e lhe iam amparando a vida. Diante d'ella todos pretendiam sorrir; a propria mãe seccava as lagrimas, e mostrava confiar no futuro e nos esforços que para o felicitar se faziam. Sobre todos Annita era quem mais contribuia para alentar os espiritos alquebrados da desgraçada Maria. A sua audacia varonil, a expressão ardente e a confiança decisiva com que facilitava tudo, sostinham a pobre menina á beira da desesperação.

Annita era verdadeiramente o anjo da guarda de Maria. A primeira vez que D. Francisca ouviu fallar d'ella, perguntou a Henrique quem era. Henrique respondeu sem hesitar que era a sua noiva. Isto deu-lhe jus a ser recebida no seio da familia de Maria; e depois, pelo correr do tempo, D. Francisca só teve mil vezes occasioens de louvar o Eterno por ter creado Annita.

Este é portanto o quarto de Maria.

Eil-a aqui, deitada na cama; d'um lado D. Francisca sentada á cabeceira, e do outro Annita, de pé, e arrefecendo-lhe com uma colher o caldo de gallinha que uma creada trouxera.

Maria não é já o que fôra em Cintra, não é mesmo o que era quando a vimos pela primeira vez em Coimbra. Aos incommodos de uma primeira gravidez tinham accrescido outros que os medicos receavam symptomaticos de phthisica pulmonar, demorada apenas pelo estado em que se achava. E os medicos tinham razão; a dôr, apesar de illudida pelas lisonjas da esperança, fôra surdamente minando aquella organisação franzina e delicada, e com tal rapidez trabalhára, que antecipára até os receios dos medicos, e Maria, mais breve do que elles pensavam, ia apparecer com o que se chama na linguagem da sciencia, uma phthisica incuravel.

O rosto de Maria está apanhado e macilento; as faces tintas do encarnado dos hecticos e os olhos luzentes do brilho frouxo dos olhos dos phthisicos. A voz já não tem aquella harmonia deliciosa que tanto impressionou Henrique; tornou-se agora surda, e rouqueja-lhe levemente na garganta. A tosse ainda se não declarou inteiramente; mas já appareceram os primeiros symptomas d'ella, os pruridos de garganta que obrigam a ar-

rastar de quando em quando a respiração ruidosamente por ella.

Aquelle rosto assim desafiava as lagrimas; quem punha os olhos n'ella, sentia-os humedecerem-se ao vêr aquella dôr tão bem desenhada pelo soffrimento, aquella resignação tão bem revelada pela doçura da voz e do gesto, e aquella esperança, tão vã, tão fóra do que devia ser, pintada nos olhares com que olhava os que lhe eram tão caros, quando fallava do seu Fernão.

N'este momento Maria acha-se sob a pressão de uma agonia dolorosissima, entre a esperança e a desesperação da incerteza, a que se sujeita quem implora um favor que muito deseja ou muito precisa. Só sabe avaliar o que isto é quem alguma vez se topou em taes casos.

Não podendo soffrer por mais tempo a ausencia de Fernão, e vencer-se a ponto de sujeitar-se aos conselhos de Henrique e do tio, Maria, animada pela altivez atrevida de Annita e pelos desejos impacientes de D. Francisca, escreveu a Fernão uma carta em que lhe pedia que viesse a casa d'ella — pedia-lh'o pela alma da mãe d'elle, pelo amor com que a tinha amado, pelo filho que trazia nas entranhas, pedia-lhe, emfim, que muito embora a não visse, e não lhe fallasse, mas que viesse a casa d'ella para que ella lhe ouvisse a voz, e o podésse vêr do logar que lhe promettia ser tão escuso, que o não obrigasse a olhar para ella.

Henrique encarregára-se de levar a carta, e Maria estava soffrendo a anciedade da incerteza da resposta.

— Minha mãe, Fernão não vem de certo — disse ella em voz triste, mas resignada.

— Vem, filha, vem; deixa estar, confia em Deus — respondeu D. Francisca, abafando um suspiro.

— Vem, ha-de vir, que t'o digo eu — disse ao mesmo tempo Annita, com voz decidida e cheia de fogo — Não vem! Ora essa, Maricas!... Ha-de vir, que t'o digo eu; senão...

— Senão?.... — perguntou Maria com anciedade egual áquella com que o naufrago, proximo a alagar-se de extenuado de luctar com as ondas, fita o ponto que ao longe no horisonte se lhe afigura uma vela.

— Senão vou eu mesma buscal-o — replicou audaciosamente Annita — Fernão d'Albernaz seria um infame, se resistisse a conceder tão pouco a quem tanto tem feito soffrer.

Maria sorriu para Annita com um sorriso de esperança triste, mas momentaneamente alentada, e apertou-lhe affectuosamente a mão que, para ella estendêra no calor da resposta.

Depois fitou abstracta os olhos no ceu que lá via atravez da vidraça da janella, e logo correram mansamente duas lagrimas.

— Para que te estás a mortificar? — disse Annita commovida, e baixando o rosto sobre o d'ella — Malditas ideias! Ora vamos, anda, é preciso tomar este caldo; são horas, para depois ficar tempo para o remedio. Vamos a isto para ficar bonita, senão quando elle vier fica aterrado. Queres que te vá buscar o espelho? Ora vamos, doidinha — accrescentou, mettendo-lhe o braço por debaixo do corpo e ajudando-a a levantar-se — é necessario ter animo. Elle vem, vem, vem... vèm que t'o digo eu.

— Não vem, não, Annita; eu conheço melhor Fernão d'Albernaz.

O rosto de Annita coloriu-se de repente, e os olhos brilharam-lhe com o resplendor da ira.

— Conhécel-o melhor? — disse ella — Então como amaste tu um infame?

— Um infame! Oh! não... não — disse Maria, pondo as mãos supplicante e fitando n'ella os olhos arrazados de lagrimas.

Annita estreitou-a de repente nos braços, e cobriu-lhe o rosto de beijos.

—Vamos, não alterquemos como loucas — disse ella. Perdôa-me, foi uma tolice. Mas vamos a tomar o caldo; de resto veremos qual de nós se engana. Pela minha parte, aposto que vem.

Maria sorriu-se, e tomou o caldo. Voltada como estava para Annita, não reparava que D. Francisca tinha escondido o rosto entre as mãos, e chorava. Um gemido porém mal abafado, fêl-a voltar de repente.

— Minha mãe!... — disse ella dolorosamente, e procurando desviar-lhe as mãos de cima do rosto.

— Senhora D. Francisca!... — exclamou Annita, como reprehendendo-a em attenção ao estado de Maria.

D. Francisca comprehendeu-a; abafou as lagrimas e os suspiros, depois disse em voz ainda tremula:

— Perdôe-me, Annita; e tu, filha, não presumas que choro por cuidar que Fernão não virá d'esta vez. Creio em Deus que ha-de vir. Choro, mas é pelo que soffres, e pelo que tens soffrido, filha.

O rosto de Maria resplandeceu brilhante de esperança. Esteve um momento verdadeiramente formosa. Não ha nada que alente mais o coração de uma filha do que as consolaçoens de uma mãe.

Ouviram-se então passos na escada, d'ahi a pouco a porta do quarto abriu-se, e Henrique entrou para dentro.

— E Fernão? — perguntou Annita.

— E Fernão? — balbuciou D. Francisca.

Maria não disse palavra; fitou os olhos em Henrique, e elles disseram mais do que qualquer pergunta poderia dizer.

— Não vem — respondeu Henrique, aparentando serenidade.

— Não vem! — murmurou Maria maquinalmente, e sem desfitar Henrique.

D. Francisca e Annita não disseram palavra; a primeira ficou como fulminada; o rosto e os olhos da segunda resplandeceram cheios de cólera mal contida.

— Oh! que infame!... — balbuciou ella por fim em voz abafada.

— E mesmo é bem que não venha — continuou Henrique, aparentando não ter ouvido Annita — Eu tinha-o antevisto, senhora D. Francisca; esta carta não devia ir, ainda não era tempo, e actualmente o anteciparmos a verdadeira occasião, é pelo menos retroceder. Temos meio caminho andado, temos alcançado já muito, senhora D. Maria, mal sabe quanto temos andado no animo de Fernão d'Albernaz; agora todo e qualquer incidente que lhe suscite ideias differentes das em que está, que o desvie por um momento do caminho por onde conseguimos endireital-o, é perigoso, ou pelo menos imprudente.

Henrique parou um momento, e pareceu revolver na imaginação a imagem da scena a que tinha assistido. Durante este tempo os olhos reflectiram-lhe um certo desprêso provocador, e os labios confrangeram-se-lhe ligeiramente com um sorriso de ironia insultante. Depois continuou:

— Felizmente que reconheci a tempo o mal que a

imprudencia nos ia fazendo. Não sei se viria ou se não, o que é certo é que entendi não dever tental-o com mais esta prova intempestiva. Fernão não leu a carta, não a viu mesmo, porque nem sequer lhe disse que a levava comigo.

As tres fitaram com ancia e com curiosidade os olhos n'elle.

— Quando cheguei a casa de Fernão, encontrei-o com... Imaginem com quem? Com Estevão de Lemos — accrescentou, sorrindo-se com um meio sorriso de ironia terrivel.

Henrique parou, curvou-se a levantar o gorro que lhe havia cahido, e interrompeu-se mais com o fim de ganhar tempo de vencer a cólera que a recordação resuscitára n'elle, do que para levantar do chão o barrete.

— Com Estevão de Lemos! — balbuciou Maria, fitando Henrique aterrada.

D. Francisca fizera ao mesmo tempo um meneio de mêdo, e Annita remexeu-se convulsa na cadeira, e os olhos brilharam-lhe como os olhos de uma fera.

— Não tenha d'esta vez receio, senhora D. Maria — continuou Henrique — Estevão serviu-n'os agora de muito. Taes coisas disse a Fernão, tanto por fim se enredou na propria maldade, que fez erguer o capricho da contradicção em meu primo, e a tal ponto o levou elle, que se eu não chegasse a tempo, teria decerto logar um conflicto, em que Fernão d'Albernaz era o seu cavalleiro, senhora D. Maria.

O rosto de Maria estava radiante de felicidade, e o de Annita de enthusiasmo e de fogo.

— Então Fernão defendia-a? — balbuciou ella com os olhos ardentes fitos no amante.

— Defendia-a. E que defeza! Figurem-se que Estevão de Lemos, a titulo de querer justificar a senhora D. Maria, foi ter com Fernão com o intento de mais lhe espicaçar o ciume.

— Infame! — balbuciou Annita.

— Quando cheguei á porta da sala senti da parte de dentro a voz dos dois, já em tom de quem começava a altercar. Desconfiado como ando de Estevão, puz-me a ouvir.

« — Eu não te quero asseverar que seja verdade — dizia Estevão — mas em fim é mulher, e como mulher não juraria por ella, ainda que fosse minha mãe.

« — Porém que razoens tens tu — disse Fernão já com a voz alterada — para asseverar-me a innocencia de Maria no caso de que te mostras tão sabedor, e ao mesmo tempo diminuir a força da tua defeza com a duvida de se podia ser ou não?

« — Se sou muito sabedor d'este caso — replicou Estevão — é porque Henrique de Avelar m'o contou. De resto já te disse que não duvido da innocencia de Maria; estou convencido d'ella, e entendo que tu como homem de honra não tens direito a fazer a infelicidade d'aquella pobre menina unicamente por meros rumores. Hoje a honra não exige tanto, até mesmo nunca o exigiu, porque fazêl-o seria querer um impossivel. A honra das mulheres é como os mysterios do Evangelho. Crê-se e não se discute, senão quando temos para oppôr-lhe provas evidentes, provas palpaveis. Para levar a consciencia d'ella á exactidão que pretendes, era preciso trazer de contínuo a mulher na algibeira. Creio que não julgas possivel tal disparate, e portanto não deves admirar-te que eu, com a sinceridade e franqueza que tenho,

te assevere a honra de Maria, e diga ao mesmo tempo que não juro por ella. E' mulher, e para eu jurar pela honra das mulheres como evangelho, era preciso trazêl-as atadas em roda da cintura. Ainda assim não sei se o faria; a historia d'aquelle genio das *Mil e uma noites*, que trazia a amante guardada n'uma caixa de crystal, é allegoria que tem muita realidade em si. Repito, pois; não tens provas reaes e evidentes, não tens portanto direito a sacrificar Maria a meros boatos e a puros rumores.

«—Rumores! Mas que rumores?...—replicou Fernão, levantando a voz.

«— Creio que te não devem ser inteiramente desconhecidos — replicou Estevão — Devias ouvir fallar em Cintra de um certo namoro de Maria, e dizer-se d'elle que fôra feliz. Porém bem vês que não podiam referir-se senão a ti. Demais, que diabo importa o que se diz? Por ventura ha ahi meio de calar a maledicencia, e o gosto particular que têm a sociedade pela má lingua e pelo invento desacreditador? Não era a primeira vez que Maria era victima de rumores d'esta ordem.

—Ouvi então mover a cadeira com força, e logo a voz de Fernão tremula e abafada.

«—Mentes—disse elle—Antes de ti nunca ninguem ousou infamar Maria. Mentes como um infame...

«— Fernão d'Albernaz — ouvi então a Estevão de Lemos em voz surda—lembra-te que estás em tua casa, senão...

«— Sáe—exclamou Fernão, e ouvi-lhe os passos em direcção á porta.

Henrique parou então; e abanando ironicamente a cabeça, continuou poucos instantes depois com os labios

contrahidos por aquelle meio sorriso tençoeiro e medonho, que lhe era peculiar, e que revelava mais do que todos os accessos de ira que o agitassem.

— Antes porém de chegarem á porta, abria-a eu. Não sei como pude conter-me tanto tempo.

« — Fernão d'Albernaz — disse-lhe eu, atravessando-me entre elle e a porta — serena, repara que estás em tua casa.

— Depois voltei-me para Estevão, e dei livre sahida a tudo o que a raiva e o odio me tinha ha tanto tempo refervendo no peito.

« — Estevão de Lemos — disse-lhe eu — és um infame, és um vil, és um intriguista.

— Estevão mediu-me de alto a baixo com um olhar de escarneo; depois soltou uma gargalhada, e respondeu-me:

« — Olá, por aqui, meu bello enredador de comedias? Temos por ahi mais alguma peripecia com que se tente a lingua rebelde dos homens calados?

— Metteu-me nojo aquella desfaçatez.

« — Não careço de te fazer fallar — repliquei eu, olhando-o com desprêso — o que quero é collocar-te na verdadeira posição que mereces. És um infame, Estevão, porque para satisfazer uma vingança miseravel, abusas da confiança de um homem cavalheiro, para lhe enredares mais o espirito e a alma em agonias, com palavras calculadas a sangue frio, e mascaradas hypocritamente com a apparencia traiçoeira d'uma amizade mentida.

« — Uhi! que moralidade! — interrompeu-me elle com nova gargalhada, e demonstrando a mais desfaçada e insolente insensibilidade a todos estes insultos.

« — És um vil, um miseravel, e um intriguista — continuei eu cada vez mais irritado — porque sem razão e sem consciencia tentas separar para sempre com a intriga duas pessoas que se amam, pretendes lançar a infelicidade no seio de uma familia, intentas desunir o esposo da esposa...

« — Esposo e esposa! Ai que comedia! — exclamou elle com nova gargalhada.

« — Duvidas? Pensas por ventura que só o casamento dá direito a estes nomes! Miseravel! Maria traz nas entranhas o fructo da união, tres vezes mais santa, que o seu coração contrahiu com o de Fernão d'Albernaz...

— A estas palavras Estevão recuou dois ou tres passos atraz. As feiçoens contrahiram-se-lhe medonhamente, os punhos cerraram-se-lhe convulsos, e dos labios sahiu-lhe um grito tremendo de agonia e de raiva.

« — Deshonrada!... deshonrada por elle!... — balbuciou, fitando Fernão com a raiva de uma fera — Infame!... Infame!...

— Creio que n'aquelle momento toda a verdade appareceu de repente diante da imaginação de Fernão. Soltou um grito terrivel, e arremessou-se cego de furor sobre Estevão.

— Então vi que era preciso não deixar chegar mais ávante a questão. Atravessei-me entre os dois, empurrei Estevão para a porta, e segurei Fernão d'Albernaz entre os braços.

« — Miseravel! Tu me sentirás — rouquejou Estevão de Lemos, estendendo para Fernão os punhos cerrados.

— Depois desappareceu furioso pela porta fóra.

Henrique parou um momento, e depois continuou, sorrindo:

— Depois, senhora D. Maria, desejava eu que estivesse ouvindo como Fernão d'Albernaz a defendia. Desejava-o não só para lhe alentar o coração, mas para a vêr por fim persuadida do que tantas vezes lhe tenho repetido, de que Fernão a ama como em tempo algum a amou. E depois d'isto devia entregar-lhe a sua carta? — accrescentou elle, depois de pensar um pouco — Devia por ventura desviar-lhe o pensamento das ideias tão favoraveis em que estava, apresentando-lhe um papel que o ia revocar para a época em que tão viva e tão sem tino trazia a suspeita? Entendi que não, e creio que entendi bem. Eis-aqui a sua carta, senhora D. Maria, rasgue-a, peço-lhe que a rasgue; deixe a Deus e ao tempo o remedio do mal que só elles podem remediar, e de que penso que começam a apressar o remedio.

Henrique estendeu então a Maria a carta que d'ella havia recebido. Ella que o escutára com os olhos cheios de lagrimas de verdadeira felicidade, tomou-a e com ella a mão que Henrique lhe estendia. Debruçou-se então sobre ella, e cobriu-a de beijos e de lagrimas.

— Oh! Deus lhe pague! — balbuciou ella abafada.

D. Francisca não disse palavra. Estava a chorar, com as mãos postas e os olhos fitos em Henrique.

Durante a narração, Annita approximára-se pouco e pouco d'elle. O fogo com que Henrique relatava os factos tinha-se-lhe ido gradualmente calando no caracter ardente e exaltado. Ao ouvir as palavras de Maria, e ao vêr as lagrimas de D. Francisca, lançou-se de repente nos braços do amante, cobriu-o de beijos, e com os olhos

brilhantes de enthusiasmo e de lagrimas, exclamou orgulhosa:

— Henrique, meu Henrique, tu és digno do amor que te tenho.

Henrique abraçou a amante cheio de amor, e entre consolaçoeus e mil quadros de esperanças risonhas, conservou viva aquella conversação, até que ás dez horas da noite se despediu d'elles, e recolheu a sua casa.

XIII.

Dois dias depois d'esta scena, Henrique recebeu de Lisboa a carta seguinte, escripta por Guilherme de Aguiar:

« Henrique, meu amigo, Deus amerceou-se finalmente de mim. O destino, quando menos esperava d'elle, deparou-me de subito o que tem resistido á energia e á tenacidade de toda a ordem de esforços. Encontrei por fim a creada de Maria; fallei com ella. Tudo está claro, tudo está descuberto.

« O caso passou-se assim:

« Hontem, era meio dia, fui procurado por um homem, que disse ao meu creado que me queria fallar pessoalmente. Tenho andado pouco communicativo e pouco dado, por isso, receoso de alguma importunação, mandei ao creado que dissesse ao homem que eu não fallava a ninguem, mas que mandasse por elle dizer o que pretendia.

« O homem insistiu em que só a mim proprio o diria, e declarou que era preciso fallar-me immediatamente, porque espaçada a occasião, talvez que depois se não tornasse a achar outra para o que pretendia. Aba-

lado pela insistencia do homem, e commovido por certa curiosidade, que até hoje me levava para todas as coisas a vêr se achava por ventura alguns vestigios do que procurava, mandei entrar o homem.

« Era um serventuario do hospital.

« —Creio que v. s.ª é o senhor Guilherme d'Aguiar?.. — disse-me elle.

« — Sou eu mesmo. Que pretende? — respondi eu, enfadado.

« — Venho da parte de uma doente que está no hospital; e bem mal, a ponto, talvez, de não escapar de hoje. Está phthisica confirmada. Pediu-me ella que viesse dizer a v. s.ª que tivesse a bondade de ir fallar-lhe immediatamente, porque tem a fazer-lhe revelaçoens importantes. Como insistiu que désse a v. s.ª pessoalmente este recado, é este o motivo porque teimei em fallar-lhe.

« — Fez bem — respondi, levantando-me, já suspeitoso do que era — Mas quem é essa doente? Como se chama?

« — O nome d'ella é Tereza; disse-me que foi creada da mana de v. s.ª...

« — Muito bem, obrigado. Vou immediatamente — repliquei eu já ancioso de receio de que a mulher morresse antes de eu chegar, e assim me escapasse para sempre das mãos o fio que nos devia guiar no nosso labyrintho, e que Deus tão casualmente me metteu n'ellas.

« Recompensei o homem com algum dinheiro, despedi-o, asseverando-lhe de novo que o seguia immediatamente, e com tal presteza me vesti depois, que em poucos instantes o passei no caminho, e cheguei muito antes do que elle ao hospital.

« Procurei Tereza, dei os signaes d'ella, e aplanando com algum dinheiro os embaraços com que me demorava o porteiro, fui conduzido immediatamente onde estava.

« Imagina, meu caro Henrique, o que senti ao chegar junto d'aquella mulher, da bôca da qual estava pendente a felicidade de minha irmã, vendo-a tão alquebrada da molestia, já quasi cadaver, a ponto de que a não conheci á primeira vista. Tereza era uma esbelta rapariga, formosa e de modos e olhares audaciosos quando servia Maria; tinha os olhos vivissimos e as faces rosadas por uma saude ao parecer robustissima. Agora estava magra, quasi esqueleto, os olhos encovados e de luz amortecida, livida como um cadaver, e a voz sahia-lhe do peito, de fórma que parecia já que fallava de dentro da sepultura. Estremeci ao olhar para ella; aquella differença tão saliente e tão temerosa de aspecto, abalou-me profundamente. Receei ter chegado tarde, e que ella morresse no meio da revelação.

« O meu rosto trahiu-me por certo, porque Tereza mal me encarou, sorriu-se tristemente, e disse-me com as lagrimas a bailar-lhe nos olhos:

« — Não me conhece, não é assim, senhor Guilherme? Tambem hontem não me conheci, quando pedi que me chegasssem um espelho. Nunca pensei que a morte era assim, e que morreria tão nova.

« Tentei dar-lhe algumas consolaçoens; ella abanou tristemente a cabeça, e continuou sem responder a ellas:

« — Sinto que tenho poucas horas de vida, sei que morro brevemente. D'antes ouvia dizer que alguns phthisicos antes de morrer previam a hora da morte; desgraçadamente conheço por mim a verdade. Tenho

já pouco tempo de vida, mas espero em Deus, que esse pouco que ainda me resta, ha-de chegar para poder dizer-lhe o que devo e o que preciso revelar-lhe.

« Calou-se por alguns momentos, depois continuou:

« — Sou muito criminosa para com sua familia, senhor Guilherme, e sobre tudo para com a sua querida irmã. Aquelle anjo!... Como lhe paguei os afagos e a bondade com que me tratava! Deus tenha piedade de mim; e que as minhas lagrimas, e a confissão que de tudo vou fazer-lhe, sirvam para me desculpar na outra vida.

« Aqui foi interrompida por um accesso tão violento de tosse, que me fez receiar que não podésse dizer mais nada. Ella pareceu receial-o tambem por um momento; mas a tosse acalmou-se por fim, e Tereza continuou:

« — Não podia, nem devia morrer, sem revelar-lhe tudo, senhor Guilherme. Escute-me portanto; mas para que o meu crime seja menos horroroso aos seus olhos, peço-lhe pelo amor de Deus que tenha paciencia de escutar a minha historia de mais alto.

« Tereza limpou as lagrimas, e continuou:

« — Não sei quem foram meus paes, senhor Guilherme; a roda dos expostos foi a mãe que me deu as primeiras caricias, e depois d'ella uma vendilhona de peixe. Esta mulher era pobrissima, e tinha além d'isso um genio tão desabrido e tão insultante, que entre todas as peixeiras era aquella que menos vendia. Imagine, senhor Guilherme, o que soffri até aos onze annos, que vivi com aquella mulher. Até então não conheci outro vestuario mais que um vestido de chita, a que de velho e de immundo se não conhecia a côr, coberto de remendos, uns sobre outros, deitados por ella e por mim, a

cada novo buraco que abria. Meia nua e esfomeada, a ponto de passar ás vezes dois e tres dias sem comer, isto tendo diariamente por sustento uma côdea de pão e uma tigela mal adubada de caldo, eis a vida que vivi com aquella mulher feroz e cruel até á edade de onze annos.

«— Um dia que ella chegou a casa mais irritada pelo vinho, espancou-me de tal fórma e deu-me tratos taes, que me espavoriu e fugi. Fugi! E para onde fugi eu? Quinze dias vaguei pelas ruas, ainda com mais fome, a pedir uma esmola que poucos me davam, e dormindo de noite pelas esquinas das ruas, amedrontada pelas tentativas obscenas dos devassos d'entre a canalha mais vil e depravada.

«— Não sabia o que fizesse de mim. N'aquella edade não se pensa na morte como remedio de todos os males, e eu não tinha outro expediente para fugir áquelles que me perseguiam. Resolvi portanto voltar para casa da peixeira, mas o mêdo que tinha d'ella fez-me tomar antes d'isso uma resolução a que devi os quatro unicos annos de felicidade que tive nos dezenove que vivi n'este mundo. Muitas vezes, quando estava com a peixeira, ao chegar a casa antes d'ella, ia sentar-me a um canto a esperal-a, tremendo de mêdo do que me faria quando chegasse. Quando ás vezes a ouvia na rua praguejando em altos gritos com os visinhos, apossava-se de mim tal terror, que me deitava de joelhos, e com as lagrimas a correr-me pelas faces abaixo, punha-me a resar a Nossa Senhora, pedindo-lhe que me valesse. Os meus rogos eram quasi sempre ouvidos; a peixeira entrava, parecia não dar por mim, ceava e deitava-se; e eu deitava-me depois tambem, no mesmo sitio onde estivera ajoelhada, sobre a terra nua, e adormecia com fome, mas sem pancadas.

« — Quando a fome, a miseria e tudo me aconselharam que voltasse para casa d'aquella mulher, o mêdo fez-me lembrar da minha querida mãe de Deus, e inspirou-me que fosse a uma egreja pedir-lhe amparo e protecção contra aquella mulher cruel. Fui pois, entrei e fui ajoelhar diante de um altar de Nossa Senhora. Puz-me a resar de mãos postas, olhos fitos n'ella, e as faces arrasadas de lagrimas. Resava e chorava; parecia que o mêdo dobrava em mim á medida que os meus rogos augmentavam.

« — D'esta agonia, d'esta tortura fui tirada por uma pessoa que me tocava no braço. Olhei — era uma senhora já idosa, cujas feiçoens revelavam uma alma angelica e o luxo da verdadeira opulencia. Perguntou-me o que tinha; eu contei-lhe tudo entre lagrimas e suspiros.

« — Pobre creança! — disse ella.

« — Depois disse-me que a seguisse de longe; e que entrasse na casa onde a visse entrar, porque me tomava para sua creada. Segui após ella, louca de contente; antes porém de sahir de junto do altar, lancei os olhos á minha divina protectora, e agradeci-lhe com lagrimas de verdadeira alegria. Ao sahir da egreja um lacaio chegou-se áquella generosa senhora, e perguntou-lhe se queria que mandasse approximar a sege. Respondeu-lhe que não, mas que a mandasse direita para casa, e a acompanhasse a ella a pé, tendo sempre o olho em mim, para que me não perdesse entre a gente. O lacaio deu as ordens que recebemos, partimos depois, e d'ahi a pouco achei-me dentro de um palacete, onde tudo respirava grandeza e opulencia.

« — Ó minha bemfeitora — exclamou aqui Tereza, erguendo para o ceu as mãos e os olhos arrasados de la-

grimas — a lembrança de que me vou reunir comtigo na outra vida, que vou tornar a encontrar-te, faz-me a ideia de morte agradavel. Não sinto morrer tão nova. Sem ti, sem o unico amparo que tive no mundo, a vida foi sempre para mim a desgraça. Ó minha bemfeitora, minha mais que mãe, quando me lembra que vou tornar a vêr-te no ceu!... Oh! quem me já dera junto de ti, abraçada comtigo, e vêr-te e beijar-te, e a confessar-te ajoelhada a teus pés, os meus desvarios, os meus crimes, e a dôr das tantas lagrimas que de saudade tenho derramado por ti...

« Tereza parou abafada em lagrimas e suspiros. As minhas corriam tambem. Quem poderia ouvir com os olhos sêccos as palavras que a gratidão e a saudade inspiravam áquella infeliz, tão nova ainda, e já sobre a campa! tão nova ainda, e já tão desgraçada, desgraçada desde o berço!

« Pobre Tereza!

« — Mas eu nascêra predestinada para a desgraça — continuou ella minutos depois — a felicidade não me podia durar muito tempo. Havia apenas quatro annos que durava, quando a morte me roubou aquella santa. De uma noite para o dia achei-me sem bemfeitora, sem mãe, sem abrigo e sem amparo. Ainda a terra da campa, onde a enterraram, estava mal assente, e já os herdeiros mandavam pôr na rua todos aquelles a quem ella amparava como bemfeitora, e tratava como mãe.

« — Achei-me de novo na rua, como d'antes, sem saber o que fazer, e sem ter onde me acolher. Este desamparo era agora ainda mais angustioso que o primeiro. Então tinha onze annos, não pensava ainda, e estava acostumada a todas as durezas e a todas as incommodidades

da vida; agora tinha quinze, sabia pensar, pensava até altamente, e os ultimos quatro annos passára-os entre mimos e regalias de filha querida e predilecta. N'esta agonia lembrou-me morrer, lembrou-me o Tejo. Tudo me aconselhava a isso; por um lado o desamparo e a miseria, por outro a dôr e a saudade d'aquella que tão recentemente perdêra.

« — Oh! prouvera a Deus que aquelle intento tivesse ido a cabo. As minhas desgraças teriam findado ali.

« — Mas não sei como aquillo foi. Quando na noite d'aquelle dia me dirigi ao Tejo, ao passar por junto da casa onde tinha gosado a minha querida ventura nos braços d'aquelle anjo, e onde com ella tinha vivido tres annos, a luz faltou-me de repente dos olhos, as pernas não quizeram ir ávante, e cahi desfallecida.

« — Quando acordei, achei-me mettida n'uma cama, rodeada por umas poucas de mulheres, moças e formosas, vestidas com primor, no meio das quaes estavam, de chapeu na cabeça e fumando, dois mancebos, vestidos tambem com todo o esmero e apuro. Olhavam-me todos com curiosidade. Mal abri os olhos, e pude conhecer que não estava na rua, uma senhora mais idosa que tambem ali estava, disse algumas palavras a meia voz ás damas e aos homens, e todos sahiram sem dizer palavra. Então aquella senhora perguntou-me quem era, e porque motivo tinha cahido desmaiada na rua onde me haviam encontrado. Contei-lhe tudo sinceramente, e ella, levantando-me, disse-me que tivesse confiança em Deus, que estava n'uma casa onde havia de ser protegida como filha, e onde nada me havia de faltar.

« — No dia seguinte fez-me ficar de cama, até que chegou um homem de mais de meia idade, feiçoens des-

agradaveis, grosso grilhão de oiro no relogio, e bengala com castão do mesmo metal, que ella me apresentou como medico da casa. Este homem, mal entrou, olhou-me grosseiramente e sem consideração, fixou-me o rosto, e observou-me como quem observa um objecto que se pretende comprar; depois disse para a dona da casa:

« — Está bom, o dito dito. Cá virei á noite.

« — Depois voltando-se para mim, disse-me com modo grosseiro e repellente:

« — A' noitinha vista-se de sêda; quero vêl-a assim quando chegar.

« — E sahiu.

« — Depois de elle sahir, a senhora que me parecia dona da casa, disse-me que não reparasse no modo grosseiro do medico; que era costume para todos, mas por todos supportado por ser a melhor cabeça que a sciencia tinha n'aquelle tempo em Lisboa. Depois accrescentou:

« — A' noitinha vista-se, para, quando elle chegar, a achar já de pé. Estes homens são muito caprichosos, e é preciso fazer-lhes todas as vontades, para não nos deixarem a casa.

« — Cumpri as ordens que tinha recebido, vesti os meus proprios vestidos que eram de sêda, e esperei o medico no mesmo quarto onde dormia. Chegou duas horas depois, entrou só para dentro do quarto, poisou grosseiramente o chapéo, e — qual foi o meu pasmo! — lançou-me então a mão em torno da cinta, e atirou-se sobre um sofá, fazendo-me sentar sobre os joelhos.

« — Ainda não tinha voltado a mim, quando nova tentativa mais livre e mais audaciosa, me fez reconhecer o que era, e onde estava.

« — Estava n'uma casa de prostituição!

« — Soltei de repente um grito de terror, desembaracei-me dos braços do homem, corri com a cabeça perdida para fóra do quarto, acertei com a escada, e n'um momento encontrei-me na rua.

« — Eu corria como louca, sem saber para onde, mas parecendo-me ouvir sempre atraz de mim, quasi pegado comigo, o homem, que me perseguia.

« — Era noite, e noite havia muito tempo. Ao voltar uma esquina, achei-me aferrada por um braço, e sem poder ir mais ávante. Soltei um grito, mas quem me aferrava, não me deixou soltar segundo.

« — Minha senhora — disse-me, pondo-me ao mesmo tempo a mão sobre a bôca — não faça bulha. Nada tem que temer de mim. De quem foge e porque? Que é preciso fazer por si?

« — Olhei, e vi que aquelle homem não era o mesmo que passava por medico n'aquella casa de infamia. Era moço, muito moço ainda, e pelo traje e pelas maneiras parecia homem da mais alta qualidade.

« — Oh! pelo amor de Deus, salve-me.

« — E contei-lhe tudo.

« — Elle sorriu-se, e encolheu os hombros. Depois disse-me com certo desdem gracioso:

« — Ora adeus, não tenha mêdo. Vou leval-a onde nada tem que temer.

« — Assim dizendo, embrulhou-me n'um chaile-manta que trazia comsigo, deu-me o braço, e começamos a caminhar. Uma hora depois chegamos junto de uma casa, que vi ser alquilaria, e á porta da qual elle bateu. A porta abriu-se, e elle disse a um cocheiro que lhe preparasse uma sege. Depois metteu-se comigo den-

tro d'ella, e partimos sem me dizer para onde íamos, nem tambem dizer coisa alguma ao cocheiro.

« — Caminhamos assim muito tempo, muito. Por fim a sege parou, e nós descemos. Vi-me então á porta de um palacete, e no campo. Soube que estavá em Cintra. Elle bateu á porta da casá; poucos minutos depois um creado abriu-a, e nós entrámos, alumiados pela luz que elle trazia na mão. Subimos para uma sala ricamente mobilada; ahi o meu protector disse-me que o aguardasse um momento, que ia dar ordem a uma creada para me preparar um quarto.

« — Esperei, mas não sem receio. Poucos minutos passados, voltou, e tomando de cima de uma mesa a serpentina de prata que o creado accendêra, convidou-me a seguil-o, até onde me aguardava a creada que me havia de mostrar o meu quarto. Fui após elle, tremendo de susto. Passamos muitas salas onde não encontramos ninguem; por fim chegamos a uma porta, que abriu, e da parte de dentro da qual me disse que entrasse. Entrei. A porta fechou-se então de per si sobre nós. Ao olhar em derredor de mim, achei-me n'um quarto de cama ricamente mobilado.

« — Para que hei-de dizer mais? A verdade foi logo reconhecida por mim. Não tinha para onde fugir, não me valeram lagrimas, nem súpplicas, e por fim fui á força nos braços d'elle o que fugira de ser em casa das mulheres perdidas.»

« Assim dizendo, Tereza escondeu o rosto entre as mãos, e começou a soluçar.

« — Aquelle homem era Estevão de Lemos — disse ella por fim, erguendo o rosto.

« Ao ouvir este nome, Henrique, que significa a desgraça da minha familia, senti fugir-me a luz dos olhos, e do coração subir-me uma nuvem que me abafava de cólera, e me coloria tudo de sangue. Eis-ahi quem é Estevão de Lemos; não pasmes agora do infame proceder d'elle para comnosco. N'esta força que fez a Tereza revela-se um caracter traiçoeiro e vilissimo, um cynismo desfaçado e imperturbavel, e uma alma capaz de commetter a sangue frio todas as villanias.

« Escuta ainda mais. E' Tereza que continúa a narrar a sua historia; aprende da continuação d'ella a conhecer como os animos mais infames se occultam detraz das apparencias fidalgas, e quanto Estevão é vil e miseravel.

« — Não dormi toda aquella noite, senhor Guilherme — continuou Tereza — passei-a toda debulhada em lagrimas e abafada em suspiros. Felizmente que podia chorar á vontade; Estevão tinha adormecido, e dormiu toda ella a somno solto, de maneira que as minhas lagrimas não o incommodavam.

« — O que seria agora de mim? Estava no poder d'elle... e deshonrada. Perdêra a unica consolação que me restava entre todas as minhas desgraças — a virtude, que a minha querida bemfeitora enraizára com fundas raizes na minha alma, e com a qual affrontára tranquilla toda e qualquer fortuna. Agora tinha até mêdo da morte; receava apparecer assim diante d'ella e de Deus.

« — Quando Estevão acordou no dia seguinte, e viu pelos meus olhos e pelo lugar onde jazia, que estava todo ensopado em lagrimas, como havia passado a noite, sorriu-se, encolheu os hombros, e vestiu-se, sem me dizer uma só palavra de consolação.

« — Depois de se preparar com todo o vagar e com

todo o esmero, pôz o chapéo na cabeça, tomou a bengala, e disse-me, como quem tinha pressa de partir e era peremptorio o que dizia:

«— Tereza, vou para Lisboa, e antes de ir é preciso que decidamos o que pretendes fazer. Não me accuses do que teve lugar; nas tuas circumstancias, mais cêdo ou mais tarde, eras prêsa de outro qualquer homem. Esta verdade é de primeira intuição; o que fiz não foi portanto mais do que aproveitar-me do que irremediavelmente não podias defender da miseria. Em lugar de outro, fui eu. Isto é caso decidido, e, portanto, nada tens que lançar-me em rosto. Ora agora escuta. Ha aqui dois caminhos a seguir — receber de mim algumas libras em paga d'esta noite, e depois ires procurar tua vida como te aprouver, ou continuar a viver comigo, não sei bem por quanto tempo, porque não sei até quando nos consentirá unidos a minha volubilidade ou a tua. No primeiro caso voltas comigo para Lisboa, e, ao entrar das barreiras, pago-te e deixo-te; no segundo ficas aqui, e prometto-te que nada te ha-de faltar. De dia és livre, de noite pertences-me. Ficas unicamente sujeita a uma lei, que vem a ser a expressa prohibição de te mostrares de dia ás janellas, porque não quero que meus paes venham a saber, que tenho uma amiga n'esta casa, que é d'elles. Escolhe pois.

«— Estevão ficou calado, e eu tão assombrada da frieza d'aquellas palavras, e da imagem da terrivel realidade da minha vida, que não atinei com palavras para lhe responder.

«— Estevão esperou alguns minutos, depois disse-me, voltando-se para mim:

«— Anda, responde que tenho pressa.

« — Fico — respondi eu, e escondi o rosto entre as mãos, rebentando n'uma torrente de lagrimas.

« — Estevão encolheu os hombros, sorriu-se, depois chegou-se a mim, deu-me um beijo, e disse imperturbavelmente:

« — Adeus, até á noite.

« — E sahiu.

« — D'ahi a pouco entrou-me no quarto uma mulher do campo, que se declarou minha creadâ. Trouxe-me o almoço, e pediu-me ordens para todo o resto do dia. Respondi-lhe que fizesse o que quizesse. A esta mulher devi eu, pela continuação do tempo, excellentes consolaçoens nos momentos de desespêro, que intermedeavam a vida ruidosa, em que Estevão me volveu quatro mezes.

« — Durante elles Estevão cumpriu fielmente o que me promettêra. Nada me faltou, tinha tudo em abundancia e com luxo.

« — Os primeiros quatro dias passei-os n'uma verdadeira atonia de espirito, em que parecia ter perdido o sentimento de tudo. Estevão, que vinha todas as noites, segundo me dissera logo no principio, tentou tirar-me d'este estado apathico e verdadeiramente material, e conseguiu-o. Primeiro empregou as caricias, depois o ruido dos divertimentos. As caricias tornaram-me as lagrimas aos olhos; os divertimentos estontearam-me, fizeram-me esquecer a minha desgraça.

« — Aquelles quatro mezes foram de uma vida verdadeiramente doida e dissoluta. Estevão trazia todas as noites comsigo cinco ou seis amigos predilectos, cada um com uma amante, e todos nós punhamos em prática os mais extravagantes e dissolutos caprichos. Entreti-

nhamos-nos até ás dez horas a dançar ou em folguedos eguaes a estes; ao bater d'ellas, iamos para a mesa da cêa, e então principiava a verdadeira loucura. Estevão gastava dinheiro a rodos; aquellas cêas eram cêas de principe. Ahi, entre os vapores do vinho e a fumaça de charutos que todos fumavamos, representavam-se as scenas mais dissolutas e mais caprichosas de lascivia e de devassidão. Isto durava até ás tres ou quatro horas da manhã, em que cahiamos extenuados de cansaço e de vinho.

« — Assim passaram quatro mezes. Eu estava estupida, perfeitamente estupida. Nada me lembrava do passado, não pensava haver ahi outra vida fóra d'aquella, e nem mesmo tinha tempo para pensar. Dormia todo o dia, e aquella parte d'elle que não dormia, gastava-o em adornar-me para receber Estevão e os nossos amigos, ou a imaginar novos caprichos com que variar a devassidão. Estava perfeitamente perdida, ou antes, durante aquelles quatro mezes, eu não fui eu.

« — No fim d'elles, appareceu-me um dia uma das mulheres, companheiras dos nossos folguedos da noite. Chegou n'uma sege de Lisboa, e subiu logo ao meu quarto. Eu dormia profundamente. A mulher acordou-me, e disse-me sorrindo:

« — A pé, dorminhoca, trago grandes novidades.

« — Que taes?—disse eu, mal podendo abrir os olhos de somno.

« — Esta carta de Estevão, e esta carteira — disse-me ella, entregando-me os objectos indicados.

« — Peguei maquinalmente na carta, abri-a, e lancei, quasi sem poder, os olhos para ella. O que dizia, despertou-me de repente e de todo.

« — A carta dizia só estas palavras:

« — Tereza. Chegou o momento de que te fallei no « começo das nossas relaçoens. Estou enfastiado de ti. « Rosa é portadora de uma carteira, onde acharás suffi- « ciente dinheiro, para passares regaladamente algum « tempo. Toma todos os teus enfeites e tudo o que te dei, « e despeja hoje mesmo essa casa. — *Estevão de Lemos.* »

« — Fiquei como assombrada de raio. O que havia de fazer?

« — Então Rosa, que conheceu o meu assombro, disse-me sorrindo:

« — Vejo que ficaste attonita; isto são precalços do officio, querida. Mas não te afflijas; se quizeres vem viver comigo e com as outras nossas amigas, n'uma casa que alugamos, e ahi não nos faltará que comer. Somos nós novas e bonitas?

« — Então?... — balbuciei eu, olhando-a espantada.

« — Fomos todas despedidas hoje, e todas recebemos quantia egual á que provavelmente te vem n'essa carteira. São quatrocentos mil reis em notas do banco. Com este dinheiro reunido, pozemos uma casa aceada, e vamos começar brilhantemente a nossa nova vida.

« — Aquelle procedimento de Estevão revoltou-me; o demonio da soberba ergueu-se dentro de mim, e exaltou-me.

« — Acceito — respondi eu.

« — Saltei abaixo da cama, vesti-me, e hora e meia depois sahi de Cintra, levando comigo tudo o que Estevão me déra, e que na verdade fazia um enxoval opulento.

« Tereza parou alguns minutos, e depois continuou assim:

« — Eis-aqui, senhor Guilherme, como conheci Es-

tevão de Lemos, e como, apesar meu, as nossas relaçoens se tornaram tão intimas. Agora oiça como, tambem contra vontade, fui obrigada por elle a figurar no enredo vilissimo, com que emprehendeu diffamar sua mama.

« — Com aquellas mulheres, a que me associára, estive dois annos. Vivia ali vida farta e alegre, mas vida depravada, vida tão infame, que, mal voltei de novo á razão, tive vergonha e compaixão de mim. Os ultimos tempos passei-os quasi que só entre lagrimas e oraçoens á Virgem Nossa Senhora, e á alma da minha bemfeitora, para que me perdoassem, e deparassem um meio de sahir d'aquelle inferno. Creio que fui ouvida por ellas, e o meio que me inspiraram foi este:

« — Estevão de Lemos frequentava assiduamente aquella casa havia dois mezes. Ali, elle e os seus amigos, fizeram reapparecer as scenas de Cintra, à que eu, sob pretexto de doente, me esquivei sempre a assistir. Foi portanto a elle que me dirigi para sahir d'aquella casa. Uma noite chamei-o ao meu quarto, deitei-me aos pés d'elle, e pedi-lhe com lagrimas e suspiros, que me arranjasse qualquer accommodamento, onde ganhasse honrosamente a vida, para poder abandonar aquelle abysmo de torpezas.

« — Estevão ficou por algum tempo abstracto e como meditanto comsigo, depois respondeu-me duramente:

« — Exiges que te pague a minha divida, não é assim? Está bom; não costumo negar o que devo. Espera-me ámanhã, ás cinco horas na entrada do Rocio, que lá te levarei ou mandarei resposta.

« — No dia seguinte fui-o esperar ao Rocio. Deram cinco horas, deram cinco e meia, e Estevão não chegava. Já principiava a desconfiar da sinceridade d'aquella pro-

messa, quando uma mulher idosa e limpamente vestida, se dirigiu a mim, e disse-me em voz entre affavel e imperiosa:

« — Menina, venho de parte do senhor Estevão de Lemos. Tenha a bondade de acompanhar-me.

« — Segui a mulher, e uma hora depois entrei com ella para dentro de uma casa. Dentro d'ella encontrei n'uma sala muitas mulheres moças, em grande arruido de risadas e brinquedos. Mal a mulher chegou, tudo se calou. Aquelle respeito fez-me desconfiar do lugar; mas a mulher, levando-me comsigo para um quarto separado, disse-me d'esta maneira:

« — O senhor Estevão pediu-me que lhe arranjasse uma accommodação em casa de alguma familia honrada. Como vê, sou inculcadora de creadas. Diga-me portanto o que sabe fazer, para saber como hei-de arrumal-a.

« — Disse á mulher aquillo em que podia ser aproveitada como creada. A educação esmerada que a minha bemfeitora me tinha dado, punha-me em pontos de servir para muito no seio de qualquer familia.

« — Sabe de mais, sabe de mais — disse a mulher, interrompendo-me. — Bem, póde ser creada de sala. Pois, menina, tenho incumbencia de arranjar uma creada de sala para uma casa muito boa, e a menina ha-de ir para lá. O caso é que se não venha a saber o que foi, e que o seu vestuario a não descubra.

« — Prometti á mulher mudar em tudo, e por tudo. No dia seguinte levei a casa de uma adeleira todos os meus vestidos de sêda, e mais adereços, vendi tudo, e com elles comprei vestidos de chita e de caça, um capote, e tudo que era proprio de uma creada.

« — Oito dias depois estava creada em sua casa, senhor Guilherme.

« — Alguns mezes depois de eu chegar, a senhora D. Maria adoeceu gravemente, e os medicos mandaram-n'a sahir a ares para Cintra. Deixe-me aqui tornar a confessar-lhe com todo o reconhecimento e gratidão o muito que devo á sua familia. Sua mana é um anjo, e sua mãe e seu tio duas pessoas estimaveis e delicadas. Devo-lhes muito, muito; devo-lhes tanto, que na companhia d'elles esqueci as minhas desgraças passadas, e tornei a ser feliz tanto, quanto podia ser diante da recordação do que fôra. E agora, senhor Guilherme, ha-de admirar-se de certo que, com este reconhecimento e gratidão, eu cahisse em atraiçoar a sua familia e em servir de meio aos enredos de Estevão de Lemos. Pois olhe foi para não perder tanta felicidade, que fui criminosa. A desgraça é dura e o receio de tornar a cahir n'ella aconselha muitos crimes, para a arredar.

« — Havia já um anno que eu estava com a sua familia, quando o senhor Fernão d'Albernaz chegou a Cintra, e com elle a saude da sua querida irmã. Dois mezes depois chegou Estevão de Lemos, e um mais tarde é que começou o enredo que nos perdeu a todos.

« — Estevão cumpria lealmente com o que me dizia, apparentando ter a mais perfeita ignorancia de mim. Quem lhe visse os modos, havia de pensar que nunca me tinha visto. O meu espirito começava já a assegurar-se de todo, e a affazer-se a representar com perfeição papel egual ao de Estevão, quando elle, ao passar um dia por mim, ao sahir da egreja, metteu-me rapidamente na mão um papel dobrado.

« — Quando cheguei a casa, li-o. Estevão *pedia-me*

que fosse fallar com elle a casa do padeiro Pinto, onde me esperava no dia seguinte. Fui, tremendo de mêdo.

« — Mal cheguei, Estevão fez tudo por me serenar, e disse-me com ar prazenteiro:

« — Nada temas de mim, Tereza; a maneira por que te tenho olhado até hoje, deve socegar-te a meu respeito. Não te chamei para satisfazer velleidades, que possam tornar a perder-te; chamei-te para te rogar um favor, um grande favor. Resta agora saber se estás resolvida a fazer-m'o.

« — Diga — respondi eu, inquieta.

« — Apesar de te haver abandonado, Tereza — replicou elle — deves acreditar que sempre fui teu amigo, e que por mais de uma vez inquiri a teu respeito, porque não queria que te faltasse coisa alguma. Para prova do que te digo, basta que te recordes da promptidão com que te satisfiz o pedido, quando quizeste deixar a vida publica. A esta amizade, pois, espero que correspondas, ajudando-me na empreza seguinte.

« — Estevão deu alguns passos distrahido na sala, e depois continuou:

« — Amo D. Maria de Aguiar, e amo-a ha muito tempo. Agora que estou quasi a acabar os estudos em Coimbra, e que tencionava pedil-a em casamento, venho achar entre mim e ella um embaraço e um grande embaraço. E' esse Fernão d'Albernaz, que o inferno confunda, e que Guilherme metteu de portas a dentro para ser causa talvez de grandes desgraças. E' preciso arredar Fernão de Maria, e é tambem preciso arranjar de maneira os negocios que ninguem mais ouse approximar-se d'ella.

« — E como? — perguntei eu.

« — Desacreditando-a — replicou elle serenamente.

«—Dei um salto na cadeira onde estava sentada, e encarei Estevão com desprêso. Era a maior affronta que tinha até então recebido, e apesar de tudo nunca pessoa alguma me reputára capaz de infamia como aquella.

«— Ia a responder, mas Estevão interrompeu-me.

«— Não te assombres tão depressa, Tereza — disse-me elle, carregando o sobr'olho — é preciso que tomes no verdadeiro sentido esta palavra, e muito tola és de certo, se pensas que quero a deshonra de uma mulher a quem pretendo ligar o meu futuro e dar o meu nome. Escuta-me e depois fallarás.

«— O plano que formei — continuou Estevão, depois de pensar alguns minutos — é o seguinte. Por meio de cartas anonymas farei saber a Fernão d'Albernaz que Maria falla todas as noites com um homem da janella do seu quarto para baixo, e que esse homem entra todas as noites em casa d'ella. Aqui é que pretendo que me auxilies. Eis-ahi como. A mulher que me ha-de fallar da janella abaixo has-de ser tu, o homem serei eu mesmo. Fernão virá espreitar e vendo isto...

«— E se não fôr?

«— Irá; conheço-o bem, e demais não ha ahi homem algum tão paciente e covarde que resista a novas d'esta ordem.

«— E se lhe atira algum tiro?

«— Historias! — replicou Estevão — Desde creança ensinaram-me a não ter medo ao papão.

«— Mas então como hei-de fazer isso que quer?

«— Da maneira seguinte. Como D. Maria não sáe do quarto da mãe antes da meia noite, indico a Fernão as onze e meia, como hora da entrevista; tu vens ao

quarto d'ella, e fallas d'ahi o que combinarmos, e no dia seguinte abres a porta, e eu entro para o teu quarto, onde ficarei até madrugada. Eis-aqui o meu plano; por mais que Fernão ame Maria é impossivel que não fuja d'ella depois d'isto. Passados tempos, faço espalhar que sou o homem que entrava dentro da casa do conselheiro, e a familia ainda por cima me ha-de rogar que restaure a reputação de Maria, casando com ella. Creio que has-de achar o plano bem concebido, e que te não escusarás a entrar n'elle, tendo em vista fim tão honroso.

« — Eu estava abafando de indignação. O sangue frio sobre tudo, com que Estevão narrava o plano das villezas que tinha engenhado, fazia remexer-me o coração em desprêso, sobre tudo ao confrontar aquella tentativa meditada com a infamia que praticou comigo. Mal acabou de fallar, respondi:

« — Não entro n'essa empreza.

« — Não entras! — exclamou Estevão, recuando; e as feiçoens assombraram-se-lhe de subito de cólera mal disfarçada.

« — Não — repliquei eu, dirigindo-me á porta — isso é uma traição, e eu não sei atraiçoar quem me trata com tanta amizade e com tanta benevolencia.

« — Mas já te disse que o que pretendo é casar com D. Maria.

« — D. Maria ama Fernão, e imaginar-lhe essa diffamação e com ella arredal-a d'elle, era preparar-lhes a morte.

« — Estevão soltou uma gargalhada.

« — A morte! — exclamou elle — sempre és bem tôla! Qual é a mulher que morre de amores! Demais, fico eu para lhe curar a molestia.

« — Olhei Estevão ainda com mais nojo e mais indignação que ha pouco.

« — Pense o que quizer — disse-lhe eu — mas escusa de teimar. Procure outrem que melhor do que eu o possa servir.

« — Estevão fitou-me um momento com os olhos abrazeados de cólera; depois metteu a mão no bolso, e tirou uma bolsa com dinheiro.

« — Ahi estão viute libras — disse èlle serenamente — Pódes contar com mais quantias com frequencia..

« — Ao ouvir estas palavras, a luz fugiu-me de diante dos olhos; senti no coração uma tal agonia, que pensei que morria. Mas a raiva, a indignação... tudo deu-me forças, e exclamei:

« — Arrede o seu dinheiro para quem melhor lhe comprehenda a alma tão vil e tão infame. Se á força me roubou um dia a virtude, e depois me comprou o corpo a dinheiro, saiba que todo o oiro do mundo não é bastante para me comprar a alma.

« — Assim dizendo, dirigi-me furiosa para a porta. As lagrimas saltavam-me quatro a quatro pelos olhos fóra.

« — Estevão atravessou-se então diante de mim, metteu socegadamente a bolsa na algibeira, e disse com a mais perfeita serenidade:

« — Uma ultima palavra, e depois sahirás. Ou cumpres com o que te ordeno, ou ámanhã D. Francisca hade saber toda a tua vida passada.

« — Soltei uma gargalhada convulsa, e exclamei:

« — E que importa? Sahirei d'aquella casa, mas a tua infamia ficará burlada.

« — Estevão sorriu-se ironicamente.

« — Pensas que por tu sahires, D. Francisca não hade ter outra creada, e que eu não terei oiro para a comprar, e arte bastante para persuadir a outra que acceite o que a tua loucura te faz despresar? Dou-te até á manhã para pensar — accrescentou elle, tomando o chapeu — até lá, adeus.

« — E sahiu.

« — Eu cahi sobre uma cadeira a chorar. Que havia de fazer? Tudo o que Estevão me acabava de dizer, era desgraçadamente verdade. Outra viria que ainda mais do que eu lhe fizesse a vontade; e eu do meu sacrificio não recolheria mais do que a fome e a miseria, ou então de novo a prostituição. O receio do futuro, o amor á felicidade presente, tudo me aferrava cada vez com maiores forças áquella casa; e as verdades com que Estevão fechára a nossa conferencia arredavam-me cada vez mais do sacrificio.

« — Que mais lhe posso contar, senhor Guilherme? Tudo aconteceu como Estevão o tinha determinado d'antemão. Os resultados são-lhe bem conhecidos. O senhor Fernão retirou-se de repente para Coimbra, a senhora D. Maria desappareceu, e sua mãe e seu tio partiram após do senhor Fernão, a vêr se a filha teria seguido os passos d'elle. Em quanto a Estevão, esse na mesma noite em que o senhor Fernão partiu para Coimbra, retirou elle tambem para Lisboa, d'onde partiu no dia seguinte para Coimbra. Eu dei-lhe parte de tudo o que aconteceu, e quando, acurvada aos remorsos que me perseguiam, recusei-me a seguir a sua familia fóra de Lisboa, tambem lhe escrevi a participar-lh'o, e a exprobrar-lhe a desgraça em que de novo me via arremessada por elle. Dias depois fui atacada de uma pneumonia, que deu em

resultado a molestia, que me tem apenas a dois passos da cova. Tenho-lhe escripto diversas cartas a pedir-lhe alguns soccorros; nem d'estas, nem das outras lhe tenho merecido resposta.

« Tereza disse estas ultimas palavras com uma tal impressão de ironia e de desprêso, que me abalou. Depois escondeu o rosto entre as mãos, e começou a soluçar.

« — Mas não tem em seu poder, Tereza — disse-lhe eu — carta ou papel algum, por onde se possa provar o indigno procedimento de Estevão? Não tem uma só testemunha?...

« — Não tenho nada — replicou ella — Tratamos sempre tudo de palavra, e foi sempre assim que recebi as ordens d'elle; mesmo as cartas que me escreveu para Cintra, nos tempos que me teve ali por amante, essas rasguei-as no impeto do despeito e do desprêso, que o proceder d'elle me causou.

« Tereza parou um momento calada, e depois continuou assim:

« — Eis-aqui como fui criminosa, senhor Guilherme; foram estas as causas que me tornaram cumplice da vilania de Estevão. Perdôe-me — accrescentou ella, atirando-se de repente aos meus pés — perdôe-me em nome d'aquelle anjo, cuja infelicidade causei, perdôe-me que estou para apparecer diante do tribunal de Deus, e se não fôr perdoada por ella, Deus de certo não me perdoará.

« A expressão de horror e de medo, com que Tereza disse estas palavras, fizeram-me rebentar as lagrimas pelos olhos fóra, e arripiar os cabellos na cabeça. As feiçoens d'ella eram tão cadavericas, e estavam tão repassa-

das de terror, que se me afigurou um cadaver fallando, e a rogar-me que a salvasse dos tormentos das penas eternas.

« — Sente-se, Tereza — disse eu, obrigando-a de novo a sentar-se — Deus perdôa ao verdadeiro arrependimento, e Maria perdoar-lhe-ia de certo, como eu faço, se por ventura tivesse ouvido a triste narração das suas desgraças. Coragem porém, Tereza; é preciso expellir de si essas ideias negras da morte, pensar na vida, e querer a vida, para nos ajudar a reparar o mal que foi obrigada a fazer-nos.

« Tereza sorriu-se tristemente.

« — Prouvera a Deus que ainda tivesse vida bastante para o poder fazer e desmascarar Estevão face a face; mas sinto a morte muito proxima.... muito proxima. Apenas me restará vida sufficiente para lhe rogar pelo amor de Deus a esmola de se incumbir de uma missão, que a pouca vida que Deus me concedeu, não me deu tempo para cumprir. E' pelo amor de Deus que lh'o peço, senhor Guilherme; promette-me cumprir esta ultima vontade que tenho, para que eu possa descer descançada á sepultura?

« — Prometto — disse eu, cada vez mais abalado pela decomposição que gradualmente se lhe ia notando nas feiçoens.

« Tereza tirou então do seio um medalhão de chumbo, e entregou-m'o.

« — Puzeram-me isso ao pescoço quando nasci — disse ella — e desde então até hoje nunca me tem abandonado. A peixeira, que me creou, disse muitas vezes diante de mim que esta medalha lhe havia de render muito dinheiro, se por ventura eu chegasse aos vinte e

cinco annos. Instada d'uma vez, para dar a razão d'aquelle dicto, descubriu que ahi dentro está a revelação do que sou, e que se até aos vinte e cinco annos eu conservasse guardada a medalha, e depois me apresentasse com ella na casa dos expostos, o administrador teria indicaçoens, pelas quaes saberia o que devia fazer para descubrir quem é a minha familia. Tome esta medalha, senhor Guilherme; depois que entrei na prostituição tive muitas vezes tentaçoens de a abrir, para saber o que encerrava. Não o fiz vez alguma, porque quando ia para o fazer, apossava-se de mim tal terror, que desistia involuntariamente da empreza. Depois da minha morte, senhor Guilherme, abra-a, e veja o que ella contém. Se por ella podér vir a saber de quem sou filha, rogo-lhe que vá ter com meus paes, que lh'a mostre, e lhes diga que a desgraçada, que abandonaram á caridade publica, viveu durante dezenove annos uma vida de tormentos, que terminou por uma phthisica n'um hospital, nos braços d'essa mesma caridade; que em fim acabou a vida como elles lh'a principiaram — na deshonra e na miseria.

« Assim dizendo, Tereza ergueu-se, e abafada em lagrimas, mas os olhos illuminados por um brilho já tenue, onde porém reflectiu de repente uma indignação cheia de nobre altivez, apartou-se de mim, recolhendo a custo para dentro da enfermaria.

« Mal cheguei a casa rompi a medalha, da qual sahiu uma tira de papel, que li, e que dizia assim:

« — Victima da infamia e da traição de um homem
« ignobil, aqui deixo pendente do pescoço de minha fi-
« lha a revelação do nome do infame. Esta menina é
« fructo de uma traição criminosa e infamemente villã
« de Francisco Barreto de Lemos. »

« Ao lêr estas palavras, os cabellos arripiaram-se-me de horror sobre a fronte.

« Tereza, a prostituta, a mulher levada á deshonra e á infamia por Estevão de Lemos, é sua propria irmã, é filha de seu pae, a quem a mãe da victima alcunha de traidor e de miseravel!

« Corri ao hospital e perguntei por Tereza.

« Poucos minutos depois de a deixar, a desgraçada rendêra o espirito!...

« Henrique, eis-ahi a historia de Tereza, e a historia da infamia e da punição de Estevão.

« A justiça de Deus já o principiou a punir; resta agora a dos homens — a minha.

« Que me cumpre fazer? Responde. Precisas ainda que me conserve longe d'ahi? Lembra-te que cada minuto que passo em Lisboa, longe de minha irmã, de minha mãe, e do lugar onde a honra tão altamente me chama, é um seculo de agonia para mim.

« Aguardo ancioso a tua resposta.=*G. de Aguiar.* »

. . . .
. . . .

Henrique mal acabou de lêr esta carta, correu com ella a casa de Fernão de Albernaz. Achou-o no seu quarto, dando ordens a um creado, que estava preparando um bahú.

O creado sahiu, mal Henrique entrou para dentro da sala.

— Que preparativos são estes? — disse Henrique, olhando desconfiado em volta de si.

— Parto para longe d'aqui — respondeu tristemente Fernão de Albernaz — fujo, vou fugir para longe, muito longe... de mim, de todos. Vou vêr se encontro leni-

tivo ao inferno em que vivo, a esta agonia que me tortura...

Henrique entregou-lhe a carta de Guilherme.

— Lê, que ahi acharás o que buscas.

Fernão de Albernaz leu a carta; durante a leitura as feiçoens resplandeceram-lhe por mil vezes de tristeza, de jubilo e de afflicção. Por fim ficou um momento abstracto, passou umas poucas de vezes as mãos pela fronte, deu alguns passeios distrahidos na casa, depois foi encostar a cabeça á chaminé, deixou cahir a carta, e murmurou em voz baixa, e como respondendo a uma pergunta intima:

— Quem sabe?... quem sabe?...

Henrique seguira-o com os olhos em todas estas differentes oscillaçoens do espirito. Ao vêr cahir-lhe a carta das mãos, e elle n'aquelle desalento desanimador, tomou-lhe a mão, e disse-lhe com a mais viva expressão de amizade:

— Ainda duvidas, Fernão?

— Quem sabe? — respondeu elle maquinalmente.

Depois voltou-se para Henrique, e continuou tristemente:

— Henrique, essa mulher fallaria por ventura verdade? Guilherme — continuou elle em voz mais baixa — inventaria por ventura essa comedia, mais com o cuidado no futuro da irmã, do que na honra do amigo?

— Fernão, essa duvida já é desairosa perante a razão...

— E' o melindre da honra. Tenho-o aqui... aqui — continuou elle apontando para a cabeça — tenho aqui daguerreotypado aquelle dia funesto. Oh! quem me matasse de todo a lembrança d'elle! Henrique de Avelar,

queres por ventura vêr-me alvo do meio sorriso de escarneo, com que o mundo acompanha o pobre diabo que se deixa convencer de leve em materias de honra, e honra como esta?

— Mas esta não é uma convicção de leve, amigo. Repara no que ainda ha pouco te aconteceu com Estevão, lembra-te de que a innocencia de Maria nunca ninguem a pôz em duvida senão elle, e depois concluirás rasoavelmente e com plena satisfação do mais delicado sentimento de honra.

— Queres que anteponha conclusoens provaveis á realidade do que vi?

— Mas essa realidade...

— Silencio, Henrique — interrompeu-o Fernão d'Albernaz — a tenacidade que tens apresentado contra mim n'um negocio em que tão empenhada tenho a honra, tem-me feito desconfiar, que as obrigaçoens que te ligam á familia do general Aguiar sobem mais no teu espirito que todas as recordaçoens, que te ligam a Fernão d'Albernaz. Ainda não cheguei a convencer-me d'isso. Para que essa convicção não chegue um dia, é que vou fugir d'aqui. Seria tocar o extremo da desgraça, seria a verdadeira solidão da alma e do corpo. Henrique, não fallemos mais n'isto.

— Então que hei-de responder a Guilherme? — replicou Henrique dolorosamente.

— Responde-lhe que se acredita na historia de Tereza, venha matar Estevão, e depois que me mate a mim. Creio que esse homem me teve algum tempo verdadeira amizade; se ainda lhe resta alguma lembrança d'ella, que me faça um ultimo favor, um favor como nunca recebi d'elle — que venha matar-me, que venha tirar-

me d'este inferno em que vivo, que venha dar-me a paz da sepultura.

Henrique deixou cahir os braços desanimado, e fitou n'elle os olhos cheios de dôr.

— Fernão — disse elle — concede-me mais oito dias, sómente oito dias. Não partas senão depois d'elles.

— E para que? — respondeu elle.

— Para fazer o ultimo esforço, para reatar a tua felicidade e a felicidade de Maria.

Fernão d'Albernaz encolheu os hombros, e sorriu-se ironicamente.

— E promettes deixar-me depois em paz?

— Prometto.

— Ficarei.

Fernão ficou um momento calado, e depois accrescentou, estendendo a mão a Henrique:

— Adeus, amigo, ha quatro noites que não posso conciliar o somno. Sinto o corpo extenuado; deixa-me ir vêr se um pouco de opio, que tenho lá dentro, o auxilía a dormir a paz de uma modorra.

Assim dizendo, atravessou por diante de Henrique, e entrou para dentro da porta do quarto onde tinha a cama, que fechou á chave por dentro.

Henrique ficou um momento com os olhos fitos na porta, e d'elles a correrem as lagrimas em fio. A desesperança entrou-lhe então pela primeira vez dentro do peito. Aquelle era um negocio perdido. A suspeita de Fernão tinha tocado a verdadeira monomania; e assim como a teima d'esta não póde ser convencida senão por um milagre da natureza, assim a d'elle já não cederia senão a um verdadeiro prodigio, que se lhe operasse dentro do cráneo.

XIV.

Henrique sahiu de junto de Fernão d'Albernaz perfeitamente atordoado, e sem saber o que devia fazer. A tenacidade e a energia d'aquelle homem reagia contra a idéa de ceder ainda o campo ao destino, mas não acertava com os meios de poder continuar com o combate. Ao chegar porém á porta da casa, a imaginação suggeriu-lhe um novo recurso, e para o aproveitar correu a casa de João de Mendonça.

João de Mendonça era o typo do estudante pulha. Os trastes, além de serem todos de pau de pinho pintado de azul, não estavam, nem um só, em estado perfeito. Aqui era uma mesa esbotenada a canivete, ali uma cadeira sem uma perna, acolá uma infusa de barro vermelho — pseudo-jarro — sem aza e sem parte da bôca. A louça correspondia a tudo o mais, e a limpeza e arranjo da casa estava tambem em completa harmonia com tudo isto.

Quando Henrique entrou em casa d'elle, encontrou-o deitado de barriga para o ar no meio da casa, sobre uma esteira de palha tabúa, a fumar e a deitar o fumo aos olhos de um gato maltez que tinha sobre a barriga, agarrado pelo lombo, e elle cercado de pontas de cigarro, de

cartas de jogar rasgadas, e de pedaços de folhas de compendios torcidas em rôlos, cujas pontas queimadas davam a entender terem servido para accender qualquer luz. Poisado no chão e aberto de lombo para o ar, viase a um dos lados um livro em 8.° todo immundo e mutilado.

Ao lado d'elle estava sentada no chão uma rapariga nova e bonita, tocando o fado n'uma viola. Era uma estudanta — e estudanta, digo, sem mêdo de gallicismo, porque se João de Mendonça era estudante, claro está que a mulher que vivia com elle, e d'elle fazia academicamente parte, deve ser chamada estudanta.

Passemos por alto este typo pouco sympathico que vegeta no seio da Universidade. A *estudanta* pouco ou nada tem por que mereça attenção, a menos que não seja considerada como a tyranna, e ao mesmo tempo a victima do estudante. E' tyranna, porque é contínuo flagello de lingua que o persegue de portas a dentro, já com queixumes do muito que se diz obrigada a fazer, já com espantosas exigencias de luxo, que a bolsa curta e pouco elastica de um estudante não póde supportar; é victima, porque se vê obrigada a sacrificar a liberdade primitiva á clausura e compostura séria, a que em geral a obriga o estudante, que n'esta parte em coisa alguma desmente o ciume gerado pelo sol da peninsula; e outro sim é victima, porque nem sempre está segura de que o genio irritavel e despotico do amante lhe tolere com paciencia as velleidades da má educação e da mal reprimida fantesia loireira. A *estudanta* portugueza pouco ou nada se assemelha á estudanta franceza. Aquella partilha de todos os folguedos e de todas as extravagancias do amante; esta partilha apenas da cama e da bolsa, mas não do pra-

zer das loucuras. Está quasi sempre encerrada em casa, e nunca segura de que, quando menos o pense, elle lhe entre pela porta dentro, a espreitar se por ventura se aproveita da sua ausencia para soltar mais brandas as rédeas ao enfreamento em que lhe tem a indole travêssa. Isto com tudo não quer dizer que o estudante portuguez possa jurar pela fidelidade da estudanta, como por evangelho. A estudanta é mulher, e como diz Shakspeare [1] — *Frailty thy name is woman;* o que com menos poesia e mesmo menos civilidade dizia quasi pelo mesmo tempo em Portugal o nosso Jorge Ferreira de Vasconcellos pelas seguintes palavras [2] — *Sizo em prosperidade, amigo em adversidade, e mulher rogada casta, raramente se acha* [3]. — *Speciem mulieris alienæ multi admirati* — diz o Ecclesiastico, e n'outro lugar [4] — *Brevis omnis malitia super malitiam mulieris; sors peccatorum cadat super illam.* Comparem-se os quatro textos, e depois entenda-me quem quizer; e para reforçar mais a idéa note-se a força da imprecação da ultima.

Sobre isto não ouso dizer mais nada.

Henrique de Avelar entrou pois. João de Mendonça saudou-o estrepitosamente, sentando-se sobre a esteira, e atirando com o gato para um dos cantos da sala. A rapariga cortejou-o, e retirou-se, precedida pelo gato, que, mal viu a porta aberta, lançou-se por ella fóra, como se levára todos os diabos no pêllo.

— Ora gabo-te a pachorra, Mendonça — disse Hen-

---

(1) Shakspeare, Ham. Act. I. Sc. 11.
(2) J. Ferreira de Vasconcellos. Ulyssipo. Act. I. Sc. 1.
(3) Ecclesiastico. Cap. IX, ỳ. 11.
(4) Id. Cap. XXV, ỳ. 26.

rique, sentando-se, depois de attentar na cadeira, o que n'elle era resultado de já por mais de uma vez ter sido victima da confiança, com que se entregára sem exame ás tripodes desquilibradoras, a que estava reduzida esta parte da mobilia do seu amigo — gabo-te a pachorra. Isso é que se chama perder o melhor tempo da vida, e perdêl-o estupidamente, de barriga para o ar n'uma esteira de tabúa.

— O que? Estás perfeitamente enganado — respondeu Mendonça — Tenho estado até aqui entregue á leitura; agora para refocilar a cabeça, estava a derriçar pelo gato. Aqui está a prova — continuou, batendo com a mão no cartapacio mutilado, que tinha poisado ao lado.

— Ha-de ser fresca a leitura, não tenhas duvida; leitura em fim que termina com os silvos de um gato assanhado...

— Isso é o que te parece. Pois olha que é livro para pensar, e tão rudo, que tem aqui taes tres palavras, que por mais que queira, não ha poder encasquetal-as na minha cabeça.

— Então que palavras são?

— São... Eu t'as digo. Os diabos as levem, que nem a primeira syllaba me lembra — disse Mendonça, tomando o livro, e levando-o á altura dos olhos — Eil-as aqui; Evohé, Pæan, Lar... Lar... rrisseu.

— Larisseu, é o que queres dizer...

— Larisseu, é isso mesmo.

— Que livro é esse?

— Sei eu lá! E' um livro de versos. Toma, vê lá.

Henrique tomou o livro, e logo á primeira pagina, que era a decima-quinta do volume, conheceu que era

aquelle das obras de Diniz, onde vem os dythirambos do illustre Elpino do Menalo portuguez. A gloria é na verdade bem fraca salva-guarda contra os insultos grosseirissimos da estupidez e da ignorancia. Elpino n'aquelle estado e nas mãos de João de Mendonça era então a archi-prova d'esta grande verdade. Assim como um homem não está livre do coice de um jumento se por ventura se descuida, e passa rente por elle, assim o homem de talento, e que depois de si deixou nome immorredoiro, está sujeito a estes insultos sacrilegos da toleima, se por ventura o livro que escreveu, desce até ás mãos dos prophetas d'ella.

Pobre Elpino Nonacriense!

Henrique sorriu-se, e entregou o livro a João de Mendonça.

— Mal sabes tu — disse elle — que esse livro faz parte das obras poeticas de um dos mais engenhosos e eruditos poetas portuguezes do seculo passado.

— Como, homem! Se a lingua é de moiros...

— Bem de moiros me parece a tua cabeça, João. Esse livro foi escripto por um homem, que foi indubitavelmente um dos nossos primeiros lyricos, e talvez o mais espirituoso de todos os poetas satyricos, exceptuando Tolentino...

— Ó homem, isso é heresia. Olha que estás perfeitamente enganado. O patusco não diz mal nem de um argueiro.

— Não me admiro que nada aches ahi de satyrico; foi-o comtudo n'outras obras que escreveu. Fica porém sabendo que o author d'esse livro, no genero lyrico affrontou-se gloriosamente com Pindaro, um dos primeiros poetas da Grecia antiga, e na satyra venceu Boileau,

de quem a modestia fez com que se appellidasse a si mesmo imitador. A imitação é porém mais preciosa e mais cheia de espirito que o original. Ora ahi tens o que é esse livro.

João de Mendonça estava de bôca aberta.

— Porém então que diabo de lingua é esta? — disse elle por fim — Evohé...

Henrique sorriu-se.

— Mas para que estás a lêr Diniz? — disse elle, interrompendo-o.

— Para que? eu te conto. Hoje ha grande pandega em casa do Pinto *Narigão*: no fim ceia e carrascão. Todos promettem levar versos, e eu prometti-os levar tambem, porque não gosto de ficar atraz. Mas, homem, bem sabes que para a poesia sou um verdadeiro peccador. Vim para casa, e bem quiz vêr se fazia alguma coisa; mas qual diabo, por mais que bati na cabeça, não acertei com o nicho onde n'elle se me embetesgou a poetica que estudei. Pois olha que não foi por descuido; era murro de deitar abaixo um boi. Mas — coisas do mundo! — não fiz nada; e a fallar-te a verdade, achava-me azabumbado, porque era caso de melindre. Então lembrou-me que a piquena comprára outro dia a um paliteiro um cartapacio, e que o cartapacio era de versos. Chamo-a, peço-lh'o, e logo á primeira folha vejo fallar em pipas, em vinho, e em chinfrim. Fiquei como um anjo bento de contente; estava a coisa mesmo ao pintar. Mas o maldito derribou-me de um só gilvaz as esperanças, quero dizer, com as taes tres palavras — Evohé... Pæan, Larrrrisseu — Larisseu, como tu dizes. Por mais que faça, não me entram cá.

— Então já vejo que não me pódes fazer um obse-

quio que pretendia de ti — disse Henrique, que estivera pensando todo o tempo que João de Mendonça fallára.

— Oh! homem, pois o caso tem alguma coisa com as taes tres palavras!

— Não, tôlo, é outra coisa.

— Felizmente, porque a não ser assim, não sei como havia de ser. Cuido que nunca as hei-de tomar de memoria. Mas diz lá; o que queres?

— Não digo, é tirar-te o tempo...

— Ó homem do diabo! Pois ha *antenomia* entre o o teu caso e a pandega?...

— Não sei; mas como te roubaria o tempo... Em fim, preciso de arranjar hoje ou ámanhã umas cartas que tem Estevão de Lemos, d'aquella creada que sabes. Como a tua Rita é irmã do creado que o serve, queria vêr se por elle se podiam alcançar.

— Valha-te o diabo, que me puzeste em susto!... Pois que tem isso com a pandega, e com as taes malditas tres palavras moiras do Luprino ou como se chama? Isso é coisa que se faz do pé para a mão.

Depois espalmou as mãos sobre os joelhos, esganiçou o pescoço, e pôz-se a chamar em voz aflautada:

— Ó Ritinha! Ritinha! Menina! Uhi!

— Que queres, Joãosinho, que queres? — disse ella, imitando-o, e apparecendo a correr no limiar da porta.

— Olha, pequerrucha, poem o capote, e vai-te a casa de Estevão de Lemos... Mas olha que te não veja; e... e... e como te portas. Bem vês que sou um tigre assanhado. Ora pois, vai lá, e vê se fallas á surrelfa com teu irmão, e diz-lhe, que veja se póde vir fallar-me já, já.

A rapariga não respondeu, voltou de bordo, e d'ahi

a pouco descia as escadas quatro a quatro, contente com esta occasião de ir espairecer um bocado.

— A rapariga é o diabo — disse João de Mendonça em tom de commentario — fina como um coral. E de juizo, vá; se não fosse isso, não punha pé em ramo verde.

Henrique sorriu-se, e sahiu.

D'ahi a uma hora João de Mendonça convencionava com o irmão da Ritinha, que iria buscar as cartas ás onze horas da noite d'esse mesmo dia.

— Mas porque m'as não dás tu de dia? — perguntára elle, agoniado de se vêr assim constituido em amante furtivo de umas cartas nas mãos de um maroto.

— Deus me livre; podia pilhar-me o senhor Lemos. Ou de noite, ou nada feito.

— Está bom; não haja duvida. Vai tomar um café.

Assim dizendo, deu-lhe um cruzado novo, e o rapaz sahiu.

Agora venha o leitor saber como João de Mendonça passou a noite até ás onze horas, occasião em que tencionava ir á entrevista das cartas — tencionava, digo, porque se foi ou não, isso o saberá o leitor no fim do capitulo.

. . . .

. . . .

Estamos no Collegio novo; entremos n'esta casa.

Eis-nos aqui n'uma sala de trinta ou mais palmos de comprido sobre outros tantos ou poucos menos de largo — sala quasi quadrada.

São oito horas da noite. Aos lados da sala estão duas fileiras de cadeiras... não digo bem; de cada lado da sala estão tres ou quatro cadeiras a distancia umas das ou-

tras, e sobre ellas atravessadas e occupando os espaços vazios, taboas de pau de pinho, que pertencem ás camas de pau pintado de azul, onde dormem os inquilinos da propriedade. No fim da sala está uma mesa coberta por um panno preto, e sobre ella uma caveira, vellada por um veu preto ruço, duas espadas velhas, duas pistolas, um punhal muito luzidío e brunido, e dois candieiros de latão amarello, cada um com dois bicos accêsos.

Ao tempo de entrarmos na sala, entram tambem os interlocutores d'esta scena. São mais de vinte estudantes, uns de batinas, outros vestidos á fadista, mas todos de capa aos hombros e gorro na cabeça.

Um d'elles, que trazia sobre a capa um capêllo de panninho vermelho, sentou-se á mesa, e tomou a presidencia. Os outros sentaram-se ao longo da parede. No desvão de uma janella estava um rapaz de dezoito ou dezenove annos de edade, com uma toalha branca embrulhada no pescoço, e as mãos atadas com uma corda; junto d'elle, e como de guarda, estava um outro espadaúdo e reforçado, de loba, meias de linha e sapato academico, e um chicote de gutta-percha na mão. Ao fundo via-se sentado n'um escabello de pau de pinho um outro moço, com a cabeça coberta por um barrete de pelle de cabra, ponteagudo á moda do Borda d'agua, e n'elle por pluma um chifre retorcido de carneiro; tinha ao pescoço a bandeira de um candieiro, e nas mãos a tampa superior de uma viola com o seu competente braço, mas sem uma só corda, nem caravelha.

Ia dar-se um grau. Os estudantes de capa e gorro, e o que estava de capêllo, eram os *doutores* e o presidente; o desgraçado da toalha branca era o neophyto ou caloiro que ia receber o grau; o do chicote era outro caloiro,

mas já graduado, que servia de *executor d'alta justiça*, isto é, aquelle a quem estava incumbido o coagir o caloiro quando recusasse submetter-se submisso; e o do barrete de pelle de cabra era outro caloiro tambem graduado, que fazia de charanga. Charanga é o nome que dão á orchestra da Universidade, composta sómente de pifanos e clarinetes diabolicamente desentoados; esta orchestra é a que serve nos capêllos. *Malum signum*. D'ahi o haver tambem charanga nos graus solemnes, onde o caloiro recebe o diploma de burro, sem o qual não podia, no primeiro anno, transitar com segurança pelas ruas de Coimbra.

Não descreveremos as barbaridades indecentes de que estes actos vem sempre acompanhados; vamos unicamente narrar o que a letra redonda póde decentemente transmittir á posteridade.

Ora eis-aqui onde João de Mendonça passou aquella noite, pelo que já o leitor o póde dar por um dos *doutores* do grau.

Sentados todos e preparados, o presidente clamou em voz grave e solemne:

— Executor, fazei apropinquar o graduando.

O graduando, quer dizer, o desgraçado que ha-de ser victima da brincadeira, não esperou que o executor lhe intimasse a ordem, e avançou seguido por elle para o presidente. Ao chegar ao meio da casa, o executor tomou-o por um braço, e fêl-o parar com um estrepitoso — *chó!*

O presidente levantou então gravemente a cabeça que tivera até ali pendida para o peito, como pensando profundamente, e disse-lhe em voz cheia e authorisada, fitando os olhos n'elle:

— Infimo dos mortaes, ó tu que bates tão brutalmente ás portas da sciencia, que pareces querer leval-as a coices nas patas, dá graças á tua fortuna, que a suprema sabedoria ouviu-te, e compadeceu-se de ti. Pimpolho hirsuto da raça de Jan-Fernandes, boroeiro immundo e ignobil, deixa entrar a alegria para dentro da fétida sentina da tua alma. Vaes sahir das trévas, vae finalmente fazer-se a luz diante dos teus olhos. O estado rude e selvagem em que vives, infame hippopótamo, vae transformar-se na verdadeira civilisação de que disse Aristoteles: *non comederes sine lachrymis.* Vaes vêr claro diante de ti; as illusoens que te obscurecem o espirito, a ponto de te fazerem pensar que vês sem vêr, e que ouves sem ouvir, vão dissipar-se, e ao achares-te no lucido céu da limpida quarta luz, ficarás como a marmota diante da naviça, como o cégo a quem tiraram a catarata. Mas o pão da sciencia é duro e amargo; o naco agreste de borôa, em que afiavas os dentes na patria, sacrificando aos penates, não custa tanto trabalho ao canino ou ao malar, como o introito tremendo da missa da sabedoria. Muito tens que pernear, muito que escoucinhar, muito que ouvir, calar, fallar humilde, e obrar submisso, antes que entres os divinos penetraes, de asno feito cavallo, de quadrupede feito bipede, não homem mas ave, grou ou cysne, segundo a sabedoria te podér penetrar no silicioso bestunto. Que o desejo de ser gente te affoute, que Deus te dê animo. Apropinqúa-te, vem pedir a graça do espirito bestial, vem beijar o symbolo da tua sabedoria.

O executor fez então aproximar o caloiro, e o presidente curvou-se, e tomou do chão um penico, que apresentou á cara do graduando.

Este recuou indignado.

— Executor!... — bradou com voz de stentor o presidente.

O chicote do executor ergueu-se. O caloiro suspirou, e obedeceu — quero dizer, beijou.

O executor conduziu então o caloiro a uma tripeça, que estava no meio da casa, e ficou de pé ao lado d'elle.

— Toque a lyra — disse gravemente o presidente, erguendo o braço, com enthusiasmo egual áquelle com que o mestre de ceremonias da Universidade ergue o bastão n'um capello, para dar á charanga signal de que é tempo de incommodar os espectadores.

Então o caloiro-charanga empunhou a tampa da bandurra, e começou a entoar, em voz desafinada e capaz de servir de exorcismos, aquelle pedaço da Lucrecia Borgia: *Maffio Orsini, signora, son'io,* arranhando e batendo ao mesmo tempo com os dêdos na tampa.

Dois minutos depois o presidente ergueu o braço, a charanga calou-se, e elle disse:

— Tem a palavra o dignissimo primeiro arguente.

Então levantou-se um dos estudantes, e disse com toda a seriedade:

— *Facite mihi dicendi veniam, præses illustrissime, doctores sapientissimi, concio unaquæque gloriosissima.*

Depois cortejou e sentou-se, e puxando de uma folha rasgada de um compendio latino, disse assim:

— *Quid est, est.* Qual é a razão porque nasceste besta, podendo nascer homem? E' esta, ó caloiro hybrido e acephalo, a primeira these com que a sabedoria vae tentar a difficultosa empreza de embrandecer o *silex* do teu bestunto. These é esta notabilissima, nobilissima, dignissima, grandiosissima e magestosissima, e tanto que

é a pedra principal, *tu és petra*, sobre que se baseia o muito racional systema dos jurisconsultos do *de jure constituto*. Que a sabedoria, que ha pouco beijaste, te illumine, para me poderes responder.

E d'aqui seguiu-se uma trovoada de tolices, ainda peores do que as referidas, entre as quaes misturou mil latinorios, que leu na folha do compendio, que tinha na mão. O caloiro foi obrigado, pelo mêdo do chicote, a dizer outras tantas sandices, estas sem graça e desageitadas pela posição do triste, que não sabia coadunar-se ás circumstancias, e affrontar o destino com rosto risonho.

Depois d'isto o arguente deu-se por satisfeito. O caloiro foi então obrigado a pôr as mãos no chão, e a desandar dois coices na tripeça, o que fez com tão má vontade, que a banqueta foi voando até ao fundo da sala, e por um triz não partia os queixos ao do barrete de chifre. Depois foi, acompanhado pelo executor, *beijar respeitosamente a fimbria*, ceremonia que consistia em beijar a orla da capa de cada um dos doutores.

— Toque a lyra — disse o presidente, mal acabou a ceremonia.

A charanga tocou o *Maffio Orsini*, o presidente deu a palavra ao segundo arguente, que se levantou, e depois das ceremonias do primeiro, começou assim:

— Que differença ha entre um guarda-chuva e uma giboia? These é esta, ó caloiro, tres vezes nobre, tres vezes grande, e tres vezes sabia, *ter nobilis*, *ter magna*, *terque sapiens*, como diz Ovidio. *In illo tempore* fez ella estopetar a cabelleira e suar bagadas de suor a tres dignos membros de entre nós, um dos quaes é hoje doutor *in partibus*, outro par do reino e bacharel, e outro bacharel e casado. Caloiro, responde pois — que diffe-

rença ha entre um guarda-chuva e uma giboia? E desde já te advirto que ha tanta differença, tão grandiosa e immensa como a semelhança que ha entre ti e um bruto. *Etiam tu, brute.*

Seguiu-se uma não menor trovoada de sandices, no fim das quaes o caloiro foi obrigado a practicar uma indecencia que lhe custou lagrimas, e por fim foi beijar a fimbria.

Seguiram-se por esta fórma e com todas estas ceremonias dez argumentos, nos fins dos quaes o caloiro foi dado por sufficiente; o que foi muito a tempo, porque o pobre diabo estava quasi a desmaiar, e já com a cabeça perdida.

Deram-lhe agua, e passaram á imposição do grau.

O caloiro, rodeado dos doutores e acompanhado do executor, foi então levado á presença do presidente que estava de pé, e ajoelhou junto d'elle. Tudo isto era feito ao som da lyra ou charanga.

— *Quid petis?* — disse o presidente, com o penico empunhado na mão direita.

— *Gradum calauri* — balbuciou elle.

— *Auctoritate, qua fungor confero tibi gradum calauri* — disse o presidente, enfiando-lhe o penico na cabeça, onde lh'o conservou alguns segundos.

Então o presidente e os doutores sentaram-se. O graduado foi levado á tripeça pelo executor, e este sahiu, dizendo-lhe que permanecesse. Um momento depois entrou, arrastando um albardão espanhol; lançou-o aos hombros do caloiro, e depois levou este a agradecer aos doutores. O agradecimento era relinchar e dar dois coices para traz. Depois o presidente mandou agradecer ao executor e á charanga; o agradecimento era assentar em

cada um uma parelha de coices, o que elle fez de tão boa vontade, que se elles não lhe furtassem os corpos, ficariam aleijados para todos os dias da vida.

Quando o caloiro foi agradecer ao presidente, este entregou-lhe a carta, que dizia pouco mais ou menos o seguinte:

« Nós abaixo assignados, doutores *in utroque* e *tibi* « *quoque*, declaramos que em pleno e justo concilio, *in* « *sapientia legitime congregatus*, examinamos em theses « magnas o bicho F..., e pelo acharmos sufficiente e « tres furos abaixo de um burro, lhe impozemos o grau « de animal, e lhe passamos a presente carta, com a « qual poderá transitar livremente e sem mêdo do cane- « lão por todas as ruas de Coimbra. Coimbra &c. »

O caloiro foi então despedido, e sahiu de carreira, e ainda com mêdo de que os endiabrados o tornassem a chamar.

— Agora venha o Selavisa — disse o que serviu de presidente — Ó sôr caloiro, você sabe o que ha-de fazer? Tomou bem sentido?

— Não tenha duvida, deixe-o comigo — disse o que servira de executor.

— E o Sem-cuidados onde está?

— Eu não sei.

— Com mil diabos! — exclamou João de Mendonça — olhem se o deixaram escapar. Era o que faltava, depois do que me custou a arrebatal-o, e a trazêl-o até aqui abafado debaixo da capa.

O executor foi dentro, e veio depois annunciar que o Sem-cuidados estava no quarto, onde o deixaram quasi morto de mêdo, sobre tudo depois que o ameaçaram com uma pistola, declarando-lhe que o matavam se dava

um *triste pio*. O leitor logo saberá quem era este personagem.

— Façam portanto entrar o Selavisa — disse o presidente, depois de atirar o capêllo para debaixo da mesa, e pondo ao peito um triangulo de papel doirado com o competente sol cortado no meio. Os estudantes cobriram todos a cara, e Selavisa foi conduzido pelo executor, tambem de cara tapada.

Selavisa deu alguns passos para dentro da sala, e parou em frente da tripeça.

Seguiram-se alguns minutos de profundo silencio, no fim dos quaes todos os estudantes bateram com os pés na casa, e bradaram:

— Descobri a justiça; descobri a justiça.

O presidente lançou a mão ao véu, descobriu a caveira, e esta appareceu de boné e com um cigarro entre os dentes.

Selavisa deixou-se então cahir de joelhos, e beijou por tres vezes a tripeça, dizendo por outras tantas:

— *Amen, amen, dico vobis;* aqui estou como o boi para o sacrificio.

O presidente disse então — *Fiat nox*, e ao mesmo tempo apagou os candieiros com o sôpro.

Então começou uma psalmodia, assim a modo de *requiem* de defunctos, em que Selavisa era apostrophado com epithetos affrontosos e insolentes. Ouviu-se então uma pancada, e d'ahi a pouco começou uma trovoada infernal de passos que corriam desencontrados, entre gargalhadas atroadoras, no meio das quaes se ouvia algumas vezes chamar por Nossa Senhora. Era Selavisa, que andava de boléo entre os rapazes, soffrendo canelão, murro sêcco, arrepellão, e todo o genero de tormento.

Ouviu-se então nova pancada, e o barulho aquietou-se de repente.

— *Fiat lux* — soou a voz do presidente.

Assim dizendo, fez arder um phosphoro, e accendeu as luzes.

O leitor lembra-se de certo de quanto Selavisa era tolo, por isso não ha-de pasmar, se eu lhe disser que este divertimento repetia-se duas vezes por mez, isto já havia perto de seis. Os estudantes tinham-lhe mettido em cabeça que aquillo era um club ramificado pelas cinco partes do mundo, e que os tormentos por que o faziam passar, eram as provaçoens do neophytismo, sem as quaes não podia ser admittido a irmão, e portanto não podia tambem ser auxiliado com os competentes recursos para emprehender a gloriosa e difficil tentativa de salvar o paiz dos males que o affligiam, honra que elle estava persuadido que lhe pertencia de direito. De todas as vezes diziam-lhe tambem que tremesse do dia, em que aquellas provaçoens tivessem fim, porque então seria passado por uma, diante da qual desanimavam os homens mais corajosos. A toleima lisongeára Selavisa com a ideia que era elle o designado pelo destino para sobrepujar todas as difficuldades.

Era portanto aquelle o dia destinado para a caçoada mestra, com que pretendiam terminar o desfruto de Selavisa. Elle porém não o imaginava.

— *Fiat lux* — disse portanto o presidente, accendendo o bico de um dos candieiros.

— Viva Selavisa! Viva o futuro salvador do paiz! Salve! Salve, grande homem! — entoaram voz em grito os estudantes, tocando uns chocalhos que tinham servido na occasião de uma das theses.

Selavisa escutava os vivas com modestia affrontada, e repetia salamaleques em todas as direcçoens.

— Magnanimo Selavisa — disse então o presidente — corajoso e dignamente vos tendes havido até hoje com as arduas e duras provaçoens de neophyto. O grande Lama dá-se por satisfeito, e os oraculos consultados dão-vos por prompto para emprehender o futuro glorioso para que foste predestinado. Resta porém a derradeira prova, e essa, varão illustre, por maior que seja a virtude, por mais admiravel que seja o esforço, com que tendes até hoje arrostado os tormentos, talvez que desanimeis perante ella. Resolvei, portanto, antes de vos sujeitar a ella; se vos não achaes com valor para a vencer, ide em paz e seguro, que sereis sempre o filho predilecto do grão Lama e do Omnipotente; se porém vos sentirdes esforçado por animo superior, aproximae-vos, e vinde jurar o grande feito, e receber a maxima inspiração.

Selavisa engoliu duas vezes em sècco, passou a mão pelos cabellos que se lhe tinham estopetado de mêdo, e depois, enchendo-se de animo, disse solemnemente:

— Quem foi até aqui, não recuará, ainda que seja diante do proprio inferno. Senhores, para ter a honra de entrar nos segredos que encerraes nos nobres peitos, e para poder emprehender a minha gloriosa missão, nada acho difficultoso. A patria primeiro que tudo. Estou prompto.

Uma pateada tremenda deu signal de approvação.

— Receba a inspiração! receba a inspiração! — gritaram os estudantes.

— Aproximae-vos — disse o presidente.

Selavisa aproximou-se.

— Beijae o cráneo veneravêl do nosso grande instituidor — disse o presidente, tirando o boné á caveira — Recebei a inspiração.

Selavisa beijou o cráneo.

— Agora ouvi — disse o presidente.

Nova pateada, no fim da qual o presidente disse assim:

— Existe um impio, um infame, um sacrilego, que atraiçoou a grande associação, e com a sua traição esteve a pontos de fazer esfoguetear o grande Lama. O que merece o moinante?

— Merece a morte! — Merece a morte! — bradaram os estudantes.

— Tu os ouviste — bradou o presidente — Eis-ali a tua ultima prova. Vinga a grande associação, limpa as barbas do grão Lama, mata aquelle homem.

O suor cahia em bica pela cara do pobre Selavisa, os queixos batiam-lhe como azougados, e as pernas tremiam-lhe como varas verdes.

— Que respondes? — bradou o presidente em voz de trovão.

— Matarei — balbuciou Selavisa a tremer.

— Fazei entrar o impio — gritou de novo o presidente, batendo um grande murro em cima da mesa.

A porta da sala abriu-se, e para dentro d'ella entrou o padre Joaquim Sem-cuidados, agarrado por dois estudantes, e elle com ares de desmaiado no meio d'elles, cabeça cahida para o hombro, e passos arrastados e frouxos.

O padre Joaquim Sem-cuidados era um pobre diabo de leigo que n'aquelle tempo havia em Coimbra, que não fazia mal a ninguem, mas com quem toda a gente

embicava. Trajava batina e gorro, como se fôra estudante, e chamavam-lhe o Sem-cuidados — pela maneira pachorrenta e pausada com que caminhava gingando. Era baixo e espadaúdo, grandes pés, grandes mãos, grande cabeça, e enormissimas orelhas, que andavam sempre da parte de fóra do gorro, tão erguidas e tão têsas, que assemelhavam as velas do peixe argonauta. A fórma do rosto era a de um pião partido pelo meio, e n'este meio pião havia uma testa cheia de espantosas intumecencias, dois olhos encovados por traz de hirsutissimas sobrancelhas, um nariz tão desforme e monstruoso que só se lhe podia chamar nariz por estar no lugar, onde toda a gente o costuma ter, e uma bôca rasgada de orelha a orelha, quasi sem beiços e confrangida por falta de dentes. Da barba apenas um pêllo aqui e alli; os cabellos da cabeça rarejavam com um branco amarellado e nauseabundo.

Tal era pelo physico o padre Joaquim Sem-cuidados; pelo moral era um pobre diabo, um pateta, e tenho-o descripto. Era de mais a mais o amigo intimo, o *alter ego* de mestre Bonifacio Fagundes Selavisa.

O padre Joaquim entrou portanto na sala da fórma supradita. Ao sentir o rumor da victima, Selavisa voltou-se, para vêr quem era; mal deu porém com os olhos no seu melhor amigo, recuou espavorido.

— Tu, padre Joaquim! tu, desgraçado! — exclamou, levando desesperado as mãos á cabeça.

Padre Joaquim mal ouviu a voz de Selavisa, correu para elle:

— Selavisa, pelo amor de Deus, tira-me d'aqui. Olha que me querem matar — disse elle tremendo de mêdo.

— Tu!... Tu!... Tu o impio, o traidor! E eu que te tinha destinado meu capellão para depois do trium-

pho — disse Selavisa, deixando cahir os braços e a cabeça com desalento.

Padre Joaquim estava com os olhos fechados, e a cabeça encostada ao peito do amigo, com o qual se tinha abraçado.

— Desgraçado! — bradou Selavisa, arredando-o de si com a raiva da dôr — que demonio te incitou a enlamear as barbas do grão Lama e a atraiçoar a grande associação! Mal aventurado! Vaes morrer!...

— Tu queres matar-me, Selavisa? — gritou o padre Joaquim, arredando-se d'elle com mêdo.

— Elle o impio! elle o traidor! elle o destinado ao braço vingador da justiça! — continuou Selavisa com desalento, e sem fazer caso do que lhe dizia o padre — E eu seu assassino! Desgraçado amigo!

— Tu que dizes, Selavisa? Estás tolo? — gritou o padre Joaquim, com os olhos arregalados de mêdo.

— Estou tolo! — disse Selavisa, abanando a cabeça, e encrespando os labios com uma ironia dolorosa — Estou tolo! Pergunta-o á tua consciencia, padre Joaquim. Infeliz! Infeliz! que provocaste o juizo Omniponte!

Assim dizendo, Selavisa, no ardor da rhetorica, arremessou para elle com o braço.

— Selavisa!... Selavisa! Arreda para lá; tu não estás bom — gritou o padre Joaquim, já quasi louco.

— Justiça! Justiça! — bradou a turba estudantina, por detraz do emboço.

— Ouves aquellas vozes? — continuou Selavisa — São o signal da tua morte. Prepara-te que vaes morrer; estás sentenciado á morte, e eu... eu vou ser o teu algoz.

— Tu!... tu!...

— Eu... o teu amigo!...

O padre deixou-se cahir de joelhos aos pés do sapateiro.

— Selavisa, tem compaixão de mim! Que te fiz eu?

— Enlameaste as barbas do grão Lama.

— Qual Lama, ou qual diabo, homem? Que sei eu lá d'isso.

— Insensato! Olha que vaes morrer.

— Não me mates, pelo amor de Deus.

— E's o impio.

— Por amor de teus filhos!...

— Traidor á associação!...

— Por amor da nossa amizade!...

— Cala-te... Cala-te...

E Selavisa, como á Iphigenia em Tauride, desviou a face para o lado, e velou-a... com a mão.

— Vaes morrer!... Vaes morrer!... — balbuciou elle então em voz abafada de lagrimas, e a fronte coberta de suor frio — Vaes morrer!... Vaes morrer!... Desgraçado amigo!

— Tem piedade de mim! — balbuciou agonisante o pobre do padre, que era covarde como uma rapoza.

— A sentença é inexoravel!...

— Vale-me... Selavisa! Pede-lhes... pede-lhes.

E assim dizendo, deixou-se cahir desanimado por terra.

Então Selavisa começou a chorar como uma creança. Ajoelhou ao lado d'elle, pôz as mãos, e exclamou em voz supplicante:

— Tende piedade d'elle, senhores! E' o Sem-cuidados, que nunca fez mal a ninguem.

A resposta foi uma gargalhada estrondosa, e logo resoaram estas palavras pela sala:

— Covarde! Covarde! E's indigno da tua grande missão.

Selavisa ergueu-se como picado de mosca. Rodeou pela casa os olhos ainda cheios de lagrimas, depois exclamou:

— Covarde!... eu! — Padre Joaquim, impio, vaes morrer.

Assim dizendo correu para o punhal que estava em cima da mesa, sem lhe importar com o ai doloroso que o padre despediu ao ouvil-o.

Antes porém d'elle chegar á mesa, o presidente apagou as luzes. Selavisa parou, e tudo ficou em silencio. Alguns segundos depois ouvia-se o rumor de gente, que caminhava á cautela. Eram os estudantes que se retiravam surrateiramente pela porta que ficava ao lado do presidente. Um d'elles tropeçou no padre, e assentou-lhe um tal pontapé no coxis, que o triste gemeu com verdadeira causa.

A porta fechou-se, e logo ouviram-se estrepitosas gargalhadas, e commentarios á scena, bem pouco lisongeiros para Selavisa e o Sem-cuidados.

— Mas olhem que isto são tres horas e meia, e eu já não estou para mais brincadeira. Quero deitar-me — soou então uma voz.

— Mas como diabo os havemos de pôr fóra? — perguntou.

— A pontapés, já se sabe.

— Nada, a chicote — ouviu-se dizer a João de Mendonça.

— Não, senhores, vamos a vêr se vão embora por bem.

Selavisa que ouvia tudo isto, não sabia que pensar.

Lá lhe queria porém parecer que a coisa ainda era bocado da grande prova, por onde tinha de passar. Em quanto ao Sem-cuidados esse tinha-se posto surrateiramente de gatas, e andava a vêr se atinava com a porta, para deitar a fugir.

N'isto ouviu-se uma voz que bradava:

— Selavisa e Sem-cuidados, ponham-se na rua, sôres grandes tolos. Acabou a comedia.

— Senhores — disse então Selavisa — para que se esconde por tanto tempo o grão Lama? A victima está a meus pés, e o braço está prompto. Faça-se a luz...

— Qual luz, nem qual diabo, sô alarve? Ponha-se já no meio da rua, senão é corrido a pontapés.

— Fóra, mestre tacão!

— Abaixo o mestre ventriculo!

— Passa fóra, alarve!

— Uhi, larga a tarraxa, paparreta!

— Pedaço d'asno! Paspalhão!...

Ao ouvir estes gritos no meio d'um alarido infernal, Selavisa comprehendeu que era victima de uma tremenda caçoada.

— Que infamia! — bradou elle, com os punhos cerrados, e batendo com o pé na casa — Ó constituição!

— Espera que já te fallo, bregeiro — ouviu-se bem distinctamente a voz de João de Mendonça.

E logo a porta abriu-se, e por ella fóra sahiu elle com mais dois, armados de chicote. Cahiram então sobre os dois desgraçados patetas, azurracaram-n'os a puro chicote, e com elles os levaram de fugida aberta até á porta da rua.

Ao achar-se ao ar livre, o padre Joaquim deu a fugir como um damnado. No dia seguinte estava doido

varrido; nunca tivera muito juizo, mas a tormenta do dia anterior desfizera-lhe os poucos miolos com que Deus lhe tinha enchido o cerebro.

Em quanto a Selavisa, a esse, a raiva, a vergonha, a dôr, e o desespêro de vêr ludibriada a constituição, inspirou uma resolução terrivel. Correu ao Mondego com o intento de se deitar a afogar. Consta que ainda metteu a mão direita na agua, mas como a achasse muito fria, resolveu-se a esperar pelo pino do verão para levar aquella determinação a effeito. Para se conciliar e esquecer aquella vergonha, exilou-se por quinze dias da familia, e foi para Luso, para casa de um amigo, deixando a familia em ferias de tolices, e contaminando a morada hospitaleira com as sandices de uma politica tola e erudição de algibebe.

Como o leitor viu, eram tres horas e meia da noite quando acabou a patuscada. Já se vê portanto que João de Mendonça, que assistira a ella desde o principio ao fim, não podéra ir ás onze horas ter com o creado de Estevão, como havia convencionado.

Pezou-lhe de o não ter feito, isto para não desdizer o costume geral, pois que o mundo é assim; lambe os beiços ao mel roubado, mas depois de passado o momento do prazer, arrepende-se de o ter comido.

Foi portanto no dia seguinte desculpar-se com Henrique de Avelar, a quem contára tudo. Henrique recebeu-o com dureza, mas como a coisa não tinha remedio, resignou-se com a promessa que Mendonça lhe fazia de não faltar n'aquella noite.

Veremos porém como o destino dispensou João de Mendonça d'aquella promessa, e de todos os outros trabalhos.

XV.

Não sei que haja ahi caso mais desagradavel e incommodativo do que emprehender alguem conseguir qualquer coisa para outrem, e achar-se cada dia e cada vez mais cortado pelo destino, que ás vezes parece caprichar em amontoar embaraços acintes, com que nos inhabilita. E se isto é em casos puramente de favores materiaes, n'aquelles em que vae a felicidade e quasi a decisão do futuro de uma pessoa que se préza, a desconsolação e a impaciencia redobram muitas mil vezes em forças. Para certos homens é caso de desespêro total e de blasphemia da vida e de Deus; porque ha homens que arrostam serenos com a desgraça propria, e desmentam-se e enfurecem-se, se o destino se empenha em contrarial-os, quando tratam de valer á desgraça dos outros.

Estes homens são raros, mas ha-os ainda. Desgraçada e perdida estaria de todo a sociedade, se por ventura não apparecessem já, aqui e ali, d'estes homens, que, victimas quasi sempre do egoismo da época, são comtudo exemplos magestosos da virtude antiga, uns como padroens recordatorios do velho cavalheirismo dos tem-

pos, em que a palavra « civilisação » ainda não servia para denominar as virtudes dos nossos tempos. Pois se esse caprichar embaraçador do destino recáe sobre um caracter emprehendedor e dotado de energia tenaz e despotica!... Então é que se afigura um verdadeiro inferno; é peor do que tapar com a mão a bôca de um asthmatico, ou prender de braços e pernas um homem, que estrebuxa na violencia de um accesso epileptico.

Henrique de Avelar estava precisamente n'este caso. A amizade que o ligava a Fernão d'Albernaz, e as obrigaçoens e a piedade que o empenhavam a favor de Maria, faziam com que os embaraços que o destino parecia amontoar cada vez mais em face d'aquella empreza, actuassem sobre a energia pouco vulgar da sua alma, como os tormentos do pôtro sobre o corpo do condemnado.

Depois que João de Mendonça sahiu de diante d'elle, Henrique cahiu a pensar, cada vez mais abstracto na sua ideia, sobre o capricho com que o destino parecia apostado em fazer renascer no espirito de Fernão dúvidas e suspeitas cada vez mais tenazes, todas as vezes que parecia terem-se descuberto meios mais poderosos de lhe derribar as que tinha concebido primeiro.

O destino começava agora a antolhar-se-lhe cada vez mais funesto. Lembrava-se que Fernão lhe promettêra demorar-se por mais oito dias sómente; e via que se durante elles não descubrisse, para assim dizer, milagrosamente o meio de lhe incitar no espirito o incentivo da rehabilitação de Maria, Fernão d'Albernaz partiria, e tudo ficava perdido para sempre. D'elle nada se podia esperar; o estado em que estava, faziam antever n'elle um homem a dois passos da loucura ou da cova; e de

Maria podia dar-se como certo, que o dia em que soubesse da partida de Fernão, esse seria de certo o dia da sua morte.

Henrique não sabia o que devia fazer. Depois de pensar um pouco, resolveu-se a escrever a Guilherme que partisse immediatamente para Coimbra. Receiava grandes acontecimentos, e esperava que a assistencia d'elle proporcionaria novos meios para affrontal-os vantajosamente.

Sentou-se pois á mesa, e pôz-se a escrever; mas a carta ia apenas em meio, quando sentiu bater á porta da rua, e logo entrar para dentro e subir a escada a pessoa que havia entrado.

Ao sentir tinido de esporas nos passos da pessoa que subia, Henrique parou de escrever, e voltou attentamente os olhos para a porta da sala.

Esta abriu-se então, e Guilherme de Aguiar entrou para dentro. Cinco mezes tinham apenas decorrido desde que Guilherme partira para Lisboa; parecia porém que tinham passado cinco annos — não cinco annos na vida de um homem moço, mas cinco annos accrescentados á vida já cançada de um velho. O rosto de Guilherme estava macerado e tinto da pallidez esverdeada e terrea, que annuncia os grandes soffrimentos; e os olhos, onde n'outro tempo se reflectia contínuo o estado jubiloso do espirito, brilhavam agora carregados e severos, deixando vêr na luz ardente e escura um grave cuidado, que de contínuo lhe laborava na cabeça, e um pensamento terrivel concentrado tençoeiramente no peito.

— Guilherme! — disse Henrique, deixando cahir a penna da mão e dirigindo-se a elle.

— Eis-me aqui — respondeu elle, abraçando-o —
*

não tive paciencia de esperar a tua resposta. Como já nada tenho que fazer em Lisboa, parti, porque entendo que tudo o que me resta a fazer é aqui.

— Olha — disse Henrique, mostrando-lhe a carta que estava escrevendo.

Guilherme lançou de repente os olhos sobre ella.

— Tanto melhor — disse elle então — vejo que nos encontramos. Escrevias-me para que viesse; tanto melhor, eis-me portanto aqui.

E depois de um momento de silencio, accrescentou:

— E Fernão que disse ás revelaçoens da minha carta?

— Duvidou.

— Duvidou!

— Fernão está louco. E' preciso lançar mão do derradeiro meio, senão perdêl-o-hemos de todo. Sabes que mais, Guilherme; a cada vez que oiço bater-me á porta, sobresalto-me, porque receio ouvir annunciar que Fernão se suicidou. Aquelle soffrimento já não tem outro remedio; é uma loucura, mas uma loucura medonha.

Guilherme de Aguiar deu alguns passos abstractos na casa.

— E aquelle infame! aquelle infame! — disse elle em voz concentrada — olha, aqui estão as provas da torpeza d'aquella alma. Eis-aqui o medalhão de Tereza.

Henrique tomou nas mãos o medalhão, e examinou-o.

— E' a justiça de Deus — disse elle por fim — Deus queira que antes d'ella não appareça a justiça dos homens.

— Hão-de funccionar ao mesmo tempo — balbuciou Guilherme com um sorriso terrivel, mettendo ao mesmo tempo o medalhão dentro do peito da farda.

E os dois ficaram um momento em silencio.

— Houve um momento, em que aquelle infame nos esteve a servir de grande meio, Guilherme — disse Henrique.

— Como! Pois elle arrependeu-se?...

— Não; mas querendo ir ávante com o projecto infernal que nos perdeu, foi ter com Fernão, e a titulo de querer justificar tua irmã, calumniou-a cada vez mais. Então Fernão...

— Então Fernão?... — interrompeu-o Guilherme impaciente, e com os olhos brilhantes de toda a anciedade.

— Se não chego n'aquelle momento, matava-o...

Guilherme fitou Henrique pasmado.

— Fernão defendeu minha irmã! — balbuciou elle.

— Com raiva satanica, ferino como um tigre. Se o não embaraço, matava de certo Estevão.

Guilherme ficou um pouco mergulhado no pasmo d'aquella ideia.

— Singular contradicção! — disse elle por fim — Que Fernão defenda a honra de Maria, e que duvide ao mesmo tempo d'ella!...

— E' que Fernão não dá a ninguem mais o direito de duvidar da mulher que ama com adoração. Creio que assassinaria o proprio pae, se ousasse fazêl-o. Por isso é que te disse que aquillo é uma verdadeira loucura; direi mais, Fernão está verdadeiramente louco.

— Elle!... louco!...

— Louco, sim; só um louco é que é capaz d'aquillo. Fernão morre, definha-se a olhos vistos no desespêro d'aquelle amor que o consome, e d'aquella suspeita que o atormenta. Estende os braços supplicante para a feli-

cidade que vê a dois passos de si, mas não póde despegar os pés da terra, onde lh'os tem atados o demonio da suspeita, aquella desconfiança insensata, que não cede a coisa alguma, que, quando parece mais derribada e amortecida, então renasce com mais forças e mais tormentosa para elle. E' uma verdadeira loucura, uma loucura terrivel e horrorosa de vêr, Guilherme. E' verdadeiramente um capricho de cabeça desmentada; ninguem, por mais melindroso que tenha o instincto da honra, leva as coisas tanto ávante. Tudo o persuade, tudo o convence da honra de Maria; se Fernão não estivesse louco, se o destino ou a loucura o não arredasse da felicidade, teria cedido, ha muito; e embora o espirito sentisse ainda mimosa a cicatriz d'aquella chaga, a razão lhe ensinaria que aquillo já não era a realidade, mas unicamente a recordação desagradavel d'ella. Mas Fernão não pensa, Fernão sente unicamente; e baloiçado entre o amor e o desespêro da dúvida, vae pouco a pouco enlouquecendo, vae pouco a pouco desgastando a razão n'aquelle capricho teimoso, contra o qual já não póde luctar. Fernão está louco; verdadeiramente louco, e receio que em pouco a razão lhe fuja de todo.

— Pobre Maria! — disse então Guilherme, com as lagrimas a correr-lhe pelas faces abaixo.

— E pobre d'elle tambem, amigo — replicou Henrique — pobre d'elle tambem, que soffre o que ninguem é capaz de imaginar no soffrimento. Aquella é uma tortura, um inferno contínuo, que o não deixa dormir, não o deixa pensar, nem vive de outra coisa. Fernão ama Maria com loucura; n'ella está para elle a felicidade, por um d'esses caprichos do coração, inexplicaveis, mas tão imperiosos e tão necessarios como as leis mathema-

ticas que regem os astros e as estrellas. E de frente d'esse amor, e de frente da felicidade está a dúvida, está o pensamento da deshonra do mundo, e do orgulho proprio, que se metteria no meio dos dois, quando a fosse a abraçar, que o obrigaria a repellil-a com raiva de si, porque ao apertal-a com amor sobre o peito, sentiria cravar-se-lhe n'elle como punhal este pensamento terrivel e fulminador de toda a verdadeira felicidade. Já outro por ventura beijaria tambem esta mulher? Já este corpo seria cingido pelos braços de outro homem? Imagina-te um momento no lugar d'elle, e avalia depois o que será aquelle soffrimento.

N'este momento tocaram com toda a força á campainha da escada. Henrique parou, e os dois ficaram suspensos, como advertidos de um receio instinctivo.

Um creado appareceu então á porta da sala.

— Senhor Henrique, está ali um creado da senhora D. Francisca, que quer fallar com v. exc.ª — disse elle, com as feiçoens alteradas e commovidas.

— Que entre — disse Henrique — que entre.

Guilherme empallidecêra como assombrado de um raio.

O creado entrou então. Era um creado antigo da casa que servira por muitos annos o general Aguiar, e que elle, quando emigrou, deixára á familia mais para amigo, do que para servo. Estava debulhado em lagrimas, e mal podia fallar.

— Senhor Henrique — disse elle sem reparar em Guilherme — a senhora D. Maria... Ai! v. s.ª aqui — accrescentou então ao dar com os olhos em Guilherme.

— Diga, Pedro, que ha de novo? — exclamou Henrique, ancioso — Que aconteceu?...

— A senhora D. Maria... — balbuciou elle; depois parou abafado em soluços.

— Falla, Pedro, que aconteceu a minha irmã? — disse então Guilherme, em voz abafada e hirto como um cadaver.

— Está muito mal; os medicos mandaram-n'a confessar já, já — disse o pobre servo n'um grito, e deixando-se ao mesmo tempo cahir no chão a soluçar e a gemer.

Guilherme cahiu como fulminado. Ao levantal-o, Henrique viu-lhe as feiçoens descompostas, os olhos fixos e espantados, e os labios entreabertos e hirtos.

— Guilherme, Guilherme, por Deus, sê homem — exclamou Henrique na mais viva afflicção.

— Minha Maria!... Minha querida Maria! — balbuciou Guilherme, em voz quasi inintelligivel; e as lagrimas começaram a correr-lhe mansamente e em fio pelos olhos abaixo.

— Guilherme d'Aguiar, isso é indigno de um homem — exclamou Henrique, obrigando-se a si mesmo — Pedro, levante-se, veja o estado em que pôz seu amo. Coragem, é preciso ter animo. Diga-me, Pedro... mas que molestia tão repentina foi essa?

— Um móvito — balbuciou o creado — Esta manhã a menina appareceu muito mal, fui chamar o medico, e quando elle chegou, já a menina estava muito doente, e tão fraca, que o medico disse que não podia escapar. Ai! senhor Henrique, a pobresinha parece que se desfaz em sangue. Ai, minha rica menina! ai meu pobre anjinho!

Guilherme ouvia tudo isto com um olhar estupido e vago.

— Guilherme — disse-lhe então Henrique com du-

reza e severidade — bem vês que não é caso desesperado; mas quando o fosse, lembra-te que és filho de um homem que luctou durante treze annos com tudo que a ausencia e a desgraça tem de mais torturante e mais afflictivo. Levanta-te, amigo, não me faças pensar que és indigno de ser filho do general Aguiar.

Guilherme tentou, mas debalde, dominar aquella confusão dolorosa, que lhe atava os sentidos e os membros. Passou umas poucas de vezes a mão pela fronte, tentou equilibrar-se, mas cahiu de novo sem forças contra o encosto da volteriana, onde Henrique o tinha poisado.

— Queres morrer como um covarde? Queres morrer sem vingar-te? — exclamou então Henrique em voz terrivel, com os olhos ardentes como os de uma fera, e chegando o rosto quasi a tocar no d'elle.

Ao ouvir estas palavras, Guilherme estremeceu, e inteiriçou-se n'um terrivel espasmo nervoso. Levou então as mãos ao peito da farda, abriu-a, rasgando-a, e depois soltou um grito medonho. Esteve um pouco como estonteado, passou umas poucas de vezes a mão pela testa, depois ergueu-se firme e quasi sereno.

— Vamos vêr Maria — disse elle, tomando o boné.

Henrique fitou-o ainda ancioso, mas reconheceu logo que toda a virilidade da alma tinha resuscitado n'elle. Tomou o chapeu, e os dois sahiram.

D'ahi a pouco estavam á porta da casa de D. Francisca. Pedro, que os precedêra, ia a metter a gazúa na fechadura, mas Guilherme embaraçou-o um momento.

— Não abras ainda; deixa-me tomar alma — disse elle, sacudindo-se e resfolegando com força umas poucas de vezes.

— Pódes abrir — disse instantes depois.

D'ahi a pouco estavam á porta do quarto de Maria. Dentro d'elle representava-se uma das mais dolorosas peripecias d'aquelle drama terrivel.

Maria, amortecida e quasi cadaver, jazia na cama, encostada a travesseiros. O rosto estava pallido e coberto da serenidade glacial e eterna que distingue os corpos incorruptos dos beatificados, que a egreja romana expoem á admiração piedosa dos fieis. Tinha os olhos fechados, os beiços lividos, e toda ella estava tão desanimada e cahida de corpo, que logo se reconhecia a approximação da morte.

A um dos lados da cama estava D. Francisca, com os olhos fitos na filha, accêsos e ardentes, as faces tintas de um encarnado ethico, e os labios contrahidos pelo sorriso, que precede a loucura. Do outro estava Annita, com o corpo derribado sobre a cama, e o rosto poisado sobre a mão de Maria, que tinha apertada entre as suas. De quando em quando o corpo estremecia-lhe abalado pelos suspiros convulsos que debalde tentava abafar. Do lado de D. Francisca, e mais para os pés da cama via-se Antonio da Fonseca, de pé, com os olhos humidos de lagrimas fitos na sobrinha, contemplando-a n'aquelle silencio agonisador, em que o homem mergulha a dôr, quando já não tem esperança. O medico declarára-lhe francamente, que Maria não podia resistir aos resultados d'aquelle funesto desarranjo da gestação, e que mesmo não se lhe podia esperar muitas horas de vida.

Tal era a scena dolorosa e triste, que em silencio se representava dentro d'aquelle quarto.

Maria abriu de repente os olhos, rodeou-os por to-

dos os que a cercavam, e exclamou com voz fraca, e pondo as mãos supplicante:

— Mãe... minha mãe, mande-o chamar; eu não quero morrer sem o tornar a vêr.

E depois como ninguem lhe désse resposta, procurou cada um d'elles com os olhos cheios de afflicção.

— Chamem-n'o... chamem o meu Fernão; não quero morrer assim... sem o vêr, sem lhe dizer que estou innocente... Fernão! Fernão... estou innocente... estou... innocente...

E os labios pararam, e os olhos appareceram um momento em branco, e depois cerraram-se mansamente. Maria, cada vez mais enfraquecida, tornou a cahir no deliquio que era já o prenuncio da approximação da morte.

Estavam assim, havia mais de um quarto de hora, quando a porta se abriu, e Guilherme e Henrique entraram para dentro.

Ao dar com os olhos no filho, D. Francisca soltou um grito terrivel.

— Ella morre... ella morre — exclamou em voz abafada, e arrojando-se nos braços d'elle.

Guilherme lançou então os olhos sobre a irmã que tanto amava. Pelo rosto do nobre mancebo correu uma como nuvem, que por um momento o desfigurou horrivelmente; vacillou um instante sobre si, mas depois fazendo um grande esforço, conseguiu dominar-se.

— Coragem, mãe, coragem — disse elle, apertando-a contra o coração.

Ao sentir-se apertada contra o peito do filho, D. Francisca começou a chorar e a soluçar, e depois cahiu desmaiada.

Henrique tinha-se approximado de Annita. Esta ergueu então o rosto cheio de lagrimas, e fitou-os olhos no amante:

— Ella morre... ella morre — balbuciou ella, sem abandonar a mão de Maria, — e aquelle infame!... — accrescentou em voz baixa, mas feroz de indignação.

— Animo, Annita — respondeu Henrique, sem dar attenção ás ultimas palavras.

Antonio da Fonseca, ajudado por uma creada, conduziu D. Francisca para o seu quarto. Guilherme tomou o lugar d'ella junto da irmã, em cujo rosto fitou os olhos, onde a dôr apparecia com toda a grandeza e com toda a serenidade sublime e magestosa das grandes almas.

De repente Maria tornou a abrir os olhos. Ao vêr Guilherme, o rosto brilhou-lhe radiante de esperança. Juntou as mãos, e exclamou supplicante:

— Guilherme... meu Guilherme, não quero morrer sem o vêr...

Guilherme estremeceu.

— Socega, querida Maria — respondeu elle — eu vou buscar Fernão.

Assim dizendo, dirigiu-se para o lado da porta. Henrique encaminhou-se após elle, para o acompanhar, mas Guilherme voltou-se, e ergueu a mão com um gesto tão imperioso e tão significativo, que Henrique não pôde dar mais um passo.

Guilherme continuou depois em direcção á porta. Já estava quasi a lançar a mão ao fecho, quando ella se abriu da parte de fóra.

Guilherme parou de repente e recuou uns poucos de passos atraz. Henrique e Annita soltaram instinctivamente um grito, meio abafado, de espanto.

No limiar da porta estava Fernão d'Albernaz — livido, as feiçoens contrahidas, a vista ardente e vaga, a cabeça descoberta, e elle todo em desalinho.

Fernão dominou rapidamente com um olhar toda a scena; depois atravessou a passos largos e rapidos o espaço que o separava de Maria. Chegado junto d'ella, fitou-a, e ella a elle. Estiveram assim durante um minuto, depois Fernão soltou um grito vibrante, mas comprimido.

— Maria!... Maria!...—gritou elle, tomando-a como um louco entre os braços.

— Fernão... meu Fernão adorado! — exclamou a desgraçada menina, abraçando-se, com todas as forças que lhe restavam, ao pescoço do amante.

Então Fernão começou a beijal-a com um frenezim de louco, e soltando continuamente gritos agudos e abafados. De repente soltou-a dos braços, e deixou-a cahir sobre os travesseiros; e elle ficou de pé junto do leito, com os braços cahidos, e os olhos fitos n'ella, olhando-a com a mais fria serenidade.

Parecia um cadaver fitando outro cadaver — tal era a serenidade glacial e immutavel do rosto d'elle, e a lividez e pallor mortal do d'ella.

— Fernão... meu Fernão adorado — rompeu ella por fim — estou innocente... estou innocente...

— Innocente!... innocente! — balbuciou elle, antes eccoou a voz d'elle, porque o rosto não se alterou um só ponto d'aquella impassibilidade glacial em que estava.

— Não queria morrer sem te vêr uma derradeira vez... sem t'o dizer — continuou ella — porque eu amo-

te... amo-te, meu Fernão adorado, e estou innocente... innocente...

Fernão não respondeu palavra, e continuava a fital-a com a mesma serenidade. Então a voz de Maria começou a rouquejar, e os olhos a annuviarem-se-lhe com a morte.

— Fernão... estou innocente — continuou ella a custo — juro-t'o por Deus... pelo nosso... amor... por nos... so filho.

Estas ultimas palavras já foram ditas de fórma e quasi tão subtilmente como o som da melodia longinqua e quasi indistincta.

Então Fernão deixou-se cahir de joelhos, e poisou a cabeça sobre a borda do leito. Aquillo fôra porém n'elle um acto puramente material; o som da voz de Maria ferira-lhe o instincto com toda a triste realidade, e este advertira-lhe intimamente que aquella mulher ia morrer. Fernão ajoelhou maquinalmente — tão maquinalmente, como o faz ó somnambulo, se por acerto vae dar onde se entôa uma psalmodia suave e deliciosamente divina.

— Fernão... Fernão — rumorejou Maria, buscando com a mão já fria a mão que elle, ao cahir, estendêra por acaso até á d'ella.

Um grito agudissimo e terrivel, e o baque de um corpo no pavimento pôl-o de um salto em pé.

Fôra Annita; ao vêr expirar-lhe nos braços a amiga, ao sentir fugir-lhe do corpo o ultimo suspiro, pareceu que se lhe partia o coração, soltou aquelle grito, e cahiu.

Henrique correu a Fernão, e arrastou-o nos braços para longe do leito. Elle ficou hirto e pallido como um morto, e os olhos espantados, fitos no cadaver da amante.

N'este momento a porta abriu-se de repente, e D. Francisca entrou como louca dentro do quarto. O grito de Annita levára-lhe a nova do que succedêra; ao ouvil-o, soltou-se de repente d'entre os braços do irmão e do filho, e correu ao quarto de Maria. Ao dar com os olhos no cadaver da filha, soltou um grito de raiva e de loucura medonha.

— Assassino!... assassino! — bradou ella, arremessando-se a Fernão d'Albernaz.

Guilherme que corrêra após ella, colheu-a entre os braços, e arredou-a d'elle.

Fernão olhou socegadamente para ella, encolheu os hombros, e soltou uma gargalhada medonha.

— Vou-me embora — disse elle friamente.

E pôz-se a caminhar para a porta. Ao passar porém pelo leito de Maria, estacou. Fitou um momento o cadaver, passou depois as mãos pela fronte como para a desembaraçar de alguma coisa, e depois caminhou com passo firme para o leito.

Ajoelhou então, e tomou a mão do cadaver.

— Maria, adeus — disse elle em voz abafada e surda — Em breve nos veremos na eternidade; lá saberei a verdade.

Depois ergueu-se, e ficou um momento com os olhos fitos no cadaver.

— Seria verdade aquillo que me disse? — murmorejou elle como a fallar comsigo — Quem sabe?... quem sabe?... quem sabe?...

E sahiu murmurando sempre aquelle terrivel *quem sabe?*, a que tinha sacrificado a amante e a propria felicidade.

Depois de tudo o que tendes lido até aqui, leitores,

poderei por ventura ser alcunhado de ultra-romantico, se vos disser o que na realidade teve lugar?

Embora; hei-de dizêl-o, porque sou historiador fiel, e o que vos digo, aconteceu.

Fernão d'Albernaz endoidecêra.

EPILOGO.

Quasi anno e meio depois da morte de Maria, e ao pôr do sol de um formoso dia de Maio, um moço, de presença varonil e graciosa, vestido de jornada e de lucto rigoroso, apeava-se de um magnifico cavallo alazão, á porta de um palacio acastellado e antigo, no centro da provincia do Minho.

O moço era Guilherme de Aguiar; e o palacio, o solar de Avelar, para onde, depois d'aquelles acontecimentos desgraçados, se tinha recolhido Henrique, trazendo comsigo o malfadado Fernão e Annita, que oito dias depois de chegar ao Minho, trocára, legitimamente e segundo manda a santa egreja catholica romana, aquelle nome gracioso pelo mais pomposo e afidalgado de D. Anna Augusta de Avelar e Menezes.

Guilherme deixou o cavallo a um creado, e foi conduzido por outro para uma sala, onde aguardou Henrique. Este, mal lhe annunciaram o amigo, sahiu correndo ao encontro d'elle.

— Henrique de Avelar — disse Guilherme, mal o avistou — venho pedir-te hospitalidade por quinze dias.

— Guilherme! — disse Henrique, apertando-o con-

tra o peito, e mal podendo suffocar a commoção — tu aqui!...

— Venho passar alguns dias comtigo — replicou elle — estou em vesperas de uma viagem á India... Reparas no meu vestuario preto? — accrescentou, vendo que Henrique o olhava com certa curiosidade — Minha mãe morreu tres mezes depois de Maria; meu tio, ha um mez, doido, pobre velho! doido varrido. Este lucto é por elle. Entretanto que viveu, entendi não dever abandonal-o; más agora que não existe, estou livre, livre... porque já não tenho familia.

Guilherme interrompeu-se, para disfarçar o abalo violento que sentira ao dizer estas palavras.

— Vou pois para a India — continuou — mas não quiz partir sem te vir dizer adeus, e vêr — quem sabe se para nunca mais? — esse desgraçado que ahi tens, e que sem querer foi causador de tantas desgraças, e tambem a victima d'ellas.

— Pobre Fernão! — balbuciou Henrique tristemente, e pretendendo impedir as lagrimas.

— Então não ha esperanças?

— Esperanças! A da sepultura; e essa não está longe.

— E louco... sempre louco?... — balbuciou Guilherme em voz abafada e profundamente commovido.

— Louco como a ultima vez que o viste; louco, sempre a scismar n'aquelle *quem sabe*, de noite e de dia, sem comer, sem dormir, sem dizer outra coisa, a fugir de todos, sem querer vêr ninguem... E depois... quando o vires não o conheces.

— Vamos vêl-o — disse Guilherme.

— Vem descançar primeiro um pouco, depois ire-

mos. A estas horas deve andar vagueando pela matta, ao fundo da quinta; é o seu retiro favorito.

— Vamos já, primeiro que tudo. Atravessei setenta leguas com este desejo, não posso descançar sem o satisfazer. Vamos vêl-o primeiro que tudo, Henrique.

— Vamos, visto que o desejas.

Henrique dirigiu-se com Guilherme para o lado do jardim; ao descer a escadaria que da casa communicava com elle, parou indeciso se sim ou não diria o que desejava dizer-lhe.

— E Estevão de Lemos? — balbuciou por fim, como constrangido.

Guilherme soltou uma gargalhada de ironia diabolica.

— Pasmas por que rio? — disse elle — Se tu perguntas noticias de um morto!

— Então... — replicou Henrique, fitando significativamente Guilherme.

— Matei-o — respondeu elle serenamente.

Henrique não disse mais nada, e os dois continuaram a caminhar em silencio.

— Não me perguntas como o matei? — disse então Guilherme.

— Para que? Matastel-o; está tudo dito.

— Mas eu é que preciso contar-t'o; porque a unica consolação que me resta é fallar n'isto, e preciso fazêl-o muitas... muitas vezes.

Guilherme continuou poucos minutos depois:

— Como sabes, Estevão, logo que soube da morte de Maria, partiu immediatamente para Lisboa; eu fui quinze dias depois. Mal cheguei, fui indagar o que elle fazia, e onde mais facilmente o poderia encontrar. Disseram-me

que estava á espera do paquete para embarcar para fóra do paiz, e que fôra passar aquelles ultimos dias em Cintra. Vi pois que não podia espaçar muito a minha vingança, com perigo de lhe encontrar impossiveis. Um dia montei a cavallo, e fui a Cintra; quando cheguei era já tarde. No outro dia fui direito a casa de Estevão; o creado que me conhecia, deixou-me entrar, e eu penetrei até o quarto d'elle. Entrei, e fechei a porta por dentro. Estevão estava vestido, mas deitado em cima da cama. Mal me viu, sentou-se na beira da cama, com a serenidade de quem recebe um amigo intimo.

« — Estevão de Lemos, venho matar-te — disse-lhe eu.

— Sorriu-se, e encolheu os hombros.

« — Já esperava por essa embaixada, e até admirava o muito que se demorava em chegar. Ás tuas ordens.

« — Primeiro, porém, tenho de cumprir uma missão, que jurei a uma mulher moribunda que havia de cumprir. A mãe de Tereza tinha-lhe posto este medalhão ao pescoço; ella, ao morrer, pediu-me que t'o entregasse. Aqui o tens; recebe-o, e vê o que elle contém.

— Estevão, que já estava de pé, tomou com indifferença o medalhão, e abriu-o. Ao lêr porém o que elle continha, deixou-o cahir das mãos, fez-se pallido como um cadaver, levou as mãos á cabeça, e exclamou com a vista espantada de horror, e a voz abafada e surda:

« — Oh! é a justiça de Deus!

« — E a justiça dos homens sou eu — bradei então, arrancando de um punhal.

« — Covarde! Um assassinato!... — gritou, esquivando-se.

« — E tu que és senão um assassino? — respondi, arremessando-me a elle.

— A porta estava fechada, não podia portanto fugir. Travamos então arca a arca; mas tu bem sabes, Henrique, as forças d'elle não estavam em proporção com as minhas. Enterrei-lhe tantas vezes o punhal no peito, que, por Deus! penso até que lhe esmigalhei as costellas.

Quando Guilherme acabou de narrar aquelle episodio sanguinolento da historia da sua familia, Henrique avistou n'uma clareira do bosque, onde tinham entrado, Fernão d'Albernaz passeando de um lado para o outro, e a fallar só comsigo.

Fernão estava completamente mudado; já não era aquelle moço de presença elegante e varonilmente formosa, que fazia inveja aos mais favorecidos da natureza. Era um velho, litteralmente um velho, alquebrado por uma molestia terrivel, que lhe reluzia no pallor ethico das faces, e no brilho ardente e vago dos olhares.

— Eil-o ali — disse Henrique apontando para elle.

Guilherme, mal o viu, parou, e fitou-o um momento consternado e com a mais viva expressão de dôr; depois escondeu o rosto entre as mãos, e aquelle homem que ha pouco dava ao que dizia, a expressão de um odio ferino e sanguinario, começou a soluçar como uma creança.

— Vamos fallar-lhe — disse elle por fim.

Os dois approximaram-se mais; Fernão porém andava tão distrahido que não deu pela chegada d'elles.

— Fernão d'Albernaz — disse então Guilherme mal podendo disfarçar a commoção que lhe tremia na voz.

Fernão voltou-se de repente, como um manequim movido por uma mola. Mal o viu, parou, fitando-o com

curiosidade; depois veio vindo de vagar e como á cautela para elle, sem o desfitar um minuto. Chegou-se a elle, examinou-o um momento, e mal o reconheceu, tapou o rosto com as mãos, e soltou um grito tremendo.

— E' a hora! é a hora — bradou elle.

E lançou-se a correr loucamente, e em breve desappareceu na direcção da casa.

Guilherme encostou a cabeça a uma arvore, fulminado por uma dôr intima e profunda.

D'ahi a meia hora os dois recolheram a casa. A noite vinha cahindo, e Henrique levou o seu amigo para a sala particular, onde costumava tomar o chá.

Meia hora mais tarde entrou Annita. Guilherme ergueu-se para a comprimentar; mas apenas se fitaram, Annita sentiu as lagrimas saltar-lhe pelos olhos fóra, e Guilherme não pôde fallar, abafado pela dôr, e a tal ponto que se deixou cahir sobre a cadeira a soluçar.

— Animo, amigo, animo — dizia Henrique em voz tremula e abafada — é necessario coragem para affrontar as recordaçoens do passado.

— Se ella foi a melhor amiga d'aquella infeliz — balbuciou Guilherme — e o seu anjo na desgraça...

Annita não pôde fallar abafada em soluços.

— Vamos, Annita; bem vês que é preciso ter mais coragem. Guilherme carece muito de consolaçoens, para que o nosso egoismo lhe offereça simplesmente lagrimas.

— Oh! para isto é que sobrevivi — balbuciou elle então — para morrer mil vezes, a cada momento!...

Depois ficaram todos em silencio, e assim estiveram interrompendo-o apenas com monosyllabos, apesar de todos os esforços que Henrique fazia para animar a conversação.

Meia hora depois sentiu-se abrir a porta da sala. Olharam; era Fernão d'Albernaz.

Vinha fallando comsigo, e caminhando como á cautela, com a vista vaga e os cabellos e o vestuario em desalinho. Chegou-se para o lugar do fogão, sentou-se n'uma volteriana, depois fingiu que espertava o fogo, e que se estava a aquecer.

— Que frio! — balbuciou elle, conchegando a roupa comsigo.

E ficou-se socegado e abstracto, sempre a murmurar palavras indistinctas, que pareciam perguntas, e que terminavam sempre com aquella phrase tão fatal — *quem sabe?*

O relogio bateu então oito horas da noite.

— E' a hora, é a hora — disse Fernão d'Albernaz, erguendo-se.

Depois rodeou por elles os olhos, com um olhar triste e tão sentido, que parecia que a alma se despeitorava toda n'elle, reflectindo uma saudade vivissima.

— E' a hora, é a hora — continuou tristemente, depois de os contemplar um momento.

E sahiu da sala.

— Henrique, não attendeste áquellas palavras... — disse Guilherme, com a mais viva expressão de susto.

— Nada temas — respondeu elle — *quem sabe?* e *é a hora*, são phrases que lhe andam de contínuo na bôca. Nada portanto significam n'elle...

A detonação de um tiro interrompeu repentinamente Henrique. Elle e Guilherme ergueram-se, e olharam espantados um para o outro; depois deitaram a correr em direcção ao quarto de Fernão.

A porta estava apenas cerrada, e pela entre-aberta

sahia a fumaceira da polvora. Henrique abriu-a com força...

Fernão jazia cadaver sobre o pavimento da sala; tinha esmigalhado o craneo com um tiro de pistola.

Sobre uma mesa havia um papel que dizia apenas estas palavras:

« Chegou a hora.

« Quem me ama, não me chore. A vida assim é um
« inferno; a paz d'esta tortura está para além da campa.
« Só na eternidade é que se resolve esta duvida.

« N'este mundo... *quem sabe?* »

E agora pergunto —

Como se ha-de chamar o sentimento que fez de Fernão um suicida?

Honra ou loucura?

Decide-o lá como quizeres, leitor amigo; que eu por mim, como estamos em pleno seculo XIX, sempre á cautela appello desde já, em nome de Fernão d'Albernaz, da tua sentença para o tribunal da posteridade.

FIM.

